



**Universidade do Minho**  
Instituto de Ciências Sociais

Cristina Maria Vilas Boas Braga

**Rituais funerários em *Bracara Augusta*:  
o novo núcleo de necrópole da Via XVII**

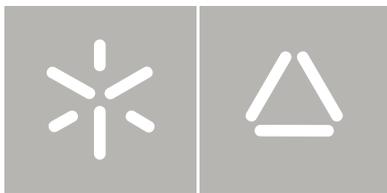
**Rituais funerários em *Bracara Augusta*: o novo núcleo de necrópole da Via XVII**

Cristina Maria Vilas Boas Braga

UMinho | 2010

Outubro de 2010





**Universidade do Minho**  
Instituto de Ciências Sociais

Cristina Maria Vilas Boas Braga

**Rituais funerários em *Bracara Augusta*:  
o novo núcleo de necrópole da Via XVII**

Relatório de Mestrado  
Arqueologia

Trabalho efectuado sob a orientação de  
**Professora Doutora Maria Manuela dos Reis Martins**

E co-orientação de  
**Doutor Rui Manuel Lopes de Sousa Morais**

## DECLARAÇÃO

**Nome:** Cristina Maria Vilas Boas Braga

**Endereço electrónico:** cristina\_arqueo@hotmail.pt

**Telefone:** 936521447

**N.º do Bilhete de Identidade:** 11681696

**Título da dissertação:**

Rituais funerários em *Bracara Augusta*: o novo núcleo de necrópole da Via XVII

**Orientadores:**

Professora Doutora Maria Manuela dos Reis Martins

Doutor Rui Manuel Lopes de Sousa Morais

**Ano de conclusão:** 2010

**Ramo de Conhecimento do Mestrado:**

Arqueologia

DE ACORDO COM A LEGISLAÇÃO EM VIGOR, NÃO É PERMITIDA A REPRODUÇÃO DE QUALQUER PARTE DESTA TESE/TRABALHO.

Universidade do Minho, \_\_\_\_/ \_\_\_\_/ 2010.

Assinatura: \_\_\_\_\_

## **Agradecimentos**

Ao terminar este trabalho de investigação, resta-nos o devido agradecimento a todos que o tornaram possível.

O meu primeiro agradecimento é dirigido à minha orientadora, Professora Doutora Maria Manuela Martins, pela postura científica, rigor e assertividade demonstrados ao longo de todo o trabalho. Fico ainda reconhecida pela sua disponibilidade, confiança, oportunidade e amizade ao longo destes anos.

Ao Doutor Rui Manuel Morais, também ele meu orientador, a disponibilidade, incentivo e insistência no decorrer deste processo.

Especial agradecimento ao Doutor José Meireles Baptista, que foi meu professor e cujos ensinamentos me acompanharão para o resto da vida. Ao Dr. Luís Fontes, pelo constante estímulo e pela confiança demonstrada pelo meu trabalho.

À Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, sem a qual esta tese não seria possível, nas pessoas da Eng.<sup>a</sup> Natália Botica e da técnica Clara Rodrigues, o meu obrigado pelo vosso continuado cuidado e atenção, à Guilhermina Bonjardim e aos demais funcionários, agradeço o contínuo apoio e a amizade.

Aos Srs. António José L. Gonçalves e Edward Cardoso, funcionários dos serviços bibliotecários e de documentação da Universidade do Minho, agradeço a pronta resposta e colaboração, nomeadamente no acesso ao material bibliográfico.

Ao Museu D. Diogo de Sousa, o acolhimento e abertura, destacando a directora Dra. Isabel Cunha e Silva pela cooperação, a desenhadora Amélia pela diligência, o técnico Manuel Santos pela atenção, e muito especialmente, à Clara Lobo, por quem tenho o maior respeito e estima, e que tudo fez para que o este trabalho chegasse a bom porto. Aos restantes funcionários, agradeço o carinho e simpatia.

Ao Grupo Regojo, pela responsabilidade e integralidade.

Ao Dr. João Carvalho, pela constante abertura, incentivo e encorajamento na concretização deste trabalho.

Aos Engenheiros Domingos Sousa Coutinho e Vítor Loureiro, a simpatia e apoio.

Ao David Mendes, a colaboração atempada e sempre solícita.

Ao Jorge que teve comigo uma paciência imensa, obrigado pela tua calma, confiança e tranquilidade, à Fernanda a constante ajuda, auxílio e preocupação, ao José Nuno, “meu ombro amigo”, os constantes desabafos e a amizade, e ao José Braga, o ânimo e a serenidade. Obrigado a todos por acreditarem em mim.

A todos os restantes que comigo trabalharam desde o início dos trabalhos arqueológicos, e no processo de tratamento da informação, o meu agradecimento (Joana Guerreiro, Isabel Leitão, Cristiana Valpaços, Patrícia Machado, Joana Tomé, Lia Santos, Joana Pinto, Joana, José Sendas, Bruno Delfim, Filipe Gouveia, Diogo Amaro, Bruno Barros, José Filipe, Sérgio Amorim, Pedro Xavier, João Ribeiro, Valdemiro Pires, Francisco Andrade, Flávio Fernandes).

À Gisela, à Clara, à Filipa e demais amigas, um enorme obrigado pelo vosso companheirismo e pelas constantes cedências. Nunca me esquecerei que estiveram sempre a meu lado.

À minha família, minhas âncoras e pilares de sempre, o meu agradecimento eterno, ao meu filho, minha razão de viver, obrigado pelo teu amor e pela tua paz, e à minha avó Maria, por tudo o que fez por mim e que contribuiu para fazer de mim o que hoje sou.

A todos o meu profundo agradecimento.





## Resumo

A realização desta tese teve em vista o estudo dos rituais funerários presentes num novo núcleo de necrópole romana da Via XVII, em Braga. O referido núcleo foi identificado no decorrer de três intervenções arqueológicas levadas a cabo pela Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, entre 2007 e 2009, no quarteirão dos antigos CTT (CTT), na zona de impacto do novo Túnel da Av. da Liberdade (TAVL) e na zona da interligação do referido quarteirão com o túnel da Av. da Liberdade (ITAVL). Os trabalhos desenvolvidos assumiram o carácter de acções preventivas, tendo em vista a minimização do impacto dos empreendimentos projectados para os supracitados espaços, uma vez que os mesmos correspondiam a áreas com condicionantes arqueológicas, resultantes da ocorrência de achados associados a uma necrópole romana, já referenciada na bibliografia.

Os dados fornecidos pelas escavações realizadas traduziram-se na identificação de um espaço sepulcral, utilizado ininterruptamente ao longo de seis séculos, onde se implantaram sepulturas e estruturas funerárias com diversas características que se dispunham ao longo de um troço da Via XVII, igualmente descoberto no âmbito das escavações.

O notável estado de conservação deste sector da necrópole permitiu definir uma sequência das tumulações, entre a transição da Era e os séculos V/VI, associada aos rituais de cremação e de inumação. Assim, os principais objectivos deste trabalho tiveram em vista: elaborar um quadro tipológico das diferentes formas de enterramento, das áreas de cremação e das construções funerárias (mausoléus e recintos); analisar a distribuição dos diferentes tipos de sepulturas e monumentos por período cronológico; verificar a existência de diferentes soluções de ocupação e organização interna da necrópole e analisar os vestígios recuperados potencialmente indicadores das práticas rituais, de modo a confrontá-las com os relatos históricos, bem como com outros indicadores presentes em diferentes necrópoles romanas escavadas mais recentemente.

Palavras-chave: Época romana; *Bracara Augusta*; necrópole romana; ritual de cremação; ritual de inumação; sepulturas; *ustrinae*; *bustii*; mausoléus, recintos funerários, estruturas votivas, mobiliário funerário; arqueologia funerária; arqueologia da morte.

## Abstract

The accomplish of this thesis intended in the study of funeral rituals in a new section of Roman necropolis of the Via XVII, Braga. This nucleus was identified by the side of the three archaeological interventions undertaken by the Department of Archaeology of Minho University, between 2007 and 2009 in the old quarter of the Post Office (CTT), the impact zone of the new Liberty Avenue Tunnel (TAVL) and in the area of interconnection of that tunnel with the block of Liberty Avenue (ITAVL). The work developed was considered a preventive action, which has concern with the minimize impact of the developments proposed for the above areas, given that they corresponded to areas with archaeological constraints resulting from the event of findings related with a Roman necropolis, previously referenced in the bibliography.

The data provided by the excavations resulted in the identification of a burial space, used endlessly over six centuries, where tombs and funerary structures implanted with several features which were placed along a section of the Via XVII, also revealed in the excavations.

The extraordinary state of preservation of this division of the necropolis allow the definition of one sequence burials between the transition of the Era and V/VI centuries, which are related with some rituals, such as cremation and inhumation. This way, the main propose of this work was concerned with the development of a typological framework of different forms of burial, cremation and areas of funerary constructions (tombs and enclosures); analyse the distribution of different kinds of tombs and monuments by chronological period and confirm the existence of different solutions of occupation and the internal organization of the necropolis and analyze the remains recovered potential indicators of ritual practices in order to confront them with historical accounts, as well as other indicators present in different Roman necropolis dug more recently.

Key-words: Roman age; *Bracara Augusta*; roman necropolis; cremation ritual; inhumation ritual; graves; *ustrinae*; *bustii*; tombs, enclosures, votive structure, funerary furniture; funerary archaeology; archaeology of death.

## ÍNDICE

<b>AGRADECIMENTOS</b>	iii
<b>RESUMO</b>	vii
<b>ABSTRACT</b>	viii
<b>ÍNDICE</b>	ix
<b>LISTA DE GRÁFICOS</b>	xiii
<b>LISTA DE APÊNDICES</b>	xv
<b>LISTA DAS FICHAS DE SEPULTURAS E ESTRUTURAS FUNERÁRIAS</b>	xvii
<b>LISTA DE TABELAS</b>	xxi
<b>ABREVIATURAS</b>	xxiii
<b>INTRODUÇÃO</b>	3
<b>PARTE I – QUADRO DAS INVESTIGAÇÕES, OBJECTIVOS E METODOLOGIA DE ANÁLISE</b>	
1. Quadro das investigações	9
2. Objectivos	15
3. Metodologia de análise	16
<b>PARTE II – A NECRÓPOLE DA VIA XVII. CARACTERIZAÇÃO DOS CONTEXTOS ARQUEOLÓGICOS</b>	
1. A necrópole da Via XVII. Contexto de escavação	23
2. Áreas escavadas entre 2007-2009	25
2.1. O quarteirão dos antigos CTT (CTT) (2007/09)	25
2.2. A Zona da Interligação com o Túnel da Av. da Liberdade (ITAVL) (2009)	33
2.3. A Zona de impacto do novo Túnel da Av. da Liberdade (ITAVL) (2008/09)	36

### **PARTE III – O MUNDO FUNERÁRIO DO NOVO NÚCLEO DE NECRÓPOLE DA VIA XVII**

1. A evolução dos rituais funerários (finais séculos I a.C. – VI)	45
1.1. As precedências	45
1.2. O ritual da cremação	46
1.3. O ritual da inumação	51
2. Classificação tipológica dos enterramentos e estruturas funerárias	53
2.1 Os contextos sepulcrais secundários de cremação	54
2.2. Os contextos associados à cremação	58
2.3. As sepulturas de inumação	59
2.4. Os mausoléus	65
2.5. Os recintos funerários	66
2.6. As caixas /covas votivas	68

### **PARTE IV – PADRÕES DE ENTERRAMENTO**

1. Análise da distribuição das sepulturas	73
2. Mobiliário funerário	84

### **PARTE V – ORGANIZAÇÃO E LOCALIZAÇÃO DO ESPAÇO FUNERÁRIO**

1. Análise espacial por período cronológico	95
---	----

### **PARTE VI – CONSIDERAÇÕES FINAIS** 107

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS** 113

### **APÊNDICES**

### **FICHAS DE SEPULTURAS E ESTRUTURAS FUNERÁRIAS**

### **TABELAS**





## **Lista de gráficos**

<b>Gráfico 1</b>	Relação dos tipos de sepulturas e estruturas de incineração	59
<b>Gráfico 2</b>	Relação dos tipos de sepulturas de inumação	64
<b>Gráfico 3</b>	Número da localização do total de sepulturas e estruturas funerárias em relação à Via XVII	75
<b>Gráfico 4</b>	Frequência das formas de urna por período de utilização do espaço de necrópole	85



## Lista de apêndices

- Apêndice 1** Carta militar de Portugal, Folha 70
- Apêndice 2** Mapa de Braunio (1594)
- Apêndice 3** Localização das vias e necrópoles de *Bracara Augusta*
- Apêndice 4** Mapa de Braga de 1992, com a localização das intervenções
- Apêndice 5** Tipologia de sepulturas de incineração
- Apêndice 6** Tipologia dos *bustum* e *ustrina*
- Apêndice 7** Tipologia de sepulturas de inumação
- Apêndice 8** Tipologia dos mausoléus e recintos funerários
- Apêndice 9** Tipologia de recintos funerários
- Apêndice 10** Tipologia de covas e caixas votivas
- Apêndice 11** Perspectivas de pormenor da preparação do terreno e Via XVII
- Apêndice 12** Estelas funerárias descontextualizadas
- Apêndice 13** Representação do sexo dos indivíduos por sepultura
- Apêndice 14** Quadro sinóptico dos recipientes que serviram de urna
- Apêndice 15** Planta geral da necrópole
- Apêndice 16** Fase 3 - Transição da Era - séc.I
- Apêndice 17** Fase 4 - Meados do séc.I
- Apêndice 18** Fase 5 - 2ª metade do séc.I
- Apêndice 19** Fase 6 - Século II
- Apêndice 20** Fase 7 - Finais séc.II - inícios séc.III
- Apêndice 21** Fase 8 - Finais séc.III - inícios séc.IV
- Apêndice 22** Fase 9 - Século IV
- Apêndice 23** Fase 10 - Século V – VI



### **Lista de fichas de sepulturas e estruturas funerárias**

<b>Ficha nº1</b>	CV01
<b>Ficha nº2</b>	CV02
<b>Ficha nº3</b>	CV03
<b>Ficha nº4</b>	CV05
<b>Ficha nº5</b>	CV06
<b>Ficha nº6</b>	E01
<b>Ficha nº7</b>	E02
<b>Ficha nº8</b>	INC007
<b>Ficha nº9</b>	INC008
<b>Ficha nº10</b>	INC009
<b>Ficha nº11</b>	INC010
<b>Ficha nº12</b>	INC011
<b>Ficha nº13</b>	INC012
<b>Ficha nº14</b>	INC013
<b>Ficha nº15</b>	INC020
<b>Ficha nº16</b>	INC026
<b>Ficha nº17</b>	INC028
<b>Ficha nº18</b>	INC030
<b>Ficha nº19</b>	INC032
<b>Ficha nº20</b>	INC034
<b>Ficha nº21</b>	INC036
<b>Ficha nº22</b>	INC041
<b>Ficha nº23</b>	INC045
<b>Ficha nº24</b>	INC046

<b>Ficha nº25</b>	INC053
<b>Ficha nº26</b>	INC056
<b>Ficha nº27</b>	INC057
<b>Ficha nº28</b>	INC058
<b>Ficha nº29</b>	INC063
<b>Ficha nº30</b>	INC065
<b>Ficha nº31</b>	INC070
<b>Ficha nº32</b>	INC085
<b>Ficha nº33</b>	INC090
<b>Ficha nº34</b>	INC098
<b>Ficha nº35</b>	INC100
<b>Ficha nº36</b>	INC101
<b>Ficha nº37</b>	INC104
<b>Ficha nº38</b>	INC105
<b>Ficha nº39</b>	INC120
<b>Ficha nº40</b>	INC128
<b>Ficha nº41</b>	INC129
<b>Ficha nº42</b>	INU001
<b>Ficha nº43</b>	INU004
<b>Ficha nº44</b>	INU005
<b>Ficha nº45</b>	INU006
<b>Ficha nº46</b>	INU008
<b>Ficha nº47</b>	INU009
<b>Ficha nº48</b>	INU010
<b>Ficha nº49</b>	INU011
<b>Ficha nº50</b>	INU014
<b>Ficha nº51</b>	INU015
<b>Ficha nº52</b>	INU017
<b>Ficha nº53</b>	INU021
<b>Ficha nº54</b>	INU023
<b>Ficha nº55</b>	INU024
<b>Ficha nº56</b>	M01
<b>Ficha nº57</b>	M02
<b>Ficha nº58</b>	M03
<b>Ficha nº59</b>	M04
<b>Ficha nº60</b>	R02
<b>Ficha nº61</b>	R03
<b>Ficha nº62</b>	R04

<b>Ficha nº63</b>	R05
<b>Ficha nº64</b>	R06
<b>Ficha nº65</b>	R07
<b>Ficha nº66</b>	U001
<b>Ficha nº67</b>	U010
<b>Ficha nº68</b>	U018
<b>Ficha nº69</b>	U022
<b>Ficha nº70</b>	U026
<b>Ficha nº71</b>	U046
<b>Ficha nº72</b>	U054
<b>Ficha nº73</b>	U058
<b>Ficha nº74</b>	U062
<b>Ficha nº75</b>	U068
<b>Ficha nº76</b>	U084



## Lista de tabelas

- Tabela 1** Quadro de conversão das sepulturas de incineração.
- Tabela 2** Quadro de conversão dos contextos associados à cremação.
- Tabela 3** Quadro de conversão das sepulturas de inumação.
- Tabela 4** Quadro de conversão dos mausoléus.
- Tabela 5** Quadro de conversão dos recintos funerários.
- Tabela 6** Quadro de conversão dos memoriais.
- Tabela 6** Quadro de conversão das estelas funerárias.
- Tabela 8** Quadro de conversão das caixas / covas votivas.
- Tabela 9** Resultados percentuais das estruturas de incineração.
- Tabela 10** Representatividade das sepulturas de inumação.
- Tabela 11** Relação entre o número de estruturas localizadas a norte e a sul da Via XVII, por sítio arqueológico.
- Tabela 12** Números relativos à representatividade das formas de urnas cinerárias.



## Abreviaturas

Ach ou ACH.	Achado
CCV	Caixa ou cova votiva
Cons.	Conservado
CTT	Quarteirão dos CTT
E ou EE	Estela
INC	Incineração
INU	Inumação
Inv.	Inventário
ITAVL	Interligação com o Túnel da Avenida da Liberdade
M	Mausoléu
Máx.	Máximo (a)
MEM	Memorial
Min.	Minimo (a)
Nº	Número
MRADDS	Museu Regional de Arqueologia D. Diogo de Sousa
NMI	Número médio de indivíduos
R	Recinto funerário
SEP	Sepultura
S/nº	Sem número
TAVL	Túnel da Avenida da Liberdade
U	<i>Ustrina</i>
UAUM	Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho
UE	Unidade estratigráfica
Vis	Visível



---

## INTRODUÇÃO



## INTRODUÇÃO

*“Death is very much a part of life, and where mortality rates are high the presence of death was, and is, a constant reality. How death shapes life and how life is reflected in the customs and rituals of death are areas of interest to researchers in many fields.”*

*Valerie M. Hope (2007: 1)*

A presente dissertação de mestrado tem como objectivo o estudo dos rituais funerários presentes num espaço sepulcral romano, associado à Via XVII, descoberto recentemente no âmbito da realização de várias escavações de carácter preventivo, que permitiram a identificação de novas estruturas funerárias, ainda desconhecidas no contexto da Arqueologia da Morte na cidade de *Bracara Augusta*.

Apesar do tipo de intervenção, a estratégia de escavação adoptada veio a revelar-se como a mais adequada, sem nunca deixar de ter em linha de conta que a alta sensibilidade do espaço obrigava à utilização de uma metodologia multidisciplinar.

Trata-se de um espaço com uma longa ocupação, onde foi possível observar a sobreposição de diferentes tipos de estruturas funerárias, o que permitiu perceber a evolução dos distintos espaços e usos, bem como os avanços e recuos deste sector da necrópole da Via XVII. Os resultados das escavações aí realizadas, entre 2007-2009, encontram-se apresentados nos relatórios finais editados (Martins *et al.*, 2009; Fontes *et al.* 2009; 2010), tendo constituído a base de trabalho desta dissertação.

Assim, para o estudo dos rituais funerários de *Bracara Augusta*, optamos por nos debruçar sobre os resultados obtidos na escavação desta nova área da necrópole, uma vez que os outros núcleos conhecidos da mesma se encontravam já estudados e publicados (Martins e Delgado 1989/90).

Factor decisivo para a escolha deste tema, foi o facto de termos participado, desde o primeiro momento, na realização de todos os trabalhos de intervenção arqueológica, o que nos permitiu conhecer de forma aprofundada a realidade estratigráfica do local e a sua organização espacial, circunstância que facilitou a realização deste estudo.

A actualidade do tema dos rituais funerários romanos passa pelo desenvolvimento de novas posturas e metodologias de trabalho, que se têm vindo a desenvolver, fruto do esforço e diálogo entre diversas ciências, numa tentativa de compreensão dos comportamentos humanos associados à morte, alicerçados na sua grande maioria em resultados de novas escavações.

Este é também um trabalho que tem origem em dados arqueológicos recentes, influenciado pelas novas perspectivas de investigação que têm sido desenvolvidas no âmbito da Arqueologia da Morte no mundo romano, cabendo destacar os recentes estudos de síntese realizados sobre o tema, que alteraram muitas das visões tradicionais sobre as práticas funerárias romanas.

Este trabalho encontra-se organizado em cinco partes distintas, contemplando um apêndice gráfico e de consulta, que se constitui como fundamentação e ilustração do nosso estudo.

Na primeira parte deste trabalho equacionam-se os objectivos e metodologias seguidas para obtenção e apresentação dos dados, seguindo-se uma breve resenha histórica, onde se pretende destacar os trabalhos mais relevantes sobre o tema e as problemáticas mais relevantes.

De seguida, na segunda parte, apresentaremos os diversos contextos de escavação que foram alvo de análise para este trabalho, elaborando-se uma caracterização das fases de ocupação estabelecidas para cada um dos espaços intervencionados, de forma a destacar os distintos factores que interferiram e influenciaram a evolução do espaço sepulcral analisado ao longo de diferentes períodos.

Com a terceira parte do nosso trabalho pretendemos realizar uma exposição sobre a evolução dos rituais funerários identificados neste núcleo de necrópole, apresentando-se o quadro tipológico das estruturas encontradas.

A quarta parte passa, num primeiro momento, pela caracterização da distribuição e análise espacial das distintas formas de enterramento e, num segundo, pela valorização das peças recuperadas, como forma de acedermos à reconstituição das práticas funerárias romanas. Optamos por não nos estendermos em longas apresentações sobre o espólio funerário exumado, por consideramos que tal não se constituía como o objecto primário do nosso estudo.

Na quinta parte deste trabalho procurámos analisar as estratégias de gestão do espaço funerário, nas distintas fases de ocupação da área e identificar os factores que podem ter influenciado e proporcionado as múltiplas dinâmicas nele ocorridas.

Não tivemos a pretensão realizar um trabalho definitivo sobre os rituais funerários romanos de Braga, nem tão pouco esgotar o tema, no que ao núcleo estudado diz respeito, tendo em conta o tempo útil disponível para a concretização desta tese. Pretendemos, tão só, que este estudo possa constituir uma proposta interpretativa minimamente válida, relativa aos rituais funerários da Braga romana, face ao estado dos conhecimentos disponíveis sobre o tema, uma vez que estamos conscientes que o volume de dados ainda em processo de análise pode obrigar a uma revisão das interpretações aqui formuladas.



## PARTE I

---

### QUADRO DAS INVESTIGAÇÕES, OBJECTIVOS E MÉTODOS DE ANÁLISE



## 1. Quadro das investigações

O estudo dos rituais funerários romanos em Portugal, encontra-se relativamente atrasado face às investigações conhecidas em outros países europeus, mau grado, a descoberta, e as escavações de sepulturas e necrópoles romanas terem sido iniciadas nos finais do século XIX.

Um dos exemplos mais antigos conhecidos no norte do país é o da necrópole romana da Fraga, cuja escavação foi iniciada por José Leite de Vasconcellos, entre 1902-1903 (Fabião *et al.*, 2008: 13).

Na transição para o séc.XX, destacamos os artigos de José Fortes, que noticiam o aparecimento de duas necrópoles do concelho de Amarante – A necrópole lusitano-romana da Lomba e de Vilarinho, onde não deixa de ser surpreendente, a caracterização da envolvente geográfica, a breve análise sobre a convivência dos dois rituais funerários identificados e a referência à estratigrafia do primeiro contexto sepulcral referido, apesar do estudo das materialidades exumadas ocupar a maior parte da exposição (Fortes, 1908 e 1908a).

Já para o sul, destacamos a escavação da necrópole de Silveirona, realizada em 1934, por Manuel Heleno, a qual não teve outros objectivos senão aqueles que estavam directamente relacionados com a recuperação do mobiliário votivo, inventariação de material epigráfico ou arquitectónico, sendo quase inexistente a descrição dos contextos sepulcrais selados do ponto de vista estratigráfico. Note-se, que o trabalho de publicação desta escavação, só veio a ser elaborado cerca de setenta anos depois, recaindo a investigação sobre os hábitos funerários por

cada período de ocupação da necrópole, aliado à necessária contextualização do espólio votivo (Cunha, 2008).

Alguns artigos avulsos sobre o tema dos rituais funerários foram lançados, noticiando o aparecimento um pouco por todo país, de diversas estruturas funerárias, onde destacámos os artigos de Octávio Ferreira, Rui Andrade, Jorge de Alarcão e Adília de Alarcão sobre a necrópole de Valdoça e o seu espólio (1966), e a necrópole do Monte do Farrobo (1974) por Jorge Alarcão, ambas em Aljustrel, onde se evidenciam as alargadas exposições de análise do mobiliário funerário.

O atraso da arqueologia portuguesa relativamente a outros países europeus, sobretudo até à década de 80 do século passado, quer do ponto de vista metodológico, quer devido ao número reduzido de arqueólogos e de intervenções, fez-se sentir também no âmbito dos estudos relacionados com as necrópoles romanas. Na verdade, muitas delas, descobertas desde finais do século XIX, permaneceram por publicar até recentemente, constituindo o seu espólio parte integrante da exposição ou reservas de vários museus. Por outro lado, cabe destacar que grande parte dessas necrópoles se situa em contextos rurais, sendo desconhecido o tipo de assentamentos com que se podem relacionar, fruto da inexistência de prospecções e de estudos do povoamento, que só viriam a desenvolver-se nas últimas três décadas.

Cabe igualmente destacar que o conhecimento de necrópoles romanas associadas aos contextos urbanos só viria a desenvolver-se na sequência dos projectos de arqueologia urbana, que se iniciaram apenas nos inícios dos anos 70 do século XX, designadamente em Braga, Setúbal, Mértola, Lisboa e Silves. Neste contexto, pode contudo referir-se a precoce descoberta de sepulturas romanas em Lisboa, na Praça da Figueira, no contexto das obras realizadas para ampliação do metropolitano, sumariamente publicadas por Irisalva Moita (1968: 33/71).

Todavia, são múltiplas as notícias referentes à identificação de sepulturas e necrópoles romanas no território nacional durante a primeira metade do século XX, muito embora na sua grande maioria fruto de descobertas fortuitas e não de escavações sistemáticas, não logrando traduzir-se em trabalhos monográficos, ou num interesse de pesquisa aprofundada sobre o tema.

A segunda metade do século passado representou uma nova etapa na evolução dos estudos das necrópoles romanas, em parte resultante da pressão urbanística sobre os espaços periféricos das cidades com origem romana, mas também de um genuíno interesse pelo tema da morte nas sociedades antigas, começando a ser publicados vários trabalhos reveladores de

preocupações com o processo de investigação arqueológica, provavelmente influenciados pelas diferentes perspectivas científicas que se foram afirmando no quadro da arqueologia nacional.

Com efeito, nesta altura surgem importantes contributos, como o artigo de Manuela Martins e Manuela Delgado, de 1989/90, sobre os vários contextos funerários identificados em *Bracara Augusta*, onde é possível constatar a elaboração de uma tipologia de sepulturas e um levantamento do espólio recuperado, o que permitiu a contextualização cronológica das distintas formas de enterramento.

Será já na segunda metade da década de 90 do século passado que vemos também surgir alguns trabalhos de dissertação, principalmente de mestrado, onde foram dados a conhecer os resultados de várias escavações realizadas em necrópoles, desde os inícios do século XX, que necessitavam de uma cuidada sistematização e valorização. Neste âmbito, cabe destacar as teses de Maria José Folgado Lobato (1996), onde se analisa a necrópole romana de Gulpilhares (V. N. Gaia), de Gilda Correia Pinto (1996), que trata a necrópole de Montes Novos, Croca (Penafiel) e a tese de M<sup>a</sup> Helena T. Portela (1998), onde se reúnem os dados referentes às necrópoles de Amarante. Assinalamos também os trabalhos de tese desenvolvidos por João Manuel Abreu (2002), sobre as necrópoles romanas do território português e o estudo de Margarida Monteiro (2003), sobre a necrópole de Casal Pianos (Sintra).

As últimas décadas assistiram a um significativo aumento de publicações que analisam diversas necrópoles identificadas no território português. A título de exemplo, destacamos o trabalho de Teresa Soeiro sobre duas necrópoles romanas de Penafiel (1992/93), e a necrópole romana do Monte Novo do Castelinho (Almodôvar), de Carlos Fabião, Amílcar Guerra, Teresa Laço, Samuel Melro e Ana Cristina Ramos (2008).

Mais recentemente cabe destacar, ainda no âmbito da região norte do país, o estudo várias necrópoles (16) empreendido por Álvaro Moreira (2009: 129/175), inserido no corpus da sua tese de doutoramento sobre o *Castellum Madiae* e o seu território.

O tema da morte na sociedade romana conta com uma extensa bibliografia internacional, cuja valorização adequada escapa ao âmbito deste trabalho. No entanto, cabe referir que o tema ganhou um interesse mais significativo a partir da década de 70 do século passado, com a publicação da obra monográfica de J. M. C. Toynbee, em 1971, que constitui, até hoje, um livro de referência sobre o tema da morte no mundo romano. Nele podemos encontrar várias informações relativas às cerimónias, aos rituais e à alteração dos mesmos, bem como às finanças do funeral, aos tipos de sepulturas, aos monumentos e mobiliário funerário,

bem como sugestivas alusões às visões dos romanos em relação à alma e as dúvidas em relação à possível vida num outro mundo. Trata-se de uma obra que valorizou basicamente os textos dos autores clássicos e a iconografia, sendo o contributo da arqueologia muito menos relevante.

Será ainda em Inglaterra, durante a década de 90 do século XX, que vemos surgir outras obras de síntese que se debruçam sobre o tema da morte no mundo romano, com destaque para o trabalho de Ian Morris – *Death-ritual and social structure in classical antiquity* – sobre os rituais funerários e a sua relação com a complexa estrutura social grega e romana e para Steven Bassett (1995), que editou uma sugestiva compilação de artigos, onde entre outros temas, se analisam as vivências e estratégias dos vivos em relação da morte, tanto no mundo rural como nas cidades romanas.

No âmbito internacional merecem referência os trabalhos que têm sido desenvolvidos noutros países europeus, designadamente em Itália e França, enquadrados por perspectivas inovadoras no âmbito da abordagem da arqueologia da morte. Entre eles cabe destacar o trabalho empreendido em diversas necrópoles italianas, nomeadamente na necrópole da Porta Nocera, em Pompeia, onde apesar das escavações intensivas e prolongadas aí realizadas se continuam a obter novos dados, resultantes do cruzamento da investigação arqueológica com a de outras ciências.

De facto, através da análise antropológica dos conjuntos osteológicos e das evidências materiais recolhidas nas necrópoles, tem vindo a ser possível ensaiar a reconstituição de alguns dos rituais funerários, principalmente, aqueles que tinham lugar após a deposição do defunto.

O tema da morte e, especificamente, o estudo dos rituais funerários romanos, tem vindo a conhecer um crescente interesse a nível internacional, situando-se alguns dos mais relevantes contributos no âmbito dos resultados obtidos pela Antropologia, tendo por base a análise minuciosa dos vestígios osteológicos humanos e animais, que têm permitido a reconstituição das práticas funerárias no momento da deposição (Méniel, 2008), bem como o conhecimento biológico das comunidades passadas (Minozzi *et al*, 2008).

Mesmo em Portugal, as necrópoles vão-se constituindo como objecto de estudo para os antropólogos, que se dedicam agora à análise dos conteúdos das urnas cinerárias, sendo de destacar o trabalho de tese de mestrado de David Gonçalves (2007) *FUNUS Recomendações para a escavação e análise em laboratório de cremações em urna*.

Na vizinha Espanha assinalamos o importante contributo dos estudos empreendidos por Desiderio Vaquerizo Gil (2002), que tem na Arqueologia Urbana e da Morte, a sua principal linha de investigação, tendo vindo a desenvolver os seus trabalhos na cidade de Córdoba. Para além do considerável número de publicações da sua responsabilidade, cabe destacar a edição, em 2002, de dois volumes de actas de um congresso internacional, subordinado ao tema, *Espacios y Usos Funerarios en el Occidente Romano*, onde as atenções se centraram na apresentação de novas correntes de investigação, bem como na valorização dos mais recentes dados provenientes das pesquisas arqueológicas. Para tal, contou com o contributo de diversos investigadores europeus que trataram vários temas sobre o mundo funerário romano, passando pela arquitectura funerária, pela decoração e pintura, pela epigrafia, pelos ritos funerários e outros dedicados à Bio-antropologia.

O tema da morte no mundo romano foi objecto de um valioso contributo dado por Valerie M. Hope que, numa obra recente (2007), compilou e divulgou fontes escritas antigas, que considera um importante meio de investigação do tema, destacando, todavia, a importância das evidências arqueológicas para uma necessária validação das mesmas. Já em 2009, a mesma autora publicou um outro livro onde analisa, interpreta e descreve a morte na sociedade romana, sob diferentes pontos de vista, que incluem as perspectivas filosóficas, as causas de morte, as festas e funerais, as regras de luto e os tipos de homenagem aos mortos, tentando recriar os múltiplos cenários em que a morte afectava e condicionava o quotidiano dos vivos.

Os extraordinários resultados potenciados pelas escavações de várias necrópoles italianas, francesas e alemãs, quer no âmbito de projectos de investigação orientados numa perspectiva da Arqueologia do Ritual, quer como resultado da arqueologia preventiva, têm vindo a ser objecto de divulgação em várias publicações, que integram os contributos de diversas áreas científicas.

Entre as mesmas, referimos o volume *Pour une archéologie du rite: nouvelles perspectives de l'archéologie funéraire*, editado em 2008, que surgiu na sequência do desenvolvimento de um projecto europeu onde participaram diversos investigadores que procuraram utilizar metodologias de pesquisa análogas em diferentes países, reforçando o cruzamento de saberes entre arqueólogos, antropólogos e historiadores.

Já com data de 2009 cabe destacar uma publicação de origem francesa, cujo conteúdo é inteiramente dedicado ao mundo dos rituais funerários de *Lugdunum*, tendo por base o estudo de necrópoles escavadas no âmbito da arqueologia preventiva. Para além da exposição

detalhada das diversas escavações, são reveladas novas linhas de investigação que passam pela restituição das estruturas funerárias perecíveis, mais concretamente as piras, pelo estudo das marcas de manipulação do espólio votivo em contexto funerário, oferecendo um vasto universo de dados e de estruturas encontradas nos contextos de escavação lioneses.

A investigação do mundo da morte na sociedade romana e o estudo dos rituais funerários conheceu nos últimos anos um notável incremento, fruto dos contributos da Antropologia física, da Biologia e da Zooloquia. De facto, o estudo dos restos osteológicos inumados e cremados tem facultado informações insuspeitas sobre as populações, conhecendo-se diagnoses sexuais, idade à morte, causas de morte, patologias e manipulação dos indivíduos mortos. Por sua vez, os contributos da Paleobotânica e da Paleozoologia permitem hoje conhecer alguns dos contextos ambientais em que se moviam as comunidades, permitindo criar quadros interpretativos mais vastos sobre o uso e manipulação de alimentos como parte intrínseca dos rituais funerários romanos. De facto, a Botânica e a Carpologia têm oferecido um importante contributo para a restituição dos rituais funerários, uma vez, que permitem identificar espécies vegetais presentes nos enchimentos das incinerações, permitindo não só perceber quais as plantas, frutas e leguminosas que foram usadas durante os funerais, como também reconstituir as paisagens agrícolas da Antiguidade e os possíveis intercâmbios de espécies (Šoštarić e Dizdar *et al.*, 2006: 429, Zech-Matterne, 2008: 67).

Outro contributo recente, que permitiu desenvolver novas problemáticas de estudo, foi potenciado pelo desenvolvimento da Arqueotanatologia, ao facultar a compreensão dos diferentes tipos de deposição dos defuntos, bem como dos elementos que interagem desde o momento do enterramento até à sua recuperação, o permite caracterizar o perfil biológico dos indivíduos (Neves, 2010), apesar de muitas vezes apenas ser aplicável a esqueletos.

Assim, a moderna investigação dos rituais funerários deverá passar pelo cruzamento de diferentes saberes, produzidos por diversas ciências, no âmbito de estudos integrados que valorizem as diversas valências que o tema proporciona, sendo de evitar publicações simplistas, onde apenas se apresentam tabelas tipológicas ou o estudo do material votivo.

## 2. Objectivos

Os rituais relacionados com a morte no mundo romano foram durante muito tempo conhecidos a partir das fontes documentais e iconográficas, que permitiram uma aproximação a

alguns cenários pormenorizados da vivência social em torno da morte. No entanto, os rituais funerários romanos foram adoptados em diferentes regiões do Império, tendo sofrido adaptações que dependem dos contextos culturais precedentes e do modo como as distintas comunidades percepcionavam a morte antes de serem integradas no Estado romano.

Neste sentido, a evidência arqueológica facultada pela escavação de numerosas necrópoles, grande parte delas descobertas no âmbito da arqueologia preventiva, constitui-se como uma poderosa fonte de informação para a valorização desta temática, pois possibilita a constatação e consequente validação das informações disponibilizadas pelas fontes históricas, fornecendo-nos importantes dados complementares que permitem conhecer o modo como as comunidades indígenas integraram as práticas funerárias romanas.

A presente dissertação insere-se nessa perspectiva, tendo como objectivo principal compreender a evolução das práticas funerárias de cremação e de inumação de *Bracara Augusta*, tendo por base os resultados das escavações realizadas num novo núcleo da necrópole da Via XVII, uma das cinco conhecidas até ao momento nesta cidade romana (Martins e Delgado 1989/90; Martins, 2009: 190/192).

Este núcleo foi identificado entre finais de 2007 e meados de 2009, numa extensa área que abrange o antigo quarteirão dos antigos CTT (Martins *et al.*, 2009), parte da Av. da Liberdade, onde foi construído um novo túnel (Fontes *et al.*, 2010) e a zona de interligação das duas áreas (Fontes *et al.*, 2009).

Partindo dos dados fornecidos pelas referidas escavações procurámos valorizar os contextos funerários exumados, pretendendo-se verificar se os rituais associados estão de acordo com as práticas relatadas pelos autores romanos, ou representadas na iconografia, mas também com as informações disponibilizadas pelas recentes escavações realizadas noutros países, que têm vindo a revolucionar as perspectivas de investigação deste tema (Blaizot *et al.*, 2009: 205/207/215/220, Méniel, 2008: 113, Zech-Matterne, 2008: 67). Por outro lado, tentámos reconhecer padrões de enterramento relacionados com o sexo, a idade e a condição social dos defuntos enterrados no sector da necrópole da via XVII, recentemente descoberta.

A partir dos dados obtidos, procurámos ainda estabelecer possíveis inferências socioeconómicas, de forma a tentar perceber as eventuais dinâmicas sociais, associadas aos contextos funerários, só possíveis de valorizar com base nos dados de natureza antropológica, ou pelo estudo do mobiliário funerário.

Tendo por base os dados recolhidos, realizou-se um ensaio de construção de uma tabela tipológica, onde se pretendeu estabelecer uma sequência cronológica/diacrónica para as diversas formas de enterramento identificadas.

Este trabalho teve também como objectivo analisar a distribuição das sepulturas neste núcleo da necrópole, tentando-se recriar a topografia espacial de cada fase da sua utilização, como meio de aceder à possível organização interna de cada um dos espaços funerários estudados.

### 3. Metodologia de análise

O ponto de partida do nosso trabalho prendeu-se com a selecção da amostra que deveria ser objecto de análise.

Apesar de existirem outros núcleos de já conhecidos da necrópole da Via XVII, esta nova área sepulcral, para além de se constituir como um núcleo recentemente descoberto, escavado com uma rigorosa metodologia, era também aquela que possuía mais informação, devido à ampla cronologia da sua utilização, facto que possibilitava o estabelecimento de uma evolução diacrónica dos diversos tipos de rituais funerários representados.

Obtida a necessária autorização dos responsáveis de todas as intervenções arqueológicas para o manuseamento dos dados, deu-se início aos trabalhos de recolha dos dados bibliográficos disponíveis.

Desta forma, tomamos contacto com os estudos já realizados sobre o mundo funerário, de forma a perceber como o tema havia sido tratado, tanto na bibliografia nacional como estrangeira. Procedeu-se, assim, a uma pesquisa bibliográfica alargada, recorrendo-se às bases de dados de diversas bibliotecas públicas. Não descurámos também da importância que as novas tecnologias tem nos nossos dias, daí termos realizado também uma pesquisa *on-line*, fazendo-se recurso a artigos divulgados em revistas científicas ou da especialidade, verificando-se mesmo que alguns estudos apenas se encontravam disponibilizados em suporte electrónico. Foi também através desta via de pesquisa que tomámos conhecimento da existência das teses produzidas em território nacional, sobre o estudo de determinadas necrópoles romanas e dos rituais funerários aí praticados.

O segundo passo, prendeu-se com a recolha de dados provenientes das intervenções arqueológicas, tendo-se dado início ao manuseamento dos cadernos de campo das escavações realizadas nas três zonas arqueológicas que correspondem à área estudada da necrópole.

Sempre que possível, recorreremos igualmente às informações contidas nos relatórios finais de cada intervenção, uma vez, que nos mesmos a informação se encontrava já validada.

Depois de devidamente autorizados, recorreremos à informação inserida no *SIABRA* – Sistema de Informação Arqueológica de *Bracara Augusta*, onde nos foram facultados dados devidamente informatizados.

Para todas as sepulturas e estruturas identificadas, foi realizado um trabalho de renumeração e seriação das mesmas, mantendo-se sempre a ligação ao número atribuído às mesmas em campo (Tabelas 1 a 8). Este trabalho foi fundamental, pois através do manuseamento dos cadernos de campo deparamo-nos com realidades diferenciadas: estruturas funerárias bem individualizadas com numeração de campo individual, e outras, onde a duas sepulturas foi apenas atribuído um número de campo, quando na realidade se tratava de duas entidades distintas. Verificaram-se ainda outras situações, onde se apurou que algumas estruturas não tinham sido reconhecidas e individualizadas, não tendo, por isso, sido objecto de uma numeração específica.

De forma a classificar correctamente cada grupo de estruturas funerárias, salvaguardando-se as suas especificidades, foram estabelecidas sete categorias distintas, mediante a sua função e o tipo de ritual a que estavam associadas. Assim, distinguiram-se as sepulturas de incineração, as de inumação e os *ustrinae*, a par dos mausoléus e recintos funerários, tendo ainda sido referenciados os monumentos epigráficos e as covas / caixas votivas.

Para cada uma das categorias referidas, foi elaborada uma ficha detalhada, que reúne a informação necessária de cada contexto, podendo aí ser encontrados todos os elementos associados: o número de campo, o acrónimo, a referência ao tipo de ritual, a informação de campo (planimétrica e gráfica), o tipo de sepultura, o estado de conservação, as unidades estratigráficas associadas, as transcrições epigráficas, as dimensões, as formas, os tipos de aparelhos, no caso das estruturas, bem como os elementos de localização relacionados, como as áreas úteis, o seu posicionamento em relação à via romana, as coordenadas geográficas, os tipos de material utilizado, a cronologia e a fase de construção.

Assim, cada estrutura foi devidamente analisada e descrita em fichas, tendo os dados obtidos sido inseridos posteriormente numa base de dados criada para o efeito, facto que permitiu o acesso mais rápido ao grande volume de informação criado, com a vantagem de ser possível extrair do mesmo diferenciados tipos de leituras.

De forma a não sobrecarregar a parte textual e descritiva deste trabalho, entendemos mais conveniente colocar as referidas fichas disponíveis para consulta, nos apêndices deste trabalho. No entanto, só serão apresentadas as fichas referentes às sepulturas utilizadas como referência para a construção da nossa tabela tipológica, seriadas por ordem alfabética e por tipo de estrutura, respeitando-se a sequência da nova numeração. Cada ficha é composta por duas partes distintas, uma primeira descritiva seguida da segunda onde se apresentam os elementos gráficos de cada sepultura ou estrutura.

Procedeu-se, também, à elaboração de um quadro tipológico, onde se integraram todas as estruturas funerárias, tendo sido decidido que cada tipo de estrutura deveria manter uma numeração independente, de forma a salvaguardar a possível identificação de novas estruturas em futuros trabalhos.

No que concerne aos monumentos epigráficos, apenas foi tipificada uma categoria, face aos cinco que se encontraram *in situ*, por ser o único que se encontrava intacto. No entanto, estamos conscientes, que estes suportes pétreos não seriam morfologicamente semelhantes, admitindo-se o carácter redutor da nossa classificação. Na verdade, tratam-se de elementos que carecem de uma abordagem mais extensa e pormenorizada, que julgamos não caber neste trabalho, onde apenas fazemos menção aos mesmos como elementos de localização e de monumentalização do espaço da necrópole.

Também não foram considerados, o que designámos por resíduos de cremação, por acharmos que constituem depósitos não intencionais, que se formaram por acções pós-depositacionais, não tendo sido possível estabelecer uma correspondência segura com as sepulturas que lhes são próximas.

Após a recolha dos dados, foi dado início ao tratamento gráfico da informação, procedendo-se à digitalização, e, conseqüente vectorização, de todos os desenhos de campo.

Procedeu-se à georeferenciação dos dados relativos à localização de cada sepultura, numa planta da cidade, de forma a melhor se perceber a distribuição das mesmas no contexto funerário estudado, bem como a sua relação e distribuição em relação ao tecido urbano global.

Optámos também por manter o faseamento cronológico avançado nos relatórios finais das intervenções arqueológicas objecto de análise desta tese, a saber, Quarteirão dos CTT (Martins *et al.*, 2009), Túnel da Av. da Liberdade (Fontes *et al.*, 2010) e Interligação com o Túnel da Av. da Liberdade (Fontes *et al.*, 2009).

No que concerne ao espólio funerário e votivo cerâmico, integrado neste trabalho, foi estudado pelo Doutor Rui Morais. Já o espólio vítreo foi estudado pelo Doutor Mário Cruz, encontrando-se os numismas em fase de análise e de estudo pelo Dr. David Mendes, no âmbito da sua tese de Mestrado.

Para a concretização das tarefas descritas, recorreremos aos mais distintos softwares. Assim, para georeferenciação e tratamento vectorial e detalhado dos desenhos usámos o *AutoCAD*, versão 2007, para o tratamento e design gráfico, o *Corel Draw*, versão 3X, para a edição de imagens bidimensionais o *Adobe Photoshop*, versão CS2, para o processamento de texto, execução de cálculos escritos e apresentação de gráficos e tabelas, o *Microsoft Word* e *Microsoft Excel* e para o carregamento da informação e gestão dos dados, o Sistema de Informação Arqueológica de *Bracara Augusta* ou SIABRA.

Uma vez que este trabalho não pode ser encarado como um fim em si mesmo, gostaríamos que o mesmo pudesse servir de base à construção de um sistema de informação geográfica (SIG), possibilitando o acesso destas informações, não só a outros investigadores, como ao público em geral.



## PARTE II

---

### A NECRÓPOLE DA VIA XVII. DESCRIÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DOS CONTEXTOS ARQUEOLÓGICOS



## 1. A necrópole da Via XVII. Contexto de escavação

A área arqueológica que será analisada neste trabalho localiza-se no centro da cidade de Braga, mas correspondia a uma zona periférica da antiga cidade romana de *Bracara Augusta*, que era servida pela Via XVII, ao longo da qual se desenvolveu uma extensa necrópole romana (Apêndices 1 a 3).

O conhecimento desta necrópole remonta à primeira metade do século XX e resultou da construção do antigo edifício dos CTT, obra dos anos 40 / 50 do século XX, no decorrer da qual foram encontradas várias estelas funerárias (Cunha, 1953: 243/249). No entanto, existiam já alguns monumentos epigráficos de carácter funerário aparecidos nos muros da cerca do Convento dos Remédios, em finais do século XVIII, os quais foram igualmente divulgados e referenciados por E. Hubner (Martins e Delgado, 1989/90: 89).

Os trabalhos de urbanização das áreas contíguas, designadamente do Largo João Penha, Rua do Raio e Av. da Liberdade, permitiram identificar vários outros achados avulsos de natureza funerária, designadamente, conjuntos de lucernas, estelas e sepulturas estruturadas (Sousa, 1966: 171/175, Sousa, 1973: 13/14). O conjunto dos achados conhecidos tornava evidente que esta zona da cidade moderna deveria recobrir uma necrópole romana, facto que foi confirmado com as escavações realizadas em 1987 na área adjacente à Cangosta da Palha (Martins e Delgado, 1989/90: 105), onde se identificou um núcleo de sepulturas de incineração e um importante conjunto de sepulturas de inumação datadas já da Alta Idade Média.

Aquando da abertura do túnel da Av. da Liberdade, em 1995, que foi objecto de um acompanhamento arqueológico, foram identificadas e escavadas algumas sepulturas de incineração, facto que levou a considerar a parte norte daquela avenida, bem como toda a área envolvente do quarteirão dos CTT como zona de grande sensibilidade arqueológica.

Assim, quando se formalizou o projecto de construção de um grande complexo imobiliário para o quarteirão dos CTT, foi solicitada à UAUM a realização de escavações prévias, a fim de se minimizar o impacto sobre eventuais vestígios ainda conservados da necrópole. A escavação decorreu entre 2007 e meados de 2009 (Martins *et al.*, 2009). Quase simultaneamente, a UAUM foi contactada pela empresa responsável pela construção do novo túnel da Av da Liberdade, para realizar as necessárias escavações de minimização de impacte numa extensa área daquela avenida, tendo os trabalhos decorrido entre Setembro de 2008 e Abril de 2009 (Fontes *et al.*, 2010). A necessidade de ligar o novo túnel ao parque de estacionamento do imóvel que está sendo construído no antigo quarteirão dos CTT implicou igualmente a realização de trabalhos arqueológicos que permitiram articular a área escavada do quarteirão com a área escavada da Av. da Liberdade (Fontes *et al.*, 2009) (Apêndice 1).

O conjunto das zonas intervencionadas corresponde a uma área com cerca de 5000m<sup>2</sup> (Apêndice 4).

Até ao início das intervenções arqueológicas referidas, a recuperação dos dados mais significativos relativos à necrópole da Via XVII, deve-se aos trabalhos realizados pela Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho (UAUM), em contextos de emergência, que permitiram resgatar informação relevante acerca da extensão da necrópole e respectivas estruturas funerárias (Delgado e Martins, 1989/90).

Uma dessas intervenções possibilitou a identificação do núcleo de sepulturas de incineração do Largo Carlos Amarante (terreno localizado a norte do Quarteirão dos CTT), tendo apenas sido possível escavar uma delas, que forneceu um importante conjunto de espólio votivo composto por unguentários de vidro, peças de adorno em ouro e uma moeda de Cláudio, integrado numa sepultura em caixa de tijoleiras e cobertura de lajes de pedra (Delgado, 1984: 179-201, Delgado e Martins, 1989/90: 98/99, Morais, 2010: 157).

Outro núcleo escavado correspondeu à intervenção da Cangosta da Palha, num terreno pertencente à Escola do Ex Magistério Público, onde se veio a identificar um numeroso grupo de sepulturas, composto quase na sua totalidade, por estruturas relacionadas com o ritual de

inumação, atribuíveis a um período cronológico situado entre os séculos IV e VII (Delgado e Martins, 1989/90:146).

A área arqueológica intervencionada pela UAUM, entre finais de 2007 e meados de 2009, situa-se aproximadamente entre os dois núcleos referidos da necrópole.

De seguida, procederemos à caracterização do novo núcleo da necrópole, através de um breve historial de cada uma das escavações, assinalando-se as fases cronológicas mais representativas registadas em cada uma delas.

Todavia, cabe referir que nas três escavações realizadas – Quarteirão dos CTT, túnel da Av. da Liberdade e Interligação com o túnel da Av. da Liberdade – foram identificadas dezoito fases de ocupação, que correspondem a vários períodos de utilização do espaço, balizados entre a Idade do Bronze e a Época Contemporânea, o que permite adivinhar um contexto estratigráfico complexo e intrincado, resultado da sua diferenciada e continuada utilização humana.

Do total das fases referenciadas apenas onze se relacionam com o uso e abandono da necrópole, bem como com a implantação e repavimentação da Via XVII, em diversos períodos de ocupação, sendo essas fases que serão apresentadas de seguida para cada um dos sítios arqueológicos escavados.

## 2. Áreas escavadas entre 2007-2009

### 2.1 O quarteirão dos antigos CTT (CTT) (2007/09)

Os trabalhos de escavação arqueológica realizados neste sector de necrópole, destacam-se dos demais pelas condições especiais de que se revestiu tal intervenção.

Trata-se de uma ampla área (cerca de 3000m<sup>2</sup>) que, devido às condições impostas pelo projecto imobiliário aprovado, cuja “obra foi promovida pela empresa Javere Imobiliária, do Grupo Regojo” (Martins *et al.*, 2009: 6), levou à escavação integral do quarteirão onde se localiza o antigo edifício dos CTT de Braga. Esta zona arqueológica recebeu o acrónimo de CTT.

Apesar de se tratar de uma intervenção preventiva, os sucessivos dados que a escavação arqueológica foi permitindo recuperar, acabaram por conduzir a sucessivas ampliações dos trabalhos de campo, que tiveram a duração de um ano de meio.

Para além de uma vasta equipa, na sua totalidade composta por arqueólogos profissionais, que se ocuparam de todos os trabalhos de escavação e acompanhamento, a escavação contou ainda com a presença de uma antropóloga responsável pela exumação dos vestígios osteológicos encontrados e de um técnico responsável pelo levantamento com estação total e restituição fotogramétrica das estruturas.

O decorrer dos trabalhos arqueológicos comprovou que se tratava de um terreno bastante sensível em termos arqueológicos, revelando uma área intensamente ocupada e utilizada ao longo dos diferentes períodos de ocupação (Martins *et al.*, 2009: 170).

Os primeiros indícios de uso deste espaço, remontam aos finais da Idade do Bronze, momento a que se reporta a SEP.LXXX, exumada *in situ*, correspondente a um vaso troncocónico decorado com mamilos e asa, que “*recolhe paralelos em recipientes semelhantes encontrados na necrópole da Idade do Bronze Final do Tapado da Caldeira, em Baião.*” (Martins *et al.*, 2009: 171). Uma outra peça, aparecida em contexto de revolvimento, pode ser atribuída à mesma cronologia, sendo constituída por um vaso de largo bordo horizontal, com decoração incisa, com paralelo mais próximo nos vasos de S. Paio de Antas, em Esposende, igualmente datados do Bronze Final (Martins *et al.*, 2009: 172).

Como é referido no relatório de escavação, a presença de sepulturas do Bronze Final nesta área da cidade não é totalmente inesperada, dada a sua proximidade do núcleo de necrópole dos Granjinhos, localizada a sul dos CTT (Bettencourt 1995:94 *apud* Martins *et al.*, 2009: 172).

Apesar de apenas ter sido detectada uma segura sepultura datada do Bronze Final, foram encontrados em diversos enchimentos de nivelamento fragmentos de outras peças atribuíveis ao mesmo período, constituindo-se tais achados como indícios de um uso mais intenso deste local como necrópole por parte das comunidades da Idade do Bronze (Martins *et al.*, 2009: 172).

A segunda fase, que pode ser corresponder ao período da transição da Era, encontra-se representada por um conjunto de diversas valas abertas no saibro, ou nos depósitos primários, posteriormente divididas em três grupos, muito embora a sua funcionalidade se mantenha problemática.

O primeiro integra duas extensas valas paralelas, com uma orientação E/O, direcção idêntica à da Via XVII, sugerindo a existência de “um corredor de circulação”, que pode ter

funcionado como um “caminho” prévio à estruturação daquele eixo viário, usado pelas populações indígenas (Martins *et al.*, 2009: 174).

O segundo grupo integra um conjunto de valados, que parecem delimitar dois espaços distintos, eventualmente dois “recintos”, localizados a norte e a sul do “corredor de circulação” anteriormente referido. O último grupo é composto por uma longa estrutura negativa (Área 1), que muda de direcção e que se sobrepõe a um dos “recintos” mencionados (Martins *et al.*, 2009: 174).

A fase de ocupação seguinte está balizada cronologicamente entre a transição da Era e 1ª metade do século I.

É neste período que assistimos à implantação das primeiras preparações de uso da Via XVII, ainda que as mesmas denunciem uma tecnologia simples, constatando-se a presença do *statumen* e do *rudus*, este último sobreposto por um provável nível de circulação. Todas estas preparações encontravam-se abauladas, para facilitar a drenagem das águas acumuladas no eixo de rodagem (Martins *et al.*, 2009: 175/176).

A construção do eixo viário veio a constituir-se como factor determinante para a fixação da necrópole romana, sendo possível atestar a existência de várias sepulturas datadas deste período. São genericamente sepulturas em cova, em forma de U alargado, onde foram depositadas urnas, em cerâmica comum, recobertas de forma recorrente por um elemento pétreo de forma e talhe irregulares.

Entre as sepulturas incluídas nesta fase destaca-se a identificada como SEP.II (INC129), por corresponder a “um enterramento implantado no saibro, cujos restos da cremação devem ter sido colocados numa caixa de madeira, da qual se identificaram as ferragens, juntamente com um rico conjunto votivo” (Martins *et al.*, 2009: 176).

Integradas neste período de utilização encontram-se ainda as sepulturas CXXX, CLXII, CLXXIV, CLXXXIII, CLXXXIV, CLXXXV, CLXXXVI, CLXXXVII, CLXXXVIII, CXC, CXCIX e CXLV (INC066, 073, 075, 086, 087, 088, 089, 090, 092, 098 e U030), todas elas identificadas em diversas sondagens a norte da Via XVII, cujas amostras de carvão submetidas a análises de radiocarbono apontam para o período acima referido (Martins *et al.*, 2009: 177).

Deste conjunto, merece referência a SEP.CXCIX (INC098), localizada a sul da via, que se constitui como uma estrutura em cova simples, em forma de U alongado, onde foi depositada uma urna em granito, de forma ovalada, cujo paralelo se veio a encontrar na cidade de Uxama.

Do seu interior, foram exumados dois unguentários e uma moeda que permitiram datar o enterramento entre 5 e 3 a.C. (Martins *et al.*, 2009: 42 e 178).

A quarta fase caracteriza um período onde se opera a primeira repavimentação da via, realizada em meados do século I, a par do reconhecimento dos primeiros vestígios de estruturas funerárias, o que evidencia a preocupação com a monumentalização do espaço, bem como o incremento do número de enterramentos em cova (Martins *et al.*, 2009: 179).

Tanto a norte como a sul da via (Sondagem 17 e Área 1), foram identificadas as ruínas de duas estruturas funerárias bastante destruídas, reconhecidas pelos seus alicerces e sapatas. No interior destas estruturas foram ainda individualizadas algumas sepulturas que, pela correlação estratigráfica, são coetâneas dos espaços referidos, sendo de destacar a SEP.XX e a SEP.CLVI (INCs009 e 072). Na primeira sepultura foi recolhido um rico espólio votivo, formado por unguentários e por uma taça de vidro completa, datáveis de Augusto / Trajano. Já na segunda foi exumado um potinho em cerâmica bracarense. Os carvões analisados por radiocarbono forneceram uma datação de “Cal BC 190 a Cal AD 60” (Martins *et al.*, 2009: 181).

A quinta fase 5, datada da 2ª metade do século I, assinala a construção de uma outra estrutura funerária, que se distingue das demais devido ao ser carácter único e raro.

Trata-se de um amplo espaço circunscrito por quatro muros, que delimitam uma área onde se dispõem de forma quase simétrica, um conjunto de “caixas/tanques”, todos eles revestidos no seu interior por *opus signinum*. A sua funcionalidade ainda permanece por apurar, devido à inexistência de paralelos no mundo romano (Martins *et al.*, 2009: 182). Porém, não se exclui a possibilidade de tal edifício ter servido para a realização de rituais funerários romanos, podendo tal construção constituir-se igualmente como o equivalente a um mausoléu, cuja estruturação se adivinha bastante complexa, uma vez que foram também reconhecidos na Área 1 e na Sondagem 15A, outros muros com o mesmo tipo de revestimento (Martins *et al.*, 2009: 182/183).

Assim, a preocupação com a monumentalização do espaço parece manter-se, continuando a ser erigidos recintos funerários, como o identificado na Sondagem 12, o qual se encontra associado a diversas sepulturas contemporâneas da sua utilização (XXXIV, XXXV, XXXVI, LI e LII, INCs018, 019, 026 e 027). Por outro lado, datada do último quartel do século I, temos a SEP.CXCVII (INC097), que parece marcar a desafecção daquele recinto (Martins *et al.*, 2009: 184).

A par destas construções, aumenta o número de sepulturas implantadas a norte da Via XVII, verificando-se a continuidade tipológica dos enterramentos em questão, sendo as urnas em cerâmica, recobertas por blocos pétreos sem afeiçoamento, posteriormente colocadas no interior de covas pouco profundas (Martins *et al.*, 2009: 184).

É ainda a norte da via que vemos ser erigidos os primeiros monumentos epigráficos, descobertos *in situ*. Entre eles assinala-se a estela referenciada pela UE2773 (Ach.0489), que exhibe a sucessão de uma família de origem indígena, constituindo-se como uma peça única que demonstra que a assimilação do hábito romano de perpetuar e homenagear a memória dos familiares desaparecidos, tornando visível e conhecido o nome de família (Martins *et al.*, 2009: 185).

Ladeando este elemento, foi também descoberto um plinto assente num poderoso alicerce de pedra (UEs2928=2929), cujas dimensões e características arquitectónicas, sugerem que terá sustentado um altar ou um outro monumento funerário, saqueado.

A sexta fase está associada a uma nova repavimentação da via romana, e à continuidade do processo de monumentalização e apropriação dos espaços da necrópole, podendo ser balizada genericamente no século II (Martins *et al.*, 2009: 186). Com a nova pavimentação opera-se uma nova subida da cota da via (180,50m), apesar de não se recuperar qualquer vestígio de calçada, tendo sido introduzido um sistema de drenagem, constituído por dois drenos transversais à via que permitiam escoar as águas represadas na parte norte da mesma (Martins *et al.*, 2009: 187).

O complexo edifício funerário construído na fase anterior foi remodelado, tendo sido ampliado para sul, dando lugar à construção de um novo conjunto de caixas/tanques, cuja qualidade construtiva é notoriamente superior.

Verifica-se nesta fase o aumento do número de enterramentos a sul da via, destacando-se a concentração de sepulturas detectadas na Área 1 (V, XI, XII, XIII, XIV, XV, XVI, XVII, XVIII, XIX e XXI, correspondentes às INCs001 a 006, U001, INC007, 008 e 010). Nesta área, e com excepção da SEP.XXI, cuja urna era em vidro, continua a detectar-se uma grande uniformidade tipológica de sepulturas, que integram todas urnas em cerâmica comum grosseira.

A sul da via detectaram-se os primeiros indícios de estruturas associadas especificamente ao ritual de cremação, *ustrinae*. Uns surgem sob a forma de estruturas, construídas com recurso a material laterício (Área 1), enquanto outros apresentam-se como simples fossas, abertas no solo, de forma sub-retangular, sendo reconhecidas pelas manchas

alaranjadas, formadas pelas altas temperaturas necessárias à cremação dos corpos (Sondagem15).

Na zona a norte da via, foram detectadas duas novas estelas funerárias (UEs2777 e 2778) associadas a esta fase. Uma delas, de elevada qualidade, evidencia um excelente apuro técnico, homenageando desta vez, um soldado da *Legio VII Gemina*, cujo nome se desconhece, mas que terá servido a “centúria de Illus Favonius, num período anterior ao ano de 197, uma vez que a legião é ainda apenas referida como Félix” (Martins *et al.*, 2009: 189). Do segundo monumento, alinhado com o anterior, apenas se reconhece a expressão H.S.S., devido ao seu estado de fragmentação.

A sétima fase, datável entre os finais do século II e a 1ª metade do século III, é marcada por nova reparação e conseqüente subida de cota do nível de circulação da via, deslocando-a simultaneamente em cerca de 2m para norte (Martins *et al.*, 2009: 190). Este desvio está intimamente relacionado com a remodelação verificada noutras estruturas de apoio à via. Concretamente, foi detectada uma remodelação operada no muro que delimitava a via a sul, agora alteado, sendo também reforçada a sua sapata (UEs1377,1379 e 1636).

No que concerne às sepulturas, é notória a escassez de estruturas atribuíveis a esta fase de utilização, com a excepção da SEP.XXXVII (INC128, Sondagem 14), cuja amostra de carvões “recolhida na UE.2102, (...) forneceu uma datação calibrada a dois sigmas entre Cal BC 30 e Cal AD 220, facto que permite aceitar como válida uma data dos inícios dos século III” (Martins *et al.*, 2009: 190).

A oitava fase corresponde cronologicamente a um período compreendido entre a 2ª metade do século III e os inícios do século IV, durante o qual se opera uma nova repavimentação da Via XVII. Merece natural destaque o facto de na preparação do novo piso ter sido encontrada amortizada a parte superior de uma estela funerária, fragmentada, provavelmente oriunda do lado norte da via, onde se identificaram os socos enterrados de várias estelas que foram intencionalmente partidas, para permitir avançar do pavimento da via para norte (Martins *et al.*, 2009: 191).

Relativamente às sepulturas, permanece a tendência verificada na fase anterior, diminuindo o número de estruturas funerárias, fenómeno que acompanha a “desactivação total de todos os recintos funerários” (Martins *et al.*, 2009: 191). Tal circunstância poderá indicar que as sepulturas do século III terão sido implantadas num outro sector da necrópole, facto que parece parcialmente corroborado pela identificação de estruturas funerárias com essa cronologia

um pouco mais a nascente, na área do Túnel da Av. da Liberdade. Uma hipótese alternativa poderá relacionar-se com uma eventual retracção da população urbana neste período (Martins *et al.*, 2009: 191/192).

A esta fase estão associadas a SEP.CXCV e a SEP.CXIV (INU020 e CV05) ambas de cremação e identificadas a sul da via. A primeira corresponde a uma caixa de tijolo muito destruída, e que poderá ter-se constituído como um *ustrinum*, dada a concentração de carvões a ele associado (UE1405), que possibilitaram a datação de Cal AD 80 e Cal AD 340. A segunda permitiu a recuperação de quatro pequenas lucernas de canal aberto, atípicas, datadas dos finais do século III e inícios do IV.

O edifício constituído por caixas/tanques deverá ter sido abandonado nesta fase, tendo em conta que uma outra estrutura, possivelmente com tanques, terá igualmente sido inutilizada nesta fase implantando-se sobre ela a SEP.CXCV (INU020), uma provável caixa de tijolo (Martins *et al.*, 2009: 192).

A nona fase datará já de pleno século IV, verificando-se então uma nova repavimentação da Via XVII e a instalação de uma oficina de vidro a sul da via, que recobriu parcialmente a anterior estrutura funerária.

Os materiais das valas de fundação parecem sugerir que esta área artesanal terá sido implantada no 1º quartel do século IV. O edifício possui uma planta rectangular e deveria ser compartimentado internamente, integrando na zona sudoeste um forno de fundição de vidro, cuja tipologia colhe paralelos em exemplares semelhantes de cronologia mais antiga (Cruz, 2009: 26).

O século IV assinala uma alteração no que respeita ao tipo de ritual funerário vigente. Se na fase anterior, ainda registamos a presença de estruturas funerárias associadas ao ritual de cremação, neste momento não se reconhecem vestígios dessas práticas, evidenciando-se inumações em caixas compostas por tijolos, identificadas em diversas áreas de escavação (Martins *et al.*, 2009: 194).

As sepulturas de inumação melhor conservadas (LXIII e XLIX, INUs008 e 011) surgiram na Sondagem 13, no interior de um recinto de planta rectangular, que lhes é posterior. A primeira possui a particularidade de ser formada por duas caixas rectangulares sobrepostas, construídas em alvenaria de tijolos, possuindo uma orientação N/S. Já a segunda corresponde a uma caixa de planta trapezoidal, orientada N/NO-S/SE, igualmente construída em alvenaria de tijolos, devendo ter possuído um telhado de duas águas.

A maior parte das sepulturas de inumação (VII, XXXII, L, LVIII, LXXVI, XCIV, CI, CVIII, CXXXII, CLII e CLX, equivalentes às INU005, 007, CV02, INU010, CV04, INUs013 e 012) localizam-se a norte da via e constituem-se como caixas feitas com tijolos.

Entre as inumações referenciadas cabe destacar a SEP.VIII (INU006), implantada numa cova com secção em U alongado, onde se reconheceram os membros inferiores de um indivíduo, cuja diagnose sexual foi impossível de apurar (Martins *et al.*, 2009: 194).

Nesta fase foi construído um muro (UEs2520, 2824, 4092), com orientação N/S, composto por pedra granítica de forma e talhe irregulares, incorporando ainda elementos epigráficos já fragmentados que deve ter funcionado como um muro de contenção de terras, uma vez que os níveis da necrópole situados a poente se encontram a uma cota mais elevada, que os da parte nascente. No entanto, esta estrutura parece definir claramente duas áreas distintas do ponto de vista da qualidade das sepulturas, situando-se as mais elaboradas a nascente do muro (Martins *et al.*, 2009: 194).

A fase 10, datada entre os séculos V e VI, assinala uma nova reforma operada no pavimento da via, continuando a verificar-se o seu alargamento para norte. Também a oficina de vidro é remodelada, parecendo operar-se uma alteração na sua organização interna, que conhece uma maior compartimentação, datando desta fase a construção de uma segunda estrutura de fundição que desactiva o anterior forno (Martins *et al.*, 2009: 196).

No que concerne ao espaço de necrópole, não se registam sepulturas deste período a sul da via, identificando-se apenas dois túmulos no limite norte do quarteirão (Sondagem13), cuja qualidade construtiva os diferencia dos demais.

A SEP.LVII (INU009) corresponde a um túmulo em caixa, de planta rectangular, orientado OSO/ENE, construído em cantaria granítica, de grande qualidade, possuindo uma cobertura de lajes de granito monolíticas, com as juntas seladas com argamassa, tipo “*opus signinum*”. O interior do túmulo abriga um caixão de chumbo, de forma rectangular. As suas características permitem atribuí-lo aos séculos V/VI (Martins *et al.*, 2009: 197). Já a SEP.LXXXV (INU022), coeva da anterior, apresenta-se a uma cota inferior, tendo apenas sido identificada pelos blocos graníticos que constituem a sua cobertura (Martins *et al.*, 2009: 197). Nenhuma das duas foi ainda escavada, aguardando-se a finalização da obra para se proceder ao seu estudo.

No canto NO da área de escavação, identificaram-se também outras caixas de inumação, formadas por combinações de tijolos, tégulas e imbrices. Entre elas, destacam-se as

SEPs.I, III, IV e VI (INUs001, 002, 003 e 004, respectivamente), todas elas com uma orientação E/O, exibindo algumas de restos de ossadas humanas e esqueletos, genericamente em muito mau estado de conservação.

A dualidade construtiva patente nas estruturas funerárias acima descritas, parece ser reveladora da tentativa de diferenciar dois sectores da necrópole no período tardo antigo, constituindo-se o muro, descrito na anterior fase (UES2520, 2824 e 4092), como um elemento de separação entre as sepulturas associadas aos sectores da população mais abastados “que se faziam sepultar em ricos túmulos e caixões importados de outras regiões” e outros económica e socialmente mais desfavorecidos (Martins *et al.*, 2009: 198).

A fase 11, datável entre os séculos VI e VII não testemunha a existência de sepulturas ou de qualquer outro vestígio de monumentos funerários, neste sector da necrópole, sendo admissível que as tumulações se tenham deslocado para nascente, implantando-se na área designada por Cangosta da Palha. De facto, esta área, escavada em 1987, revelou a existência de “sepulturas de inumação em caixa de tijoleira, bem como enterramentos em simples cova, que não forneceram qualquer espólio” (Martins e Delgado, 1989-90).

Este sector da necrópole parece ter-se transformado, nesta fase, num amplo terreno agrícola, acessível pela Via XVII, que parece manter-se em funcionamento, registando-se a construção de um novo piso.

As fases de ocupação seguintes, entre o século IX e a Época Contemporânea, não assinalam qualquer tipo de estrutura funerária.

## 2.2. A Zona da Interligação com o Túnel da Av. da Liberdade (ITAVL) (2009)

Esta zona corresponde à área onde estava prevista a construção das vias de acesso do Túnel da Av. da Liberdade ao parque de estacionamento do imóvel a ser construído no antigo quarteirão dos CTT (Fontes *et al.*, 2009: 4).

A área intervencionada correspondeu a cerca de 400m<sup>2</sup> e a sua escavação contou com uma equipa composta por dois arqueólogos, um técnico de arqueologia, uma antropóloga, e operários da construção civil (Fontes *et al.*, 2009: 4).

Devido ao facto de se conhecerem as cotas a que se situavam os níveis mais tardios da necrópole, devido à escavação realizada no terreno limítrofe do quarteirão dos CTT, procedeu-se

aqui à decapagem mecânica dos sedimentos de cronologia mais recente, contando sempre estas operações com o devido acompanhamento arqueológico.

As escavações desta zona, que se prolongaram por dois meses, permitiram reconhecer um total de 22 sepulturas, bem como evidências de monumentos funerários do tipo mausoléus e alguns fragmentos de estelas funerárias.

Os dados recuperados nesta intervenção permitiram a identificação de 18 fases de ocupação, balizadas entre a 2<sup>a</sup> metade do século I e a Idade Contemporânea (Fontes *et al.*, 2009: 37).

A fase de ocupação mais antiga está assinalada por um nível endurecido, sob o qual se recolheram fragmentos de cerâmica indígena, característica do século I a.C. e cuja produção se prolonga, pelo menos, até meados do século I.

No período de transição da Era (fase 2) surge um piso térreo que se encontrava articulado com um conjunto de valas abertas sobre o solo natural, apresentando duas orientações divergentes, umas E/O e outras NO/SE. As suas secções são também distintas, sendo umas trapezoidais e outras em forma de U alargado, muito embora se encontrem igualmente preenchidas com sedimentos que resultam do assoreamento das mesmas, fruto do transporte da água (Fontes *et al.*, 2009: 38/39).

Nesta fase não foram identificadas sepulturas, nem qualquer outro tipo de monumento funerário.

A fase de ocupação seguinte corresponde ao período situado entre a transição da Era e a primeira metade do século I, tendo correspondência na fase 3 da sequência de ocupação da área do quarteirão dos CTT.

É a partir deste momento, que assistimos à implantação das primeiras preparações da Via XVII, que apresentam as mesmas características assinaladas nas escavações do quarteirão do CTT, revelando-se ligeiramente abauladas. Data igualmente deste período o aparecimento das primeiras sepulturas (SEPs II, V, XVIII, XXI e XXII, correspondentes às INCs109, 112, 121 e 123), cujas urnas cerâmicas foram depositadas no interior de fossas, encontrando-se recobertas com terras dispostas em calote semiesférica, desenhando uma espécie de *tumulus* (Fontes *et al.*, 2009: 42).

A fase seguinte (fase 4) integra já os vestígios de ocupação correspondentes aos meados do século I, caracterizando-se pela intensificação do número de enterramentos, e pela monumentalização deste sector da necrópole.

Dos três enterramentos associados a esta fase, destaca-se a SEP.XIX, que não se implantou numa cova semicircular, mas antes rectangular, preenchida por um enchimento composto essencialmente por carvões (Fontes *et al.*, 2009: 43).

A quinta fase, correspondente à segunda metade do século I, assinala um momento de crescimento da necrópole, à semelhança do que já havia sido observado na vizinha área do quarteirão dos CTT.

Mantém-se a tendência para a monumentalização, integrando-se nesta fase a construção de um mausoléu, construído sobre as sepulturas mais antigas. Implantado na parte norte da via, apresenta paredes de alvenaria granítica bem aparelhada, possuindo uma planta quadrada com 3m de lado (Fontes *et al.*, 2009: 44). Associadas à utilização deste monumento, foram identificadas duas sepulturas, a III e a IV, coevas das SEPs.VIII, IX, X e XI da Sondagem 1 e Sondagem 3 (INCs110, 111, 114 a 117), que correspondem a sepulturas em cova simples, onde foi colocada uma urna cerâmica (Fontes *et al.*, 2009: 44).

Foi também nesta zona que se identificaram algumas pavimentações em terra batida (UEs187, 200, 201 e 222), que parecem estruturar um outro eixo viário, com orientação SE/NO (oposto à Via XVII), configurando-se como um possível *diverticula*, que provavelmente permitia o acesso a outros sectores da necrópole, ou a um outro itinerário viário principal (Fontes *et al.*, 2009: 45).

Os finais do século I e os meados do século II definem a fase de ocupação seguinte (fase 6), marcada pela pelo contínuo uso deste espaço de necrópole. A par da colocação de um novo piso na Via XVII, verifica-se a expansão da mesma em cerca de 0,50m para norte.

Nesta fase é construído um outro mausoléu, cujas paredes apresentam um aparelho compostos por blocos graníticos, de forma sub-triangular, definindo uma estrutura de planta rectangular, com 3 m x 3,5 m, com eixo maior E/O, tal como o construído na fase anterior, foi implantado na margem norte da via.

O processo de monumentalização deste sector da necrópole é também marcado pela colocação de duas estelas (UEs 025 e 168), descobertas *in situ*, e viradas de frente para a via, não tendo sido possível recuperar os seus campos epigráficos por terem sido intencionalmente partidas (Fontes *et al.*, 2009: 46/47).

Contemporâneas do uso do novo mausoléu, foram detectadas duas sepulturas (VII e XV), em cova simples, tendo as urnas sido recobertas por uma espessa camada de carvões, cinzas e esquirolas de ossos (Fontes *et al.*, 2009: 46).

Foi ainda identificada a SEP.XVII (U038), que possui uma tipologia semelhante às descritas, estando, todavia localizada numa área pouco ou nada monumentalizada, eventualmente reservada a indivíduos de baixo estatuto social, hipoteticamente vinculados por qualquer tipo de relação pessoal a indivíduos mais abastados sepultados na área oposta (Fontes *et al.*, 2009: 47).

A fase seguinte, balizada entre os finais do século II e os inícios do século III, corresponde à fase 7, sendo marcada na área escavada por uma total ausência de estruturas funerárias, registando-se apenas alguns aterros que nivelam a área a norte da via, espaço anteriormente ocupado por sepulturas.

A fase 8, correspondente ao século III e aos inícios do século IV, regista uma nova repavimentação da via e novas evidências de uso deste sector da necrópole, testemunhado por quatro sepulturas (XII, XIV, XV e XIII, equivalentes às INCs118 a 120 e U055) associadas ao ritual de cremação (Fontes *et al.*, 2009: 49).

A fase 9 assinala a utilização deste espaço funerário durante o século IV, marcada pela construção de um novo nível de circulação endurecido, que deverá corresponder ao *diverticula*, com orientação SE/NO, detectado na Sondagem 5. Este caminho constitui uma evidência da progressiva desafecção deste espaço como área necrópole, também registada na intervenção arqueológica do quarteirão dos CTT.

As fases seguintes datadas dos séculos V e VI (fase 10) e dos séculos VI e VII (fase 11), registam novas repavimentações da Via XVII, não se associando a qualquer tipo de vestígio de estrutura funerária.

### 2.3 A Zona de impacto do novo Túnel da Av. da Liberdade (TAVL) (2008/09)

A intervenção arqueológica realizada na Avenida da Liberdade, que recebeu o acrónimo de TAVL, incidiu sobre um extenso corredor, integrando cerca de 1700m<sup>2</sup> correspondentes à área de incidência do novo túnel da referida avenida, promovido pela Câmara Municipal de Braga, posteriormente adjudicado à empresa BRITALAR, S.A., que contratou a UAUM para a execução dos necessários trabalhos arqueológicos (Fontes *et al.*, 2010: 5).

Estes trabalhos de emergência foram assegurados por uma equipa composta por seis arqueólogos, três assistentes de arqueólogo, uma antropóloga, durante um período de nove meses (Fontes *et al.*, 2010: 5).

Conhecendo-se já os achados identificados no Quarteirão dos CTT, espaço quase contíguo, era expectável a descoberta de estruturas similares nesta zona arqueológica, identificada pelo acrónimo TAVL.

Os primeiros vestígios de utilização do espaço (fase 1) correspondem à 2.<sup>a</sup> metade do século I a.C., caracterizando-se por uma superfície endurecida, que formaliza um piso em terra batida, sobreposto por valas datáveis da fase seguinte (Fontes *et al.*, 2010: 109).

A fase seguinte (fase 2), integra um conjunto de quatro valas, com secção em U, com profundidades que oscilam entre os 0,30m e os 0,90m, na sua grande maioria com orientações variáveis O/E e NE/SO.

A funcionalidade das estruturas é diferenciada, tal como acontecia com as detectadas no quarteirão dos CTT e na zona referenciada como ITAVL. O primeiro grupo integra as valas de uma provável demarcação de um caminho anterior à designada Via XVII, o segundo conjunto será delimitador de um ramal do primeiro grupo e as valas dos dois últimos grupos correspondem provavelmente a fossas de implantação de estruturas, construídas com materiais perecíveis, cuja função não foi objectivamente apurada (Fontes *et al.*, 2010: 111/112). Todas as valas encontravam-se preenchidas por sedimentos característicos da deposição e transporte de águas, compostos pela alternância de sedimentos limosos, com areias de diferentes calibres. Foram igualmente identificadas outras valas, que parecem corresponder ao desmonte de afloramentos graníticos para a regularização do terreno (Fontes *et al.*, 2010: 112).

Com a fase seguinte (Fase 3), foram associadas estruturas que podem ser datadas entre a transição da Era e a primeira metade do século I, caracterizando-se esta fase pela implantação da chamada Via XVII e pela fixação deste sector da necrópole.

A via romana surge implantada segundo o sistema de construção clássico, com o estabelecimento de uma primeira preparação de calhaus e pedras (*statumen*), disposto na bordadura sul, talvez para vencer o declive natural da pendente, estruturando desta forma as preparações superiores e um *rudus*, constituído por níveis de areão granítico, muito homogéneos e compactados, alternados com depósitos de sedimentos areno-limosos. O nível de circulação encontrava-se definido pela parte superior da UE1200, não tendo sido detectados quaisquer

vestígios de calçada (Fontes *et al.*, 2010: 114). Ligeiramente abaulada, possuía, no lado norte o respectivo *vallum*, cuja vala se encontrava assoreada.

É nesta fase que vemos surgirem as primeiras estruturas funerárias associadas à necrópole, referenciadas a norte da via, referenciadas pelas sepulturas XI, XIII, XV XVI, XVII, XXVI (U067, 068, 070, 071, 072 e INC126).

De forma a afinar a cronologia da necrópole, foi realizada uma análise de C14 aos carvões recolhidos na SEP.XIII (U068), o que permitiu obter a data de Cal AD 50, perfeitamente integrável no período em questão (Fontes *et al.*, 2010: 115).

As estruturas funerárias constituem, na sua grande maioria, deposições primárias, com a excepção da SEP.XXVI (INC126), que se reporta a uma incineração com urna.

A fase seguinte (fase 4) corresponde aos meados do século I, assinalando uma repavimentação operada no eixo viário, associada a novos enchimentos (*rudus*), sobre os quais se aplicou uma extensa camada de saibro muito compactada, elevando-se a cota de circulação para os 180,75m.

Neste período assinala-se apenas a presença de duas sepulturas (VIII e XIV, U065 e U069), interpretadas como *ustrina*.

Passíveis de serem integrados nesta fase são os muros UEs1687 e 1688, que correspondem aos limites norte e sul de um complexo recinto funerário, contíguo ao identificado no quarteirão dos CTT, constituído por caixas/tanques (Fontes *et al.*, 2010: 117). Também um muro, orientado NO/SE, composto por pedra granítica de forma e talhe irregular, que pode constitui uma das divisórias do espaço de necrópole poderá ser datar desta fase. Contudo, admite-se a hipótese de tal estrutura estar associada a um possível *diverticula*, interligando as vias XVII e XVIII do Itinerário Antonino (Fontes *et al.*, 2010: 117).

A fase 5 corresponde cronologicamente à 2ª metade do século I. Nesta fase a via romana, sofre nova elevação (180,90m), apesar de manter grande coerência construtiva quando a comparamos com a repavimentação anterior, assinalando-se a existência de uma vala lateral para drenagem da água acumulada (Fontes *et al.*, 2010: 118).

Esta fase assinala também a construção de um mausoléu, de planta quadrada, com 3m de lado, implantado sobre um poderoso alicerce, com cerca de 1m de profundidade, em alvenaria irregular composto por blocos pétreos afeiçoados (Fontes *et al.*, 2010: 119). Não foram detectadas sepulturas coetâneas da sua utilização, todavia, é de salientar que parte do mausoléu se encontrava saqueado por construções posteriores (Fontes *et al.*, 2010: 119).

Foram ainda identificadas duas estruturas de incineração, com espólio votivo, designadamente uma lucerna (SEP.IX, U066), datada entre o reinado de Cláudio e os inícios do século II.

A cerca de 130m para sul da via, foi identificada parte de um edifício cuja funcionalidade poderá ser religiosa ou votiva. Os seus muros (UEs0823, 0824, 0465, 0477, 0692 e 0697), com 0,50m de largura, orientados S/N, apresentavam um aparelho do tipo *opus vittatum*, característico do período alto-imperial. O referido edifício poderia estar associado à Via *Bracara-Emerita*, uma vez que se localiza nas imediações do hipotético traçado que é sugerido para esta via (Fontes *et al.*, 2010: 120/121).

A localização de tal estrutura permite questionar o modelo de desenvolvimento dos subúrbios da cidade romana, tanto do ponto de vista do urbanismo como da organização funcional dos espaços, em articulação com o traçado das vias que saíam da cidade para nascente e sul (Fontes *et al.*, 2010: 121).

A fase 6, que corresponde aos finais do século I e o século II, corresponde a uma nova reestruturação da Via XVII, que implicou a desafecção do mausoléu construído anteriormente, bem como a destruição de outras estruturas funerárias, designadamente a SEP.XXVI (Fontes *et al.*, 2010: 122).

Esta reforma do eixo viário, coincidiu com a implantação de um rasgo transversal, de secção em U, com 2.30m de largura por 0,70m de profundidade, orientado NE/SO, integrando o enchimento “pequenas pedras e material de construção fragmentado, envolvidos em areias, (...) concretiza uma superfície horizontal, muito compactada, que sugere ter sido criada para vazar uma grande quantidade de água num momento pontual”, sobreposta por novos enchimentos de matriz arenosa (Fontes *et al.*, 2010: 122/123).

Assim, parece que se implanta nesta zona um sistema de drenagem, acompanhado pela colocação de uma canalização na Sondagem16, que permitia o escoamento das águas para sul (Fontes *et al.*, 2010: 123).

No que respeita à necrópole, é nesta fase que se verifica o incremento do número de enterramentos (SEPs. I, II, III, V, VI, VII, XVIII, XIX, XX, XXI, XXII, XXIII, XXIV, XXXV, XXVIII, XXIX, XXX, XXXI, LVI, LX, LXI e LXIV), datados através do espólio votivo e pela análise de carvões submetidos a testes radiométricos, designadamente da SEP.XVII, cuja curva de intersecção aponta para 140 d.C. (calibração 1 Sigma Cal AD 120 – 230; calibração 2 Sigma Cal AD 70 – 250) (Fontes *et al.*, 2010: 123/124).

Atribuíveis à fase final deste período de utilização, observa-se a implantação das sepulturas XLV, XLVI, XLVII, LV, LVIII, LIX e LX, cujas cronologias foram obtidas pela análise dos materiais exumados dos níveis estratigráficos correlacionados (Fontes *et al.*, 2010: 124).

Deverá corresponder a esta fase a remodelação operada do edifício de funcionalidade desconhecida, construído na fase anterior, que se concretiza pelo acrescento de uma nova parede em relação à estrutura original no sentido E/O, e cuja vala de fundação sobrepõe a anterior (Fontes *et al.*, 2010: 124).

A fase 7, situada entre os finais do século II e os inícios do século III, é marcada por uma quarta reestruturação da Via XVII, verificando-se uma nova subida de cota e deslocação do eixo viário em cerca de 2m para norte, tal como já havia sido documentado na intervenção do quarteirão dos CTT (Fontes *et al.*, 2010: 124).

A esta fase são associadas as sepulturas XXXVIII, XXXIX, XL, XLI, XLII, XLIII, XLIV, XLIX, L; LI, LII, LIV, LVII, LXIII e LXVI, que correspondem, na sua grande maioria, a *ustrina*, cujas datações, foram obtidas pela análise dos materiais que integram os aterros relacionados, uma vez que forneceram um escasso espólio votivo (Fontes *et al.*, 2010: 125/126). Destacamos, todavia, um copo de copa alta em vidro, que pode ser datado entre o século II e o III, exumado do enchimento da SEP.LXVI, do qual foi extraído material para a realização de uma análise de radiocarbono. A data calibrada situa a mostra entre 140 e 420 d.C. (Fontes *et al.*, 2010: 126).

A fase seguinte (fase 8) corresponde ao período compreendido entre finais do século III e os inícios do século IV.

Este período é marcado pela rarefacção dos enterramentos (SEPs. XXXII, XXXIII e XXXIV), que se localizam sobretudo no lado sul da via, tendo sido obtida uma data radiométrica de 250 d.C., para uma amostra recolhida na SEP.XXXIII.

Tais enterramentos surgem como os últimos testemunhos da utilização deste espaço, uma vez que o piso térreo (UE1616), cujos materiais remetem para um momento em torno dos finais do século III e os inícios do século IV, desafecta o amplo recinto funerário.

A fase 9, datável entre os séculos IV e V, estará associada a uma estrutura, revestida por um piso em *opus signinum* (UE.0924), ladeado por dois arranques de muro (UEs.0944 e 0929), implantada sobre dois embasamentos anteriores. Numa outra sondagem foi referenciada, também, uma construção coeva do funcionamento da oficina de vidro, identificada no quarteirão dos CTT (Fontes *et al.*, 2010: 128).

A esta fase poderão ser atribuídas as remodelações operadas no edifício que se situa a 130m para sul da via, associado à Via *Bracara-Emerita*, sendo de assinalar a demolição do compartimento nascente (UEs0801 = 0921), concretizando-se desta forma o grande muro SSO/NNE, com mais de 18m de extensão, que definiria a fachada nascente do edifício. Nesta terá sido rasgada uma porta lateral, tendo o edifício sido pavimentado com *opus signinum* (UEs0700 = 0756), com um remate tipo “rodapé” em torno dos muros, verificando-se, também, a colocação de um grupo de blocos graníticos anexos à fachada (Fontes *et al.*, 2010: 128/129).

Nesta fase apenas se regista a existência de dois enterramentos, relacionados com o ritual de inumação (Fontes *et al.*, 2010: 129).

Este período assinalará profundas alterações no tecido urbano da cidade de Braga, determinadas pela construção da muralha e pela progressiva deslocação do centro cívico, económico e político da cidade para o seu quadrante nordeste, fixado no local onde hoje se conserva a Sé Catedral de Braga. Este facto, terá determinado o desenvolvimento da chamada topografia cristã urbana, onde a Via XVII permanece como um elemento preponderante de ligação da cidade, com outros centros urbanos (Fontes, Lemos e Cruz 1997-98 *apud* Fontes *et al.*, 2010: 129).

Ao contrário do que se regista no quarteirão dos CTT, a fase 10 não assinalou a presença de qualquer tipo de estrutura funerária, podendo ser relacionada com alargamentos e repavimentações no *diverticula* já mencionado, deslocando o mesmo cerca de 2,5m para NE (Fontes *et al.*, 2010: 130).

No grande edifício de funcionalidade desconhecida, opera-se uma última remodelação, com encerramento de uma possível entrada (UEs0773, 0683 e 0684), ocorrendo o abandono do edifício durante o século VI, como parece demonstrado pelos materiais retirados dos aterros de demolição (Fontes *et al.*, 2010: 130).



## PARTE III

---

### O MUNDO FUNERÁRIO DO NOVO NÚCLEO DA NECRÓPOLE DA VIA XVII



## 1. A evolução dos rituais funerários (finais do século I a.C. – VI)

### *1.1 As precedências*

Neste novo núcleo de necrópole da Via XVII foram identificados os dois tipos de rituais funerários característicos do período romano, que se encontram igualmente testemunhados noutras necrópoles identificadas em Braga.

Foram reconhecidas estruturas de incineração e de inumação, estratigraficamente sobrepostas, o que permitiu estabelecer a diacronia de utilização do espaço funerário. No entanto, tudo leva a crer que o espaço onde se instalou a necrópole romana tenha sido ocupado, com o mesmo fim, por comunidades anteriores.

Com efeito, a sudoeste do núcleo da necrópole em estudo, na zona dos Granjinhos, foi identificada uma possível necrópole datada do Bronze Final, interpretação que resulta da descoberta de quatro contentores cerâmicos, cuja funcionalidade permite associá-los a um contexto sepulcral. Por sua vez, a descoberta de diversos vasos de perfil troncocónico, na área do quarteirão dos CTT, igualmente datados do Bronze Final, aliada à identificação na Sondagem 13 de uma sepultura *in situ*, datada do mesmo período, faz supor uma precoce utilização funerária deste espaço, registando-se, todavia, um hiato de enterramentos durante a Idade do Ferro. De facto, a reutilização do espaço para enterramentos situa-se entre a transição da Era e os inícios do século I, assumindo já as características típicas de uma necrópole romana.

Considerando que a cremação constituía a prática funerária comum das comunidades indígenas da região, pensamos que a introdução de certos aspectos rituais romanos terá sido

pacificamente assimilada, dadas as similitudes rituais existentes que terão facilitado a continuidade das práticas funerárias.

Neste contexto não deixa de ser interessante registar que a INC066 (SEP.CXXX), que constitui uma das sepulturas de cremação mais antigas da necrópole romana, parece documentar a relação entre o mundo indígena e o romano. De facto, a calote de carvões que se sobrepõe à urna, pode ser entendida como uma reminiscência das estruturas em *tumuli* ou das mamoadas da Idade do Bronze Final (Morris, 1992: 51). No entanto, praticamente no mesmo período (Augusto / Tibério) encontramos enterramentos diversos, como é aquele identificado na INC129 (SEP.II), cujo material votivo, inclui uma lucerna volutas, Loeschcke I A, de produção centro-italica e contas de faiança egípcia, foi depositado numa provável caixa de madeira.

## 1.2 O ritual da cremação

Se o início da prática do ritual de cremação romano neste sector da necrópole é fácil de precisar, tendo por base a mais antiga sepultura romana encontrada no local, datada, entre o ano 5 e 3 a.C., já o seu *terminus* é mais difícil de estabelecer. De facto, foram documentadas sepulturas de cremação ainda nos séculos IV e VI, apesar de a sua ocorrência ser diminuta, relativamente às práticas de inumação, que se tornam mais recorrentes a partir do século IV.

Com algumas excepções, o tipo de sepultura mais frequente corresponde a deposições secundárias e está representado por covas nas quais eram colocados contentores cerâmicos onde era depositado o material osteológico do defunto. Todavia, a existência destes ossários pressupõe a prévia realização da cremação, propriamente dita.

Este processo fúnebre, que implicava a redução dos corpos a cinzas, era realizado num espaço específico, onde era erigida uma pira funerária, ou *rogus*, constituindo-se como uma estrutura provisória, provavelmente de utilização única (Blazot *et al.*, 2009: 210).

A construção da pira exigia a utilização de uma quantidade razoável de madeira, facilmente inflamável, o que ajudaria ao desenvolvimento da combustão, que era lenta e demorada. Este processo moroso implicava uma constante vigilância, pelo que acreditamos que, também, na cidade de *Bracara Augusta*, existiriam “profissionais da morte”, que se encarregariam de manter activa a combustão do cadáver (Blazot, 2009: 157).

Os locais onde se realizava a combustão dos corpos eram zonas onde se encontram elementos metálicos em grande quantidade, facto que sugere a existência de caixões, padiolas, ou de outros elementos relacionados com a sustentação das diversas plataformas da pira (Blaizot *et al.*, 2009: 207).

Nos enchimentos associados a estas estruturas, foram recuperados materiais cerâmicos e vitreos, que para além de fragmentados, encontravam-se completamente calcinados, derretidos ou retorcidos pela acção do fogo, evidências reveladoras da prática da colocação de determinadas peças junto do morto (Bonnet, 2009: 158).

Paralelamente, surgem ainda nos enchimentos dos *ustrinae*, peças votivas, que deveriam estar relacionadas com a realização dos banquetes funerários, necessários para a execução do *funus romanum* (Garcia Prósper e Guérin, 2002: 208), depositados após a finalização do processo de cremação.

No entanto, convém salientar que, apesar de existirem dias específicos de comemoração e homenagem aos mortos, onde as características das cerimónias implicavam a preparação de refeições junto à sepultura, não nos foi possível recuperar qualquer tipo de indício fiável e seguro da concretização destas festas, enunciadas nas fontes como *Parentalia* (Hope, 2009: 100). Estes materiais, provavelmente colocados à superfície, seriam facilmente fragmentados ou removíveis dada a sua exposição a diversos agentes.

Cabe-nos agora tecer algumas considerações relativas ao material osteológico, e de que forma o mesmo nos indicia as recorrências ou desvios no que concerne às práticas funerárias realizadas neste sector da necrópole da Via XVII.

A análise antropológica realizada até ao momento incidiu sobre os restos ósseos recuperados dos enchimentos associados aos restos de cremação, bem como sobre aqueles que são provenientes da escavação das urnas funerárias.

O estudo encontra-se ainda numa fase inicial, tendo o material osteológico sido objecto de um estudo preliminar, que apenas nos permite tecer considerações de carácter geral.

A comparação das amostragens do material osteológico exumado permite assegurar que não existem enterramentos múltiplos, apenas se verificando a deposição de um único indivíduo cremado em cada urna, uma vez que não se registam repetições das peças ósseas, onde não se evidenciam “*incompatibilidades relativamente ao sexo, idade à morte ou condições patológicas*” (Martins *et al.*, 2009: 166), tendo ocorrido apenas cremações individuais.

O grau de conservação dos ossos é muito baixo, encontrando-se muito fragmentados, ou quebradiços, facto que aliado aos fenómenos inerentes ao processo de cremação (erosão, encolhimento e deformação) dificulta a determinação de um perfil biológico seguro, bem como a idade à morte, a diagnose sexual e a identificação de possíveis patologias (Martins *et al.*, 2009: 166). Os fenómenos que acabamos de enumerar, associados às alterações de coloração dos ossos, indicam ainda que os mesmos estiveram expostos ou sujeitos a elevadas temperaturas.

Apesar de se verificar uma tendência para uma determinada coloração, existem variações cromáticas dentro do mesmo conjunto osteológico, situação que pode ser explicada pela diferente “*proximidade dos ossos relativamente ao foco de calor, por diferentes recepções de oxigénio, ou ainda por diferentes investimentos por parte do “cremador”*”, o que nos permite afirmar que existiram diferentes processos de cremação, que resultaram em graus de combustão também eles distintos (Martins *et al.*, 2009: 165).

O estudo antropológico realizado até à data permite avançar ainda que não ocorreram práticas de descarnamento (Martins *et al.*, 2009: 165).

A escavação dos contentores cerâmicos, realizada em laboratório e cuidadosamente registada, permitiu constatar que não existe qualquer tipo de intencionalidade no que respeita à deposição do material ósseo no interior das urnas, correspondendo essa disposição a uma colocação aleatória, sem qualquer tipo de selecção preferencial dos ossos remanescentes da pira. Verifica-se, igualmente, que a quantidade de material osteológico recolhido no interior das urnas é bastante dispar (Martins *et al.*, 2009: 167). De facto, foram detectadas situações, em que as urnas foram completamente preenchidas com ossos calcinados, e outras em que o material ósseo apenas tapava o fundo do contentor funerário.

Apenas podemos especular sobre a intencionalidade de tal situação. De facto, ela tanto pode estar relacionada com o indivíduo que recolheria os ossos, como resultar do grau de fragmentação do material ósseo durante a combustão, que não permitiria uma recolha abundante, ocorrência designada, por David Gonçalves, de *pars pro toto* (2007: 112).

Não foram encontradas marcas de raízes nos ossos, mas alguns apresentam marcas de animais, facto que pode sugerir que desde a cremação até à deposição na urna, os ossos podem ter ficado algum tempo expostos (Martins *et al.*, 2009: 166). Esta situação induz-nos a pensar que os rituais funerários não se processavam de forma linear e que, até à colocação dos ossos no interior da urna podiam passar-se alguns dias, sendo nesse momento que se realizaria o banquete fúnebre.

Os ossos analisados demonstram que neste sector da necrópole foram cremados indivíduos adultos do sexo feminino e masculino, com idade superior a 30 anos, mas também indivíduos não adultos.

Na tradição romana, as crianças cujos dentes não tivessem nascido e os neo-natos, não deveriam ter um funeral onde se realizassem todos os ritos, o que sugere que não deveriam ser considerados como membros da comunidade, recorrendo-se nessa circunstância à inumação e não à cremação (Hope, 2007: 180).

Apesar desta prescrição foram encontrados neste sector da necrópole restos osteológicos calcinados, pertencentes a uma criança de tenra idade, muito embora a sua urna tenha sido encontrada descontextualizada e não tenha sido possível determinar a idade à morte. Apesar do carácter único da evidência referida, não deixa de ser interessante constatar que, ao contrário do que seria expectável, a criança foi cremada e não inumada, como acontece noutras necrópoles romanas, onde os não adultos aparecem sistematicamente inumados, sendo colocados muitas vezes em contentores anfóricos, como os identificados em Córdoba, que também não foram assinalados neste núcleo da necrópole (Vaquerizo Gil, 2002: 157). Todavia, convém salientar, que não estamos perante uma situação única, já que a cremação infantil está documentada em diversas necrópoles do Império Romano (Hope, 2009: 137).

Para a restituição dos funerais romanos, designadamente do banquete fúnebre, contamos ainda com a identificação dos restos ósseos de animais, retirados tanto dos enchimentos do interior como do exterior da urna.

Até ao momento só se detectaram restos ósseos queimados correspondentes a espécies ovíparas, denunciadores da introdução de alimentos sólidos durante o processo da cremação, apesar de não conseguirmos comprovar se se tratam de elementos colocados junto ao cadáver como sinal de respeito, ou se foram atiradas para a pira no decorrer ou após o banquete.

Continua a ser complexa a associação entre os *ustrina* e os *loculii*, uma vez, que não existem regras que determinem as distâncias entre as duas estruturas. Tão pouco a análise do material votivo ou osteológico permitiu inferir qualquer tipo de associação.

Algum do espólio usado nos rituais foi deposto, tal como as peças votivas, no interior das urnas cinerárias, constituindo-se como uma oferenda secundária ao defunto, podendo assumir-se que estes materiais terão sido objectos de uso pessoal do defunto.

Junto às estruturas funerárias relacionadas com o ritual de cremação, podia ser colocada uma estela, normalmente virada à via, marcando não só o local sepulcral, mas

permitindo, também, que o defunto, fosse repetidamente recordado, porque era desejável evitar que o mesmo fosse esquecido, uma vez que se tal ocorresse, passaria então a integrar uma “*massa extraña y desconocida para los romanos, los dii inferi*”, ou Manes (Remesal Rodríguez, 2002: 375).

A antroponímia perpetuada pelas inscrições funerárias recuperadas na escavação denuncia a existência de uma importante comunidade indígena que se fazia enterrar neste sector da necrópole e que teria assimilado e integrado alguns dos rituais funerários romanos, designadamente quanto ao hábito de serem recordados, num desejo de perpetuação da sua memória, mas também de demonstração da sua integração na nova organização social (Witteyer, 2008: 117).

Uma das melhores demonstrações desta situação é-nos fornecida pelo conteúdo do campo epigráfico da estela E02, onde se lê CATVRO/ CAMALI / MEDITIA / MEDAMI/ MEDAMVS/ CATVRONIS / CVLAECIEN (sis) / H (ic). S (iti). S (unt), cuja tradução evidencia a relação de parentesco existente entre vários indígenas de diferentes gerações que foram sepultados neste sector da necrópole e que se designam como *Culaeciensis* (?). A inscrição refere Caturo, filho de *Camalus* e pai de *Medamus*, *Medamus* filho de Caturo e *Meditia* filha de *Medamus* (Martins *et al.*, 2009: 185).

Paralelamente foram também detectadas estruturas funerárias de carácter monumental, datadas do Alto-Império, que denunciam a existência de grupos sociais importantes.

Entre elas cabe destacar três mausoléus, de modestas dimensões, que não ultrapassam os 10 pés romanos (Hope, 2009: 156). Segundo Álvaro Figueiredo, estes monumentos, não se constituem única e exclusivamente como locais de enterramento, transformando-se num símbolo do *status* e influência de uma dada família (2001: 97).

O início do processo de monumentalização deste sector da necrópole, é indiciador da necessidade de apropriação do espaço, pelo que vemos surgir outro tipo de estruturas de carácter ritual, cujas características singulares desconhecemos.

### 1.3. O ritual da inumação

As primeiras sepulturas de inumação surgem neste sector da necrópole apenas nos finais do século III, caracterizando-se por caixas ou covas onde seria colocado o defunto, despojado de qualquer tipo de mobiliário funerário, facto que dificulta a sua datação. Esta só foi possível de estabelecer através da correlação estratigráfica entre as diversas camadas, coadjuvada pela análise comparativa entre os diversos tipos de sepulturas.

Sabemos, contudo, que em 381, se encontram em prática os dois costumes funerários, a incineração e inumação, referidos no Código de Teodósio (Morris, 1992: 31).

As razões para a alteração do tipo de ritual funerário, em que a inumação passa a suplantar o número de incinerações, são variadas, dependendo de factores relacionados com as dinâmicas sociais de diferentes regiões, não se podendo justificar a mudança dos rituais funerários apenas com base em razões religiosas associadas à difusão do Cristianismo.

Diversos autores têm vindo a discutir as razões que justificam a substituição de rituais, entre os quais, Ian Morris, que chama a atenção para esta questão, afirmando que a resposta se encontra na análise dos textos antigos e alertando para a existência de factores geograficamente distintos, cujos ambientes políticos e socioeconómicos específicos, podem ser determinantes para clarificar esta questão (1992: 61). De facto, segundo o mesmo autor, as explicações para a difusão da inumação sustentadas por argumentos relacionados com a influência de novas religiões, com a difusão de novas filosofias, ou de “modas”, são manifestamente redutoras (1992: 61). Neste sentido, a difusão de novos rituais, bem como a sua cronologia, têm que ser avaliados em função de contextos regionais que podem variar.

A grande maioria das sepulturas de inumação presentes no sector estudado da necrópole da Via XVII encontrava-se implantada numa vala, que seria recoberta com sedimentos, como foi possível constatar pela estratigrafia, numa tentativa de camuflar a estrutura, precavendo qualquer tipo de profanação.

O maior número de sepulturas de inumação identificadas, correspondem a caixas com paredes e lastro forrados a material de construção reaproveitado, encontrando-se algumas excepções que empregam materiais mais dispendiosos, em excelente estado de conservação. No entanto, existem igualmente sepulturas que surgem sob a forma mais elementar conhecida, a cova simples sem qualquer tipo de cobertura ou revestimento.

Como já referimos, não se identificaram caixas que possibilitassem a inumação dupla, pelo que julgamos que apenas se praticou a inumação simples.

Os dois esqueletos que foram exumados, datáveis de um momento avançado, correspondente aos séculos V/VI, encontravam-se em decúbito dorsal, possibilitando as dimensões das caixas uma deposição não forçada, sendo provável que as mãos repousassem sobre a bacia. No entanto, nada indica que se possa generalizar este tipo de deposição para todas as sepulturas de inumação.

A decomposição dos defuntos deverá ter ocorrido em espaço fechado, uma vez, que os esqueletos se encontravam em conexão anatómica. Neste sentido, é possível considerar que após a colocação dos cadáveres, numa caixa estruturada ou numa cova o corpo devia ter sido tapado com terra.

As inumações neste núcleo de necrópole não forneceram qualquer espólio, com a excepção da INU014 (SEP.CIII), que forneceu uma grande quantidade de materiais cerâmicos, que terão sido aglomerados no interior da caixa por acções de limpeza ou saque.

A escassez de mobiliário funerário encontra-se aliás bem documentada em diversas necrópoles mais tardias, onde a inumação se torna o ritual funerário dominante, servindo muitas vezes essa característica como indicador das primeiras formas de enterramento cristão (Lobato, 1996: 17, Cunha, 2008: 78).

As sepulturas de inumação não possuíam qualquer tipo de elemento que servisse de referência locativa na necrópole, que “*assegurasse protecção à sepultura e repouso do defunto*” (Lobato, 1996: 11), ou que incluísse informações sobre a onomástica tardia, permitindo o conhecimento do tipo de suportes e caracteres ou programas decorativos (Cunha, 2008: 92).

As orientações das sepulturas são variadas, existindo algumas com orientação N/S e outras orientadas E/O, com pequenas variações e desvios. No entanto, não se verifica uma clara sobreposição de um alinhamento em relação a outro. Na verdade, as 14 sepulturas de inumação referenciadas para o século IV oferecem orientações divergentes, existindo um total de sete para cada direcção.

Esta característica havia sido já referida por Manuela Delgado e Manuela Martins, para necrópoles romanas escavadas em Braga, onde foram encontradas diversas sepulturas de inumação agrupadas, apresentando direcções diversas (1989/90: 178).

Todavia, notamos a alteração deste padrão nas inumações dos séculos V e VI, período durante o qual as sepulturas orientadas E/O suplantam aquelas que se encontram na orientação cardinal oposta, numa relação de cinco para duas sepulturas, respectivamente.

Se na maioria dos casos não foi possível detectar a presença de caixões, ou outros elementos de transporte, cabe-nos referir a descoberta de um caixão de chumbo no interior de um túmulo, datável entre os séculos V/VI. Dado o complexo sistema de construção da sepultura, supomos ter pertencido a um destacado personagem residente em *Bracara Augusta*, que deveria ser economicamente abastado, uma vez que o referido contentor, sem tampa, deverá ser proveniente de circuitos de importação.

Porém, dado que ainda não se procedeu à escavação da sepultura, apenas podemos especular sobre alguns aspectos associados à sua construção.

Tratando-se o chumbo de um material bastante denso e pesado, supomos que o transporte do defunto até ao local de enterramento terá sido efectivado através do recurso a outro contentor construído com materiais mais leves. Por outro lado, é possível que as exéquias fúnebres tenham sido realizadas num determinado local, sendo posteriormente o corpo trasladado para o interior do sarcófago, cujas características construtivas e decorativas desconhecemos.

Foram também detectadas estruturas, cuja função exacta desconhecemos, mas que presumimos estar associadas aos rituais funerários, uma vez que se encontram localizadas num espaço bastante próximo de sepulturas, em clara sobreposição às mesmas. Referimo-nos a um recinto que enquadra duas sepulturas, mas que é claramente posterior a sua selagem. Por outro lado, não foi identificado qualquer tipo de sepultura coetânea da utilização deste edifício, assinalando-se apenas a existência de uma caixa votiva (CV01, SEP.XLV, Ficha nº1), já implantada sobre os aterros de demolição da estrutura, que terá sido construída no século V.

## 2. A classificação tipológica dos enterramentos

Neste ponto pretendemos realizar a caracterização das estruturas que se constituíram como a última morada dos defuntos. Para o efeito, apresentaremos as estruturas relacionadas com o ritual de incineração, seguindo-se as sepulturas de inumação. Seguidamente, iremos

enumerar outro tipo de estruturas, como os mausoléus e os recintos funerários e as caixas/covas votivas.

Iniciamos esta descrição, caracterizando as estruturas ligadas à prática da cremação, que constituem contextos sepulcrais secundários.

## 2.1 Os contextos sepulcrais secundários de cremação

Os contextos sepulcrais secundários identificados neste sector da necrópole correspondem a 58,34% do total das sepulturas de cremação exumadas nas escavações (Gráfico 1). Trata-se de sepulturas onde foram depositos os restos de cremação, retirados das piras, que se situariam noutro local, normalmente colocados em simples covas, caixas, ou ossários, podendo possuir ou não espólio votivo.

Os contextos sepulcrais secundários oferecem uma considerável variabilidade de soluções, tendo sido identificados seis tipos diferentes, alguns deles com variantes.

O tipo 1 constitui a forma mais simples de enterramento secundário dos restos da cremação, fazendo-se representar por três variantes principais. A sua datação no âmbito da necrópole em estudo situa-se entre o século I a.C. e o século I (Apêndice 5).

O tipo 1a encontra-se representado pela INC011 (SEP.XXII, Ficha nº12), corresponde a uma cova simples com secção em U, aberta no solo, pouco profunda, não ultrapassando 0,20m de altura, onde se depositam os restos de cremação, sem qualquer tipo de mobiliário votivo associado.

O tipo 1b é estruturalmente análogo ao primeiro, verificando-se a colocação do espólio funerário no topo do enchimento da cova, ilustrado pelas INCs046 e 057 (SEPs.XCI e CXV, Fichas nº24 e 27).

O tipo 1c, representado pela INC129 (SEP.II, Ficha nº41), é constituído por uma cova de secção rectangular, aberta no solo, onde foi depositada uma caixa de madeira com cerca de 0,80x0,30m, não sendo possível recuperar a altura original da mesma. No seu interior, foi colocado o enchimento resultante do processo de cremação, juntamente com um potinho cerâmico, uma lucerna, objectos de adorno e três amuletos em faiança egípcia (Martins *et al.*, 2009: 176).

Para o território português, apenas foi possível encontrar um único paralelo, para este tipo de enterramento, identificado em Elvas (Horta das Pinas), onde apenas se recolheram os pregos do contentor (Viana, 1953: 244 *apud* Caetano, 2002: 329).

O tipo 2 corresponde à forma de enterramento secundário mais representada neste sector da necrópole (cerca de 35%) apresentando cinco variantes (Apêndice 5).

Trata-se de covas simples de morfologia em V (2a e 2d), U (2b) ou rectangulares (2c e 2e), pouco profundas (0,20 e 0,40m), sendo raras as que possuem alturas superiores a 0,50m. Dentro delas foram colocadas urnas, recorrentemente em cerâmica comum grosseira, contendo os ossos calcinados do defunto, aparentemente sem qualquer tipo de disposição intencional, podendo conter ainda, algum espólio funerário seleccionado pelos familiares. Estes tipos estão representados pelas INC's 053, 007, 009, 063 e 056 (SEPs.CVI, XVII, XX, CXXVI e CXXII, Fichas nº25, 8, 10, 29 e 26 respectivamente).

O tipo 2b destaca-se do demais. De um total de 223 estruturas de incineração identificadas, foram atribuídas 52 sepulturas a este tipo de sepultura, correspondendo a cerca de 23% (Gráfico 1).

Pelo contrário, para o tipo 2c, apenas foi referenciada a INC009 (SEP.XX, Ficha nº10), equivalente a 0,44% do conjunto total das sepulturas de incineração (Gráfico 1).

Nos seus interiores foram também colocadas urnas, recorrentemente em cerâmica comum grosseira, que albergavam o material osteológico do defunto, aparentemente sem qualquer tipo de disposição intencional, podendo o mesmo conter ainda, algum espólio funerário seleccionado pelos familiares.

O tipo 2d representado pela INC063 (SEP.CXXVI, Ficha nº29), apresenta uma característica diferenciadora, pois o material resultante do processo de cremação, para além de preencher a cova, forma no seu topo uma calote de carvões e cinzas, que parece materializar uma reminiscência dos *tumuli* característicos da Idade do Bronze (Toynbee, 1971: 179).

Algumas urnas foram tapadas por objectos diversos, verificando-se a utilização de tampas em cerâmica, blocos pétreos de dimensão variável sem afeiçoamento, ou ainda material laterício reaproveitado. Sobre estes ossários era colocado um enchimento de carvões, cinzas e esquirolas de osso carbonizado, que estaria limitado ao topo superior da cova.

Este tipo de sepulturas é recorrente ao longo de todo o Alto-Império, com a excepção do tipo 2d, que apenas se encontra associado a períodos mais antigos próximos da fundação da cidade.

Não se trata de um tipo de sepultura recorrente, representando apenas 1,32% de todos os tipos de estruturas de incineração detectadas, o que corresponde a um total de três sepulturas que se balizam na 1ª metade do séc.I (Gráfico 1).

O tipo 3a (Apêndice 5), ilustra uma estrutura funerária pouco comum no mundo romano, assinalada pela primeira vez em *Bracara Augusta*, com paralelos em três sepulturas encontradas na cidade de Uxama, descritas por José A. Abásolo como “*cajas prismáticas de piedra com cubierta circular apuntada, unida al contenedor mediante grapas de plomo*” (2002: 152).

Representada exclusivamente pela INC098 que representa apenas 0,44%, trata-se de uma sepultura em cova profunda (1,06m) de fundo côncavo, onde foi depositada uma urna granítica com 0,64m de altura, selada por quatro grampos em ferro, recoberta por um enchimento arenoso, sem carvões ou cinzas inclusos (SEP.CXCIX, Ficha nº 34).

O conteúdo do interior da urna era composto exclusivamente por material osteológico e espólio funerário, nomeadamente, um unguentário de vidro em forma de gota e uma moeda, que a posiciona cronologicamente no período de transição da Era.

O tipo 4a está representado pela INC010 (SEP.XXI, Ficha nº11), também ela uma cova simples com urna, que apresenta a particularidade de estar envolta por uma construção pouco estruturada, composta por lascas graníticas, que também recobrem a urna (Apêndice 5).

Este tipo de sepultura parece materializar um tipo de solução construtiva, semelhante à que foi documentada na necrópole da Fraga (Marco de Canaveses), assemelhando-se a uma estrutura “tipo cista”, que abarca um amplo espectro cronológico, entre o século I e II.

Trata-se de um tipo de sepultura com pouca representatividade, totalizando cerca de 3% de todas as incinerações individualizadas.

Os tipos 5 e 6 integram as estruturas funerárias de incineração tipo caixa, datadas neste sector da necrópole entre o início do século II e os inícios do século III.

Assim, o tipo 5a, representado pela INC070 (SEP.CLI, Ficha nº31), reporta-se a uma caixa de planta e secção quadrada, com parede e lastro em tijolo, com provável cobertura do mesmo material, com cerca 0,60x0,52x0,32m. Continha o enchimento resultante da cremação do indivíduo, misturado algum espólio votivo (Apêndice 5).

O tipo 6a, apenas representado pela INC128 (0,44%), corresponde a uma sepultura construída com tégulas, de secção triangular, verificando-se a aplicação de tijolos no lastro, possuindo as dimensões de 2,40x0,70x0,24m (SEP.XXXVII, Ficha nº40). Exteriormente, foram

assinalados dois muretes de pedra, que parecem constituir-se, simultaneamente, como marcadores de localização externa da sepultura e como elementos de sustentação das tégulas de cobertura. O material laterício apresentava-se fracturado, indicando uma provável reutilização deste tipo de material (Apêndice 5).

A variante 6b, é assinalada pelas INC104 (SEP.CCXIV, Ficha nº37) e INC107, esta última com 1,56x0,74x0,10m. Encontram-se ambas formadas por uma caixa composta por tijolos nas paredes e no lastro, de secção quadrada. As coberturas são desconhecidas mas presumimos que fossem organizadas com tijolos de maiores dimensões. Os interiores era m apenas compostos por enchimentos de cinzas e fragmentos ósseos calcinados (Apêndice 5).

Este modelo de enterramento encontra-se representado em cerca de 1,32% do total de sepulturas de incineração, o que equivale a três estruturas de enterramento (Gráfico 1).

Ainda no que concerne às duas estruturas, tratam-se certamente como o último local de deposição dos restos mortais de um indivíduo, não se constituindo como locais de cremação, uma vez, que as paredes não se evidenciavam marcas de exposição a altas temperaturas.

De seguida, caracterizamos os *busti*, representados pelas estruturas que ocorrem quando a sepultura se forma no próprio local da cremação do morto. Compreendem, por conseguinte, a áreas que oferecem indícios de serem locais de cremação e onde a presença de objectos votivos, ou de ossários, sugerem terem sido igualmente locais de enterramento.

Sublinhamos, no entanto, as dificuldades inerentes à segura identificação deste tipo de contextos, uma vez que ela carece de uma detalhada análise osteológica que deveria valorizar o posicionamento rigoroso dos restos ósseos, sobretudo quando estão ausentes outros indicadores materiais que possam sugerir a sua rigorosa funcionalidade.

Tendo por base a análise de alguns contextos que apresentam marcas rubificadas indicadoras de terem sofrido altas temperaturas, associadas a urnas, julgamos poder identificar este tipo de sepulturas neste sector da necrópole da Via XVII, representando um tipo de sepultura que foi referenciada como o tipo 7a (Apêndice 6).

Sendo a primeira vez que são assinalados em *Bracara Augusta*, estes contextos sepulcrais possuem neste sector da necrópole, uma cronologia situada na 2ª metade do século I.

Foram identificados como *bustum* as sepulturas INCs030, 058, 085 e 120 (Fichas nº18, 28, 32 e 39), que integram ossários em cerâmica, nos quais, uma vez finalizado o

processo de cremação foram recolhidos alguns fragmentos de ossos queimados, sendo os mesmos colocados sobre os depósitos da pira (Apêndice 6).

## 2.2. Os contextos associados à cremação

A escavação deste sector da necrópole permitiu referenciar, um outro tipo de estruturas, claramente associadas à cremação dos mortos, mas que não se constituem como seguros contextos sepulcrais.

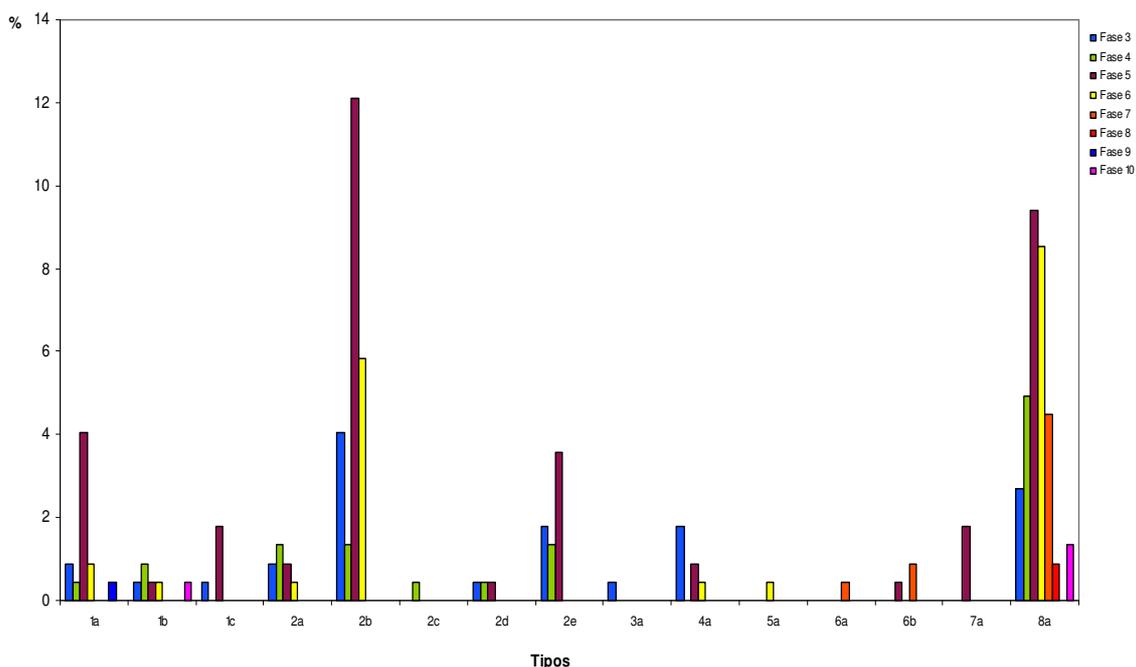
Identificadas pela primeira vez nas necrópoles romanas de Braga, estas estruturas correspondem a *ustrinae* e definem o tipo 8a da nossa tipologia de estruturas funerárias (Apêndice 6), tendo os U022 e 068 o melhor exemplar representado neste sector da necrópole da Via XVII (SEPs.CXIX e XIII, Fichas n.º69 e 75).

Trata-se de covas simples, de secção rectangular, abertas no solo, onde foram erguidas as piras funerárias, ou *rogii* para se proceder cremação dos defuntos. São variáveis na sua morfologia podendo apresentar formas rectangulares ou ovais, possuindo secções rectangulares, onde seria erigida a pira, construída com troncos de madeira, que formavam diversas plataformas, com alturas diferenciadas, no cimo da qual era colocado o morto.

A ocorrência deste tipo de estrutura, é transversal a todos os períodos de utilização da necrópole (Gráfico 1), apesar da sua frequência ser maior nas fases 5 e 6 (9,41% e 8,52%, respectivamente).

Foram identificados 72 locais de cremação (32,25%), a par de cerca de 22 *ustrinae* de forma indeterminada (10%).

Na fase final, em resultado da combustão operada, a estrutura em material perecível abatia, acumulando-se na cova um enchimento de carvões, cinzas, material ósseo calcinado, fragmentos de metal e eventualmente fragmentos de peças cerâmicas, ou, outro material votivo de apoio ao ritual funerário, que se depositavam sobre uma película avermelhada que se formava por acção do calor e que Valérie Bel afirma ser o testemunho indubitável de que a cremação ocorreu naquele espaço (1996: 209).

**Gráfico 1.** Relação dos tipos de sepulturas e estruturas de incineração<sup>1</sup>.

### 2.3. As sepulturas de inumação

As sepulturas de inumação correspondem sempre a contextos primários, uma vez que os defuntos eram aí depositados, depois das exéquias. No entanto, as sepulturas apresentam uma grande variedade de soluções construtivas, bem documentadas no sector estudado da necrópole da Via XVII, tendo sido identificados sete tipos diferentes, alguns com várias variantes.

As estruturas funerárias de inumação identificadas não diferem daquelas que eram já conhecidas em *Bracara Augusta* (Martins e Delgado, 1989/90: 156 e 157), colhendo paralelos em várias necrópoles do mundo romano. Referimo-nos de novo o facto de todas as sepulturas corresponderem a inumações individuais, não se registando a ocorrência de estruturas de inumação colectiva.

O tipo 1a (8%), está representado pelas INU006 e 023 (SEPs.VIII e X, Fichas n°45 e 54), corresponde a uma simples cova, aberta no solo, sendo o defunto colocado directamente sobre a terra e posteriormente coberto com terra. A sua datação corresponde ao século IV (Apêndice 7).

<sup>1</sup> Para consulta dos dados ver Tabela 9.

O tipo 2a, encontra-se representado por um único exemplar, correspondente à INU024 (SEP.X, Ficha nº55). Trata-se de uma cova simples de secção rectangular e planta ovalada, sem qualquer tipo de revestimento nas paredes ou no fundo, apresentando a cova cerca de 0,80m de altura. O corpo do defunto deve ter sido colocado directamente na base da cova, face à inexistência de elementos metálicos. A solução da cobertura mais provável deveria corresponder à colocação de uma simples tampa de madeira, entretanto desaparecida, que se apoiaria nos rebordos laterais da cova. A cronologia deste tipo de sepultura, neste sector da necrópole, aponta para os séculos V – VI.

A variante, designada de tipo 2b, está representada pela INU010 (SEP.LVII, Ficha nº48), que formaliza uma sepultura em cova de planta e secção rectangulares, com 2x0,60x0,23m. A cobertura era constituída por 4 tégulas dispostas na horizontal, com as extremidades sobrepostas, assentando as partes laterais num lastro de pedras de pequena dimensão. Trata-se de uma sepultura datada do século IV (Apêndice 7).

O conjunto dos dois modelos de sepulturas descritos, equivalem a 8% do total de inumações identificadas (Gráfico 2).

O tipo 3 integra uma das formas bastante recorrentes em quase todas as necrópoles romanas, com ocupação mais tardia, sendo datada entre os séculos IV e VI (Delgado e Martins, 1989/90: 144, Bejarano Osorio, 1996: 346, Hope, 2009: 84, Toynbee, 1971: 67). Apresenta, todavia, algumas variantes.

O tipo 3a (representando 16%), corresponde às sepulturas de inumação com cobertura em duas águas, estando representado pela INU001 (SEP.I, Ficha nº42). Trata-se de caixas constituídas por um lastro feito de tijolos, apesar de se terem registado variantes que integravam tégulas invertidas na base, sendo as paredes compostas por tégulas justapostas, que formalizam uma cobertura de secção triangular. As juntas superiores entre as tégulas eram encimadas por imbrices, ainda conservados no topo da estrutura (Apêndice 7).

Os exemplares detectados, conservam dimensões variáveis, entre os 0,90 e os 1,25m de comprimento e os 0,24 e os 0,34m de alturas, facto compreensível, uma vez que a envergadura das sepulturas deveria depender da estatura dos defuntos.

Estas sepulturas foram implantadas em simples depressões do solo, onde assentava o lastro, talvez numa tentativa de encaixar e rebaixar ligeiramente a estrutura em relação à superfície da necrópole. O facto de não terem sido colocadas dentro de covas sugere que

possam ter conhecido alguma solução de protecção, que poderia passar pela colocação de um montículo de terra ou pedras sobre a sepultura.

O tipo 3b (4%, ver Gráfico 2), representado pela INU004 (SEP.VI, Ficha nº43), contrariamente ao tipo anteriormente descrito, corresponde a uma sepultura em duas águas, implantada numa fossa simples, correspondendo o topo da estrutura à superfície onde foi aberta a cova, o que nos permite pensar, que estas construções se encontrariam completamente ocultas e disfarçadas (Apêndice 7). Cabe ainda salientar que sobre as tégulas que compunham as paredes foram colocados lascas de pedra de média e grande dimensão, constituindo uma delas a cabeceira da sepultura. Esta variante pode ser datada dos séculos V e VI.

Ambas as variantes de sepulturas do tipo 3 forneceram esqueletos, muito mal conservados, que se apresentavam em decúbito dorsal. Tudo indica que terão sido colocados directamente sobre o fundo das sepulturas, dada a ausência de evidências das ferragens atribuíveis a um qualquer elemento de transporte ou deposição.

A cobertura neste tipo de caixas seria colocada após a colocação de terra sobre o cadáver, permitindo que a estrutura adquirisse maior robustez, evitando um possível abatimento.

As sepulturas do tipo 4a correspondem a estruturas em caixa, construídas com recurso a tégulas, que se apresentam invertidas na base da estrutura. Esta variedade encontra-se assinalada pela INU005 (Ficha nº44) e possui neste sector da necrópole uma cronologia do século IV (Apêndice 7).

Este tipo não era conhecido em *Bracara Augusta*, encontrando-se apenas referenciada uma variante composta por tijoleiras (tipo 3d da necrópole da Rodovia) (Martins e Delgado, 1989/90: 156). No entanto trata-se de um tipo de sepultura comum noutras necrópoles ibéricas, existindo exemplares análogos em Córdoba, datados entre os séculos III e VI (Vaquerizo Gil, 2002: 157/165).

Dado o mau estado de conservação destas estruturas, que se encontravam saqueadas por valas modernas, não podemos estimar com rigor o seu comprimento, tendo contudo sido possível avaliar as outras dimensões.

As sepulturas implantavam-se numa cova simples, de secção rectangular, com uma altura conservada de 0,16m e uma largura de 0,69m. A cobertura seria composta por material laterício, disposto na horizontal.

O tipo 4b (4%, ver Gráfico 2), apresenta-se como uma variante da estrutura anterior, com a particularidade de corresponder à única sepultura onde foram individualizados os negativos de

um caixão de reduzidas dimensões (1,10x0,30x0,13x0,03m), como o demonstra a INU017 (SEP.CXXXII, Ficha nº52). A base da sepultura encontrava-se forrada com 6 tijolos com 0,40x0,40x0,04m, apresentando-se mais larga do que o espaço destinado ao enterramento, delimitado por tégulas dispostas na vertical, que circundavam o caixão. Apresentava uma estrutura pétreia colocada na parte exterior da caixa, disposta sobre o lastro, servindo de contrafortes às paredes da caixa (Apêndice 7). Esta sepultura foi datada do século IV.

O tipo 5 integra as sepulturas em caixa com paredes em tijolo, que oferece algumas variantes, sendo todas datadas do século IV, e cuja ocorrência é de apenas 8%.

O tipo 5a, representado pela INU011 (SEP.LXIII, Ficha nº49), corresponde a uma caixa, implantada numa cova simples, de secção rectangular, com cerca de 0,90 de profundidade, com um vão interior de 2x0,54m, cujas paredes foram construídas com alvenaria de tijolos tipo *lydion* (0,31x0,43x0,04m), dispostos horizontalmente, formando fiadas pouco regulares (Apêndice 7). Os interstícios eram colmatados por terra fina, não se verificando vestígios de qualquer tipo de revestimento ou reboco interior.

O fundo era forrado com duas fiadas de tijolos (0,43x0,31x0,04m), dispostos na horizontal, sem qualquer tipo de argamassa, assentes sobre uma fiada de tijolos apoiados no saibro, com cerca de 0,45x0,15x0,04m, que formavam uma espécie de receptáculo ou fundo falso, que se encontrava despojado de qualquer tipo de objecto ou resto ósseo.

A cobertura foi organizada com tijolos do tipo *bipedales* (0,60x0,60x0,06m), que se apoiavam sobre as paredes interiores, sobre os quais foram ainda colocados blocos graníticos, dispostos aleatoriamente, que parecem ter servido de contrapeso. Sobre os tijolos que formalizavam a cobertura foram ainda colocados outros elementos da mesma tipologia, formando um sistema de “falsa cúpula”, sistema invulgar mas já documentado nas necrópoles romanas do sul de Portugal, mais concretamente, em S.Cucufate (Vidigueira), Alcácer do Sul (*Salacia*), Porto dos Cacos (Alcochete) e em Beja (*Pax Iulia*) (Etiènne, 1990: 260/261, Ferreira, 1986: 45/46, Sabrosa, 1996: 286 *apud* Caetano, 2002: 330). No entanto, a sua tipologia não encontra nenhum paralelo com as sepulturas de inumação conhecidas até ao momento em Braga.

Não se identificou qualquer tipo de vestígio osteológico, ou de espólio votivo, assinalando-se apenas, a existência de dois pregos.

A sepultura tipo 5b, representada exclusivamente pela INU008 (SEP.XLIX, Ficha nº46), é constituída por uma caixa, implantada sobre uma cova simples de secção rectangular, de planta

trapezoidal, possuindo um comprimento de 2,08 m e uma largura de 0,67m a norte e de 0,60m, a sul com uma altura de 0,98m. Tal como a sepultura anterior, apresenta as paredes construídas com tijolos tipo *lydion*, que assentam em lajes graníticas, cujas dimensões não podemos ainda avaliar, uma vez que a estrutura ainda foi totalmente escavada (Apêndice 7).

As lajes do lastro encontram-se revestidas com uma argamassa de coloração avermelhada, tipo *opus signinum*, o que indica que as paredes internas poderiam possuir igualmente um revestimento similar.

A cobertura não se conservou *in situ*, uma vez que a sepultura se encontrava violada, dispondo-se alguns dos elementos que a deviam compor no seu interior, preenchido com os enchimentos resultantes do saque. Foram recuperados fragmentos de tégulas e de imbrices decorados, pelo que supomos que a cobertura teria um sistema de fecho em duas águas, solução construtiva idêntica à descrita para as sepulturas de inumação dos tipos 3a e 3b.

A delimitar a estrutura, foi identificada um simples murete constituído por pedras graníticas, que simultaneamente serviriam de apoio para a cobertura. Tudo leva a crer que esta seria visível ao nível do solo da necrópole.

O tipo 6a (8%, ver Gráfico 2) está representado pela INU021 (SEP.CCXIII, Ficha nº53), o exemplar melhor conservado, que corresponde a uma caixa cujas paredes integravam blocos graníticos, pouco afeiçoados, alternados com alguns tijolos reaproveitados, dispostos na horizontal, compondo paredes de alvenaria muito irregular. As paredes não assentavam no lastro, que era composto por tijolos com medidas que alternam entre os 0,44x0,30x0,04 e os 0,34x0,27x0,04m.

A cobertura, a avaliar pela identificação da laje granítica conservada em perfil, configuraria uma solução que integraria monólitos de pedra.

O tipo seguinte (tipo 7) reporta-se a sepulturas com paredes em pedra, sendo atribuível a um período situado entre o século IV e o século VI (Apêndice 7).

O tipo 7a é idêntico ao tipo 3h definido por M. Delgado e M. Martins (1989/90: 157) e inclui as estruturas com paredes compostas por grandes monólitos de pedra granítica, com fundo organizado com tijoleiras de forma rectangular ou trapezoidal (Apêndice 7), o que indicia o reaproveitamento de material, encontrando-se representado pela INU015 (4%, ver Gráfico 2).

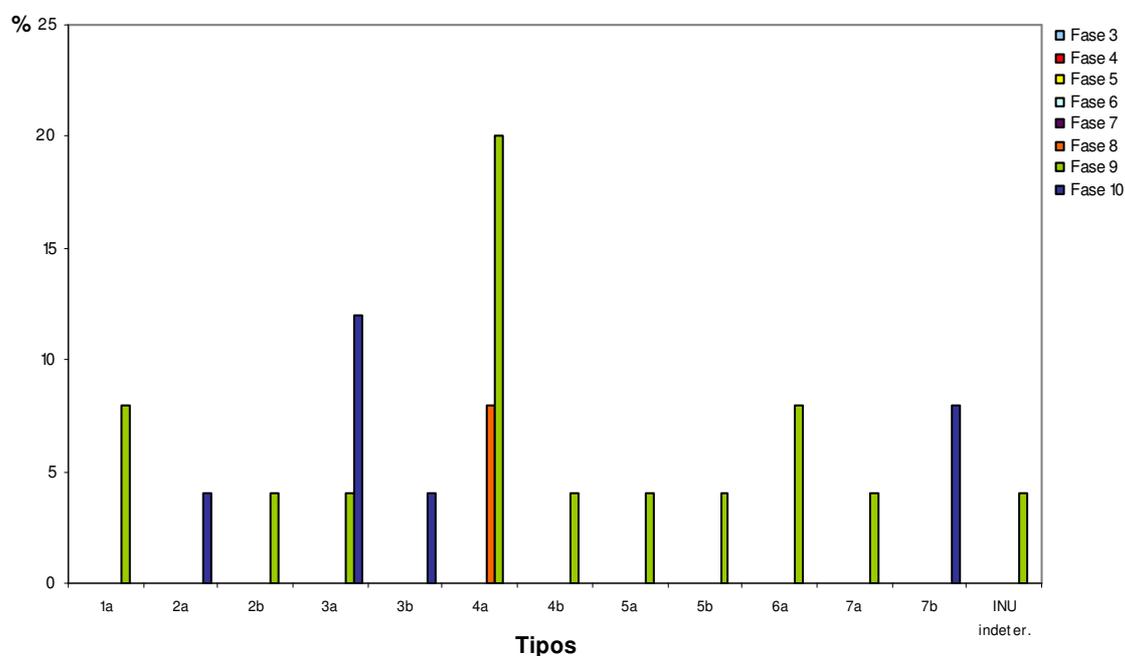
Através da leitura do corte da sepultura, foi identificado o que restava de um esqueleto, em muito mau estado de conservação e impossível de recuperar (SEP.CV, Ficha nº51, Figura 2 e 3). Face à inexistência de ferragens e pregos, julgamos que o defunto terá sido colocado

directamente sobre o lastro da sepultura. As suas dimensões são reduzidas (1,03x0,40x0,38m), não se tendo encontrado vestígios da cobertura, que poderia ser constituída por uma ou várias lajes graníticas, entretanto desaparecidas.

A variante 7b (equivalente a 8%), está representado pela INU009 (SEP.LVII, Ficha nº47), que corresponde a uma sepultura de planta rectangular, construída em alvenaria regular, com recurso a blocos graníticos bem esquadrados, dispostos em fiadas horizontais. Encontrava-se coberta por grandes lajes de granito, cujas juntas estavam seladas com um revestimento em *opus signinum* (Apêndice 7).

No seu interior foi identificado um caixão de chumbo de forma sub-rectangular, com dimensões estimadas de 2,20x0,40x0,40m, desconhecendo-se as suas técnicas de fabrico, uma vez que o mesmo ainda não foi intervencionado (Martins *et al.*, 2009: 125). A totalidade da estrutura encontra-se implantada sobre uma cova simples, profunda, com cerca de 1,5m, e totalmente encoberta por um enchimento de cascalho e material de construção, alternado com níveis arenosos, que permitiu a sua total integridade.

**Gráfico 2.** Relação dos tipos de sepulturas de inumação<sup>2</sup>.



<sup>2</sup> Para consulta dos dados ver Tabela 10.

## 2.4 Os mausoléus

Foram detectados neste sector da necrópole quatro estruturas que podem ser classificadas como mausoléus, cabendo destacar a sua localização mais ou menos alinhada, dispostos ao longo das margens da parte norte da via.

Trata-se de estruturas de variadas dimensões, cujos modelos mais frequentes referenciados um pouco por todo o Império, apresentam áreas úteis que variam entre os 10 e os 15 pés romanos, sendo habitualmente datados entre o século I e o século IV (Hope, 2009: 156).

O tipo 1a, representado pelo M02 e 04 (Apêndice 8), corresponde a edifícios de planta quadrangular, cada um deles com cerca de 2,14m de lado, com uma área de 4,60m<sup>2</sup>. No seu interior foram reconhecidas algumas sepulturas de cremação em cova com urna, implantadas no solo e recobertas com terra, que podem ser contemporâneas das construções, sendo estas datáveis do século I (Fichas nº57 e 59).

A variante tipo 1b está representada pelo M03, constituindo uma construção de planta quadrangular, com uma área útil de cerca de 4m<sup>2</sup> (1,85x2,23m), não se reconhecendo qualquer estrutura funerária coetânea, no seu interior (Apêndice 8). Apenas foi reconhecida a existência de duas estelas colocadas em frente ao lado do que consideramos corresponder à fachada do respectivo monumento, virada à via (Ficha nº58).

Dado o facto de os mausoléus terem sido arrasados ainda em época romana, a fim de permitir a deslocação do piso da via para norte, não possuímos quaisquer evidências relacionadas com a solução arquitectónica encontrada para a cobertura das estruturas, que se encontram praticamente ao nível dos alicerces.

Aliado a este facto, também não conseguimos definir rigorosamente os sistemas de acesso aos espaços interiores dos mausoléus, desconhecendo-se igualmente o programa decorativo dos mesmos, face à ausência de elementos arquitectónicos como frisos, modilhões, cornijas ou *pulvinis*, que permitissem a reconstituição dos edifícios (Gros, 2001b: 393/394).

Apesar das limitações que o registo nos impõe, supomos, que a notória exiguidade destes espaços, apenas permitia que os mesmos estivessem destinados a acolher sepulturas de incineração, o que aliás está de acordo com a cronologia dos mesmos e das sepulturas associadas.

## 2.5 Os recintos funerários

Os recintos funerários encontram-se mal documentados em quase todo o Império Romano, talvez por constituírem normalmente estruturas relativamente simples que contrastam com as sumptuosas construções funerárias que ocorrem nalgumas necrópoles romanas.

Até ao momento não se conhecia qualquer tipo de estruturas funerárias similares às encontradas neste sector da Via XVII, que apresentam uma assinalável heterogeneidade.

Os recintos que classificámos como de tipo 1a (Apêndice 8) estão representados pelas estruturas R02 e 03, de planta quadrangular, com áreas úteis que variam entre os 16 e os 24m<sup>2</sup>. No seu interior foram identificados enterramentos secundários em cova com urna (Fichas n.º60 e 61).

As paredes conservadas que definem os referidos recintos evidenciam um aparelho pouco cuidado, recorrendo apenas a blocos pouco afeiçoados, pelo que podemos suspeitar que todos os restantes paramentos teriam similar construção. Por outro lado, dado o nível de arrasamento das estruturas não foram detectadas as áreas de acesso.

As estruturas não comportariam telhados, constituindo-se assim como áreas mantidas a céu aberto, talvez delimitando espaços familiares ou de associação profissional de enterramento. Encontram-se orientados em função do eixo viário, possuindo, por isso uma orientação cardinal, tal como acontece com estruturas similares identificadas nas necrópoles de Córdoba (Vaquerizo Gil, 2002: 172).

Em Portugal conhecem-se algumas estruturas semelhantes, cabendo referir os três recintos funerários identificados na necrópole da Lage do Ouro (Crato), ainda que inicialmente tivessem sido confundidos com outro tipo de construções funerárias (Caetano, 2002: 323).

Apresentavam todas características construtivas semelhantes, designadamente muros com cerca de 0,60m de espessura e 2,15m de lado, formando compartimentos sub-quadrangulares, possuindo e um deles uma sepultura no centro (Caetano, 2002: 323).

Outro recinto escavado, com as mesmas características, localiza-se em Penamacor e corresponde a um espaço rectangular de cerca de 3 x 1,70m. Possuía um pavimento composto por grandes tijoleiras, limitadas por *tegulae*, dispostas verticalmente. No seu interior foram descobertos diversos enterramentos sobrepostos e distintos entre si, uma vez que se articulam com duas sepulturas de cremação e com uma inumação (Caetano, 2002: 323).

Em Mosteiros (Castelo de Vide), apesar de se tratar de uma descoberta casual, foi identificado um outro recinto funerário, que teria cerca de 12m<sup>2</sup>, encontrando-se delimitado por pedras soltas, tendo sido detectado no centro do compartimento “*uma fossa funerária, com paredes revestidas de muretes de pedras e tapada por lajes*” (Caetano, 2002: 325).

A avaliar as dimensões dos recintos referidos, facilmente notamos que os recintos assinalados na necrópole de Braga são aqueles que apresentam maior área útil.

Essa área ainda é maior no recinto classificado como tipo 1b, representado pela estrutura R06 (Ficha n°64), que corresponde a um amplo espaço com cerca de 229 m<sup>2</sup>, certamente mantido a céu aberto, onde foram identificadas estruturas funerárias relacionadas com o ritual de incineração (Apêndice 8). Tal como nos recintos incluídos no tipo 1a e dado o estado de arrasamento das paredes, não é possível averiguar a existência de zonas de acesso, apesar de admitirmos que as mesmas deveriam existir.

Foram ainda detectados outros recintos, como é o caso da estrutura R01, que constitui um acrescento a uma estrutura prévia, alcançando os 8m<sup>2</sup> de área.

Por outro lado, identificaram-se outras estruturas, que deveriam integrar amplos recintos, mas não ter sido possível escavá-los na sua totalidade, como acontece com a estrutura R04, cuja área intervencionada permite admitir que ultrapassaria os 12m<sup>2</sup>.

O tipo 1c, corresponde ao R07 (Ficha n°65), estrutura de planta quadrangular, com cerca de 16m<sup>2</sup> (3,98 x 4,01m), apesar de não terem sido detectadas estruturas funerárias contemporâneas, trata-se de um monumento de cronologia tardia, séc. IV, que se implanta sobre as INUs008 e 011 (Fichas n°46 e 49).

Ao contrário dos tipos anteriores, admitimos que este recinto poderia albergar sepulturas de inumação, uma vez que a área disponível para enterramento seria maior. Contudo, não foram detectadas estruturas coetâneas da sua utilização.

O recinto que foi classificado como tipo 2a, representado pelo R05, caracteriza um espaço original de planta trapezoidal, com cerca de 14m de comprimento, por 8,5m de largura, no lado sul, onde é mais largo (Apêndice 9). Muito embora o tenhamos incluído na categoria dos recintos estamos em crer que seria coberto e que formalizava um complexo edifício funerário, para já sem paralelo no mundo funerário romano conhecido.

Trata-se de um monumento que foi alvo de sucessivas ampliações ao longo dos dois primeiros séculos da nossa Era e que alberga um total de doze caixas, que estariam rebaixadas em relação ao nível de circulação, sendo tal facto, sugerido pela existência de uma soleira à cota

de 179,84m, estes receptáculos, dispostos de forma simétrica apresentam dimensões que variam entre os 0,90m e 1m de largura, e os 2,00m e 2,10m de comprimento, com alturas conservadas que oscilam entre os 0,40 e os 0,70m (Ficha n°63).

Para a edificação das paredes associadas à primeira fase de utilização do espaço, foi utilizada pedra de forma e talhe irregulares, sendo os interstícios colmatados com terra. Já os muretes de separação afectos à ampliação para sul foram construídos com recurso a material laterício, agregado por argamassa amarelada.

Todas as caixas identificadas apresentavam as paredes e os fundos revestidos a *opus signinum*, revelando uma grande uniformidade construtiva.

Poderia suspeitar-se que tais estruturas poderiam estar associadas a um qualquer tipo de actividade artesanal, dado o revestimento referido. Todavia, a ausência de elementos de abastecimento/drenagem de águas, bem como de pigmentos de tinturaria, não permitem corroborar tal hipótese (Martins *et al.*, 2009: 106).

A disposição e tipo de compartimentação do edifício, bem como a homogeneidade das caixas sugerem que a construção pode ter servido como local de enterramento de alguma família ilustre, sendo de excluir para já que o mesmo servisse para inumações, considerando a falta de vestígios metálicos como cantoneiras, pregos ou outras ferragens que indiquem a presença de caixões ou padiolas.

Muito embora a função precisa do edifício não se encontre ainda objectivamente apurada, por falta de paralelos, admitimos o seu carácter funerário, associado ao ritual da cremação, não sendo de excluir que o espaço tivesse igualmente funções rituais ou votivas.

## 2.6 As caixas/covas votivas

Uma outra categoria de estruturas identificada na escavação deste sector da necrópole da Via XVII está representada por caixas ou covas, associadas a práticas rituais de homenagem e comemoração dos mortos e não a enterramentos. De facto, são inexistentes quaisquer vestígios de cinzas, ossos calcinados ou inumados, quer no seu interior, quer nas proximidades das estruturas. Por outro lado, cabe destacar a longa cronologia deste tipo de estruturas, que ocorrem desde a 2ª metade do século I, até ao século VI, bem como a sua variabilidade morfológica.

O tipo 1a (Apêndice 10) corresponde a uma simples cova, de secção rectangular, aberta no solo, onde foi colocada uma caixa construída com tégulas ou tijolos que compõem as paredes ou o lastro. Este tipo está representado pelas estruturas referenciadas como CV01 e CV02 (SEPs.XLV e L, Fichas nº1 e 2). No entanto, existem variantes a este tipo, relativamente às dimensões e secções das caixas, verificando-se a existência de secções quadradas e rectangulares, oscilando as suas medidas entre 0,40x0,40x0,52m e 0,57x0,45x0,44m.

Não foram detectados elementos de fecho, mas, presumimos, que os mesmos fossem planos e obtidos pela simples colocação de um elemento laterício sobre as caixas.

O tipo 2a, representado pela CV05 e 06 (SEPs. CXIV e CVII, Fichas nº4 e 5), caracteriza-se pela colocação de contentores cerâmicos de grandes dimensões, tombados sobre o fundo de uma cova simples, de secção em U, admitindo a deposição de espólio votivo, como lucernas de tamanho reduzido. Posteriormente, a cova seria colmatada com terras resultantes da sua abertura (Apêndice 10).

O tipo 3a, representado pela CV03 (SEP.LXV, Ficha nº3), corresponde a uma vala pouco profunda, cujo enchimento é composto por terras depositadas sobre um potinho ou jarro, que apenas contém sedimentos de infiltração (Apêndice 10). Não são visíveis fragmentos de osso fragmentado ou de vestígios de material carbonizado. O material votivo, encontra-se rodeado e coberto por uma estrutura pétreia, análoga com a do tipo 4a para as sepulturas de incineração.

Apesar de aparentemente se tratarem de estruturas independentes de qualquer outra, não descuramos o facto, de tais caixas ou covas, poderem constituir não só elementos de apoio a qualquer tipo de prática funerária, ou de ritual de comemoração póstumo, mas também de localização e referência de uma sepultura que se deveria existir num local próximo.

Em *Bracara Augusta*, ainda não se conheciam qualquer tipo de modelos deste tipo de estrutura funerária.



## PARTE IV

---

### PADRÕES DE ENTERRAMENTO



## 1. Análise da distribuição das sepulturas

As estruturas funerárias conhecidas durante o largo período de vigência do Império Romano são variadas e bastante distintas nas suas formas e dimensões, sendo possível atestar a presença de monumentos bastante amplos e profusamente decorados, contrapostos com outros bastante simples, sendo a sua decoração para além de bastante modesta, quase inexistente.

A implantação de tais construções, era imposta pela lei romana das Doze Tábuas, datada de 450 a.C., que obrigava a uma separação clara entre o mundo dos vivos e o universo dos mortos. Dessa prescrição deriva o facto das necrópoles romanas se situarem ao longo das mais importantes vias de acesso às cidades, ou junto das suas principais portas (Abreu, 2002: 38, Abascal Palazon, 1990: 220, Figueiredo, 2001: 93, Hope, 2009: 155, Martin-Kilcher, 2008: 92, Moita, 1968: 49, Nogales e Marquez, 2002: 121, Toynbee, 1971: 73).

Esta ideia parece ser bastante consensual junto dos mais variados autores. Contudo, a alienação do mundo dos mortos estava relacionada com outros factores, como afirma James C. Anderson “(...) The reason for this suburban phenomenon was hygienic rather than superstitious: the ancient Laws of Twelve Tables forbade burial or cremation within the sacred boundary (pomerium) of Rome (...)” (1997: 321).

De facto, a preocupação com salubridade da cidade está bem patente na transcrição de Cícero: “A law of Twelve Tables says ‘A dad man shall not be buried ou burned inside the city’. I suppose the latter is due to the danger of fire” (Hope, 2007: 128).

Várias fontes escritas atestam a aplicação de penas contra o incumprimento da lei que obrigava a enterrar os mortos na periferia das cidades, fora do espaço do *pomerium*.

*Paulus*, numa disposição legal datada dos séculos II – III, referia que não era permitido enterrar ou cremar um corpo dentro das muralhas da cidade, acrescentando mesmo que era proibido entrar com um defunto no espaço urbano, alertando para o facto de qualquer acto contra tal restrição ser punido com uma severidade pouco frequente (Hope, 2007:129).

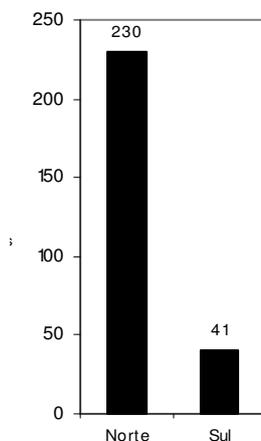
Em *Bracara Augusta*, as necrópoles situavam-se no espaço periférico da cidade, tendo-se desenvolvido ao longo das principais vias que ligavam a cidade ao exterior (Apêndice 3), respeitando com “admirável precisão, o que seriam os limites da cidade flávia/antonina” (Manuela e Delgado, 1989/90: 175).

O sector da necrópole da Via XVII, aqui analisado, situa-se, assim numa área peri-urbana, distribuindo-se de ambos os lados da via, muito embora a maior concentração de sepulturas se registe na parte norte da mesma (Gráfico 3).

A escavação permitiu a identificação de indícios reveladores de que o terreno terá sido preparado para ser usado como espaço funerário, uma vez, que foram observadas valas de extracção de grandes blocos pétreos, o que possibilitou a criação de superfícies regulares e aplanadas, sem grandes constrangimentos, facto que permitia igualmente ampliar a visibilidade sobre os monumentos (Apêndice 11, Fotos 1 a 3).

Após a implantação da Via XVII esta parece constituir-se como o principal elemento ordenador da necrópole que se desenvolve ao longo da mesma. De facto, tanto as sepulturas de incineração ou de inumação, como os monumentos funerários, recintos ou mausoléus e estelas funerárias, encontravam-se implantados paralelamente à Via XVII, variando por vezes a sua colocação em função dos sucessivos avanços e remodelações que o eixo viário foi conhecendo (Apêndice 11, Foto 4).

A orientação dos monumentos epigráficos, ainda que erigidos em fases distintas, respeita o traçado a via romana, encontrando-se os seus campos epigráficos sempre voltados para a via, de forma a lembrar aos viajantes a *pietas* que deveriam ter para com os que ali estavam sepultados. Utilizando a concisa e elucidativa expressão de José d’Encarnação, os monumentos exprimiam “o desejo de perpetuidade [...] do defunto” (Encarnação, 1990a: 461 *apud* Caetano, 2002: 315).

**Gráfico 3.** Número da localização do total de sepulturas e estruturas funerárias em relação à Via XVII<sup>3</sup>.

As construções funerárias como os mausoléus, recintos funerários e estelas, integram o grupo de monumentos que apelidamos de “arquitecturas funerárias públicas”, responsáveis pela monumentalização dos espaços sepulcrais, destinando-se a “captar o olhar” (Hope, 2007: 141).

Tratam-se de estruturas, cuja construção exigiria um elevado poder aquisitivo por parte de quem os encomendava, não se encontrando por essa razão associadas a franjas da população menos abastadas. Deveriam, por isso, pertencer, na sua grande maioria, às famílias mais destacadas socialmente, importantes e influentes na gestão dos assuntos políticos e económicos da *civitas*, que construíam faustosos monumentos nas áreas mais próximas das vias. As construções menos faustosas ou mais humildes seriam relegadas para um plano secundário, ocupando os espaços isentos de construção no interior das necrópoles (Toynbee, 1971: 74).

O grupo dos mausoléus, recintos funerários e as estelas constituem ainda formas de delimitar e sinalizar os *loci religiosi*, marcando estes espaços como áreas invioláveis e sagradas, que gozavam de protecção legal (Caetano, 2002: 315, Lepetz e Van Andringa, 2008: 62).

Não se conhece para este núcleo de necrópole, ou para a cidade de *Bracara Augusta*, qualquer tipo de elemento epigrafado que mencione as dimensões das parcelas a edificar e das concessões existentes, importantes pois constituem um reflexo da existência de cadastros dos espaços sepulcrais (Abreu, 2002: 38, Laubry, 2008: 41).

<sup>3</sup> Para consulta dos dados ver Tabela 11.

Neste sector da necrópole da Via XVII podemos atestar que estes monumentos não tiveram uma vida muito longa, tendo sido utilizados durante um período que rondará os 25 e os 50 anos. Este facto poderá relacionar-se com a deslocação dos monumentos de carácter familiar para a bordadura de um qualquer outro eixo viário, ou porque o grupo familiar adquiriu novos lotes da necrópole, desactivando os anteriores (Gros, 2001: 384).

Contudo, não podemos descurar do facto de que a via romana sofreu sucessivas remodelações e repavimentações, que foram responsáveis pela desafecção de algumas estruturas, o que demonstra que os interesses estratégicos da cidade se sobrepunham aos interesses religiosos e rituais dos privados.

O mesmo processo pode ser aliás transposto para as estelas, que se encontram fracturadas a cotas regulares (180,30 e 180,70m), denunciando, que os arrasamentos destas estruturas foram executados exactamente ao mesmo tempo, em momentos correspondentes aos sucessivos arranjos viários, que deslocaram a Via XVII para norte.

No interior de alguns mausoléus foram identificadas raras sepulturas contemporâneas da sua utilização, todas elas relacionadas com o ritual de cremação. Estes enterramentos caracterizam-se pela recorrente implantação de uma urna, numa fossa simples sem revestimento, recoberta por um enchimento composto por carvões, cinzas e ossos queimados. Considerando as reduzidas dimensões dos mausoléus não nos parece possível que os mesmos tenham sido utilizados para a cremação dos defuntos. Por outro lado, estes monumentos deveriam ser fechados não permitindo a extracção dos fumos, não parecendo igualmente exequível a colocação de uma pira no seu interior a qual seria consumida pelas chamas durante longas horas.

Em algumas necrópoles, nomeadamente na da Porta Nocera, em Pompeia, os monumentos funerários integram áreas anexas onde foram realizadas as cremações (Lepetz e Van Andringa, 2008: 62).

Em *Bracara Augusta*, não foram detectadas quaisquer tipos de estruturas como a que acabamos de referir, uma vez que os mausoléus identificados constituem estruturas individuais e independentes de quaisquer outras, pelo que presumimos, que a cremação dos indivíduos neles enterrados seria realizada em áreas próximas e não no interior dos monumentos.

Também não foram detectados *ustrinae*, contemporâneos da utilização dos recintos funerários mais pequenos (inferiores a 24m<sup>2</sup>), que constituíam estruturas a céu aberto, cuja monumentalidade em nada se assemelharia às estruturas interiores.

No seu interior vieram a ser identificadas sepulturas de cremação em cova, com urnas cerâmicas no seu interior. No entanto, não se verifica qualquer tipo de disposição especial das mesmas no interior destes recintos murados.

O original recinto ritual de planta trapezoidal, localizado a sul da via, possuía os seus compartimentos interiores rebaixados em relação ao nível de circulação, albergando um conjunto de dez caixas, revestidas a *opus signinum*. Apesar da inexistência de paralelos no mundo romano para este edifício, parece-nos possível admitir que esta estrutura singular se constituía como um recinto funerário, edificado nos alvares da organização da cidade romana de Braga.

Apesar de não se ter identificado qualquer tipo de vestígios de cremações, contentores funerários, elementos tumulares, espólio metálico ou de outro tipo, julgamos que o edifício serviu de apoio à realização de cerimónias rituais de carácter funerário, que nos escapam, a avaliar pela proximidade que o mesmo possui relativamente a uma ampla área funerária, localizada a nascente deste edifício, onde as estruturas correspondem na sua grande maioria a *ustrina*.

De seguida, analisaremos as sepulturas funerárias, que não se encontram integradas em edifícios funerários e que apelidamos de “arquitecturas escondidas”.

No que concerne às sepulturas de cremação, a grande maioria apresenta-se em cova, sendo acompanhada da deposição de um contentor em cerâmica comum grosseira, que serviu como ossário para depósito do material osteológico reunido após a cremação, podendo integrar ou não mobiliário votivo, como lucernas e unguentários.

As urnas assumem diversas formas e tipos, apesar de na sua generalidade se fazer recurso a um pote. No entanto, algumas possuem a forma de bilhas, tendo igualmente sido usados pequenos púcaros.

São abundantes as sepulturas em cova com urna funerária, sem qualquer tipo de vestígio material votivo, quer no seu interior, quer no exterior.

Relativamente à sua dispersão, as sepulturas de cremação em cova, localizam-se também elas junto da via revelando uma maior incidência na zona a norte da via.

Em algumas situações parecem existir agrupamentos intencionais de sepulturas, eventualmente indicadores de uma provável relação familiar, ou profissional, sobretudo quanto as sepulturas surgem reunidas no interior de um recinto funerário.

O maior número de sepulturas de cremação está concentrado na zona poente da área intervencionada, ocupando os espaços mais próximos do núcleo urbano, em comparação com as que se encontram localizadas na zona nascente. O uso intensivo daquele espaço, faz com

que as sepulturas se sobreponham com frequência, observando-se fenómenos de destruição ou obliteração das sepulturas mais antigas, que em última análise supõe um intensivo uso desta área de enterramento. No entanto, constata-se que a referida sobreposição apenas se verifica em relação às estruturas associadas ao ritual de cremação.

A destruição de tais estruturas, que adquiriam personalidade jurídica, encontrando-se protegidas pela lei romana, parece, assim, algo contraditória, considerando que os locais onde estavam depositados os defuntos eram zonas invioláveis e sagradas (Hope, 2009: 175, Nogales e Marquez, 2002: 115, Remesal Rodríguez, 2002: 372).

Segundo J. M. C. Toynbee os agrupamentos de sepulturas dentro de um ambiente sepulcral são bastante desiguais, facto que sugere uma ausência de qualquer tipo de gestão ou planeamento público destes espaços (1971: 74). Todavia, pensamos que a sobreposição parcial das sepulturas mais antigas, pode não ser indiciadora da inexistência de um qualquer tipo de controlo sobre o espaço de necrópole, podendo resultar de ocorrências não intencionais, fruto do desconhecimento em relação à localização e posicionamento preciso das sepulturas precedentes.

Neste novo núcleo de necrópole, não se individualizou qualquer tipo de elemento de localização indiscutivelmente associado às sepulturas de cremação, mas admitimos que algumas possam ter tido a si associados elementos locativos de referência, que obviamente desapareceram, alguns dos quais poderiam fazer uso de materiais perecíveis (Hope, 2007: 128).

Convém salientar o facto deste sector da necrópole ser rico em água, constatação que foi realizada com base na análise dos cortes estratigráficos. Foi possível verificar que a plataforma norte da necrópole era propensa à retenção das águas, que ali se acumulavam em períodos de maior caudal e precipitação, propiciando a destruição ou erosão constante dos solos da necrópole e mesmo da superfície das sepulturas, facto que poderia explicar também o desaparecimento de possíveis marcadores dos enterramentos.

Apesar de se ter assinalado a presença de três estelas, em que duas incluíam a fórmula *H(ic) S(iti) S(unt)*, o que pressupõe o enterramento de mais do que um indivíduo, não foi possível identificar com que sepulturas se relacionavam esses suportes epigráficos, dada a sua grande concentração.

Estamos certos que este núcleo deverá ter conhecido a colocação de um maior número de estelas do que aquelas que foram identificadas *in situ*, uma vez que se encontraram

fragmentos das mesmas amortizadas em diferentes construções. De facto, sob os enchimentos de uma das repavimentações da via, foi encontrada uma estela funerária fracturada sensivelmente a meio, tendo sido igualmente recuperados outros fragmentos de estelas em grandes fossas e nos drenos da via romana. Sabemos assim que ainda durante a utilização da necrópole foram destruídos vários elementos epigráficos, que perderam o seu sentido funerário, tendo sido reutilizados em diferentes contextos construtivos. Ao que tudo indica a mutilação das estelas terá sido realizada simultaneamente com o arrasamento dos mausoléus, para permitir o avanço da via para norte (Apêndice 12, Fotos 1 e 2).

Não foram detectados caminhos ou atalhos de acesso ao interior deste sector da necrópole, demonstrativos da organização do seu espaço interno. No entanto, convém sublinhar que as demarcações de tais caminhos poderiam possuir uma estrutura frágil, sendo possível que os solos que lhes poderiam corresponder fossem de terra batida. A fragilidade deste tipo de estruturas seria facilmente arrasada pelos mantos de água que periodicamente se acumulariam na parte norte do eixo viário.

Na zona sul da via apenas foram encontradas vinte e quatro sepulturas em cova, não se verificando aqui quaisquer sobreposições, facto facilmente compreensível, dado o amplo espaço disponível para proceder aos enterramentos, sendo igualmente possível que alguns dos marcadores locativos se tivessem conservado visíveis. De facto, a parte sul não teve os problemas com a água que foram registados na parte norte, pelo que a erosão superficial deve ter sido bem menor.

Foi também na área a sul da Via XVII, que assinalámos a existência de uma sepultura de cremação, que se destaca pelo seu carácter peculiar, constituindo um desvio face ao padrão de enterramentos detectados neste núcleo da necrópole, assumindo-se igualmente como exemplar único conhecido até à data em território português.

Trata-se da sepultura mais próxima do santuário rupestre da Fonte do Ídolo, cujo contentor funerário era formado por um bloco pétreo ovalado, seccionado a meio e selado por grampos de ferro.

Certamente, que o indivíduo que fez depositar nesta urna, pertenceria a um grupo social de destaque, dado o investimento requerido para a realização da referida peça. Por outro lado, parece possível admitir que se trataria de um imigrante, eventualmente originário da Meseta norte, considerando que o único paralelo para este tipo de sepultura foi encontrado numa das necrópoles de Uxama.

Sobre este enterramento não foram detectados quaisquer outros, tendo apenas sido individualizada a existência de um *ustrina*, distanciado cerca de 13m para NO, que pode corresponder à zona de cremação do indivíduo que se fez sepultar na urna de pedra. Trata-se contudo de uma mera hipótese, uma vez que as análises antropológicas realizadas até ao momento não permitem assegurar que estamos nos dois casos perante restos do mesmo indivíduo.

A análise da dispersão dos *ustrinae* parece documentar uma intencionalidade no que concerne à sua localização. De facto, encontram-se todos dispostos paralela ou transversalmente em relação ao eixo da via romana, possuindo orientações que variam entre o NNO/SSE e OSO/ENE, distando cerca de dez a dezassete metros para norte ou para sul da mesma.

Correspondem a estruturas em cova, pouco profunda, sobre a qual seria colocada uma pira estruturada com troncos de madeira, variando esta última quer na forma, quer nas dimensões. A estrutura de maiores dimensões identificada possuía 2,85x1,80x0,25m, tendo a sua identificação sido facilitada pelos limites da marca de rubificação produzida pelas altas temperaturas.

Segundo Plínio-o-Velho, as piras podiam ser estruturas bastante elaboradas, sugerindo que as mesmas seriam pintadas, adornadas com ervas aromáticas e especiarias, evidenciando o *status* do defunto e servindo de palco à última representação pública do indivíduo morto (Hope, 2007: 112).

Porém, foram detectados *ustrinae*, que continham uma urna funerária, disposta junto ao enchimento resultante da cremação, que julgamos ser possível designar como *bustum*, uma vez que alguns autores consideram que estes locais serviam simultaneamente para a cremação e para o enterramento dos restos ósseos. No entanto, verificamos que a designação deste tipo de estrutura não é pacífica. Valerie Hope afirma “The place is called bustum where the deceased is cremated and the bones are buried next to it. Others say that, when a man is cremated if he is not buried in the same place, it is not a *bustum* but an *ustrinum*” (Hope, 2007: 113). Por sua vez, J. M. C. Toynbee define *bustum*, como o local onde as cinzas são depositadas (1971: 49), enquanto Valerie Hope apenas refere que a estrutura corresponde ao local de enterramento e que a prática é rara (2007: 113). Já Filipa Cortesão Silva considera que bustum “denomina o local de cremação e, simultaneamente, de sepultura dos restos ósseos (...)”, classificando-a de deposição primária (2007: 40).

Uma análise cuidada da estrutura que classificámos como *bustum* permitiu verificar que não existia qualquer tipo de vala que tenha servido de fundação ao vaso cerâmico. Além disso, os carvões e cinzas misturados com os restos de material osteológico encostavam ao contentor cerâmico. Pensamos, por isso, tratar-se de um *bustum*, mas com a colocação da urna funerária contendo material osteológico recolhido do enchimento da pira, no local onde um indivíduo é cremado.

Apesar de, no nosso entender, a urna corresponder a uma deposição secundária, o local não deixa de ser simultaneamente o sítio onde se cremou e se sepultou.

A dúvida parece persistir também entre os responsáveis pela escavação da necrópole de Mayence-Weisenau, que apresentam uma estrutura, que designam de *bustum*, que regista semelhanças notórias com as estruturas do núcleo da necrópole de Braga. Os investigadores mantêm sob reserva a interpretação da estrutura (Witteyer, 2008: 117). Já nas necrópoles de Córdoba são conhecidos diversos tipos de *bustum*, surgindo documentadas estruturas deste tipo que integram uma urna cinerária em cerâmica, sendo consideradas sepulturas primárias (Vaquerizo Gil, 2002: 152).

Quanto à distribuição dos indivíduos dentro do espaço sepulcral deste sector escavado da necrópole, não foi possível detectar até ao momento qualquer tipo de enterramento intencional de acordo com o estatuto etário ou por sexo. Não foi ainda possível referenciar, por exemplo, zonas específicas afectas ao enterramento de indivíduos neo-natos (*suggrundaria*) ou não adultos, encontrando-se os mesmos disseminados por todo o espaço (Norman, 2002: 310). Assim, a deposição dos defuntos face aos enterramentos parece ter sido casual e aleatória (Apêndice 13).

Através da análise dos ossos melhor conservados foi possível obter alguma informação quanto ao tipo de patologias que afectavam os indivíduos no momento da morte, tendo sido identificadas patologias degenerativas ao nível da superfície articular, bem como sinais de *stress*, nomeadamente ao nível da *criba orbitalia* e patologias orais (Martins *et al.*, 2009: 167).

Face ao estado dos conhecimentos, não nos é possível avançar se existe qualquer tipo de patologia recorrente que tenha constituído a causa de morte.

A análise dos carvões encontra-se também ela numa fase muito embrionária. Porém foi possível identificar a utilização de diferentes madeiras usadas nas piras, designadamente de *quercus suber L.* ou sobreiro, árvore que deveria ser abundante na região e que seria muito adequada à cremação dada a sua resistência ao fogo, permitindo uma combustão lenta, sem

grande investimento por parte dos *ustorium* – apesar de existirem outros profissionais da morte como os *libitinarii*, *pollinctoris*, *fossores* e *vespillonis* (Toynbee, 1971: 45, Hope, 2009: 69).

À medida que avançamos para o século IV, vemos surgir as sepulturas de inumação, que neste núcleo se encontram localizadas na sua grande maioria no limite norte do quarteirão dos CTT, afastando-se manifestamente do eixo da Via XVII. Cabe contudo registar uma excepção a este modelo de implantação, expresso pela localização da INU010, disposta paralelamente à via, rasando mesmo o seu limite.

A opção de se instalar as sepulturas de inumação numa área mais recuada, relativamente à via, prende-se, em nosso entender, com duas razões intimamente relacionadas.

A primeira razão relaciona-se com as áreas úteis disponíveis para a implantação das caixas ou covas de inumação, pois, como afirma Ian Morris, a alteração de ritual funerário colocou um problema de espaço (1992: 61). De facto, as sepulturas de inumação implicaram a necessidade de um espaço de fundação mais alargado, quer nos comprimentos, quer nas larguras e mesmo em profundidade.

A segunda justificação encontra-se relacionada com a necessária preservação da memória e a estrutura das sepulturas mais antigas, implantadas de forma sistemática na bordadura do eixo viário. Certamente que as populações do século IV teriam conhecimento da existência da necrópole antiga, podendo evitar interferir com as tumulações anteriores, o que provocaria a destruição dos *loci religiosi* precedentes. Podiam, assim, ter optado por implantar as estruturas de inumação em áreas onde não existiam sepulturas de cremação, ou onde não se registava qualquer tipo de utilização antrópica anterior. Neste sentido, podemos compreender a inexistência de sobreposições entre estruturas de inumação e de incineração neste sector da necrópole.

Relativamente à distribuição dos indivíduos, e apesar de se terem identificado dois esqueletos e cinco vestígios de ossadas associados a sepulturas de inumação, não foi possível precisar nem a idade à morte ou a diagnose sexual dos indivíduos, devido ao mau estado de conservação do material osteológico, que apresentava uma matriz pastosa.

Não podemos afirmar com exactidão que todas as sepulturas de inumação apenas serviram ao enterramento de um indivíduo, não recebendo mais defuntos em fases posteriores, facto que permitia a reutilização das sepulturas. No entanto, podemos avançar que todas estas estruturas exumadas, pelas configurações apresentadas, apenas permitiam a inumação individual.

Tal facto, limita um possível estudo da organização dos diferentes sectores da necrópole por grupos de indivíduos. Na verdade, tendo em conta as dimensões das covas e das caixas observadas, apenas podemos avançar que neste sector da necrópole foram inumados indivíduos adultos e não adultos, a avaliar pelas dimensões das estruturas de enterramento.

As estruturas de inumação encontram-se orientadas segundo dois eixos preferenciais, N/S e E/O, evidenciando algumas delas ligeiras torções no sentido OSO/ENE e NNO/SSE.

Existem estudos que demonstram, que as orientações das sepulturas de inumação podem ser denunciadoras de um período cronológico específico, indicando as orientações N/S enterramentos do período alto-imperial, enquanto a partir do século III – IV e até ao século VII se teriam generalizado as sepulturas com caixas orientadas O/E e NO/SE (González Villaescusa, 2001: 68 *apud* Cunha, 2008: 51).

Porém, não é possível aplicar com rigor esta generalização para o contexto sepulcral em estudo, uma vez que para o século IV, de um total de 12 caixas de inumação, sete encontram-se orientadas N/S e cinco, no sentido O/E.

É recorrente a utilização de materiais laterícios para a construção das caixas de enterramento, o que será certamente devido ao facto dos mesmos serem mais acessíveis do ponto de vista económico, verificando-se em quase todos os casos a reutilização do material de construção como telhas e tijolos de diversas tipologias.

Apesar do granito ser uma matéria-prima abundante na região e de se verificar o recurso a blocos pétreos afeiçãoados, reveladores de um talhe cuidado, a sua utilização na edificação destas estruturas funerárias é relativamente diminuto, quando comparado com o recurso ao material laterício, factor que deverá estar relacionado com o elevado custo de transformação do material pétreo.

Não se verificou qualquer tipo de elemento de localização associado às sepulturas de inumação, o que faz supor a escassa ou inexistente monumentalidade do ambiente funerário, neste sector da necrópole, encontrando-se a maioria dos defuntos enterrados numa simples fossa, sem caixão, sendo posteriormente ocultados por uma camada de sedimentos.

Contudo, não nos parece improvável que elementos de localização tenham existido e que possam ter desaparecido, situação igualmente já referida para as sepulturas de incineração.

De salientar, que as estruturas de inumação não forneceram conjuntos de espólio funerário como atestamos para as sepulturas de cremação, o que traduz, um fenómeno

recorrente em diversas necrópoles de utilização tardia, onde se verifica o decréscimo da deposição de material votivo (Sanchez Ramos, 2005: 173, Cunha, 2008: 79).

Das 25 inumações identificadas, apenas uma forneceu um conjunto de peças cerâmicas diversas, não se recuperando qualquer tipo de peças de adorno ou relativas à indumentária (ver ponto 2).

A falta de espólio metálico, leva-nos a considerar que seria recorrente a deposição dos defuntos directamente sobre o lastro da sepultura.

O transporte do indivíduo morto seria efectivado através do recurso a uma padiola ou ataúde (*feretrum* ou *sandapila*), sendo depois trasladado para o interior da caixa sepulcral (Cunha, 2008: 54). Esta parece ter sido a situação recorrente na maior parte das sepulturas assinaladas neste sector da necrópole, excepção feita a uma que revelou vestígios de um caixão de madeira e de um túmulo que possui um sarcófago de chumbo.

## 2. O mobiliário funerário

O estudo das práticas funerárias está indubitavelmente associado ao estudo do mobiliário exumado dos contextos sepulcrais, que para além de permitir o apuramento cronológico, é uma preciosa e fundamental ferramenta para a reconstituição dos rituais de enterramento. Uma vez usado no mundo dos mortos, este material não seria reintroduzido no quotidiano dos vivos (Tranoy, 2009: 112, Hope, 2009: 83).

Nos rituais de cremação, a maioria do espólio está associado a sepulturas de incineração, constituídas por covas pouco profundas, onde se depositaram urnas em cerâmica com os restos cremados dos indivíduos. Os tipos de urna mais frequentes e observados no novo núcleo da necrópole da Via XVII, correspondem a potes que não conhecem uma grande variabilidade formal. Estas formas foram produzidas em cerâmica comum grosseira, com pastas de cor alaranjada e castanha clara, com desengordurantes abundantes, admitindo algumas formas pastas micáceas. Estas encontram paralelos na cerâmica romana de uso quotidiano, sem qualquer tipo de decoração exterior, cujas superfícies podem ser alisadas, sendo por vezes cobertas com um ligeiro engobe ou aguada na superfície externa (Martins e Delgado 1989-90: 160; Delgado *et al.*, 2009: 81).

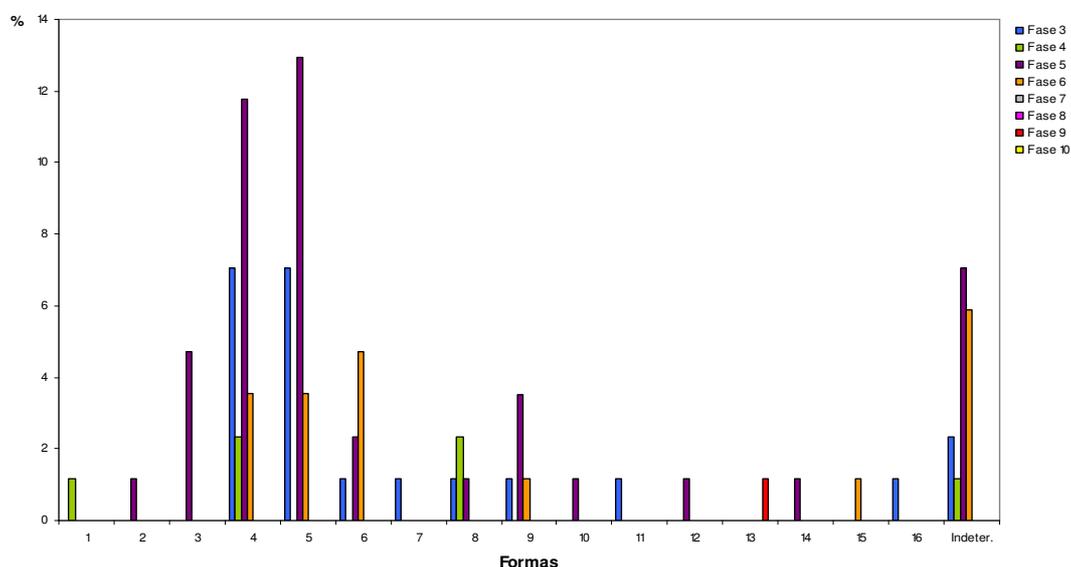
Como se pode apreciar no quadro sinóptico (Apêndice 14), trata-se na sua maioria de peças de perfil em S (Formas 1 a 9 e 11), com bordos rasos, esvasados que podem admitir uma aba soerguida, com fundos planos ou simplesmente alteados, representando cerca de 76% dos contentores funerários identificados (Gráfico 4).

São caso excepcional uma urna em vidro, proveniente da INC010 (Forma 15) e uma urna em granito, encontrada na INC098 (Forma 16).

À semelhança de outros núcleos de necrópoles da cidade, foram recuperadas outras formas de cerâmica comum de diferentes tipologias usadas como contentores cinerários. É o caso de bilhas ou pequenos púcaros (Formas 12 a 14), como os que foram identificados nas INCs 013, 020 e 034 (SEPs.XXVII, XXXIX e LXXIII=XCVI, Fichas nº 14, 15 e 20), cujo uso é pouco recorrente e o pote com corpo ovóide (Forma 10), com bordo virado para o interior, da INC012 (SEP.XXIII, Ficha nº 13).

Apesar de se tratar de peças usadas na vida diária, a ausência de qualquer vestígio ou marca de uso parece indicar que foram adquiridas para servirem uma única função, a funerária.

**Gráfico 4.** Frequência das formas de urna por período de utilização do espaço de necrópole<sup>4</sup>.



Alguns destes recipientes, urnas cinerárias e peças de cerâmica comum usadas como contentores dos restos de cremação, possuem vestígios de uma prática que consiste na abertura intencional de um orifício. Esta prática encontra-se referenciada noutros locais do mundo

<sup>4</sup> Para consulta dos dados ver Tabela 12.

romano, como é o caso de *Lugdunum*, e poderá estar intimamente relacionada, não só com a ideia de libertação do espírito do defunto após a cremação, mas também com as práticas libatórias que decorriam durante o funeral ou nas festividades anuais em honra dos defuntos (Blaizot, 2009: 169, Blaizot *et al.*, 2009: 205). A localização destas perfurações é aleatória, não se reconhecendo qualquer recorrência quanto ao sítio onde a mesma é executada: na base de potes (ver ficha nº14) ou, mais frequentemente, nas paredes (ver ficha nº38) (Blaizot, 2009: 183).

Supomos que estes orifícios estariam intimamente relacionados com as práticas libatórias, uma vez que não foram detectados elementos que conduzissem os líquidos para o interior do recipiente funerário. Assim, à semelhança do que se terá passado em outras necrópoles, presumimos ter existido um elemento vegetal que substituía as condutas cerâmicas (*tubuli* ou ânforas), permitindo canalizar os líquidos para o interior da urna (Blaizot, 2009: 183). Convém salientar, que não foram detectados quaisquer tipos de elementos relacionados com os canais ou tubos de libação.

Estas mutilações aplicadas nas urnas são também a manifestação de uma outra prática já documentada em outros contextos funerários romanos associada à ideia de “matar o vaso”, pelo que a peça mutilada intencionalmente passaria a pertencer a um mundo subterrâneo, por oposição às baixelas intactas e completas pertencentes ao mundo dos vivos (Blaizot, 2009: 169). De facto, parece que estas evidências são ilustrativas de uma acção de forte simbolismo, em que a perfuração assinala a separação entre a vida e a morte, no momento em que o defunto deixava de pertencer ao mundo dos vivos (Blaizot, 2009: 169). Os vasos quebrados ou mutilados representam peças cuja funcionalidade desaparece, sendo posteriormente substituídas por outras, renovando-se o ciclo de manipulação das peças. Com a morte passar-se-ia o mesmo, renovava-se o ciclo geracional onde uns morrem e outros nascem.

Também em *Bracara Augusta* somos confrontados com esta realidade. Nas peças cerâmicas, as partes que as compõem, foram obliteradas intencionalmente, sendo partida uma parte da peça. É o caso de um potinho, quase completo, em cerâmica cinzenta fina polida (séculos I – II), recolhido do interior de uma urna, que continha única e exclusivamente material dentário de um indivíduo. O mesmo fenómeno ocorre num outro potinho em cerâmica comum fina, da INC026 (SEPs.LI e LIII, Ficha nº16), cujo bordo, à semelhança do anterior, foi também obliterado. Poder-se-ia suspeitar que o bordo desaparecera no decorrer do processo de

escavação ou se quebrara no momento da cremação, mas o facto de estarmos perante sepulturas seladas demonstra que a sua fractura foi intencional.

Como atrás referimos, na necrópole da Via XVII foi identificada uma urna em pedra, não se conhecendo no território nacional nenhuma forma análoga. O único paralelo conhecido foi encontrado na cidade de Uxama, Soria, Espanha (Abásolo 2002: 152/153). Trata-se de uma peça excepcional, constituída por um bloco oval, que demonstra um talhe cuidado. Esta peça, seccionada sensivelmente a meio, conservava no seu interior os restos osteológicos de um indivíduo adulto jovem, cujo sexo está ainda por determinar, acompanhados de uma moeda cunhada em *Celsa Sulpicia*, entre 5 e 3 a.C., e um unguentário inteiro, datado de Tibério – Cláudio (Martins *et al.*, 2009: 177). Após a colocação dos ossos e do material votivo, a peça foi unida por quatro grampos de ferro e posteriormente selada com um revestimento de chumbo.

Regra geral, o mobiliário funerário exumado dos contextos de cremação deste núcleo de necrópole não é diferente daquele que podemos encontrar em qualquer outra necrópole romana (Blaizot, 2009: 184, Jolivet e Rebillard, 2008: 72, Witteyer, 2008: 118).

Se tivermos em conta as fontes escritas que evocam a realização de rituais no decorrer de todo o funeral, destacando-se obviamente o *silicernium*, a refeição funerária realizada no momento de cremação, ou de deposição do morto, não é de estranhar a presença de determinado tipo de objectos pertencentes ao mobiliário de cozinha (Hope, 2007: 115). Assim, encontrámos mobiliário votivo, directamente associado ao armazenamento de alimentos sólidos, tais como pratos, potinhos e malgas, fabricados nas mais diversas produções cerâmicas, desde a comum fina à cinzenta fina polida, todas elas com cronologia balizadas entre o século I e o século III (Jolivet e Rebillard, 2008: 72).

É assim natural que muitas das peças recuperadas encontrem paralelos com outros objectos encontrados em outras necrópoles romanas em Portugal. Note-se, a este propósito, a similitude entre os potinhos exumados nas INC's 100 e 101 (SEPs CCI e CCII, Fichas n.º 35 e 36) deste núcleo e os descobertos na necrópole romana da Fraga nas sepulturas 3 e 15 (Fabião *et al.*, 2008: 13/18).

Esta circunstância faz-nos supor a existência de peças de carácter marcadamente funerário, provavelmente adquiridas para o efeito e usadas unicamente em contextos de necrópole.

Muitas destas peças teriam uma dupla utilidade: seriam objectos que cumpriam uma tarefa durante o banquete funerário, para posteriormente (entre outras funções), servirem de

tampas às urnas funerárias, substituindo os blocos pétreos sem qualquer afeiçoamento que, por vezes, se usavam para as selar (INC036, Ficha nº21).

Há ainda a destacar, os objectos intimamente relacionados com o transporte e retenção de elementos líquidos.

Neste âmbito foram identificadas tigelas, taças, púcaros, copos e bilhas, fabricadas em cerâmica bracarense, comum fina, cinzenta fina polida e paredes finas (séculos I – II). A análise deste tipo de espólio parece sugerir que, na sua maioria, era usado no momento da cremação ou mesmo após este, não fazendo parte do espólio que acompanhava o morto. A corroborar tal hipótese, temos as peças que não apresentam marcas de fuligem, estalamentos ou deformações, resultantes do contacto prolongado com o fogo. Outras existem em que apenas um dos lados da peça surge queimada com vestígios de ter sido exposta às altas temperaturas. Esta evidência parece-nos ilustrativa de uma acção que terá decorrido num momento em que a pira estaria quase inactiva, não produzindo temperaturas susceptíveis de danificar as peças cerâmicas. Julgamos que estas peças podem ter sido utilizadas durante o banquete funerário, realizado já numa fase tardia do processo de cremação, no momento em que a pira apenas servia como área de acumulação de detritos.

Esta situação parece comprovada pelo facto de não ter sido documentado grande quantidade de material cerâmico calcinado por completo, o que nos permite concluir que as peças não seriam colocadas junto ao morto quando o mesmo era cremado, mas sim num momento posterior à cremação propriamente dita.

Nada é mais habitual do que encontrar lucernas em contextos de necrópole. Ao contrário do mobiliário associado à refeição fúnebre, somos confrontados com a existência de algumas lucernas completamente queimadas, o que nos permite considerar a possibilidade destas terem sido colocadas junto ao defunto no momento da cremação.

Dado que a morte se encontra envolta de noite e escuridão, as lucernas surgem como símbolos da luz que iluminaria o morto num outro mundo totalmente desconhecido para os romanos (Lepetz, 2008: 63). Frequente é também que as lucernas encontradas nos interiores de urnas não possuam vestígios de terem sido queimadas (Blaizot, 2009: 169). Neste âmbito, destacamos as lucernas das INCs032 e 045 (SEPs.LXII e XC, Ficha nº19 e 23) por não apresentarem marcas de utilização prévia, tendo sido usadas como oferendas secundárias, cumprindo uma função puramente ritual e simbólica.

Como é característico dos contextos sepulcrais foram detectadas formas bastante heterogêneas nalgumas covas e caixas votivas. Na CV5 (SEP.CXIV, Ficha nº4), no interior de um pote, foram encontradas quatro lucernas em miniatura de canal aberto atípicas e completas, datadas entre os finais do século III e os inícios século IV. Por sua vez, na INC129 (SEP.II, Ficha nº41) foi descoberta uma lucerna de volutas (Loeschcke IA), de produção centro-italica, datada entre Augusto a Tibério.

No seu conjunto, estas evidências da cultura material demonstram que os rituais funerários eram múltiplos, diversos e complexos, não existindo uma regra rígida que deveria ser cumprida cegamente. Segundo alguns autores, muitos destes objectos, eram atirados para as piras ou enterrados com o morto (Blaizot, 2009: 162; Hope, 2009: 83, Garcia Prósper e Guérin, 2002: 208), mediante o julgamento e as crenças de cada grupo familiar que decidia, perante os estados de espírito e as diferentes atitudes perante a morte, o que deveria ou não ser feito. Segundo a nossa perspectiva, esta situação é compreensível, dada a variedade de situações encontradas, não existindo uma regra rígida.

Uma outra classe de material frequente em contextos de necrópole é constituída pelos unguentários de vidro e cerâmica. São raros os unguentários em cerâmica que integram o espólio votivo das sepulturas de incineração e dos *ustrinae* referenciados, mas certamente que a sua função estará associada às peças análogas em vidro. Nalguns casos, apenas foi possível recuperar parte da peça, sendo raros, aqueles que aparecem inteiros, como os que se vieram a recuperar nas INC012 e U018 (SEPs.XXIII e C, Fichas nº13 e 68).

Relativamente aos vidros, as peças mais recorrentes são os unguentários ou balsamários, cuja função estaria intimamente relacionada com o intuito de disfarçar os cheiros da morte e com o acto de realizar oferendas aos deuses (Blaizot, 2009: 162, Arce, 1988: 31). Nas incinerações e *ustrinae*, estes unguentários surgem inteiros, ou ainda retorcidos e derretidos, o que nos faz presumir, mais uma vez, que as peças seriam certamente manipuladas em diferentes momentos do funeral, colocadas junto do morto, ou acompanhando as ossadas do mesmo. Algumas peças neste tipo de material revestem-se de grande importância, uma vez que se encontram praticamente completas e em excelente estado de conservação. No *ustrina* nº084 (SEP.XLII, Ficha nº76) foi recuperada uma taça cilíndrica com fios aplicados (Is 85, AR 98.2), datada entre o 3º quartel do século II e os meados do III, de produção local ou regional. Noutra estrutura, no U054 (SEP.VII, Ficha nº72), foram encontrados, quatro unguentários inteiros (Is 28 e Is 28B), provavelmente datados da 2ª metade do século I. Nalgumas destas

peças em vidro constata-se a obliteração do bordo, situação já referida a propósito das peças em cerâmica. À semelhança daquelas pensamos que estes unguentários em vidro teriam sido fragmentados no momento do ritual funerário.

Ainda no que concerne ao mobiliário votivo em vidro resta-nos destacar uma urna em vidro e algumas contas. Apesar dos inúmeros fragmentos de vidro recolhidos nos aterros de enchimento, que são susceptíveis de terem pertencido a peças que se constituíram como receptáculo para os restos mortais e osteológicos, veio a ser recuperado *in situ* um frasco quadrangular de bordo em gola (Is 62, AR 119, T 102), de produção regional ou de importação, datado entre os meados do século I e o século II.

No que diz respeito às contas em vidro, elas são variadas tendo sido, na sua grande maioria, recuperadas no processo de crivagem do material. Trata-se de contas de diversas tonalidades, de produção local ou oriental, com datações alto-imperiais. Salientamos o facto de muitos destes elementos se apresentarem derretidos e, por consequência, deformados por acção do fogo, o que nos permite deduzir que estes objectos de adorno eram colocados junto ao morto no momento da cremação.

Neste rol de objectos referidos falta-nos um outro de grande dimensão simbólica. Referimo-nos às moedas utilizadas para pagar o barqueiro Caronte. Neste núcleo são bastante raras as moedas, tendo apenas sido referenciados três exemplares datados entre os finais do século I a.C. e o século II e um Aes 4, datado do século IV, associado a uma inumação.

Algumas, pelo seu mau estado de conservação, não permitem leitura. Porém, visto que a grande maioria das incinerações e dos *ustrinae* se encontrava selada, parece-nos que a introdução deste elemento votivo no contexto sepulcral não seria essencial e que a prática de origem grega (Garcia Prósper e Guérin, 2002: 213) pode não ter sido contemplada nesta cidade dada a sua forte componente indígena.

Com excepção de uma fibula ou aplique encontrada na INC028 (SEP.LV, Ficha nº17), as peças de ourivesaria são praticamente inexistentes. Este tipo de objectos podiam ser colocados sobre o corpo do defunto, podendo, após a cremação, na ignorância da sua existência, ter sido recolhidos juntamente com as cinzas e colocados posteriormente nas covas. De facto, o escasso reconhecimento destas peças faz supor que a Lei das Doze Tábuas, apesar de não ser totalmente cumprida na íntegra, constituía um importante inibidor destas práticas, como é referido na disposição nº14, da Tábua X: “*Não é permitido enterrar ouro com o cadáver; mas se*

*seus dentes são presos com ouro, pode-se enterrar ou incinerar com esse ouro*" (Guimarães, 1999).

Aliás, segundo Valerie Hope, para se evitar os saques e violações de sepulturas, as peças de joalheria deveriam ser deixadas para as gerações futuras, pelo que não deveriam desaparecer em consequência da morte de um indivíduo, apesar das mesmas serem por vezes encontradas em sepulturas associadas a jovens e a mulheres, ainda que esta prática seja rara (2009: 83).

Ainda no grupo dos metais salientamos a grande quantidade de pregos e de ferragens encontrada nos enchimentos de carvões, tanto das covas como das piras. Mau grado o seu mau estado de conservação, o posicionamento deste tipo de material, principalmente nas piras, poderá permitir a reconstituição do tipo de estrutura de cremação. O elevado número destes elementos encontrados em contexto de escavação e crivagem permite-nos desde logo avançar com a hipótese de que seriam erigidas piras, estruturadas por diversas plataformas, constituindo-se os pregos recuperados como objectos de reforço e articulação dos diversos níveis compostos por calços e troncos de madeira.

Cabe-nos ainda referir o mobiliário votivo exumado nas inumações. Em comparação com o material identificado nas sepulturas associadas ao ritual de cremação, o espólio votivo é, no caso das inumações, praticamente inexistente.

Neste âmbito destaca-se a INU014 (SEP.CIII, Ficha nº50). Na extremidade norte desta caixa em tijolo foram recolhidas diversas peças cerâmicas, entre elas seis potes em cerâmica comum grosseira, um potinho e um copo em cerâmica comum fina, e quatro lucernas inteiras de canal de produção local, datadas entre os finais do século III e os inícios do século V.

Podemos pensar que estas peças foram colocadas no momento em que o defunto foi sepultado e que teriam a função de servir o morto no chamado banquete funerário. Mas dada a quantidade de espólio podemos supor igualmente que esta sepultura terá conhecido mais do que uma deposição ao longo do tempo e que o espólio tenha sido depositado e aglomerado por acção de limpezas sucessivas. Outra hipótese é que esta sepultura terá tido um espólio mais rico, entretanto saqueado, tendo posteriormente sido colocadas na área mais periférica da sepultura as peças de menor valor económico.

Neste ponto refira-se ainda a detecção de vestígios materiais associados ao transporte dos defuntos. Se por um lado existem inumações onde não foi possível recuperar qualquer tipo de ferragem ou elementos metálicos, indiciando a deposição directa do morto sobre o leito da

sepultura, por outro, foram identificados os vestígios de um caixão em madeira, individualizando-se o negativo da decomposição de matéria orgânica e a posição original dos pregos que ligavam aquela estrutura (INU017, SEP.CXXXII, Ficha nº52).

Apesar de ainda não escavado foi também detectado um caixão de chumbo, cuja origem e forma não se encontram totalmente esclarecidas. Dada esta condicionante não nos é possível avançar se no interior deste contentor existe espólio votivo, tal como não é possível averiguar as características construtivas ou o plano decorativo do mesmo. Porém, podemos avançar que se trata de um caixão em chumbo, cronologicamente inserido num período posterior ao século V, inferência possível através da correlação estratigráfica dos aterros.

A análise do mobiliário funerário que temos vindo a tratar permite, não só um apuramento cronológico dos vários momentos de ocupação da necrópole, mas também uma aproximação aos aspectos rituais do mundo funerário romano. De facto, o estudo deste mobiliário votivo é uma importante ferramenta para a reconstituição dos actos cerimoniais associados aos rituais funerários dos nossos antepassados.

## PARTE V

---

### ORGANIZAÇÃO E LOCALIZAÇÃO DO ESPAÇO FUNERÁRIO



## 1. Análise espacial por períodos cronológicos

No espaço sepulcral em estudo, disposto ao longo das bordaduras da Via XVII, foram reconhecidas diversas estruturas funerárias de tipos bastante distintos, perfazendo um total de 129 incinerações, 25 inumações, 94 *ustrinae*, quatro mausoléus, sete recintos funerários, cinco estelas, seis covas ou caixas votivas e um memorial, registando-se a identificação de estruturas cuja função não foi possível de determinar.

A planta geral onde se integram todas as realidades funerárias encontradas sugere a existência de um espaço ocupado ao longo de mais de seis séculos, continuamente afectado a usos distintos, transformando a necrópole e áreas anexas num contexto dinâmico e mutável (Apêndice 15).

Antes de iniciarmos a nossa análise, convém referir que a área central do núcleo em questão não foi intervencionada, dada a circunstância de um dos edifícios não ter sido demolido, pelo que as sepulturas aí identificadas resultam de uma única sondagem realizada no corredor do edifício em questão.

Nos finais do século I a.C. vemos surgir junto ao eixo viário as primeiras sepulturas de época romana, todas elas relacionadas com o ritual de cremação, com maior preponderância para as covas com urnas, apesar de se registar também a ocorrência de zonas de cremação, mais concentradas na zona norte da via, mantendo-se sempre uma grande proximidade relativamente ao eixo de circulação, não se afastando as sepulturas mais do que 12m (Apêndice 16).

Em termos topográficos julgamos dever presumir que o terreno terá sido aplanado, a avaliar pelas valas de extracção de grandes blocos, ou pelos afloramentos graníticos regularizados que evidenciavam ainda as marcas de cunhas, que se encontram datados dos finais do século I a.C., e que devem ter sido executados de forma a preparar o terreno destinado à necrópole. Assim, seria possível visualizar ambas as áreas de enterramento, sem qualquer tipo de constrangimento natural ou obstáculos paisagísticos. Este arranjo topográfico teria certamente tido um segundo objectivo relacionado com a necessidade de ampliar a área destinada aos enterramentos.

Na zona poente surge um núcleo de incinerações bastante concentradas, ao contrário da zona nascente, onde as sepulturas surgem mais espaçadas entre si.

Os espaços de cremação, ou *ustrinae*, surgem mais afastados da via, quase que remetidos para um plano secundário, oferecendo o lugar de destaque aos *loculi*, verificando-se a ausência de elementos de localização.

Na zona a sul, que apenas regista um total de seis estruturas, das quais dois são *ustrinae* e quatro sepulturas de cremação em cova, destacamos a INC098, correspondente a um contentor funerário oval em pedra, datado especificamente entre os anos 5 e 3 a.C., através da moeda originária de *Celsa Sulpicia*, recuperada do interior da mesma.

Julgamos que neste período, os projectos de monumentalização da necrópole ainda não estavam em curso, uma vez que nos encontramos num período correspondente ao início da instalação das elites na cidade.

Note-se que deverá corresponder a este momento a primeira monumentalização do santuário pré-romano da Fonte do Ídolo, dedicado à deusa *Nabia*, deusa da água, natureza e da renovação (Garrido Elena *et al.*, 2008: XXVII), que dista da Via XVII cerca de 63m para sul.

Nos meados do século I verifica-se que as estruturas funerárias continuam a manter uma grande concentração na zona norte, principalmente na área intermédia da necrópole, fenómeno aliás que passa a ser transversal a todos os períodos de utilização do espaço (Apêndice 17). Porém, notamos agora o surgimento das primeiras formas de apropriação do espaço, com o aparecimento de um recinto funerário a poente e com o arranque construtivo de uma ampla área monumentalizada a nascente, que integra dois edifícios contíguos de plantas pouco ortogonais. Em nenhum dos edifícios foi possível reconhecer qualquer tipo de sepulturas contemporâneas.

Este parece ser o período em que começa a ser planificada uma espécie de zona acesso à necrópole, que nos parece ser bastante ampla, onde doravante não serão referenciados quaisquer tipo de enterramentos, zona que interliga a via e o santuário da Fonte do Ídolo (Garrido Elena *et al.*, 2008: XXVII).

Ainda, na área a sul da via cabe destacar a ocorrência de duas sepulturas de incineração, localizadas junto ao recinto funerário R3.

A norte, foram assinaladas 28 estruturas funerárias, com preponderância dos *ustrinae*, que correspondem a 16 das estruturas identificadas, cinco das quais orientadas E/O.

Relativamente às incinerações em cova, apenas se registaram 12 estruturas, destacando-se a INC105 (SEP.CXXV), que se encontrava implantada no interior de um mausoléu (M01), de planta quadrangular, com cerca de 3,70 m<sup>2</sup> de área útil, perfeitamente paralelo e orientado em relação ao eixo da via. Esta associação entre via e mausoléu permitia que o monumento fosse visível para qualquer visitante, servindo os propósitos de protagonismo social e de ascensão política das elites que se haviam instalado na cidade (Vaquerizo Gil, 2002: 194).

Na passagem à 2<sup>a</sup> metade do século I, assinalámos o incremento da utilização deste espaço de necrópole, adensando-se o número de sepulturas de incineração, que mantêm uma grande homogeneidade tipológica (Apêndice 18).

Sempre situados na bordadura norte da via a nascente, constroem-se mais dois mausoléus de planta quadrangular (M02 e 04), apesar da inexistência de sepulturas coetâneas, verificando-se a existência de um outro recinto, de planta também ela quadrangular, a poente. No interior deste recinto funerário (R02), o único identificado em todo o espaço norte, foram identificadas sete sepulturas, todas elas afectas ao ritual de cremação.

A parca informação disponível até ao momento, no que concerne, à avaliação antropológica, não nos permite objectivamente afirmar se estamos perante um edifício de cariz familiar, ou se trata de um outro tipo de edifício, associado a um qualquer tipo de *collegium*, constituindo um espaço de enterramento de indivíduos agrupados por tipo de actividade profissional.

Apesar de não ter sido possível estabelecer uma relação entre *ustrina* e *loculus* julgamos que a concentração de estruturas funerárias, localizadas imediatamente a norte do recinto funerário, possa corresponder à área de cremação relacionada com as sepulturas encontradas no interior do espaço murado.

A ponte, verifica-se a manutenção da prática de sepultar nos espaços mais próximos da via, apesar de a partir deste momento se iniciar a ocupação de áreas mais afastadas e livres de anteriores enterramentos. Não nos parece ser possível estabelecer uma ligação directa entre o distanciamento em relação à via e *status* social e económico dos indivíduos sepultados nesta necrópole.

Julgamos que quando mais próximas dos limites da cidade mais caras seriam as parcelas de terreno, devendo a sua localização de proximidade em relação ao eixo viário constituir um outro factor que devia contribuir para a especulação dos preços dos lotes, que seriam tanto mais caros quanto mais próximos estivessem dos eixos viários, condicionando a deslocação dos mais pobres para áreas mais secundárias e periféricas (Gros, 2001: 384).

No entanto, não existem dados arqueológicos suficientes para tecer considerações relativas ao estatuto dos indivíduos sepultados neste sector da necrópole, uma vez que a ausência de espólio votivo nalgumas sepulturas, ou as reduzidas quantidades do mesmo noutras, podem não ser indicadores seguros de um inferior *status* social dos defuntos.

A maioria das sepulturas de cremação apresenta-se materializada por uma cova com uma urna no seu interior, não sendo raras as que não oferecem qualquer espólio votivo associado.

No sector a norte da via contam-se 28 *ustrinae*, 11 dos quais orientados E/O, verificando-se apenas três situações de sobreposição entre estas estruturas.

Ao contrário do que se verifica a norte, a sul, registam-se apenas dois *ustrinae* e seis sepulturas de cremação, com localizações completamente opostas. Destas estruturas, cinco implantam-se no limite oeste e apenas uma se encontra no interior do recinto funerário R06.

No canto SO deste núcleo foram identificados três alinhamentos (R04), que parecem configurar a existência de uma estrutura de carácter também ele funerário, cujas características construtivas se assemelham ao R05, comportando um paramento revestido também a *opus signinum*, com uma extensão conservada de quase 2m, medida recorrente nas subestruturas do edifício trapezoidal (ver foto n.º6 da ficha n.º62).

Ainda no que concerne à área sul assinalamos a primeira estruturação interna do monumento R05, onde na área central do edifício se dispõem quatro espaços rectangulares, revestidos com *opus signinum*, notando-se a tentativa de os implantar de forma simétrica e paralela. Até ao momento, apenas podemos suspeitar de uma possível funcionalidade funerária

deste espaço, cuja configuração parece sugerir que se encontra relacionado com rituais de inumação.

De facto, não são estranhas sepulturas de inumação datadas de períodos romanos bastante antigos, tal como está atestado no caso das necrópoles romanas de Valência (García Prósper e Guérin, 2002: 204).

A monumentalização da necrópole consubstancia-se não só pela existência dos edifícios funerários, mas também pelo recurso à colocação de estelas funerárias (E01), dispostas ao longo da via, funcionando estas como marcos indicadores do início do espaço funerário, assinalando a existência de indivíduos ali sepultados, que pretendem ser lembrados.

Note-se que existem fragmentos de estelas amortizadas em aterros diversos, que denunciam que o espaço era fruto de alterações constantes, o que prova que este núcleo era mutável e bastante dinâmico.

Ainda a norte da Via XVII, assinalámos também um plinto *in situ* (MEMO1), que se destinaria a servir de sustentação a um elemento pétreo, como um altar ou ara funerária.

No espaço oposto ao acima mencionado foram detectados os alicerces e os embasamentos de duas estruturas, que pelas suas especificidades e dimensões teriam um carácter monumental, mas cujas características arquitectónicas desconhecemos.

Resta-nos ainda salientar que continua a não se verificar a ocorrência de enterramentos na área correspondente à plataforma em frente à Fonte do Ídolo.

Um importante aspecto relacionado com a gestão da necrópole nesta fase é que, com a excepção dos *ustrinae*, não se observaram sobreposições entre as estruturas de incineração identificadas, assinalando-se ainda que os elementos sinalizadores e os monumentos funerários se encontravam perfeitamente alinhados entre si e dispostos paralelamente ao eixo viário. Na nossa opinião, este pormenor é denunciador de uma provável organização interna, reveladora de um controlo administrativo do espaço de necrópole, que planeava e organizava a área sepulcral. Para além disto, parece ser perceptível a existência de uma espécie de agrupamento ou aglomeração das sepulturas, o que faz supor a existência de talhões destinados ao enterramento de grupos de indivíduos, sendo possível que estivessem unidos por relações familiares.

Já no século II (Fase 6), apesar de se verificar um decréscimo do número de sepulturas em relação à fase precedente, mantém-se a tendência de se enterrar mais a norte do que a sul da via (Apêndice 19). A norte, contabilizamos 12 incinerações em cova com a deposição de uma urna, 18 *ustrinae* e uma cova votiva. Ainda no lado nascente deste espaço vemos surgir um

novo mausoléu (M03), que se implantou num espaço livre de constrangimentos construtivos, localizado entre os dois monumentos funerários referidos para a fase anterior, apresentando um deslocamento em cerca de 2,30m para norte, que lhe foi imposto pelo novo traçado da via e cuja fachada se encontrava, por esta razão, desalinhada das anteriores. Ao contrário do que verificámos nas outras construções, foram identificadas duas estelas funerárias *in situ* (E04 e 05), colocadas imediatamente em frente à fachada do mausoléu, o que terá conferido um maior grau de monumentalidade ao edifício, identificando, provavelmente, os defuntos aí depositados.

Dado o alto grau de arrasamento da estrutura, não foi possível identificar as sepulturas suas coetâneas. No entanto, salientámos o facto deste monumento funerário se ter implantado num espaço onde na fase anterior assinalámos a existência de um conjunto de sepulturas de incineração compostas pelas estruturas INC's114, 115, 116, 117, 120 e U054 (SEPs.VII, IX, X, XI e VII, respectivamente).

Podemos estar na presença de duas situações distintas. A primeira passa pela fundação de um mausoléu numa área já utilizada como o espaço de enterramento de um determinado grupo familiar, que constrói posteriormente, um monumento de forma a perpetuar as homenagens aos mortos da família. Já a segunda pode indiciar a existência da concessão de lotes ou talhões da necrópole, bastante bem definidos e delimitados ao longo do tempo, que vão passando de uns grupos para os outros mediante a aquisição do terreno.

Verificamos a deslocação das áreas de cremação para o canto NE do núcleo de necrópole, o que provavelmente poderá estar relacionado com a estruturação de uma derivação viária secundária que deveria interligar a Via XVII, com um outro caminho principal, designado de Via XVIII, ou Jeira, que se começa a organizar desde os meados do século I.

Neste espaço salientamos o elevado número de estruturas de cremação identificadas, num total de 13, orientadas NE/SO e NO/SE, não se tendo referenciado em proporção equivalente estruturas de incineração de deposição secundária, o que nos faz supor que muitas das estruturas assinaladas como *ustrinae*, possam corresponder na verdade a *bustum*. Todavia, esta hipótese carece de confirmação por parte dos estudos antropológicos, ainda em curso.

A norte, do lado oeste, notamos uma diminuição do número de incinerações, apesar de aí terem sido colocadas mais duas estelas (E02 e 03), num período em que ainda seria visível a estela E01 e o monumento correspondente ao plinto (MEM01).

A sul, e contrariamente ao que verificámos para a 2ª metade do século I, assinalamos o aumento do número de enterramentos, com cerca de 11 incinerações, todas elas caracterizadas

por covas, com enchimento de carvões e ossos calcinados, acompanhados de uma urna funerária.

Ainda na plataforma inferior da necrópole regista-se a remodelação interna operada no R05. Na área sul do edifício, num espaço anteriormente livre de estruturas foram construídas mais seis caixas, notando-se uma preocupação em manter a coerência construtiva, pois os novos contentores surgem com paredes e fundos revestidos a *opus signinum*, sendo igualmente conservada uma certa simetria entre as novas estruturas.

O recinto funerário R06 continuou a albergar estruturas de cremação conforme está documentado pelas três zonas identificadas.

Durante este período, não se verificaram quaisquer vestígios de estruturas relacionadas com o ritual de inumação.

As características que salientamos para o período cronológico anterior mantêm-se nesta fase, persistindo a ideia da construção de um espaço monumentalizado, que traduzisse o papel preponderante das elites, revelado pelas concepções arquitectónicas das estruturas erguidas. De facto, a monumentalização das paisagens sepulcrais, deveria corresponder a períodos de incremento e de investimento nos programas arquitectónicos que ocorreriam paralelamente no espaço urbano, dado que as necrópoles funcionavam como uma extensão do mundo dos vivos, que aí pretendiam perpetuar os valores romanos.

Dos quatro mausoléus localizados a norte, junto à bordadura da via, fundados em períodos distintos, não se atestou a sobreposição de estruturas monumentais, o que parece sugerir a existência de uma planificação e controlo sobre os espaços funerários.

A fase seguinte, correspondente aos finais século II e aos inícios do século III, inaugura um período de desinvestimento neste sector de necrópole, com provável ocupação de outras áreas, ainda não detectadas (Apêndice 20).

São detectadas as primeiras caixas funerárias (INCs 028, 104 e 128, correspondentes às SEPs LVI, CCXIV e XXXVII), num total de três, construídas com recurso a material de construção, mas destinadas a serem receptáculos de cinzas, carvões e material osteológico calcinado.

Terá sido neste período que foram desafectados os edifícios de carácter monumental, ou que os mesmos terão sido paulatinamente abandonados.

No canto NE deste sector verifica-se uma continuidade de implantação de zonas de cremação, agora bastante agrupadas, encontrando-se algumas delas sobrepostas, na sua maioria com orientação NO/SE.

O período que situa entre os finais do século III e os inícios do século IV, inaugura a fase da implantação das sepulturas de inumação, em espaço aberto, apesar de em todo o núcleo apenas se registarem quatro estruturas deste tipo que empregam material laterício para a sua construção. Encontram-se dispostas maioritariamente a norte na via, distando a sepultura mais afastada da mesma em cerca de 30m, apresentando-se todas genericamente orientadas NO/SE (Apêndice 21).

Trata-se de um período onde é visível o investimento em sectores da necrópole livres de sepulturas anteriores, ou cuja utilização não teria sido muito usual e continuada.

Data deste período o início da implantação de sepulturas na Cangosta da Palha, sector da necrópole da Via XVII que integra um conjunto de sepulturas de inumação bastante denso, que poderá justificar o reduzido número de inumações presentes no sector estudado. Uma das razões que poderá ter justificado esta deslocação poderá resultar desta área se encontrar já densamente utilizada, sendo possível que persistisse na memória colectiva a existência de um espaço sepulcral antigo.

Dado que a inumação obriga à alteração da gestão do espaço, implicando necessariamente a existência de uma área mais ampla para implantação de caixas ou covas de deposição, é possível que se tivessem alterado os espaços de fixação das novas sepulturas, de forma a não colidir com estruturas de enterramento anteriores ou coetâneas. Porém, registamos que este fenómeno não parece ser muito duradouro, perdurando cerca de 25/50 anos, uma vez que já no século IV se nota a implantação de um maior número de sepulturas de inumação neste sector da necrópole, a ocupar áreas livres de utilização anterior (Apêndice 22).

O extremo poente conta agora com 12 inumações, orientadas N/S e NE/SO, construídas na sua maioria com recurso a material laterício nas paredes e no fundo, apesar de se atestar a presença de covas simples, sem qualquer cobertura, ou onde o defunto era colocado sobre uma simples tábua de madeira. A nascente apenas foi identificada uma única sepultura de inumação em cova simples, orientada NO/SE.

Numa área já afastada da Via XVII surge agora um edifício funerário (R07), de planta quadrada, cuja função exacta é difícil de determinar, uma vez que não foi detectada qualquer sepultura associada.

Destacamos, ainda que apesar de a inumação se constituir como o ritual predominante nesta fase sobrevivem as práticas crematórias como o indica a INC025 (SEP.XLVIII).

Verifica-se a partir deste momento uma clara tendência para a implantação das sepulturas nos espaços mais setentrionais da necrópole, facto que deverá estar intimamente relacionado com a planificação e estruturação de uma área artesanal, que se fixou na zona intermédia da plataforma a sul da via, num espaço correspondente ao corredor de acesso à Fonte do Ídolo, uma vez, que ali não sobrevivia qualquer tipo de vestígio ou referência relacionados com o espaço sepulcral.

Por razões de segurança (afastando potenciais actividades perigosas), e por via do crescimento urbanístico, os edifícios artesanais, nos períodos mais tardios, começam a instalar-se fora do perímetro urbano. Dada a perda de relação e memória com o anterior espaço funerário, é aqui que se instala uma oficina de vidro, que parece também ignorar a existência de um santuário rupestre, relacionado com cultos pagãos.

Entre os séculos V – VI (fase 10) constatamos a persistência das práticas de inumação, concentradas exclusivamente na zona norte, todas elas implantadas na área poente, onde a orientação dominante das sepulturas passa a ser NE/SO (Apêndice 23). As inumações melhor preservadas datam desta fase, permitindo também a identificação dos esqueletos, já referidos. Para além de caixas feitas com tijolos e tégulas, destacamos a individualização de um túmulo construído com pedra bem esquadrada (INU09 SEP.LVII), em cujo interior foi identificado um caixão de chumbo, sem paralelos no território português, podendo a INU022 (SEP.LXXXV), albergar um túmulo semelhante, dadas as semelhanças construtivas que as duas estruturas apresentam.

A ampla cronologia de utilização deste espaço como área sepulcral da população residente em *Bracara Augusta*, permitiu verificar que a necrópole sofreu períodos de intensificação, recuos e avanços na implantação dos enterramentos, certamente devido a diferentes formas de organizar e administrar os espaços sepulcrais, que foram evoluindo ao longo dos séculos e cujos pormenores nos escapam.

Se as sepulturas mais antigas se localizam nos espaços imediatamente junto à via, de forma a que os defuntos fossem recordados pelos vivos o maior número de vezes possível, as mais tardias ocuparam novos espaços, normalmente mais recuados e distantes do eixo viário, onde existiriam ainda áreas livres de qualquer tipo de constrangimento.

Este núcleo de necrópole permite ainda verificar que foram escassas as sobreposições entre as diversas estruturas funerárias identificadas, o que faz supor a existência de um processo de controlo e gestão dos espaços da necrópole ao longo do tempo.

---

## CONSIDERAÇÕES FINAIS



O estudo dos rituais funerários está dependente de um conjunto de análises e de investigações às quais a Arqueologia não consegue responder sozinha. É por isso fundamental o contributo de outras disciplinas científicas, cujo conhecimento permite reconstituir os cenários que acompanharam os complexos rituais associados à morte, relacionados com as últimas acções da homenagem de um determinado grupo para com um indivíduo que passava a pertencer ao universo dos deuses *Manes*.

Apesar de considerarmos que os objectivos que nos propusemos atingir com este trabalho foram alcançados, estamos conscientes que os estudos ainda em curso podem ser reveladores de novos dados que certamente irão permitir a reconstituição de pormenores desconhecidos e ainda por averiguar, relativos aos rituais funerários ocorridos neste sector da necrópole da Via XVII.

O estudo da matéria carbonizada, certamente que ajudará a reconhecer que tipos de géneros alimentares foram usados durante os banquetes e que madeiras foram preferidas para a constituição das piras e para a manutenção das mesmas durante o moroso processo de cremação.

A Antropologia, permitirá também avaliar os graus de combustão dos corpos e os tempos de exposição, identificar possíveis patologias e idades dos defuntos, bem como eventuais causas de morte, de forma a caracterizar biologicamente os indivíduos e as populações que viveram em *Bracara Augusta*.

De facto, a reconstituição dos rituais funerários só é possível através da adopção de estratégias de investigação multidisciplinares e de metodologias de escavação muito rigorosas, que permitam análises finas do comportamento das comunidades do passado.

O estudo das materialidades exumadas, bem como a análise dos conjuntos votivos, são importantes para o estabelecimento de cronologias, mas também como forma de analisar os vestígios que fossilizaram os múltiplos gestos produzidos pelas práticas rituais romanas, manifestando-se através de marcas singulares.

Todavia, estamos conscientes de que alcançar a recuperação dos gestos e atitudes perante a morte constitui uma tarefa bastante difícil. Trata-se de analisar comportamentos que só podem ser deduzidos quando as evidências materiais são de boa qualidade, ou quando a sua recuperação foi cuidadosa, possibilitando a análise e o cruzamento das diferentes informações fornecidas pelas escavações.

Mesmo com bons dados não será facilmente perceptível a realização do *conclamatio*, do cortejo fúnebre, ou da leitura do *laudatio funebris*, referidos nos relatos históricos e que poderão não ter sido mesmo realizados, considerando que as atitudes perante a morte variariam consoante as regiões, pois nem todas as comunidades responderiam de igual forma perante os padrões rituais mais difundidos pelos romanos. Cada região terá adoptado dos rituais e as práticas romanas que mais se ajustariam às suas tradições precedentes.

O registo da variabilidade é fundamental para melhor conhecermos o mundo dos mortos e dos vivos nas diferentes áreas do Império e onde a Arqueologia permite trazer novos dados sobre o assunto.

Neste trabalho demos a conhecer a identificação de um novo núcleo de necrópole romana da Via XVII, associada a um contexto urbano, de grandes dimensões, e com uma ampla utilização, onde é notória a presença de indígenas, como o comprova a antroponímia perpetuada pelas estelas funerárias.

A escavação arqueológica, permitiu o reconhecimento de estruturas funerárias ainda não assinaladas em Braga, cuja tipologia foi aqui explanada, diferenciando-se espaços de cremação, áreas de enterramentos relacionados com este ritual e com a inumação, monumentos funerários *in situ*, todos eles em relação com a Via XVII, que agiu como importante factor de organização da necrópole.

Trata-se de um espaço que não se manteve estático, registando, pelo contrário, uma grande dinâmica, reveladora de mudanças significativas ao longo dos diversos períodos em que

foi utilizado como necrópole, durante os quais se foram adoptando diferentes estratégias de distribuição das estruturas funerárias.

As nossas conclusões seriam diferentes se dispuséssemos de outros dados, mas também se pudéssemos contar com o registo de uma área mais ampla da necrópole. Para já esperamos ter contribuído para um melhor conhecimento das práticas e rituais funerários de *Bracara Augusta*.



---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



- Abascal Palazon, Juan Manuel (1990). Seminario de Arqueología de la Muerte: metodología y perspectivas actuales. In Vaquerizo, D. (coord.). *Cultura Pueblo a Pueblo – Curso de Verano*, Diputación Provincial de Córdoba, Córdoba, pp. 205-247.
- Abásolo Alvarez, J. A. (2002). El Mundo Funerario Romano en el Centro y Norte de Hispania: aspectos diferenciales. In Vaquerizo, D. (ed). *Actas del Congreso Internacional Espacios y Usos Funerarios en el Occidente Romano*. Seminario de Arqueología da Universidad de Córdoba. Vol. I, Córdoba, pp. 145-162.
- Abreu, João Manuel Ferreira (2002). *Necrópoles romanas no território português*. Tese de mestrado. Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto. <<http://dited.bn.pt/30365/1356/1778.pdf>> [Consulta: 23 de Novembro de 2008]
- Alarcão, Jorge, Alarcão, Adília (1966). O espólio da necrópole luso-romana de Valdoca (Aljustrel) In *Conímbriga*, Vol.V, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, pp. 1-104.
- Alarcão, Jorge (1974). O espólio da necrópole luso-romana de Valdoca (Aljustrel). In *Conímbriga*, Vol.XIII, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, pp.1-27.
- Alarcão, Jorge (1983). Portugal Romano, Cap.V, Lisboa, Editorial Verbo.
- Alcock, Joan (1996). *Life in Roman Britain*, B.T. Batsford, English Heritage, London, pp.30-50.
- Arce, Javier (1988). *Funus Imperatorum – Los funerales de los emperadores romanos*, Alianza Forma, Madrid.
- Anderson, James C. (1997). *Roman Architecture and Society*, Johns Hopkins University Press, Londres, pp.321-336.

- Baldassarre, I. (2002). La necropolis dell'Isola Sacra, In Vaquerizo, D. (ed). *Actas del Congreso Internacional Espacios y Usos Funerarios en el Occidente Romano*. Seminario de Arqueología da Universidad de Córdoba. Vol. II, Córdoba, pp.11-26.
- Basset, Steven (1995). *Death in towns – Urban responses to dying and the dead, 100-1600*, Chapter II, Great Britain, pp.15-27.
- Bejarano Osorio, Ana (1996). Tipología de las sepulturas en las necrópolis tardorromanas-cristianas de Mérida: Evolución de los espacios funerarios. In *Mérida Excavaciones Arqueológicas*, Consorcio Ciudad Monumental Histórico-Artística y Arqueológica de Mérida, Memória, Mérida, pp.341-357.
- Bel, Valerie (1996). Étude spatiale de sept incinérations primaires gallo-romaines de la région lyonnaise. In *Bulletins et Mémoires de la Société d'Anthropologie de Paris*. Paris, Vol. 8, 3-4, pp.207-222.
- Beltrán Fortes, J. (2002). La arquitectura funeraria en la Hispania meridional durante los siglos IIa.C. – I d.C.. In Vaquerizo, D. (ed). *Actas del Congreso Internacional Espacios y Usos Funerarios en el Occidente Romano*. Seminario de Arqueología da Universidad de Córdoba. Vol. I, Córdoba, pp.233-258.
- Bendala, M. (2002). *Virtus y Pietas* en los monumentos funerarios de la Hispania romana. In Vaquerizo, D. (ed). *Actas del Congreso Internacional Espacios y Usos Funerarios en el Occidente Romano*. Córdoba, Universidad de Córdoba. Vol. I, Seminario de Arqueología, pp.67-85.
- Blaizot, Frédérique (2009). Rites et pratiques funéraires à *Lugdunum* du I<sup>er</sup> au IV<sup>e</sup>. In Goudineau, Christian (dir.) *Rites funéraires à Lugdunum*, Chapitre 6, Éditions Erance, Paris, pp.155-157, 161, 164-174, 177-178, 183-185.
- Blaizot, Frédérique, Bel, Valérie, Bonnet, Christine, Cabanis, Manon, Caillat, Pierre, Orengo, Lionel, Wittmann, Alain (2009). Les méthodes de l'archéo-anthropologie funéraire. In Goudineau, Christian (dir.) *Rites funéraires à Lugdunum*, Annexe I, Éditions Erance, Paris, pp.205-227.
- Bonnet, Christine (2009). Dépôts de vases sur une tombe-bûcher. In Goudineau, Christian (dir.) *Rites funéraires à Lugdunum*, Chapter 6, Éditions Erance, Paris, pp.158.
- Caetano, José Carlos (2002). Necrópoles e ritos funerários no Ocidente da Lusitânia romana. In Vaquerizo, D. (ed). *Actas del Congreso Internacional Espacios y Usos Funerarios en el Occidente Romano*. Seminario de Arqueología da Universidad de Córdoba. Vol. I, Córdoba, pp.313-334.
- Cruz, Mário (2009). *O vidro romano no Noroeste Peninsular. Um olhar a partir de Bracara Augusta*. Tese de Doutoramento (policopiada). Instituto de Ciências Sociais. Universidade do Minho, Braga.

- Cunha, A. (1953). Novíssimas inscrições romanas de Braga. In *Bracara Augusta*, IV, Braga, pp.249-252.
- Cunha, Mélanie (2008). As necrópoles de Silveirona (Santo Estêvão, Estremoz) – Do Mundo Romano à Antiguidade Tardia. In *O Arqueólogo Português*, Suplemento 4, Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, pp.9-246.
- Delgado, Manuela (1984). Sepultura romana encontrada junto ao Largo Carlos Amarante, Homenagem a D.Domingos de Pinho Brandão, in *Lucerna*, Porto, pp.179-201.
- Delgado, Manuela, Morais, Rui, Ribeiro, Jorge (colab.) (2009). *Guia das cerâmicas de produção local de Bracara Augusta* – CITCEM (Centro de Investigação Transdisciplinar – Cultura, Espaço e Memória), Braga, ESAG.
- Duarte, Cidália (2003). Bioantropologia. In *Paleoecologia Humana e Arqueociências*, Cap.7, Instituto Português de Arqueologia, Lisboa, pp.263-296 <<http://ipa.min-cultura.pt/pubs/TA/folder/29/08.pdf>> [Consulta: 25 Novembro 2008].
- Edmondson, Jonathan (2006). Granite Funerary Stelae From Augusta Emérita. In *Monografias Emeritenses*, nº9, Mérida, pp.23-73.
- Encarnação, José (1997). Introdução ao Estudo da Epigrafia Latina, Instituto de Letras da Faculdade de Coimbra, Coimbra.
- Fabião, Carlos, Guerra, Amílcar, Laço, Teresa, Melro, Samuel, Ramos, Ana Cristina (1998). Necrópole romana do Monte Castelinho (Almodôvar). In *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Vol.1, Nº1, pp.199-220. <[http://www.igespar.pt/media/uploads/revistaportuguesadearqueologia/1\\_1/2/8.pdf](http://www.igespar.pt/media/uploads/revistaportuguesadearqueologia/1_1/2/8.pdf)> [Consulta: 31 de Outubro de 2008].
- Fabião, Carlos, Dias, Mafalda, Cunha, Mélanie (2008). *Sit Tibi Terra Levis*. - Rituais Funerários Romanos e Paleocristãos em Portugal, Instituto Português de Museus, Catálogo de Exposição.
- Farago-Szekeres, Bernard, Duday, Henri (2008). Les tombes fasteuses de Naintré (Vienne). In *Rome et ses Morts – L'archéologie Funéraire dans l'Occident Romain*, n.º330, Les Dossiers d'Archeologie, Paris, pp.120-127.
- Ferreira, Octávio da Veiga, Andrade, Ruy Freire (1966). A necrópole de Valdoca (Aljustrel). In *Conímbriga*, Vol.V, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, pp.1-6.
- Figueiredo, Álvaro (2001). Death in Roman Ibéria: Acculturation, resistance and diversity of beliefs and practices. In *Era – Arqueologia Revista de Divulgação Científica de Estudos Arqueológicos*. Nº3, Colibri / Era, pp.91-107.

- Fontes, Luís, Martins, Manuela, Vilas Boas, Cristina, Braga, José, Sendas, José, Magalhães, Fernanda (2008). Escavações Arqueológicas no Quarteirão dos Antigos CTT (Braga), Resultados Preliminares. In *Al-madan*, n.16 (IIª série), Almada, Centro de Arqueologia de Almada, pp.5-9 <[http://www.almadan.publ.pt/AdendaElectronica%20\(geral\).htm](http://www.almadan.publ.pt/AdendaElectronica%20(geral).htm)> [Consulta: 29 Julho 2009].
- Fontes, Luís, Martins, Maria Manuela Braga, Andrade, Francisco (2009). *Relatório final dos trabalhos arqueológicos realizados Quarteirão dos CTT – Interligação túnel Avenida da Liberdade*, UAUM, Braga (Relatório policopiado).
- Fontes, Luís, Martins, Maria Manuela Braga, Sendas, José, Catalão, Sofia (2010). *Relatório final dos trabalhos arqueológicos realizados na ampliação do túnel da Avenida da Liberdade*, UAUM, Braga (Relatório policopiado).
- Fortes, José (1908). Necrópole lusitano-romana da Lomba (Amarante). In *Portugália*, Faculdade de Letras do Porto, Vol.2, pp.252 -262.
- (1908a). Casa e necrópole lusitano-romanas de Vilarinho (Amarante). In *Portugália*, Faculdade de Letras do Porto, Vol.2, pp.477-478.
- Garralda, M. D., Cabellos, T. (2002). Bioantropología de la población de la *C. P. Corduba*. Primeiros resultados. In Vaquerizo, D. (ed). *Actas del Congreso Internacional Espacios y Usos Funerarios en el Occidente Romano*. Seminario de Arqueología da Universidad de Córdoba. Vol. II, Córdoba, pp.373-391.
- Garcia-Ferrer, A., Sánchez de la Orden, M. (2002). Ejemplo de metodología informática aplicada al estudio del mundo funerario en *Colonia Patricia Corduba*. In Vaquerizo, D. (ed). *Actas del Congreso Internacional Espacios y Usos Funerarios en el Occidente Romano*. Seminario de Arqueología da Universidad de Córdoba. Vol. II, Córdoba, pp.201-210.
- Garcia Matamala, B. (2002). Enterramientos con urnas de tradición indígena en *Corduba*. In Vaquerizo, D. (ed). *Actas del Congreso Internacional Espacios y Usos Funerarios en el Occidente Romano*. Seminario de Arqueología da Universidad de Córdoba. Vol. II, Córdoba, pp.275-295.
- Garcia Prosper, E., Guérin, P. (2002). Nuevas aportaciones en torno a la necrópolis romana de la Calle Quart de Valencia (s. II a.C. – IV d.C.). In Vaquerizo, D. (ed). *Actas del Congreso Internacional Espacios y Usos Funerarios en el Occidente Romano*. Seminario de Arqueología da Universidad de Córdoba. Vol. I, Córdoba, pp.203-215.
- Garrido Elena, Ana, Mar, Ricardo, Martins, Manuela (2008). A Fonte do Ídolo – Análise, interpretação e reconstituição do santuário. In Martins, M (coord.). *Bracara Augusta Escavações Arqueológicas*, 4, Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, Braga.
- Gonçalves, David (2007). *FUNUS – Recomendações para a escavação e análise em laboratório de cremações em urna*. Tese de mestrado (policopiada). Departamento de Antropologia Faculdade de Ciências e Tecnologia. Universidade de Coimbra, Coimbra.

- Guimarães, Affonso Paulo (1999). *Noções de direito romano*. Síntese, Porto Alegre.  
< <http://www.api.adm.br/direito/TABUAS.htm> > [Consulta: 20 de Junho de 2010]
- Guiral Pelegrin, Carmen (2002). Tumbas pintadas en la Hispania Romana. In Vaquerizo, D. (ed). *Actas del Congreso Internacional Espacios y Usos Funerarios en el Occidente Romano*. Seminario de Arqueología da Universidad de Córdoba. Vol. II, Córdoba, pp.81-104.
- Gros, Pierre (2001). Les premiers tombeaus gentilices de la période médio-républicine. In Nicolini, Gérard (dir.), *L'Architecture Romaine - Du début du IIIe siècle av. J.-C. à la fin du Haut-Empire - Maisons, palais, villas e tombeaux*, Vol.II, Chapitre 13, Les Manuels d'Art et d'Archéologie Antiques, Picard, Paris, pp.384-387.
- (2001a). Léssor du *monumentum* individuel. In Nicolini, Gérard (dir.), *L'Architecture Romaine - Du début du IIIe siècle av. J.-C. à la fin du Haut-Empire - Maisons, palais, villas e tombeaux*, Vol.II, Chapitre 14, Les Manuels d'Art et d'Archéologie Antiques, Picard, Paris, pp.388-391.
  - (2001b). Les types de fin de la République – Origine, évolution et diffusion provinciale. In Nicolini, Gérard (dir.), *L'Architecture Romaine - Du début du IIIe siècle av. J.-C. à la fin du Haut-Empire - Maisons, palais, villas e tombeaux*, Vol.II, Chapitre 15, Les Manuels d'Art et d'Archéologie Antiques, Picard, Paris, pp.392-439.
  - (2001c). L'inflexion de la fin du I<sup>er</sup> siècle ap. J.-C.: In Nicolini, Gérard (dir.), *L'Architecture Romaine - Du début du IIIe siècle av. J.-C. à la fin du Haut-Empire - Maisons, palais, villas e tombeaux*, Vol.II, Chapitre 16, Les Manuels d'Art et d'Archéologie Antiques, Picard, Paris, pp.440-443.
- Hope, Valerie M. (2007). *Death in ancient Rome - A sourcebook*. Routledge, Great Britain.
- (2009). *Roman death*. Continuum, Great Britain.
- Imagens e Mensagens. Escultura Romana do Museu de Évora (2005), Instituto Português de Museus, Lisboa.
- Jolivet, V., Rebillard, E. (2008). Les nécropole de *Musarna* entre la fin de la République et l'époque tardo-antique. In *Rome et ses Morts – L'archéologie Funéraire dans l'Occident Romain*, n.º330, Les Dossiers d'Archeologie, Paris, pp.68-80.
- Jones, Richard (1990). Burial customs of Rome and the provinces. In Wachter, John (ed.) *The Roman World*. Vol. II, Chapter 34, Routledge, London and New York, pp.812-843.
- Laubry, Nicolas (2008). La élimitation de l'espace funéraire. Les apports de l'épigraphie, In *Rome et ses Morts – L'archéologie Funéraire dans l'Occident Romain*, n.º330, Les Dossiers d'Archeologie, Paris, pp.40-41.

- Letepez, par Sébastien, Van Andringa, W. (2008). La nécropole romaine de Porta Nocera à Pompei. In *Rome et ses Morts – L'archéologie Funéraire dans l'Occident Romain*, n.º330, Les Dossiers d'Archeologie, Paris, pp.58-65.
- Lobato, Maria José F. (1996). *A necrópole romana de Gulpilhares (Vila Nova Gaia)*. Tese de mestrado (policopiada). Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto <<http://dited.bn.pt/30365/1356/1778.pdf>> [Consulta: 28 de Novembro de 2008].
- Marquez Pérez, Juana (1998). Aportaciones al estudio del mundo funerario em *Emerita Augusta*. In *Mérida Excavaciones Arqueológicas*, Consorcio Ciudad Monumental Histórico-Artística y Arqueológica de Mérida, Memória, Mérida, pp.525-547.
- Martin-Kilcher, Stéfanie (2008). Les pratique funéraires en Gaule romaine, In *Rome et ses Morts – L'archéologie Funéraire dans l'Occident Romain*, n.º330, Les Dossiers d'Archeologie, Paris, pp.92-99.
- Martins, Manuela, Delgado, Manuela (1989/90). As necrópoles de *Bracara Augusta*, In *Cadernos de Arqueologia*, série II, Vol.6/7, Braga, pp.41-187.
- Martins, Manuela (2000). *Bracara Augusta Cidade Romana*, Ed. Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, Braga.
- Martins, Maria Manuela, Fontes, Luís, Braga, Cristina Vilas Boas, Braga, José, Magalhães, Fernanda, Sendas, José (2009). *Relatório final dos trabalhos arqueológicos realizados no Quarteirão dos CTT – Avenida da Liberdade*, UAUM, Braga (Relatório policopiado).
- Martins, M. (2009). *Bracara Augusta*. Panorama e estado da questão sobre o seu urbanismo. In Dopico Caínzos, D., Rodríguez Alvarez, P., e Villanueva Acuña M. (eds.), *Do Castro à cidade. A Romanización na Gallaecia e na Hispânia indoeuropeia*, *Actas do Curso de Actualización sobre a romanización da Galiza*, Lugo, pp.167-198.
- Méniel, Patrice (2008). Les animaux dans les pratiques funéraires des Trévires, In *Rome et ses Morts – L'archéologie Funéraire dans l'Occident Romain*, n.º330, Les Dossiers d'Archeologie, Paris, pp.112-113.
- Minozzi, Simona, Fornaciari, Gino, Catalano, Paola (2008). La Paléopathologie santé et maladies dans la Rome Impériale, In *Rome et ses Morts – L'archéologie Funéraire dans l'Occident Romain*, n.º330, Les Dossiers d'Archeologie, Paris, pp.20-21.
- Moita, Irisalva (1968). Achados da época romana no subsolo de Lisboa, In *Revista Municipal*, Números 116-117, Câmara Municipal de Lisboa, Lisboa, pp.33-71.
- (1986). Recuperar *Olisipo* a partir de Lisboa. In *Actas do I Encontro Nacional de Arqueologia Urbana (Sétubal 1985)*. Instituto Português do Património Cultural, Trabalhos de Arqueologia, nº3, Lisboa, pp.55-67.

- Monteiro, Margarida (2003). *A necrópole de Casal Pianos (S.João de Lampas - Sintra)*. Tese de mestrado em Pré-História e Arqueologia (policopiada). Faculdade de Letras de Lisboa. Lisboa.
- Morris, Ian (1992). *Death-Ritual and Social Structure in Classical Antiquity*, Cambridge University Press, Cambridge.
- Morais, Rui (2004). *Autarcia e Comércio em Bracara Augusta no período Alto-Imperial: contribuição para o estudo económico da cidade*. Tese de Doutoramento (policopiada). Instituto de Ciências Sociais. Universidade do Minho, Braga.
- (2009). Mausoléu, um monumento para a eternidade, In *As Sete Maravilhas do Mundo Antigo – Fontes, Fantasias e Reconstituições*, Ferreira, José Ribeiro e Ferreira, Luísa de Nazaré (Orgs.), Cap.5, Edições 70, Coimbra, pp.79-90.
- (2010). *Bracara Augusta*, Ed. Câmara Municipal de Braga, Braga, pp.155-161.
- Moreira, Álvaro de Brito (2010). *Castellum Madiae: formação e desenvolvimento de um žglomerado urbano secundáriož no ordenamen*. Tese de doutoramento (policopiada). Universidade de Santiago de Compostela. Santiago de Compostela.
- Murillo, Juan F., Carrillo, Jose R., Moreno, Maudilio, Ruiz, Dolores, Vargas, Sonia (2002). Los monumentos funerarios de Puerta de Gallegos. *Colonia Patricia Corduba*. In Vaquerizo, D. (ed). *Actas del Congreso Internacional Espacios y Usos Funerarios en el Occidente Romano*, Córdoba, Universidad de Córdoba, Vol.II, Seminário de Arqueologia, pp.247-274.
- Musco, Stefano, Catalano, Paola, De Angelis, Flavio, Iannaccone, Andrea (2008). L’Hypogée du haut-Empire de Tor Cervara, In *Rome et ses Morts – L’archéologie Funéraire dans l’Occident Romain*, n.º330, Les Dossiers d’Archeologie, Paris, pp.42-47.
- Neves, Maria João (2010, Abril). *Abordagem interdisciplinar do registo osteoarqueológico: metodologia de exploração*. Comunicação apresentada no 5º Curso de Antropologia Biológica – Arqueonotologia em contexto de salvamento.
- Nogales T., Basarrate, e Márquez, J. (2002). Espacios y tipos funerarios en *Augusta Emerita*. In Vaquerizo, D. (ed). *Actas del Congreso Internacional Espacios y Usos Funerarios en el Occidente Romano*. Córdoba, Universidad de Córdoba. Vol. I, Seminário de Arqueologia, pp.113-144.
- Norman, Naomi J. (2002). Death and burial of roman children. The case of the Yasmina Cemetery at Carthage – Part I, setting the stage, In *Mortality*, Vol.7, nº3, pp.302-323 <<http://dx.doi.org/10.1080/1357627021000025469/>> [Consulta: 19 de Agosto de 2010].

- Pinto, Gilda Correia (1996). *A necrópole de Montes Novos – Croca, um cemitério da Gallaecia Tardorromana*. Tese de mestrado (policopiada). Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto <<http://dited.bn.pt/30365/1356/1778.pdf>> [Consulta: 23 de Novembro de 2008].
- Portela, M<sup>a</sup> Helena T. R. (1998). *Necrópoles romanas do concelho de Amarante*. Tese de mestrado (policopiada). Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto <<http://dited.bn.pt/30365/1356/1778.pdf>> [Consulta: 23 de Novembro de 2008].
- Prowse, Tracy e Small, Alastair (2008). Excavations in the Roman cemetery at Vagnari, 2008 – Preliminary report. *The Journal of Fasti Online*. Associazione Internazionale di Archeologia Classica, Roma <[www.fastionline.org/docs/FOLDER-it-2009-131.pdf](http://www.fastionline.org/docs/FOLDER-it-2009-131.pdf)> [Consulta: 11 de Agosto de 2010].
- Puesch, Henri-Charles (1997). La religion romana, In *Historia de la Religiones, Siglo Vientuno*, Las Religiones Antiguas, Vol.III, Madrid, pp.224-289.
- Remesal Rodríguez, José (2002). Aspectos legales del mundo funerário romano. In Vaquerizo, D. (ed). *Actas del Congreso Internacional Espacios y Usos Funerarios en el Occidente Romano*. Córdoba, Universidad de Córdoba. Vol. I, Seminário de Arqueologia, pp.369-378.
- Rodrigues, M<sup>a</sup> João Madeira, Sousa, Pedro Fialho, Bonifácio, Horácio Manuel Pereira (2005). Vocabulário Técnico e Crítico de Arquitectura, Quimera, Coimbra.
- Rodríguez Hidalgo, Sara (2004). Excavación de un área funeraria de época bajoimperial en torno al acueducto de Los Milagros. In *Mérida Excavaciones Arqueológicas*, Consorcio Ciudad Monumental Histórico-Artística y Arqueológica de Mérida, Memória, 10, Mérida, pp.91-102.
- Sàbada, José Luís Ramírez (2002). O homem e a morte na Lusitânia, In *Religiões da Lusitânia – Loquuntur Saxa*, Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, pp.301-305.
- Sánchez Ramos, Isabel (2005). Las necrópolis de *Corduba* durante la Antigüedad Tardía, In *AnMurcia*, 21, Murcia, pp.165-177.
- Silva, Filipa Cortesão (2007). Abordagem ao ritual funerário da cremação através da análise dos restos ósseos. In *Al-madan*, n.15 (II<sup>a</sup> série), Almada, Centro de Arqueologia de Almada, pp.40-48.
- Soeiro, Teresa (1992/93). Notícia suméria acerca de duas necrópoles romanas – Paço de Sousa, Penafiel, In *Portugália*, Nova Série, Vols. XIII – XIV, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pp.281-285.

- Šoštarić, Renata, Dizdar, Marko, Kušan, Hršak, Mareković, Sara (2006). Comparative analysis of plant finds from Early Roman graves in Ilok (*Cuccium*) and Šćitarjevo (*Andautonia*), Croatia – A contribution to understanding burial sites in Southern Pannonia, In *Collection Antropologie*, Junho: 30, pp.429-436.  
<<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/16848163/>> [Consulta: 11 de Agosto de 2010].
- Sousa, J.J. Rigaud (1966). Inventário de materiais para a arqueologia bracarense. in *Bracara Augusta*, vol.XX, n°43-44 (55-56), Braga, pp.165-178.
- (1973). Subsídios para a carta arqueológica de Braga, In *Studia Archeologica*, Seminário de Arqueologia da Facultad de Filosofia y Letras da Universidad de Santiago de Compostela e Departamento de Prehistoria y Arqueologia da Facultad de Filosofia y Letras da Universidad de Valladolid, Santiago de Compostela, pp.7-28.
- Torrinha, Francisco (1942). *Dicionário Latino Português*, Gráficos Unidos Lda., Porto.
- Toynbee, J.M.C. (1971). *Death and Burial in the Roman World*, The John's Hopkins University Press, London.
- Tranoy, Laurence (2009). Organisation interne des espaces funéraires – Les sites de La Favorite et La Favorite II. In Goudineau, Christian (dir.) *Rites funéraires à Lugdunum*, Chapter 6, Éditions Erance, Paris, pp.107- 112.
- Vaquerizo Gil, D. (2002). Espacios y usos funerarios en *Corduba*. In Vaquerizo, D. (ed). *Actas del Congreso Internacional Espacios y Usos Funerarios en el Occidente Romano*. Seminario de Arqueología da Universidad de Córdoba. Vol. II, Córdoba, pp.141-200.
- Witteyer, Marion (2008). La nécropole de Mayence-Weisenau – Une voi pour les vivants et les morts, In *Rome et ses Morts – L'archéologie Funéraire dans l'Occident Romain*, n.°330, Les Dossiers d'Archeologie, Paris, pp.114-119.
- Zech-Matterne, Véronique (2008). Le végétaux dans les funérailles – l'exemple de la nécropole de Porta Nocera à Pompei, In *Rome et ses Morts – L'archéologie Funéraire dans l'Occident Romain*, n.°330, Les Dossiers d'Archeologie, Paris, pp.66-67.

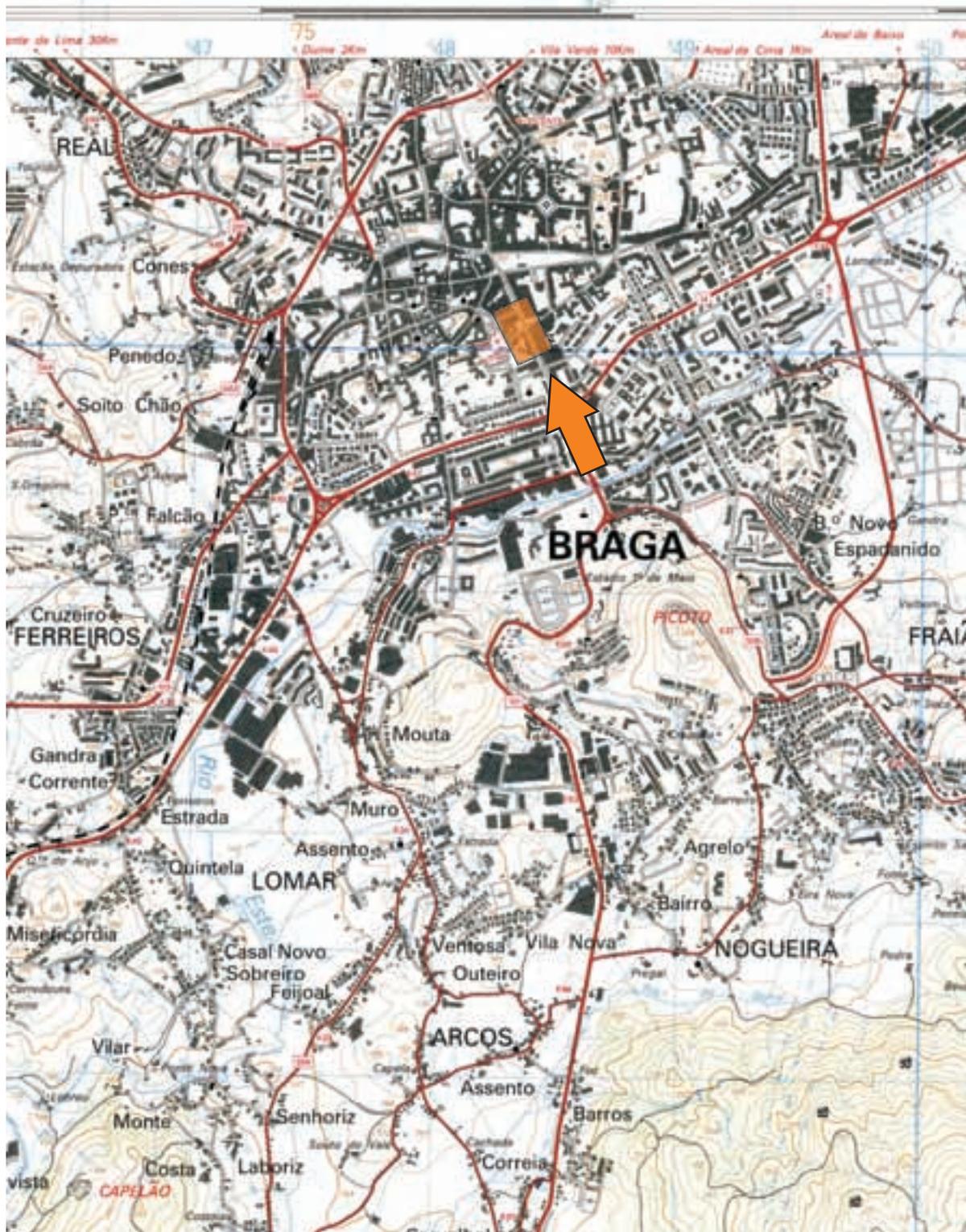
Lista de sites consultados:

- < <http://dited.bn.pt/30365/1356/1778.pdf>> [Consulta: 23 de Novembro de 2008]  
 <<http://ipa.min-cultura.pt/pubs/TA/folder/29/08.pdf>> [Consulta: 25 Novembro 2008]  
 <<http://dited.bn.pt/30365/1356/1778.pdf>> [Consulta: 28 de Novembro de 2008]  
 <<http://www.antiquities.net/glass.unuentaruium.htm>> [Consulta: 3 Janeiro 2009]  
 <<http://www.romancoins.info/Adoptivkaiser.html#Traian>> [Consulta: 3 Janeiro 2009]  
 < <http://www.api.adm.br/direito/TABUAS.htm> > [Consulta: 20 de Junho de 2010]  
 <[www.pompeisites.org](http://www.pompeisites.org)> [Consulta: 28 Junho de 2009]  
 <<http://www.ostia-antica.org/dict/prnec/prnec.htm>> [Consulta: 28 Junho de 2009]

- <<http://www.the-romans.co.uk/home.htm>> [Consulta: 28 Junho de 2009]  
<[www.pompeiipictures.net](http://www.pompeiipictures.net)> [Consulta: 1 de Julho de 2009]  
<<http://aarome.idra.info>> [Consulta: 9 de Julho de 2009]  
<<http://www.qsov.com>> [Consulta: 9 de Julho de 2009]  
<<http://www.artencordoba.com/>> [Consulta: 11 de Julho de 2009]  
<[www.mnarqueologia-ipmuseus.pt](http://www.mnarqueologia-ipmuseus.pt)> [Consulta: 11 de Julho de 2009]  
<[http://www.homines.com/arte/arte\\_romano/index.htm](http://www.homines.com/arte/arte_romano/index.htm)> [Consulta: 22 de Julho de 2009]  
<<http://www.uaum.uminho.pt/novidades/CTT/> > [Consulta: 25 de Julho de 2009]  
<<http://www.sovraintendenzaroma.it>> [Consulta: 26 de Julho de 2009]  
<[http://www.almadan.publ.pt/AdendaElectronica%20\(geral\).htm](http://www.almadan.publ.pt/AdendaElectronica%20(geral).htm)> [Consulta: 29 Julho 2009]  
<[www.fastionline.org/docs/FOLDER-it-2009-131.pdf](http://www.fastionline.org/docs/FOLDER-it-2009-131.pdf)> [Consulta: 11 de Agosto de 2010]  
< <http://dx.doi.org/10.1080/1357627021000025469/>> [Consulta: 19 de Agosto de 2010]

---

## APÊNDICES



Rituais funerários em *Bracara Augusta*: o novo núcleo de necrópole da Via XVII

Universidade do Minho

Carta militar de Portugal, FI.70

Esc. 1:25000

1

 Localização das intervenções



Rituais funerários de *Bracara Augusta*: os novos núcleos de necrópole da Via XVII

Universidade do Minho

Mapa de Braunio (1594)

 Localização das intervenções



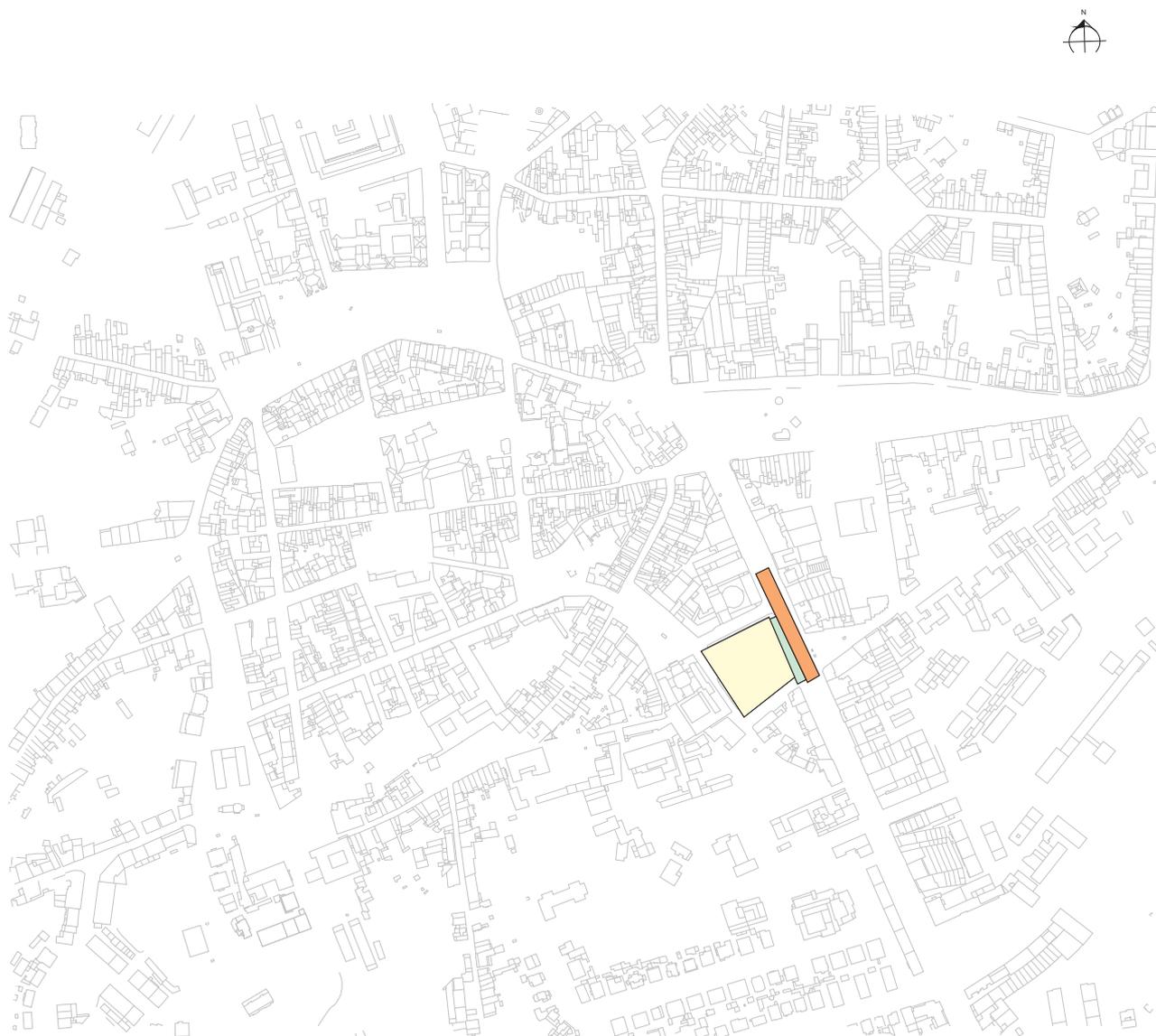
Rituais funerários de *Bracara Augusta*: os novos núcleos de necrópole da Via XVII

Universidade do Minho

Localização das vias e necrópoles de *Bracara Augusta*

3

■ Muralha romana   
 ■ Via XVII   
 ■ Outras vias   
 ■ Necrópoles   
 ■ Novo núcleo   
 ■ Malha e edifícios romanos   
 ■ Edifícios do novo núcleo de necrópole



Rituais funerários de *Bracara Augusta*: os novos núcleos de necrópole da Via XVII

Universidade do Minho

Mapa de Braga de 1992, com a localização das intervenções

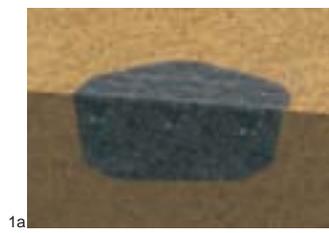
4

 Quarteirão dos CTT (CTT)

 Interligação (ITAVL)

 Túnel da Av. da Liberdade (TAVL)

Tipo 1



1a



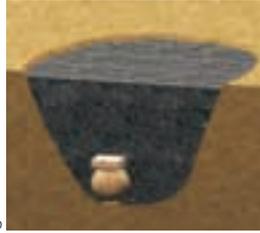
1b



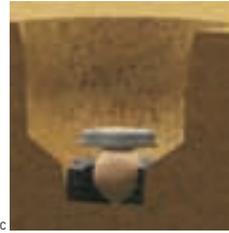
1c



2a



2b



2c



2d

Tipo 2



2e

Tipo 3



3a

Tipo 4



4a

Tipo 5



5a

Tipo 6



6a



6b

	<p>Rituais funerários em <i>Bracara Augusta</i>: o novo núcleo de necrópole da Via XVII</p>		
<p>Universidade do Minho</p>	<p>Tipologia de sepulturas de incineração</p>		<p>5</p>
<p>Reconstituição de Clara Rodrigues (UAUM)</p>			

Tipo 7



Tipo 8



	Rituais funerários em <i>Bracara Augusta</i> : o novo núcleo de necrópole da Via XVII		
Universidade do Minho	Tipologia dos <i>bustum</i> e <i>ustrina</i>		6
Reconstituição de Clara Rodrigues (UAUM)			

Tipo 1

1a



Tipo 2

2a



2b



Tipo 3

3a



3b



Tipo 4

4a



4b



Tipo 5

5a



5b



Tipo 6

6a



Tipo 7

7a



7b



### Rituais funerários em *Bracara Augusta*: o novo núcleo de necrópole da Via XVII

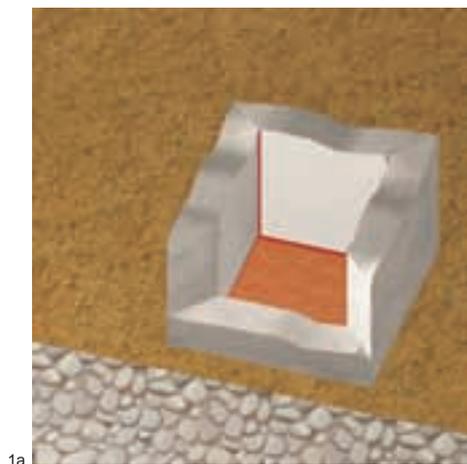
Universidade do Minho

Tipologia de sepulturas de inumação

Reconstituição de Clara Rodrigues (UAUM)

## Mausóleos

Tipo 1



1a



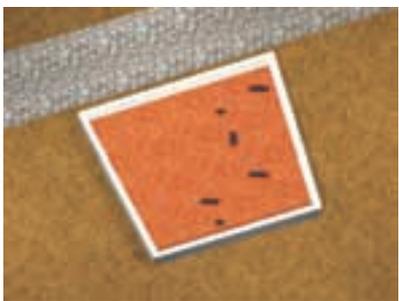
1b

## Recintos funerários

Tipo 1



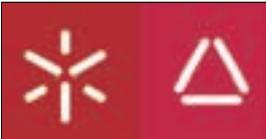
1a

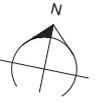


1b



1c

	Rituais funerários em <i>Bracara Augusta</i> : o novo núcleo de necrópole da Via XVII		
Universidade do Minho	Tipologia dos mausoléus e recintos funerários		8
Reconstituição de Clara Rodrigues (UAUM)			



Tipo 2

2a



## Rituais funerários em *Bracara Augusta*: o novo núcleo de necrópole da Via XVII

Universidade do Minho

Tipologia de covas e caixas votivas

Esc. 1:100

9

Tijolos Muros Opus signinum Sapatas

Tipo 1



Tipo 2



Tipo 3



	Rituais funerários em <i>Bracara Augusta</i> : o novo núcleo de necrópole da Via XVII		
Universidade do Minho	Tipologia de covas e caixas votivas		10
Reconstituição de Clara Rodrigues (UAUM)			



1.



2.



3.

Vista geral da Sond.1 (CTT), com pormenor das marcas de desmontagem dos afloramentos rochosos, com objectivo de regularizar o substrato rochoso identificados em diversos sectores.



4.

Pormenor de um dos cortes estratigráficos da Via XVII.





1.



2.





	Rituais funerários de <i>Bracara Augusta</i> : os novos núcleos de necrópole da Via XVII		
	Representação do sexo dos indivíduos por sepultura	Esc. 1:400	13
Sexo feminino	Indeterminado adulto	Indeterminado adulto jovem	Outras estruturas
Sexo masculino	Indeterminado não adulto	Indeterminado ou sem material	

5 a 3 a.C.

Século I

Século II

Século III

Século IV

Século V - VI



Forma 1



Forma 2



Forma 3



Forma 4



Forma 5



Forma 6



Forma 7



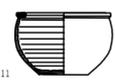
Forma 8



Forma 9



Forma 10



Forma 11



Forma 12



Forma 14



Forma 15



Forma 13

Comum grosseira

Engobe vermelho

Comum fina

Vidro

Material lítico  
(granito)



Forma 16



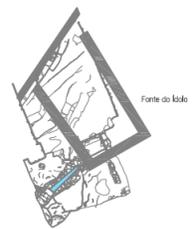
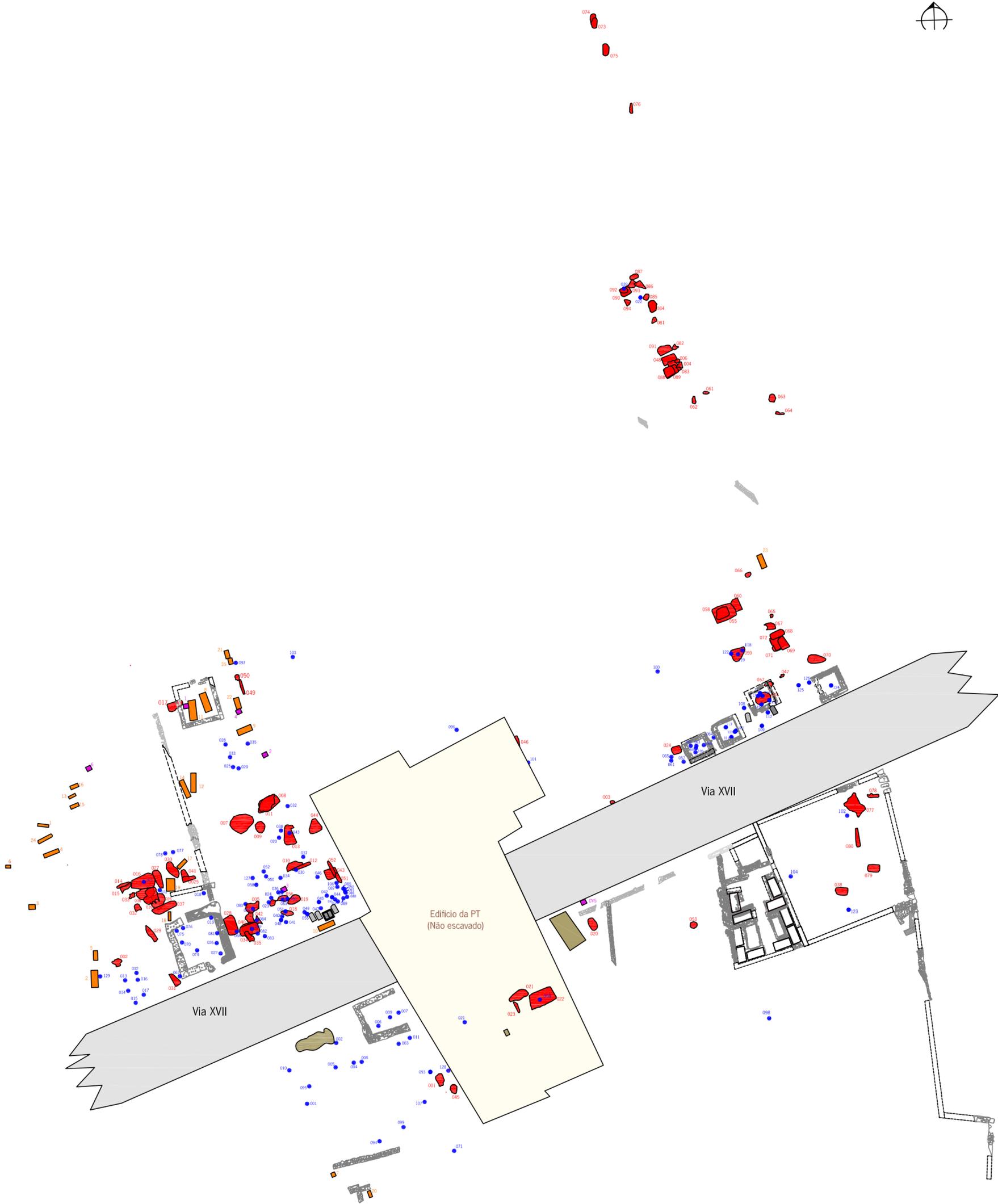
Rituais funerários em *Bracara Augusta*: o novo núcleo de necrópole da Via XVII

Universidade do Minho

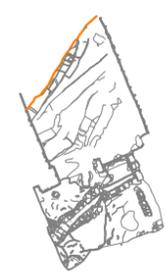
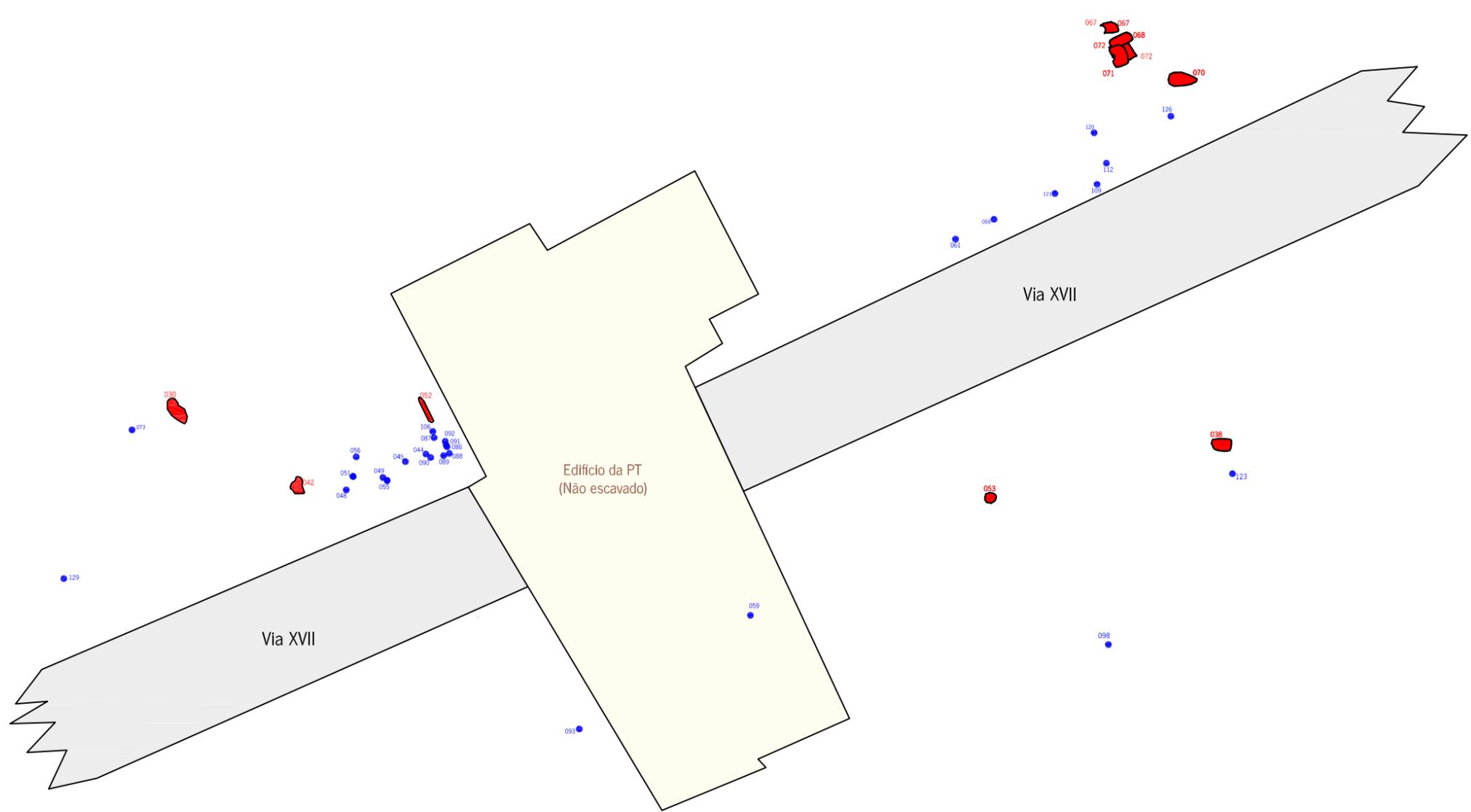
Quadro sinóptico dos recipientes que serviram de urna

Esc. 1:10

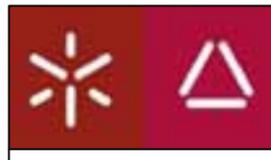
14



 Universidade do Minho	Rituais funerários em <i>Bracara Augusta</i> : o novo núcleo de necrópole da Via XVII		
	Planta geral da necrópole	Esc. 1:400	15
 Ustrina  Incherações  Inumações  Estruturas indeterminadas  Muros divisórios  Caixas volutas  Edifício PT  Via XVII  Fonte Idolo	 Mausoléus e recintos funerários		



Fonte do kito



Universidade do Minho

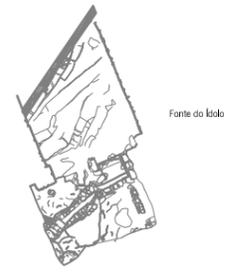
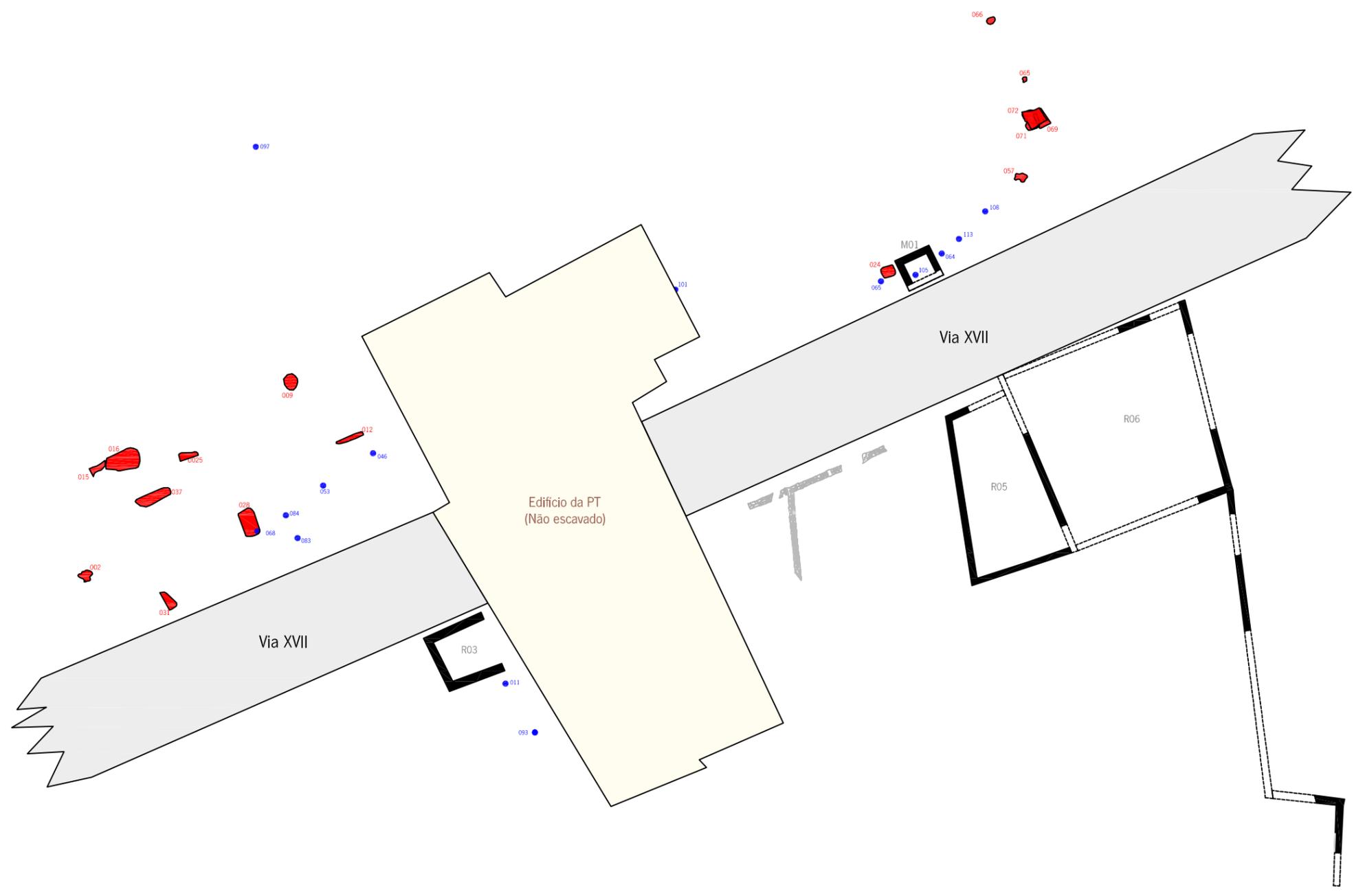
### Rituais funerários em *Bracara Augusta*: o novo núcleo de necrópole da Via XVII

Fase 3 - Transição da Era - séc.I

Esc. 1:400

# 16

- Ustrina
- Incinerações
- Caixas votivas
- Edifício PT
- Via XVII

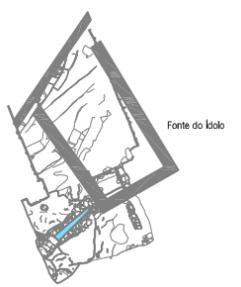
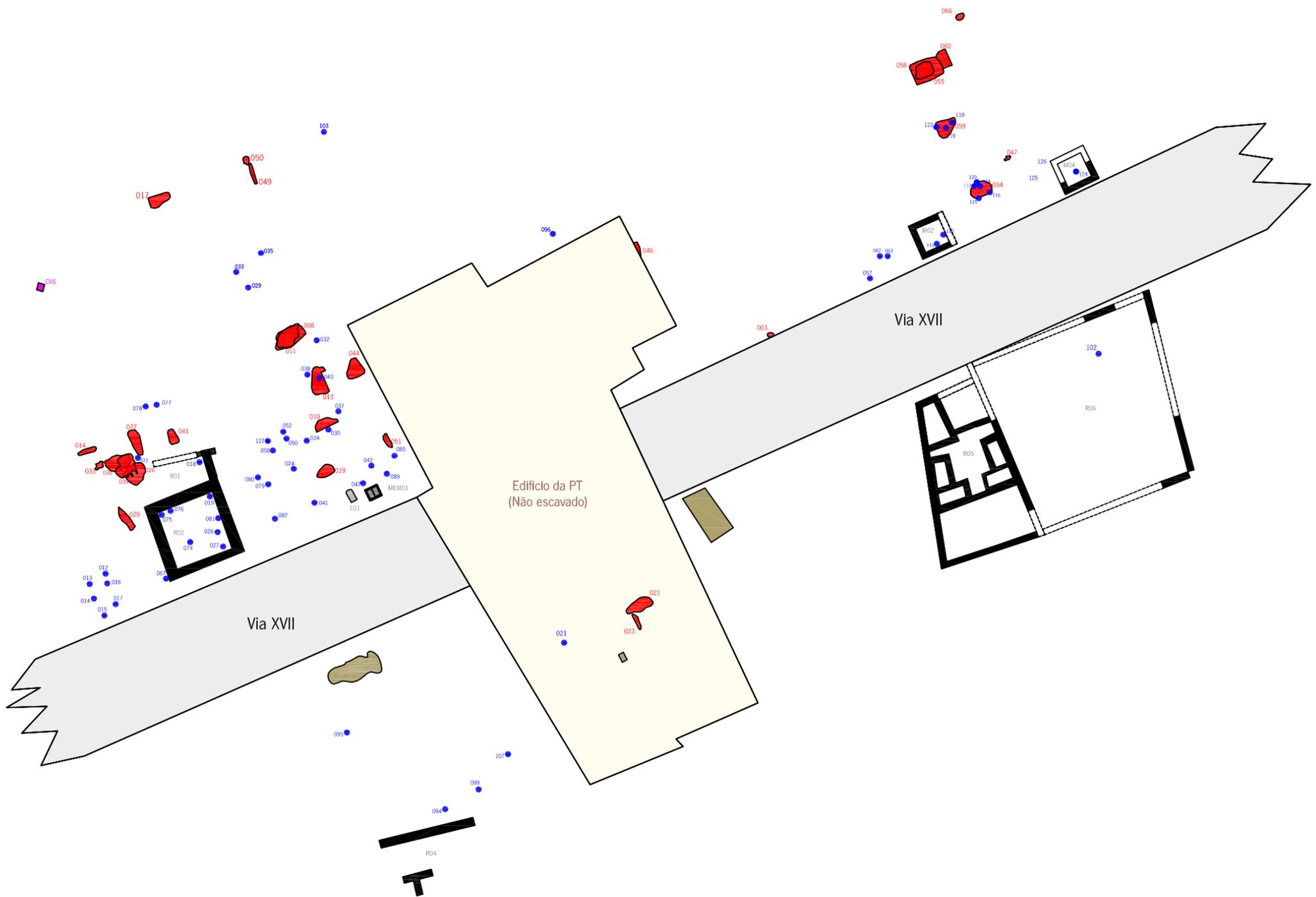


Rituais funerários em *Bracara Augusta*: o novo núcleo de necrópole da Via XVII

Fase 4 - Meados do séc.I

Esc. 1:400

- Ustrina
- Incerações
- Fonte Idolo
- Mausoléus e recintos funerários
- Via XVII
- Edifício PT
- Muros dMésórbos



Universidade do Minho

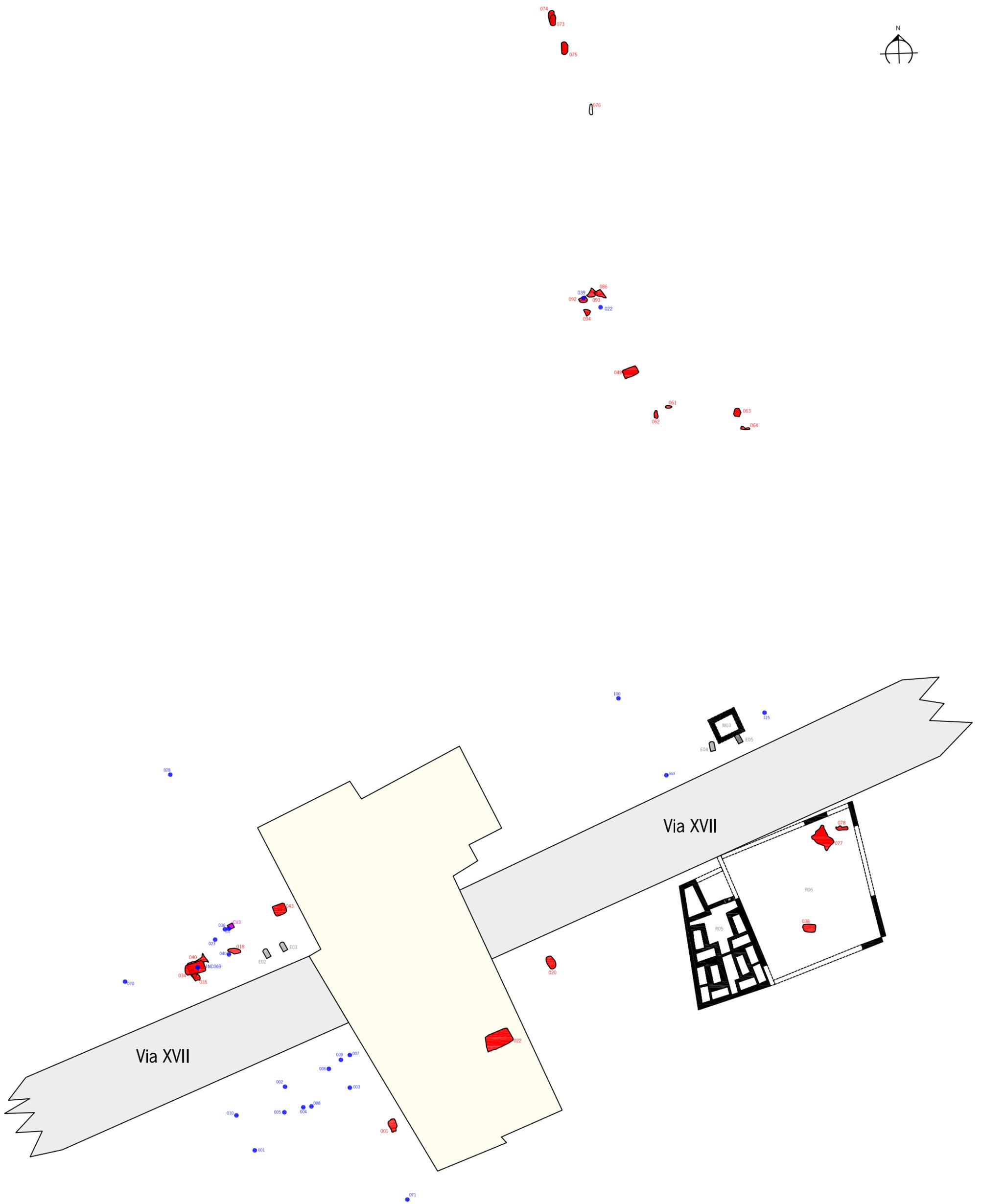
Rituais funerários em *Bracara Augusta*: o novo núcleo de necrópole da Via XVII

Fase 5 - 2ª metade do séc.I

Esc. 1:400

18

- Ustrina
- Incinerações
- Fonte Ídolo
- Mausoléus e recintos funerários
- Estelas e memoriais
- Edifício PT
- Via XVII
- Estruturas indeterminadas
- Calças votivas

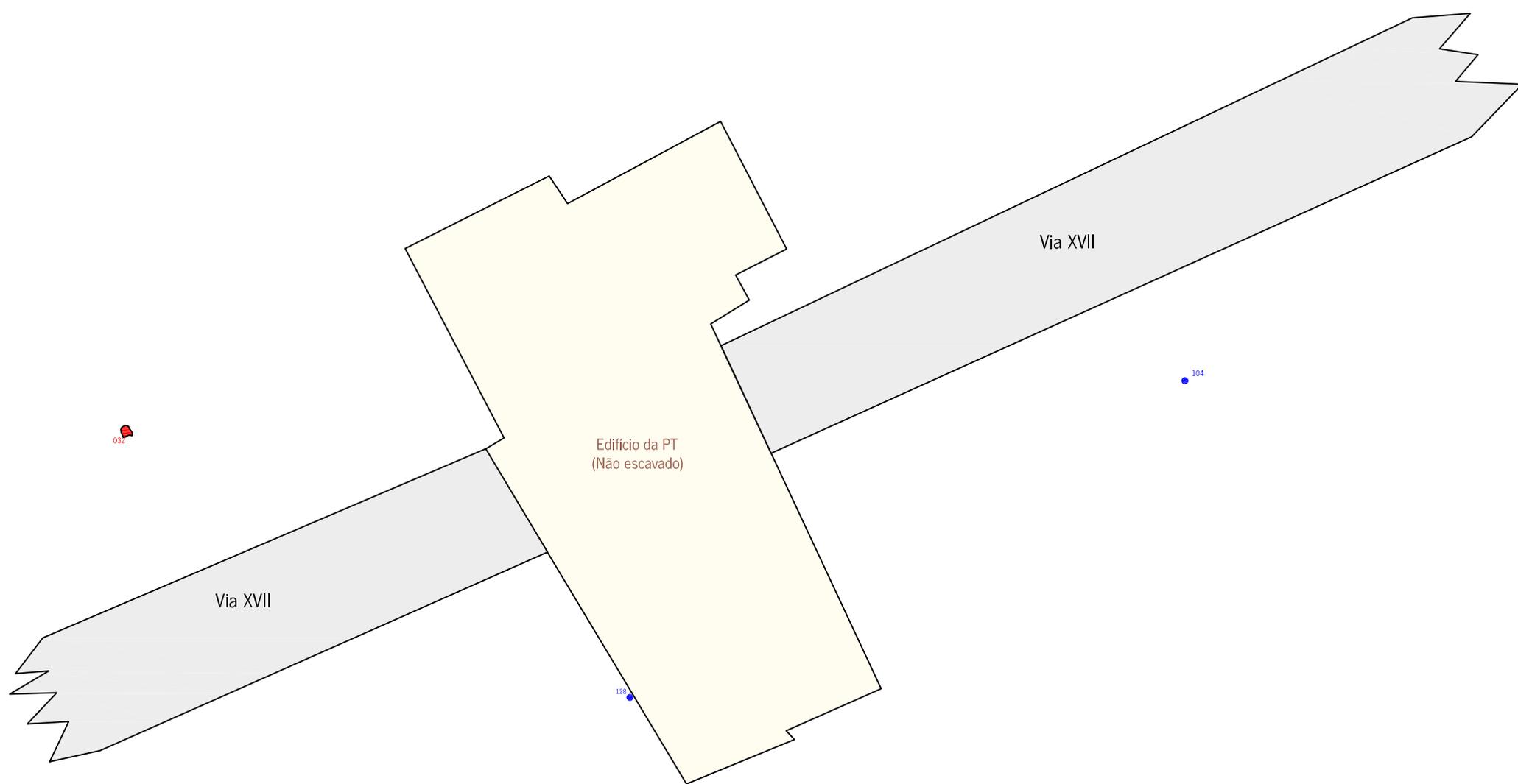
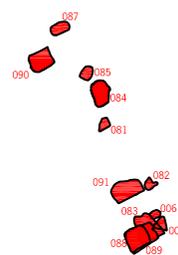


Rituais funerários de *Bracara Augusta*: os novos núcleos de necrópole da Via XVII

Fase 6 - Século II

Esc. 1:400

- Ustrina
- Incinerações
- Mausoléus e recintos funerários
- Caixas votivas
- Estelas e memoriais
- Edifício PT
- Via XVII



Universidade do Minho

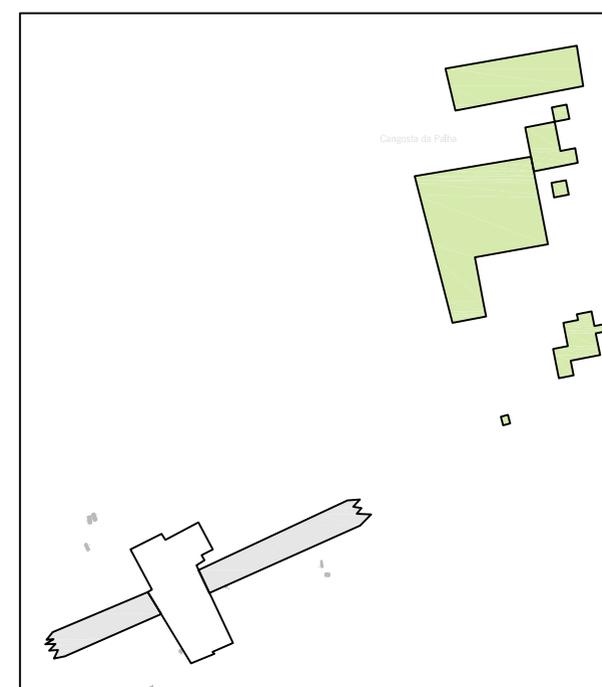
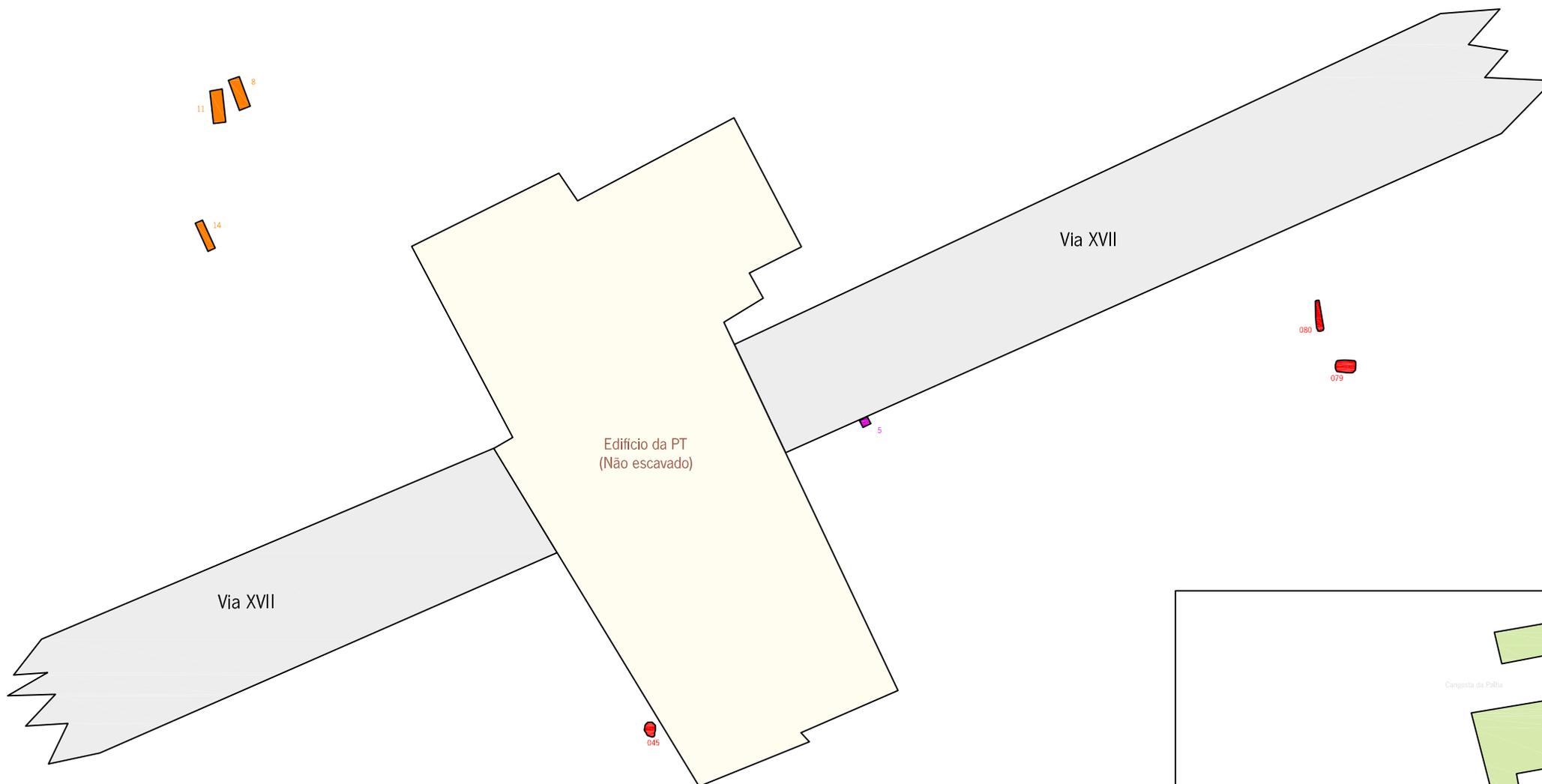
Rituais funerários em *Bracara Augusta*: o novo núcleo de necrópole da Via XVII

Fase 7 - Finais séc.II - inícios séc.III

Esc. 1:400

20

- Ustrina
- Incinerações
- Via XVII
- Edifício PT



Universidade do Minho

Rituais funerários em *Bracara Augusta*: o novo núcleo de necrópole da Via XVII

Fase 8 - Finais séc.III - inícios séc.IV

Esc. 1:400

21



Ustrina



Inumações



Cangosta da Palha



Caixas votivas



Edifício PT



Via XVII



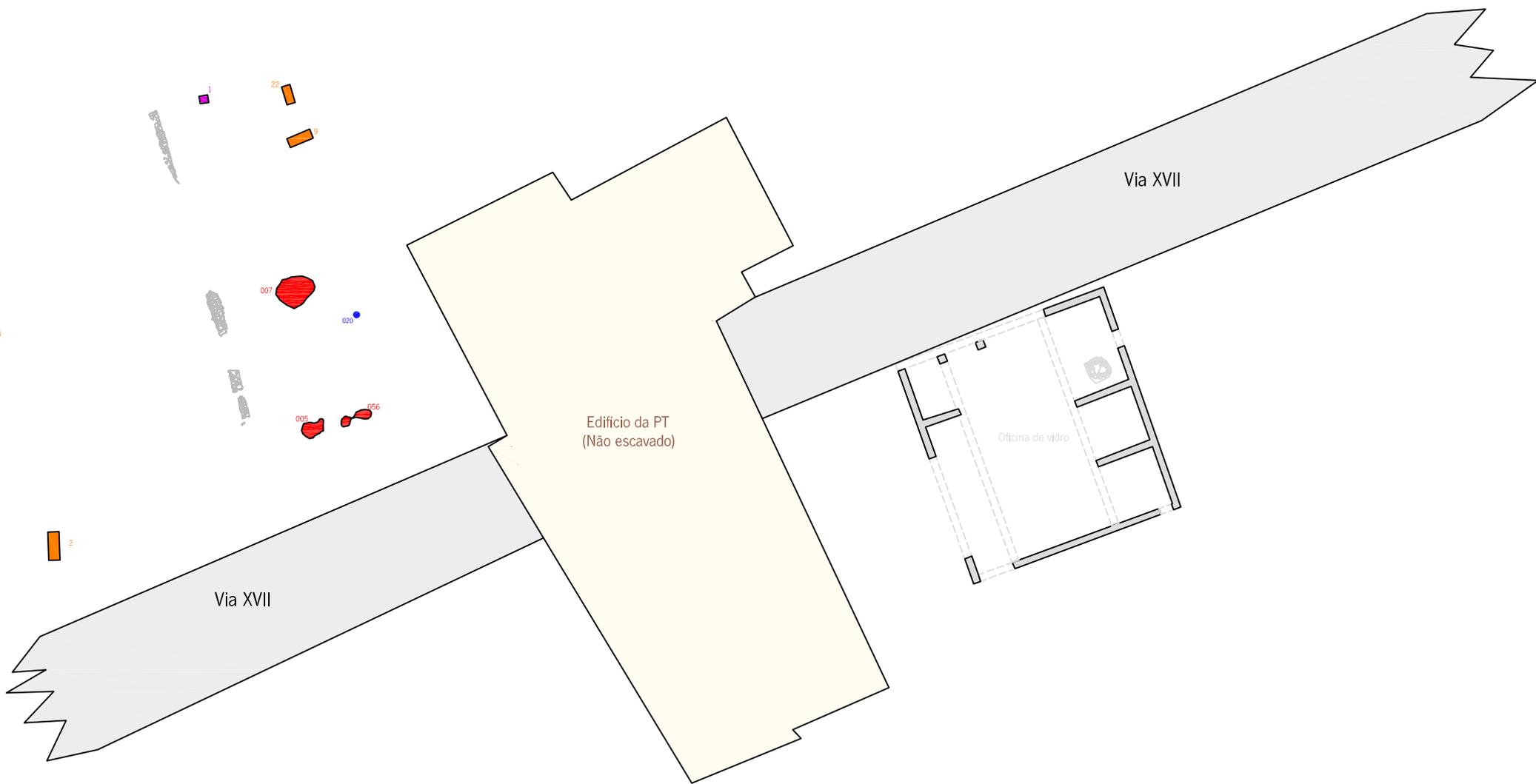
Rituais funerários de *Bracara Augusta*: os novos núcleos de necrópole da Via XVII

Fase 9 - Século IV

Esc. 1:400

22

- Incinerações
- Inumações
- Mausoléus e recintos funerários
- Oficina
- Caixas votivas
- Edifício PT
- Via XVII



Universidade do Minho

Rituais funerários em *Bracara Augusta*: o novo núcleo de necrópole da Via XVII

Fase 10 - Século V - VI

Esc. 1:400

23

- Ustrina
- Incinerações
- Mausoléus e recintos funerários
- Muro do sítio
- Oficina
- Caixas votivas
- Edifício PT
- Via XVII

---

## FICHAS DAS SEPULTURAS E ESTRUTURAS FUNERÁRIAS



## Estruturas funerárias - caixas ou covas votivas

Ficha nº 01

**Acrónimo** BRA08CTT; BRA09CTT

**Nº catálogo** CV1

**Sepultura** XLV

**Tipo** Caixa em tijoleira sem urna

**Tipo cova** Rectangular

**Tipo caixa** Quadrada

**Tipologia** 1a

**Cronologia** Séc.V - VI

**Fase** X

**Coordenadas** X -24164,35 Y 208921,41 Z 182,09

**Formas** **plano** Indeterminado **secção** Rectangular

**Material** Tijoleira

**Dimensões**

**comprimento máx** 0.57m **min.**

**largura máx** 0.45m **min.**

**diametro máx** **min.**

**profundidade máx** 0.44m **min.**

**Orientação** N/S

**Localização da via** Norte

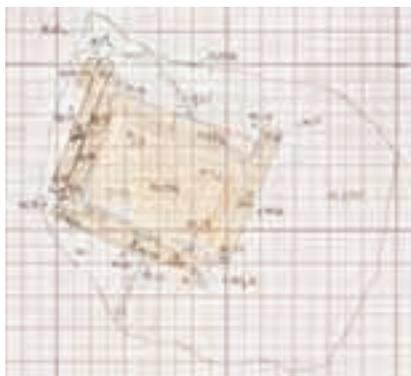
**Elemento de localização** Indeterminado

**Estado de conservação** Bom

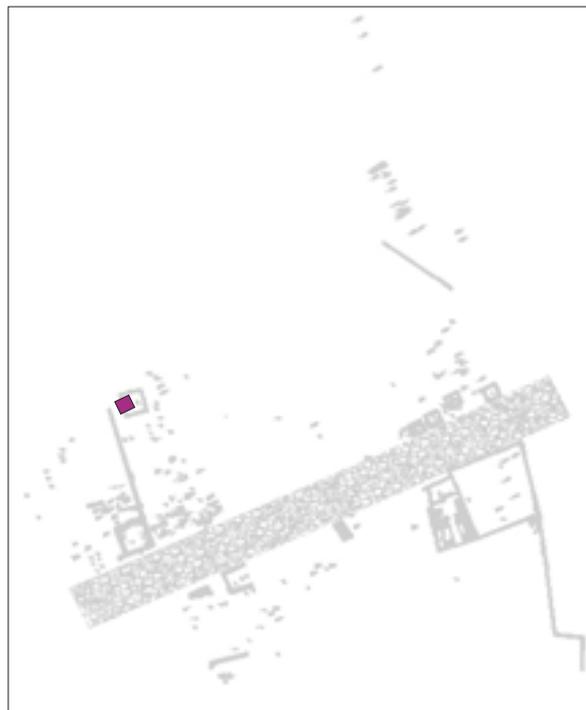
---

### UEs associadas

- 2845 Parede oeste.
- 2848 Enchimento da vala de fundação da SEP. XLV.
- 2843 Parede sul.
- 2847 Vala de implantação.
- 2842 Parede norte.
- 2846 Enchimento do interior da caixa. Composição: sedimento areno-limoso com pontos de carvão.
- 2844 Parede este.
- 2884 Leito.



1.



2.



3.

Registo de campo da CV01 (Elementos cedidos pela UAUM).



## Estruturas funerárias - caixas ou covas votivas

Ficha nº 02

**Acrónimo** BRA08CTT; BRA09CTT

**Nº catálogo** CV2

**Sepultura** L

**Tipo** Caixa de tégulas sem urna

**Tipo cova** Rectangular

**Tipo caixa** Caixa votiva

**Tipologia** 1a

**Cronologia** Séc. IV

**Fase** IX

**Coordenadas** X -24155,16 Y 208915,58 Z 181,97

**Formas** **plano** Quadrangular **secção** Rectangular

**Material**

**Dimensões**

**comprimento máx** 0.40m **min.**

**largura máx** 0.40m **min.**

**diametro máx** **min.**

**profundidade máx** 0.52m **min.**

**Orientação** Indeterminado

**Localização da via** Norte

**Elemento de localização** Indeterminado

**Estado de conservação** Mau

---

### UEs associadas

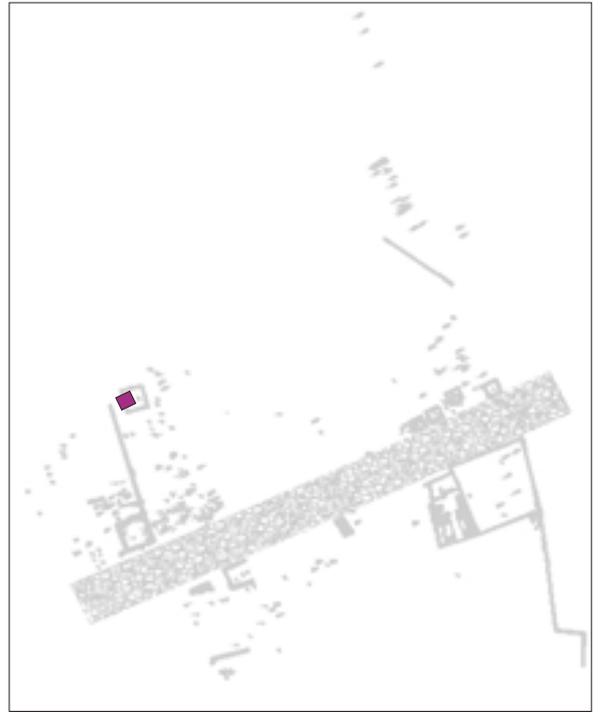
**2836** Enchimento do interior da caixa. Composição: areno-limosos de coloração castanho.

**2835** Parede sul.

**2834** Parede oeste da SEP. L.



1.



2.



3.

Registo de campo da CV02 (Elementos cedidos pela UAUM).



## Estruturas funerárias - caixas ou covas votivas

Ficha nº 03

**Acrónimo** BRA08CTT; BRA09CTT

**Nº catálogo** CV3

**Sepultura** LXV

**Tipo** Cova simples com caixa em pedra

**Tipo cova** Rectangular

**Tipo caixa** Cova votiva

**Tipologia** 3a

**Cronologia** Séc. II

**Fase** VI

**Coordenadas** X -24153,08 Y 208899,72 Z 181,42

**Formas** plano Oval **secção** Rectangular

**Material**

**Dimensões**

**comprimento máx** 0.75m **min.**

**largura máx** 0.35m **min.**

**diametro máx** **min.**

**profundidade máx** 0.23m **min.**

**Orientação** N/S

**Localização da via** Norte

**Elemento de localização** Blocos pétreos sobre jarro votivo

**Estado de conservação** Bom

---

### UEs associadas

**2938** Cobertura pétrea.

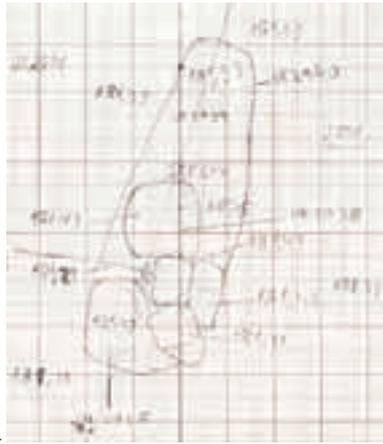
**2967** Urna.

**2966** Tampa da urna.

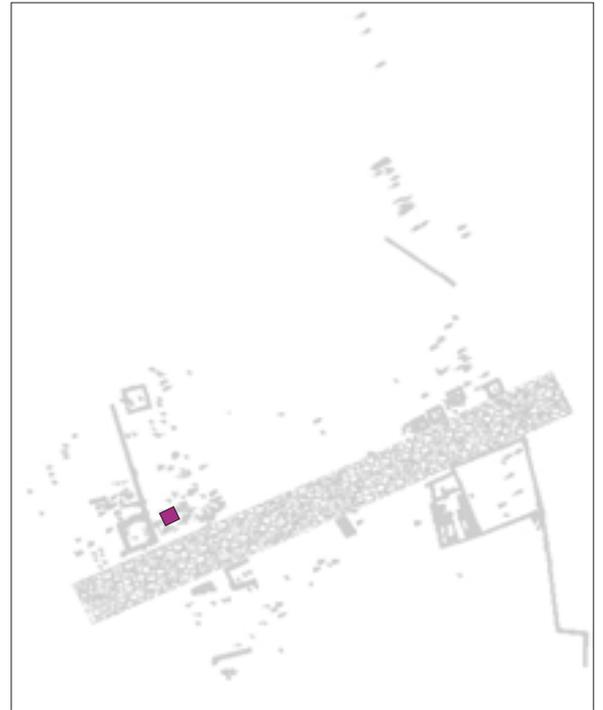
**2940** Vala de implantação.

**2939** Enchimento do interior da caixa. Composição: sedimento arenoso e carvões.

**3372** Enchimento do interior da urna. Composição: sedimento limo-arenoso, sem material osteológico.



1.



2.

Perspectiva do registo de campo da CV03 (Fotografia da autora).



3.

Jarro exumado da CV03 (Fotografia da autora).



Estruturas funerárias - caixas ou covas votivas

Ficha nº 04

**Acrónimo** BRA08CTT; BRA09CTT

**Nº catálogo** CV5

**Sepultura** CXIV

**Tipo** Cova simples

**Tipo cova** Cova em U curto

**Tipo caixa** Cova votiva

**Tipologia** 2a

**Cronologia** Finais séc. III - inícios séc. IV

**Fase** VIII

**Coordenadas** X -24117,97 Y 208898,36 Z 180,48

**Formas** **plano** Circular **secção** Secção U

**Material**

**Dimensões**

<b>comprimento máx</b>		<b>min.</b>
<b>largura máx</b>		<b>min.</b>
<b>diametro máx</b>		<b>min.</b>
<b>profundidade máx</b>	0.15m	<b>min.</b>

**Orientação** Indeterminado

**Localização da via** Sul

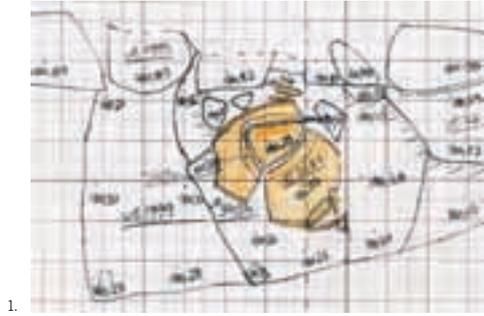
**Elemento de localização** Indeterminado

**Estado de conservação** Mau

---

**UEs associadas**

- |             |  |
|-------------|--|
| <b>3653</b> | Vala de implantação.   |
| <b>3648</b> | Enchimento do interior da urna. Composição: sedimento areno-limoso.                  |
| <b>3637</b> | Urnas.   |
| <b>3654</b> | Enchimento do interior da cova votiva. Composição: sedimento de matriz areno-limoso. |

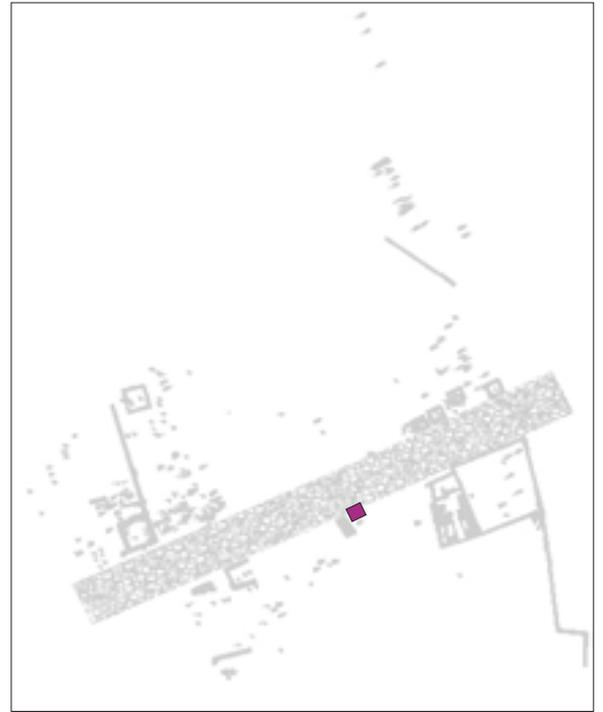


1.



2.

Levantamento de campo da CV05 (Elementos cedidos pela UAUM).



3.



4.

Pormenor do pote e lucernas (finais do séc. III - inícios séc. IV) da CV05 (Fotografia da autora).



## Estruturas funerárias - caixas ou covas votivas

Ficha nº 05

**Acrónimo** BRA08CTT; BRA09CTT

**Nº catálogo** CV6

**Sepultura** CVII

**Tipo** Cova simples sem urna

**Tipo cova** Cova em U curto

**Tipo caixa** Cova votiva

**Tipologia** 2a

**Cronologia** 2ª metade séc. I

**Fase** V

**Coordenadas** X -24175,7 Y 208913,96 Z 181,66

**Formas** **plano** Circular **secção** Secção U

**Material**

**Dimensões**

**comprimento máx** **min.**

**largura máx** **min.**

**diâmetro máx** **min.**

**profundidade máx** 0.28m **min.**

**Orientação** Indeterminado

**Localização da via** Norte

**Elemento de localização** Indeterminado

**Estado de conservação** Bom

---

### UEs associadas

**3353** Vala de implantação.

**3354** Enchimento de vala de implantação.

**3449** Enchimento do interior da urna. Composição: sedimento arenoso.

**3352** Pote votivo.



1.

Registo de campo da CV06 (Elemento cedido pela UAUM).



2.

Pormenor do pote em cerâmica comum grosseira da CV06 (Fotografia da autora).



## Estela

Ficha nº 06

Acrónimo BRA08CTT; BRA09CTT

Nº catálogo E01

Número de campo E.E.005

Tipo Estela com frontão triangular Tipo cova Indeterminado

Cronologia 2ª metade séc. I

Fase V

Coordenadas X -24149,63 Y 208896,61 Z 182,12

Formas plano Outra secção Outra

Campo epigráfico Aqui jazem Caturo, filho de Camalus e pai de Medamus, de Medamus filho de Caturo e de Meditia filha de Medamus

Transcrição CATVRO/ CAMALI/ MEDITIA/ MEDAMI/ MEDAMVS/ CATVRONIS/ CVLAECIEN(sis)/ H(ic).S(iti).S(unt)

Material Pedra

## Dimensões

comprimento máx	1.68m	min.
largura máx	0.50m	min.
diâmetro máx		min.
profundidade máx	0.26m	min.

Orientação Localização da via Norte

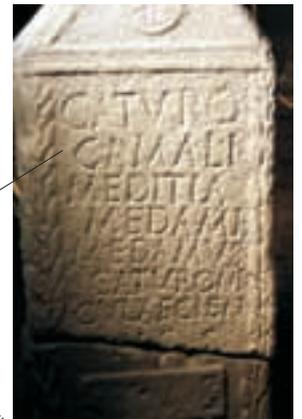
Estado de conservação Excelente

## UEs associadas

2773 Estela funerária.



1.



4.



3.



2.

Registo de campo da E01 (Elementos cedidos pela UAUM).



## Estela

Ficha nº 07

Acrónimo BRA08CTT; BRA09CTT

Nº catálogo E02

Número de campo E.E.006

Tipo Estela de tipo indeterminado Tipo cova Indeterminado

Cronologia Séc. II

Fase VI

Coordenadas X -24148,91 Y 208896,83 Z 181,81

Formas plano Outra secção Rectangular

## Campo epigráfico

Transcrição MIL(es) LEG(ionis) / VII (septimae) . G(eminae) . F(idelis) . ) (centuria) I(ulii)FAVO/NI . ANN(orum) . XXXI (triginta unius) / H(ic) . S(itus) . EST . H(eredes) . F(aciendum) . C(uraverunt) / S(it) T(ibi) . T(erra) . L(evis) .

Material Pedra

## Dimensões

comprimento máx	1.20m	min.
largura máx	0.64m	min.
diametro máx		min.
profundidade máx	0.26m	min.

Orientação Localização da via Norte

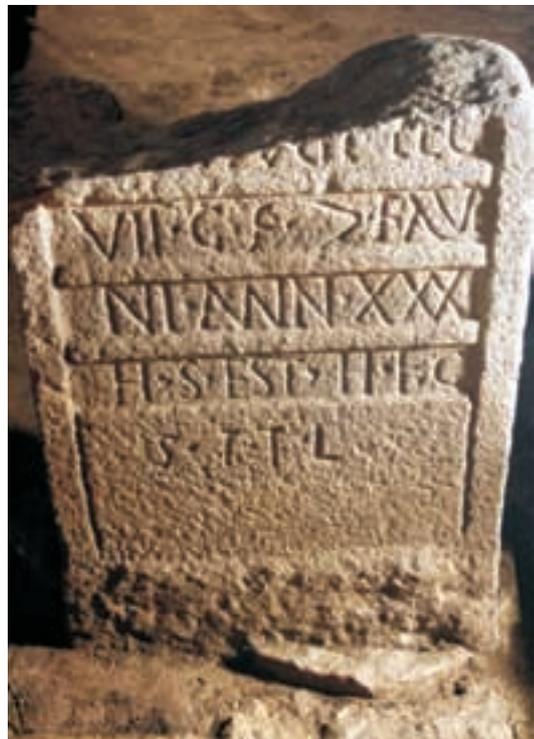
Estado de conservação Excelente

## UEs associadas

- 2777 Estela funerária.
- 3136 Enchimento da vala de fundação.
- 3137 Vala de implantação.



1.



2.

Registo de campo da E02 (Elementos cedidos pela UAUM).



## Sepulturas de incineração

Ficha nº 08

**Acrónimo** BRA08CTT; BRA09CTT

**Nº catálogo** INCO07

**Sepultura** XVII

**Tipo** Cova simples com urna

**Tipo cova** Cova em U curto

**Tipologia** 2b

**Cronologia** Séc. II

**Fase** VI

**Coordenadas** X -24139,55 Y 208885,5 Z 180,28

**Formas** **plano** Oval **secção** Secção em U

**Material** Sem material

**Dimensões**

**comprimento máx** 1.00m **min.**

**largura máx** 0.72m **min.**

**diametro máx** **min.**

**profundidade máx** 0.36m **min.**

**Orientação** Indeterminado

**Localização da via** Sul

**Elemento de localização** Indeterminado

**Estado de conservação** Bom

---

### UEs associadas

**0470** Tampa da urna.

**0400** Vala de implantação.

**0399** Enchimento do interior da sepultura. Composição: carvões, cinzas e restos osteológicos muito fragmentados.

**4426** Enchimento do interior da urna. Composição: carvões, material osteológico, fragmentos de vidro, osso de fauna e um fundo de um unguentário.

**0494** Urna.

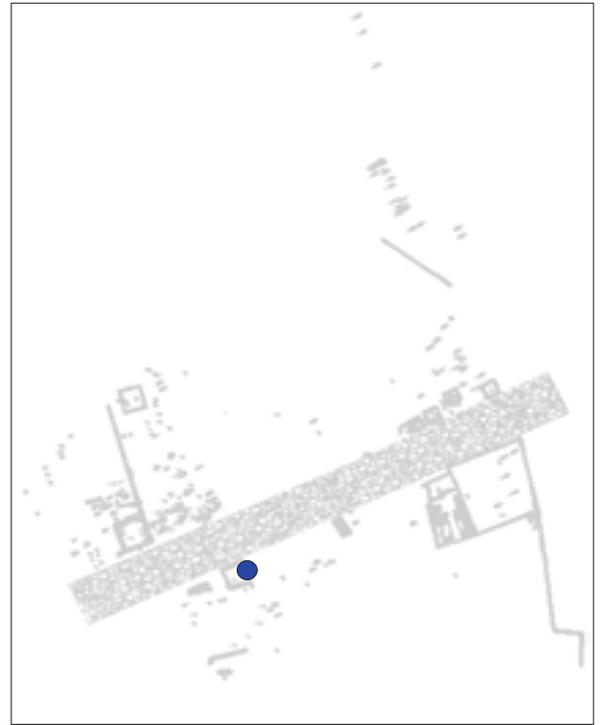
1.



2.



Registo de campo da INC007 (Elementos cedidos pela UAUM).



3.



Pormenor da urna funerária da INC007 (Fotografia da autora).



## Sepulturas de incineração

Ficha nº 09

**Acrónimo** BRA08CTT; BRA09CTT

**Nº catálogo** INC008

**Sepultura** XVIII

**Tipo** Cova simples com urna

**Tipo cova** Cova em U curto

**Tipologia** 2b

**Cronologia** Séc. II

**Fase** VI

**Coordenadas** X -24143,87 Y 208879,74 Z 180,24

**Formas** **plano** Oval **secção** Secção em U

**Material** Sem material

**Dimensões**

**comprimento máx** **min.**

**largura máx** **min.**

**diametro máx** **min.**

**profundidade máx** 0.33m **min.**

**Orientação** Indeterminado

**Localização da via** Sul

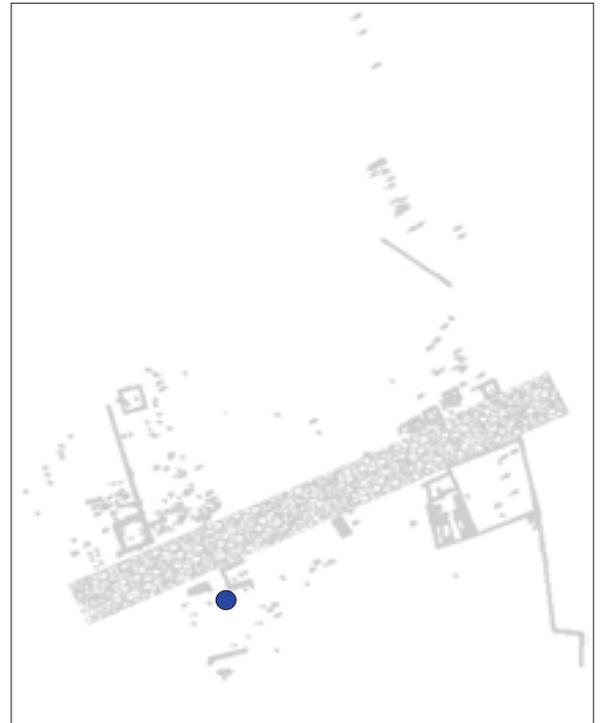
**Elemento de localização** Indeterminado

**Estado de conservação** Bom

---

### UEs associadas

- 0474** Enchimento de nivelamento.
- 4433** Enchimento do interior da urna. Composição: reduzida quantidade de material osteológico e sedimentos limo-arenosos.
- 0466** Aterro de enchimento.
- 0495** Urna.
- 0460** Enchimento de nivelamento.
- 0476** Enchimento do interior.
- 0475** Enchimento do interior da sepultura. Composição: carvões, cinzas e restos osteológicos muito fragmentados.



Registo de campo da INC008 (Elementos cedidos pela UAUM).



Pormenor da urna funerária da INC008 (Fotografia da autora).



## Sepulturas de incineração

Ficha nº 10

**Acrónimo** BRA08CTT; BRA09CTT

**Nº catálogo** INCO09

**Sepultura** XX

**Tipo** Cova simples com urna

**Tipo cova** Cova em U alongado

**Tipologia** 2c

**Cronologia** Séc. II

**Fase** VI

**Coordenadas** X -24140,54 Y 208884,98 Z 180,31

**Formas** **plano** Quadrangular **secção** Secção em U

**Material** Sem material

**Dimensões**

**comprimento máx** 0.98m **min.**

**largura máx** 0.90m **min.**

**diametro máx** **min.**

**profundidade máx** 0.81m **min.**

**Orientação** Indeterminado

**Localização da via** Sul

**Elemento de localização** Indeterminado

**Estado de conservação** Bom

---

### UEs associadas

**0770** Urna.

**0473** Vala de implantação.

**0471** Enchimento do interior da sepultura. Composição: carvões, cinzas e restos osteológicos muito fragmentados.

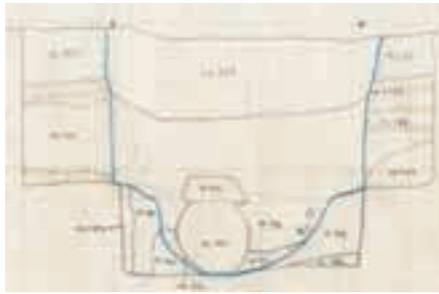
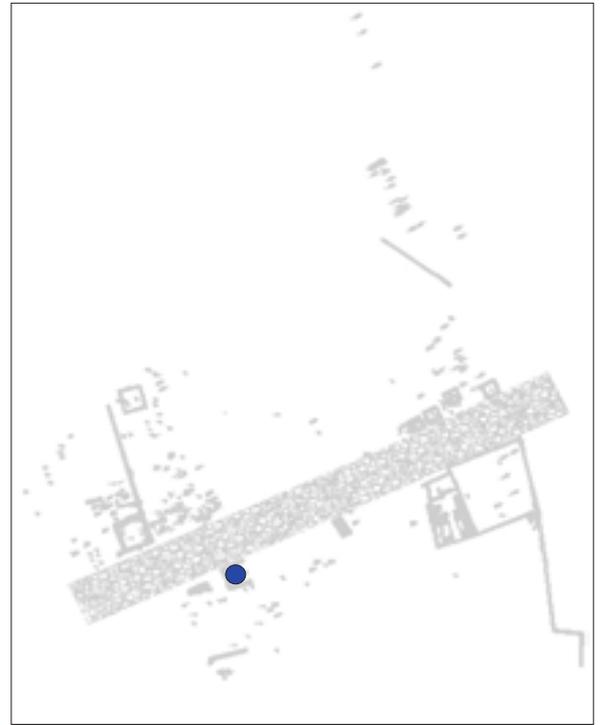
**4346** Nível de enchimento do interior da urna. Composição: grande quantidade de carvões, vidro e material osteológico humano.

**0469** Enchimento do interior da sepultura. Composição: carvões, cinzas e esquirolas de osso.

**0771** Enchimento do interior da sepultura. Composição: carvões, cinzas e restos osteológicos muito fragmentados.



1.



2.

Registro de campo da INC009 (Elementos cedidos pela UAUM).



3.

Fotografia de conjunto de espólio funerário da INC009 (Fotografia da autora).



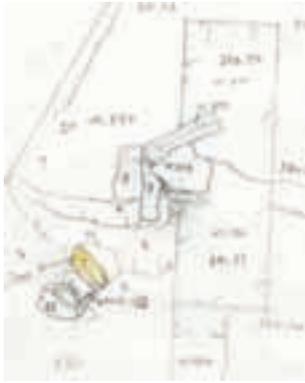
## Sepulturas de incineração

Ficha nº 11

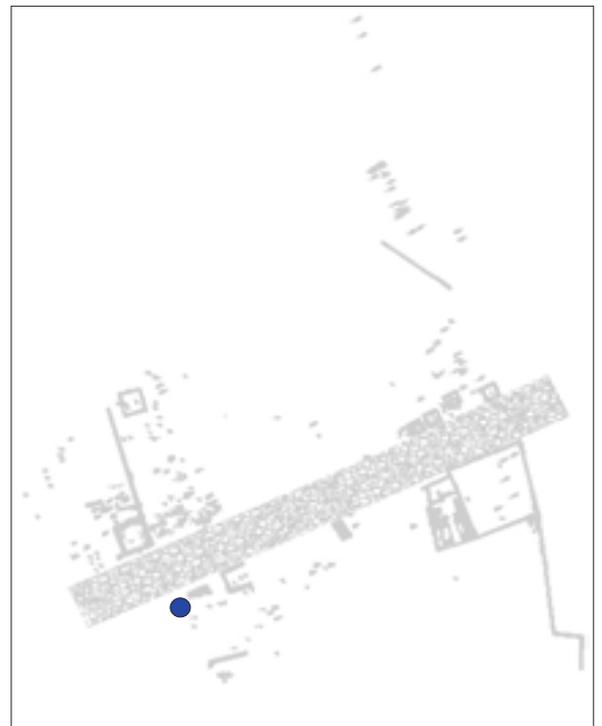
<b>Acrónimo</b>	BRA08CTT; BRA09CTT		
<b>Nº catálogo</b>	INCO10		
<b>Sepultura</b>	XXI		
<b>Tipo</b>	Cova simples com urna e estrutura tipo	<b>Tipo cova</b>	Cova em U curto
		<b>Tipologia</b>	4a
<b>Cronologia</b>	Séc. II		
<b>Fase</b>	VI		
<b>Coordenadas</b>	<b>X</b> -24152,32	<b>Y</b> 208878,75	<b>Z</b> 180,88
<b>Formas</b>	<b>plano</b> Oval	<b>secção</b>	Secção em U
<b>Material</b>	Sem material		
<b>Dimensões</b>			
	<b>comprimento máx</b>		<b>min.</b>
	<b>largura máx</b>		<b>min.</b>
	<b>diametro máx</b>		<b>min.</b>
	<b>profundidade máx</b> 0.30m		<b>min.</b>
<b>Orientação</b>	Indeterminado	<b>Localização da via</b>	Sul
<b>Elemento de localização</b>	Indeterminado		
<b>Estado de conservação</b>	Bom		

## UEs associadas

- 0893** Caixa em pedra "tipo cista".
- 4419** Enhimento do interior da urna. Composição: pouca quantidade de material osteológico representativo de indivíduo adulto, fragmentos de cerâmica e raízes.
- 0871** Enchimento da sepultura. Composição: inclusões de carvões, algumas pedras, algumas manchas de argila vermelha e um osso longo (fauna).
- 0875** Enchimento de nivelamento.
- 4430** Enchimento do interior da urna. Composição: material osteológico e sedimento limo-arenoso.
- 0870** Vala de implantação.
- 0874** Aterro de nivelamento.
- 4429** Urna em vidro.
- 0873** Tampa da urna.
- 0895** Interstícios da estrutura "tipo cista".
- 0872** Urna em cerâmica.



1.



2.

Registo de campo da INC010 (Elementos cedidos pela UAUM).



3.



4.



5.

Pormenores do mobiliário funerário da INC010 (Fotografia da autora).



## Sepulturas de incineração

Ficha nº 12

**Acrónimo** BRA08CTT; BRA09CTT

**Nº catálogo** INC011

**Sepultura** XXII

**Tipo** Cova simples

**Tipo cova** Cova em U curto

**Tipologia** 1a

**Cronologia** Meados séc.I

**Fase** IV

**Coordenadas** X -24138,24 Y 208882,56 Z 180,16

**Formas** **plano** Circular **secção** Secção em U

**Material** Sem material

**Dimensões**

**comprimento máx** **min.**

**largura máx** **min.**

**diametro máx** **min.**

**profundidade máx** 0.08m **min.**

**Orientação** Indeterminado

**Localização da via** Sul

**Elemento de localização** Indeterminado

**Estado de conservação** Mau

---

### UEs associadas

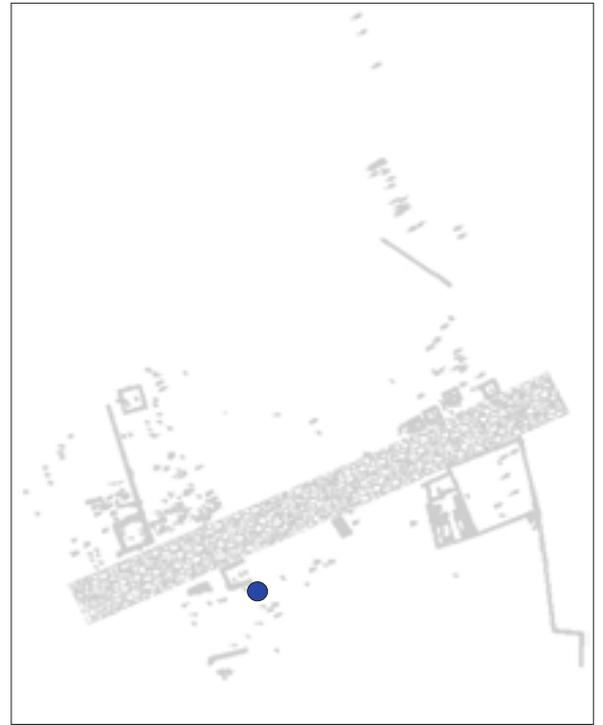
**0818** Aterro de nivelamento.

**0817** Vala de implantação.

**0816** Enchimento do interior da sepultura. Composição: carvões, cinzas e restos osteológicos concentrados.



1.



2.

Registo de campo da INC011 (Elementos cedidos pela UAUM).



## Sepulturas de incineração

Ficha nº 13

<b>Acrónimo</b>	BRA08CTT; BRA09CTT		
<b>Nº catálogo</b>	INC012		
<b>Sepultura</b>	XXIII		
<b>Tipo</b>	Cova simples com urna	<b>Tipo cova</b>	Cova em U curto
		<b>Tipologia</b>	2b
<b>Cronologia</b>	2ª metade séc. I		
<b>Fase</b>	V		
<b>Coordenadas</b>	<b>X</b> -24170,15	<b>Y</b> 208890,13	<b>Z</b> 182,19
<b>Formas</b>	<b>plano</b> Circular	<b>secção</b>	Secção U
<b>Material</b>	Sem material		
<b>Dimensões</b>	<b>comprimento máx</b>		<b>min.</b>
	<b>largura máx</b>		<b>min.</b>
	<b>diametro máx</b>		<b>min.</b>
	<b>profundidade máx</b>	0.18m	<b>min.</b>
<b>Orientação</b>	Indeterminado	<b>Localização da via</b>	Norte
<b>Elemento de localização</b>	Indeterminado		
<b>Estado de conservação</b>	Bom		

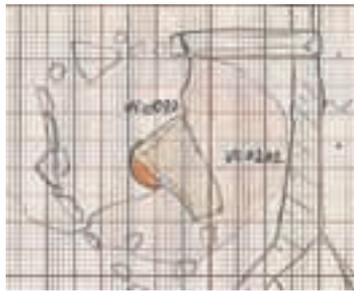
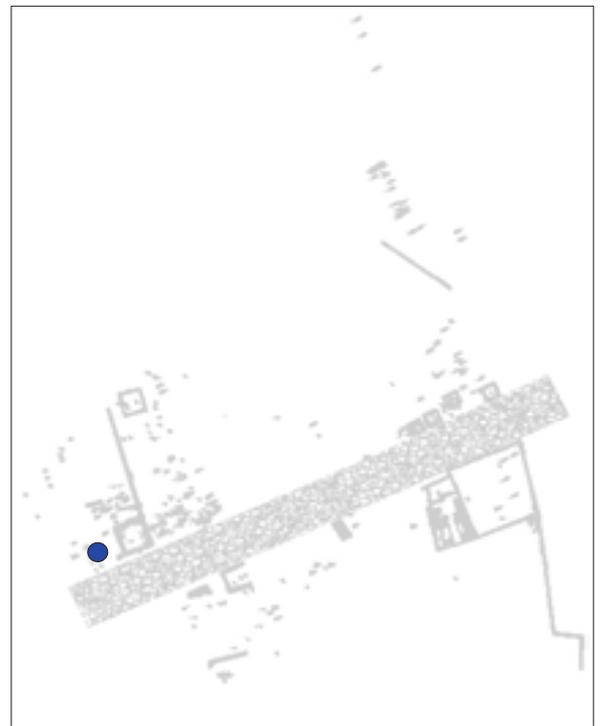
---

### UEs associadas

- 0202** Aterro de nivelamento.
- 0753** Urna.
- 0750** Enchimento do interior da sepultura. Composição: carvões, cinzas e restos osteológicos carbonizados.
- 0322** Enchimento do interior da urna. Composição: restos de material osteológico com inclusões de carvões.



1.



2.

Registo de campo da INC012 (Elementos cedidos pela UAUM).



3.



4.

Mobiliário funerário da INC012, com pormenor de obliteração do bordo de um unguentário em cerâmica comum bética (Fotografias da autora).



## Sepulturas de incineração

Ficha nº 14

Acrónimo BRA08CTT; BRA09CTT

Nº catálogo INC013

Sepultura XXVII

Tipo Cova simples com urna

Tipo cova Cova em U curto

Tipologia 2b

Cronologia 2ª metade séc. I

Fase V

Coordenadas X -24171,47 Y 208889,26 Z 182,26

Formas plano Circular secção Secção U

Material Sem material

Dimensões

comprimento máx min.

largura máx min.

diâmetro máx min.

profundidade máx 0.20m min.

Orientação Indeterminado

Localização da via Norte

Elemento de localização Indeterminado

Estado de conservação Bom

## UEs associadas

0319 Enchimento do interior da urna. Composição: restos de material osteológico com inclusões de carvões.

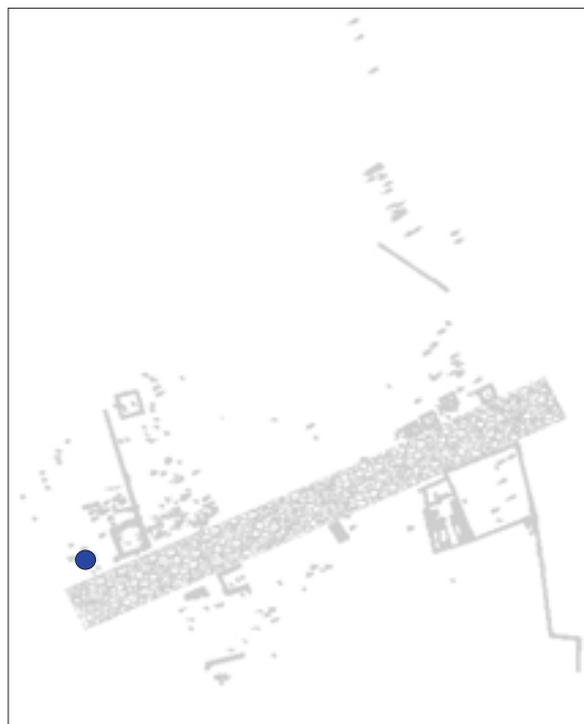
0754 Urna.

0266 Enchimento do interior da sepultura. Composição: fina película de carvões, cinzas e pequenos ossos carbonizados.



1.

Registo de campo da INC013 (Elemento cedido pela UAUM).



2.



3.



4.

Pormenores da urna funerária da INC013, com perfuração localizada no fundo (Fotografias da autora).



## Sepulturas de incineração

Ficha nº 15

Acrónimo BRA08CTT; BRA09CTT

Nº catálogo INCO20

Sepultura XXXIX

Tipo Cova simples com urna

Tipo cova Rectangular

Tipologia 1b

Cronologia Séc. V - VI

Fase X

Coordenadas X -24153,5 Y 208905,92 Z 182,16

Formas plano Oval secção Rectangular

Material Sem material

## Dimensões

comprimento máx 1.06m min.

largura máx 0.60m min.

diâmetro máx min.

profundidade máx 0.14m min.

Orientação Indeterminado

Localização da via Norte

Elemento de localização Indeterminado

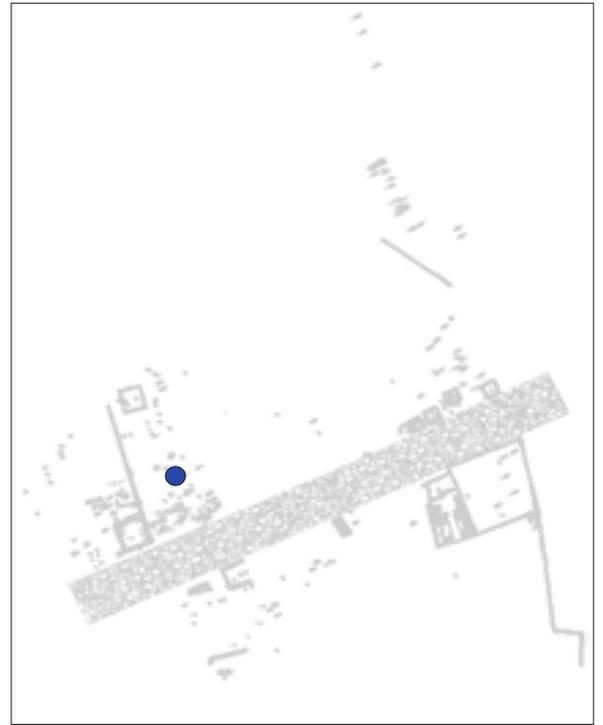
Estado de conservação Bom

## UEs associadas

- 2751 Urna.
- 2745 Enchimento do interior da sepultura. Composição: carvões concentrados e osso carbonizado muito fragmentado.
- 2742 Vala de implantação.
- 2741 Enchimento do interior da sepultura. Composição: sedimento areno-limoso, carvões, cinzas e osso carbonizado.
- 4340 Nível de enchimento do interior da urna. Composição: reduzida quantidade de material osteológico e carvões.



1.



2.

Registo de campo da INC020 (Elementos cedidos pela UAUM).



3.

Pormenor da urna funerária da INC020 (Fotografia da autora).



## Sepulturas de incineração

Ficha nº 16

**Acrónimo** BRA08CTT; BRA09CTT

**Nº catálogo** INCO26

**Sepultura** LI

**Tipo** Cova simples com urna

**Tipo cova** Rectangular

**Tipologia** 2b

**Cronologia** 2ª metade séc. I

**Fase** V

**Coordenadas** X -24160,78 Y 208893,6 Z 181,71

**Formas** **plano** Circular **secção** Rectangular

**Material** Sem material

**Dimensões**

**comprimento máx** **min.**

**largura máx** **min.**

**diametro máx** **min.**

**profundidade máx** 0.53m **min.**

**Orientação** Indeterminado

**Localização da via** Norte

**Elemento de localização** Indeterminado

**Estado de conservação** Bom

---

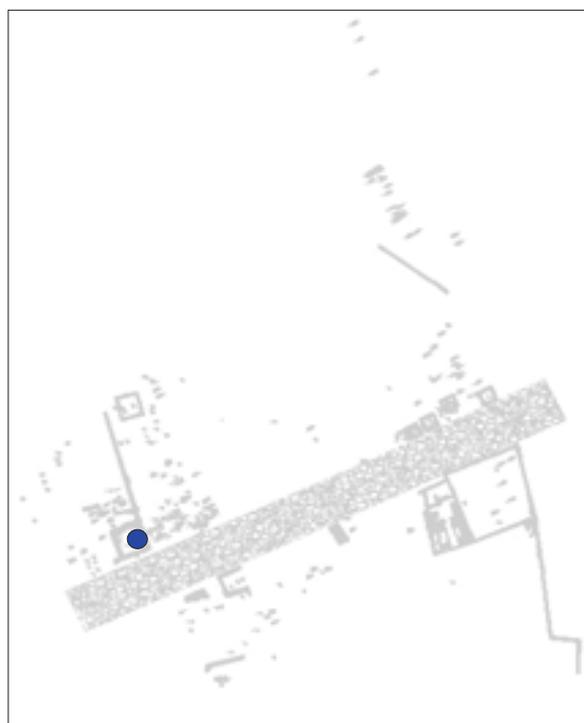
### UEs associadas

- 2619** Enchimento do interior da sepultura. Composição: carvões e sedimentos arenosos.
- 2628** Leito.
- 2612** Enchimento do interior da sepultura. Composição: carvões, ossos calcinados concentrados e cinzas.
- 2627** Urna.
- 2626** Enchimento argiloso.
- 4413** Tampa da urna.
- 2620** Vala de implantação.
- 4407** Enchimento do interior da urna. Composição: sedimento limo-arenoso, pouco material osteológico e carvões.



1.

Registo de campo da INC026 (Elemento cedido pela UAUM).



2.



3.



4.

Diversos pormenores do espólio funerário da INC026 (Fotografias da autora).



## Sepulturas de incineração

Ficha nº 17

**Acrónimo** BRA08CTT; BRA09CTT

**Nº catálogo** INCO28

**Sepultura** LVI

**Tipo** Caixa de tégulas sem urna

**Tipo cova** Rectangular

**Tipo caixa** Rectangular

**Tipologia** 6b

**Cronologia** Finais séc. II - 1ª metade séc. III

**Fase** VII

**Coordenadas** X -24159,75 Y 208916,8 Z 181,93

**Formas** **plano** Rectangular **secção** Rectangular

**Material** Tégula

**Dimensões**

<b>comprimento máx</b>	2.02m	<b>min.</b>
<b>largura máx</b>	0.80m	<b>min.</b>
<b>diametro máx</b>		<b>min.</b>
<b>profundidade máx</b>	0.39m	<b>min.</b>

**Orientação** OSO/ENE

**Localização da via** Norte

**Elemento de localização** Indeterminado

**Estado de conservação** Mau

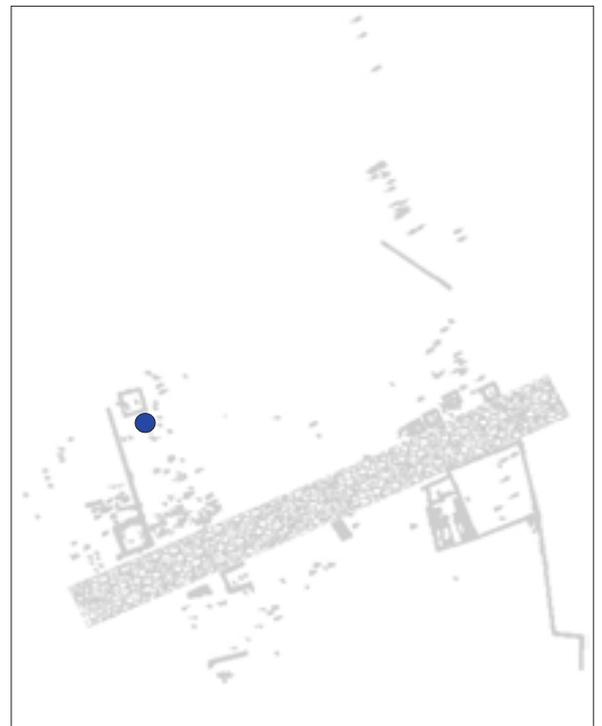
---

### UEs associadas

- 2711** Enchimento do interior da sepultura. Composição: carvões.
- 2895** Enchimento do interior da sepultura. Composição: manchas de argila.
- 2883** Parede norte.
- 2882** Enchimento do interior da sepultura. Composição: carvões, ossos calcinados concentrados e cinzas.
- 2881** Vala de implantação.



Registo de campo da INC028 (Elementos cedidos pela UAUM).



Pormenores do mobiliário funerário da INC028 (Fotografias da autora).



## Sepulturas de incineração

Ficha nº 18

<b>Acrónimo</b>	BRA08CTT; BRA09CTT		
<b>Nº catálogo</b>	INC030		
<b>Sepultura</b>	LX		
<b>Tipo</b>	"Bustum"	<b>Tipo cova</b>	Rectangular
		<b>Tipologia</b>	7a
<b>Cronologia</b>	2ª metade séc. I		
<b>Fase</b>	V		
<b>Coordenadas</b>	<b>X</b>	<b>Y</b>	<b>Z</b>
	-24151,52	208902,16	181,05
<b>Formas</b>	<b>plano</b>	Rectangular	<b>secção</b> Rectangular
<b>Material</b>	Sem material		
<b>Dimensões</b>			
	<b>comprimento máx</b>	2.00m	<b>min.</b>
	<b>largura máx</b>	0.79m	<b>min.</b>
	<b>diametro máx</b>		<b>min.</b>
	<b>profundidade máx</b>	0.05m	<b>min.</b>
<b>Orientação</b>	ONO/SSE	<b>Localização da via</b>	Norte
<b>Elemento de localização</b>	Indeterminado		
<b>Estado de conservação</b>	Bom		

---

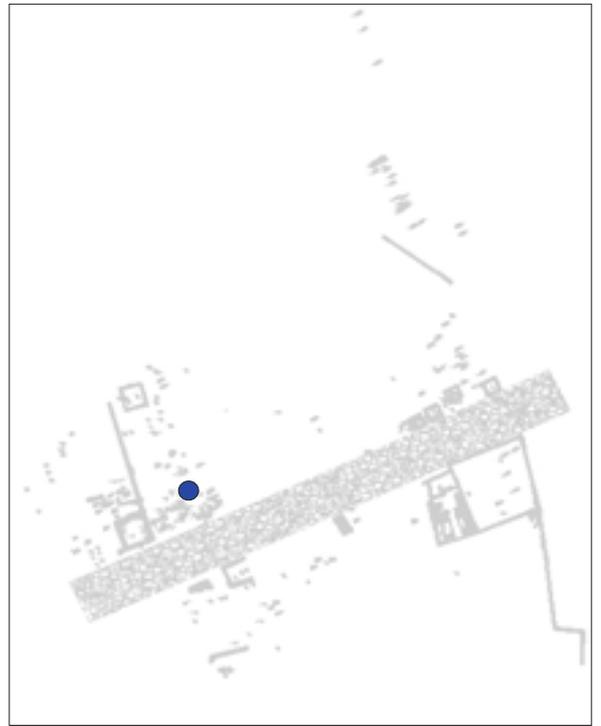
**UEs associadas**

<b>2920</b>	Vala de implantação.
<b>2919</b>	Enchimento do interior da sepultura. Composição: carvões.
<b>4422</b>	Enchimento do interior da urna. Composição: sedimento areno-limoso, elevada de material osteológico e fragmentos de cerâmica.
<b>3308</b>	Urna.
<b>2950</b>	Nível rubificado.
<b>3294</b>	Enchimento de nivelamento.
<b>2946</b>	Enchimento de nivelamento.



1.

Registo de campo da INC030 (Elemento cedido pela UAUM).



2.

Foto de conjunto do mobiliário funerário da INC030 (Fotografia da autora).



## Sepulturas de incineração

Ficha nº 19

**Acrónimo** BRA08CTT; BRA09CTT

**Nº catálogo** INC032

**Sepultura** LXII

**Tipo** Cova simples com urna

**Tipo cova** Cova em U curto

**Tipologia** 2b

**Cronologia** 2ª metade séc. I

**Fase** V

**Coordenadas** X -24152,5 Y 208909,61 Z 181,56

**Formas** **plano** Indeterminado **secção** Secção em U

**Material** Sem material

**Dimensões**

**comprimento máx** **min.**

**largura máx** **min.**

**diametro máx** **min.**

**profundidade máx** 0.35m **min.**

**Orientação** Indeterminado

**Localização da via** Norte

**Elemento de localização** Indeterminado

**Estado de conservação** Bom

---

### UEs associadas

**2951** Estrutura "tipo cista".

**2924** Urna.

**2190** Vala de implantação.

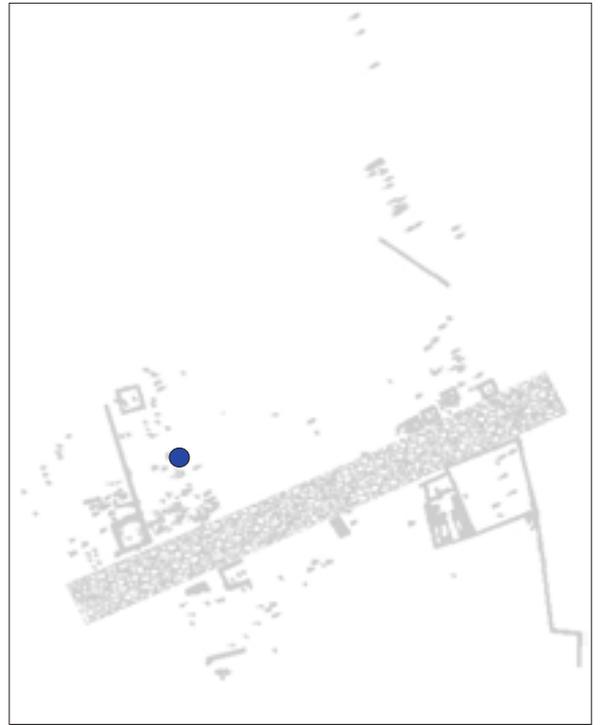
**4421** Enchimento do interior da urna. Composição: sedimento limo-arenoso, elevada de material osteológico humano, espólio votivo, fragmentos fauna e restos de cerâmica.

**2952** Enchimento do interior da sepultura. Composição: carvões, ossos calcinados concentrados e cinzas.



1.

Registo de campo da INC032 (Elemento cedido pela UAUM).



2.



3.

Pormenores do mobiliário funerário da INC032, com a urna e a lucerna Dressel 17 (Fotografias da autora).



## Sepulturas de incineração

Ficha nº 20

**Acrónimo** BRA08CTT; BRA09CTT

**Nº catálogo** INC034

**Sepultura** LXXIII/XCVI

**Tipo** Cova simples com urna

**Tipo cova** Cova em U alongado

**Tipologia** 2b

**Cronologia** Séc. II

**Fase** VI

**Coordenadas** X -24153,33 Y 208901,22 Z 181,2

**Formas** **plano** Oval **secção** Secção em U

**Material** Sem material

**Dimensões**

**comprimento máx** 0.57m **min.**

**largura máx** 0.30m **min.**

**diametro máx** **min.**

**profundidade máx** 0.64m **min.**

**Orientação** Indeterminado

**Localização da via** Norte

**Elemento de localização** Indeterminado

**Estado de conservação** Bom

---

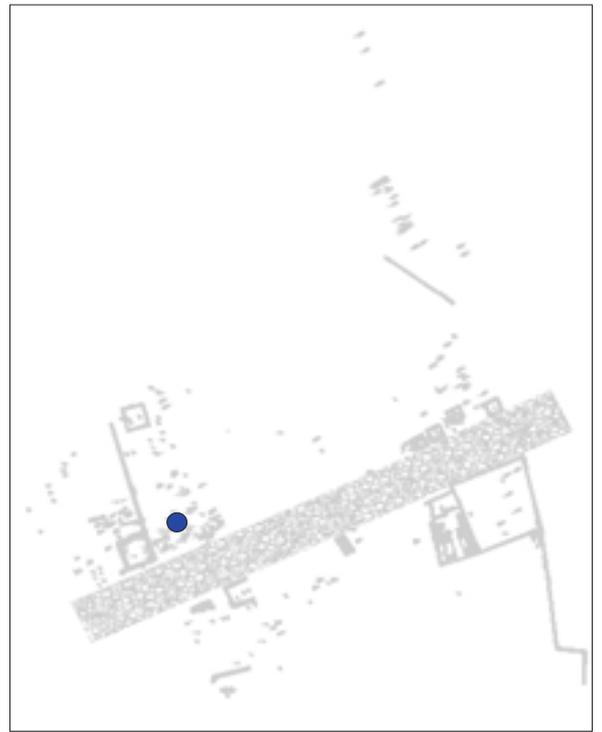
### UEs associadas

- 3142** Urna funerária da SEP. LXXIII, Ach. nº0995.
- 3306** Enchimento do interior da sepultura. Composição: carvões e terras de matriz areno-limosa.
- 3067** Enchimento do interior da sepultura.
- 3141** Tampa de urna.
- 2898** Vala de implantação.
- 3117** Nivel de areão.
- 3322** Urna.
- 3111** Enchimento do interior da sepultura.
- 1382** Nivel de enchimento do interior da urna. Composição: sedimento areno-limoso e material osteológico.
- 3321** Tampa da urna.
- 3069** Vala de implantação.



1.

Registo de campo da INC034 (Elemento cedido pela UAUM).



2.

Pormenor do mobiliário funerário da INC034 (Fotografia da autora).



## Sepulturas de incineração

Ficha nº 21

**Acrónimo** BRA08CTT; BRA09CTT

**Nº catálogo** INC036

**Sepultura** LXXII

**Tipo** Cova simples com urna

**Tipo cova** Cova em U curto

**Tipologia** 2b

**Cronologia** Séc. II

**Fase** VI

**Coordenadas** X -24153,59 Y 208899,53 Z 181,17

**Formas** **plano** Circular **secção** Secção U

**Material** Sem material

**Dimensões**

**comprimento máx** **min.**

**largura máx** **min.**

**diametro máx** **min.**

**profundidade máx** 0.19 **min.**

**Orientação** Indeterminado

**Localização da via** Norte

**Elemento de localização** Indeterminado

**Estado de conservação** Bom

---

### UEs associadas

**3068** Vala de implantação.

**3066** Enchimento do interior da sepultura. Composição: carvões e sedimento areno-limoso.

**4436** Enchimento do interior da urna. Composição: sedimento limo-arenoso, reduzida quantidade de material osteológico e carvões, com inclusões de fragmentos de cerâmica.

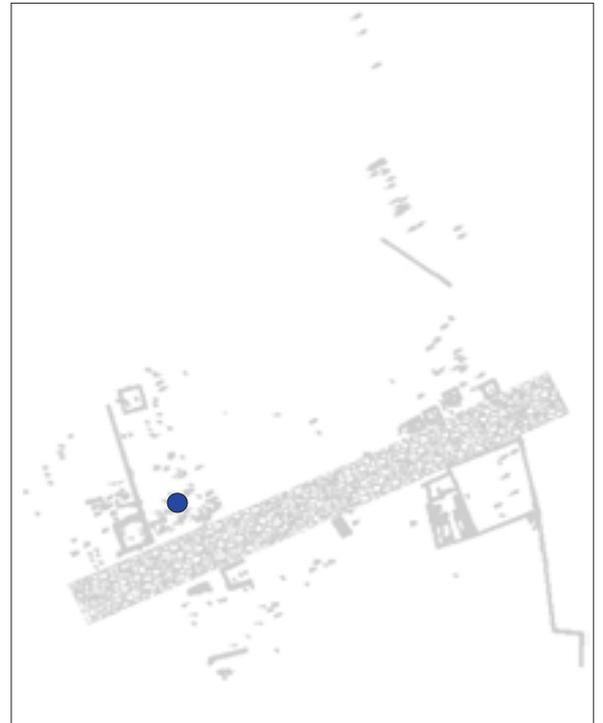
**3092** Urna.

**3091** Tampa da urna.



1.

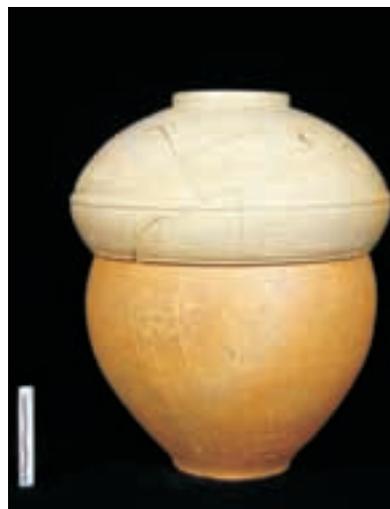
Registo de campo da INC036 (Elementos cedidos pela UAUM).



2.



3.



4.

Conjunto do mobiliário funerário da INC036, com pormenor das marcas de fogo (Fotografias da autora).



## Sepulturas de incineração

Ficha nº 22

**Acrónimo** BRA08CTT; BRA09CTT

**Nº catálogo** INCO41

**Sepultura** LXXXII=CII

**Tipo** Cova simples com urna e estrutura tipo "cista" **Tipo cova** Rectangular

**Tipologia** 4a

**Cronologia** 2ª metade séc.I

**Fase** V

**Coordenadas** X -24152,68 Y 208896,05 Z 181,24

**Formas** **plano** Rectangular **secção** Rectangular

**Material** Pedra

**Dimensões**

**comprimento máx** 0.74m **min.**

**largura máx** 0.60m **min.**

**diametro máx** **min.**

**profundidade máx** 0.47m **min.**

**Orientação** Indeterminado **Localização da via** Norte

**Elemento de localização** Indeterminado

**Estado de conservação** Bom

---

### UEs associadas

- 3120 Enchimento do interior da sepultura. Composição: carvões e pontos de argila.
- 3259 Parede sul de estrutura "tipo cista".
- 1121 Aterro de demolição.
- 3258 Parede oeste de estrutura "tipo cista".
- 3262 Vala de implantação.
- 4336 Enchimento do interior da urna.
- 3257 Parede este de estrutura "tipo cista".
- 3261 Urna.
- 3180 Enchimento do interior da sepultura. Composição: carvões, ossos e argila.
- 3256 Tampa em pedra da estrutura pétrea.
- 3260 Parede norte de estrutura "tipo cista".



1.



2.

Registo de campo da INCO41 (Elementos cedidos pela UAUM).



3.

Pormenor do conjunto do mobiliário funerário da INCO41 (Fotografia da autora).



## Sepulturas de incineração

Ficha nº 23

**Acrónimo** BRA08CTT; BRA09CTT

**Nº catálogo** INC045

**Sepultura** XC

**Tipo** Cova simples com urna

**Tipo cova** Rectangular

**Tipologia** 2e

**Cronologia** Transição da Era e 1ª metade do séc.I

**Fase** III

**Coordenadas** X -24148,85 Y 208898,4 Z 180,53

**Formas** **plano** Circular **secção** Rectangular

**Material** Sem material

**Dimensões**

**comprimento máx** **min.**

**largura máx** **min.**

**diametro máx** **min.**

**profundidade máx** **min.**

**Orientação** Indeterminado

**Localização da via** Norte

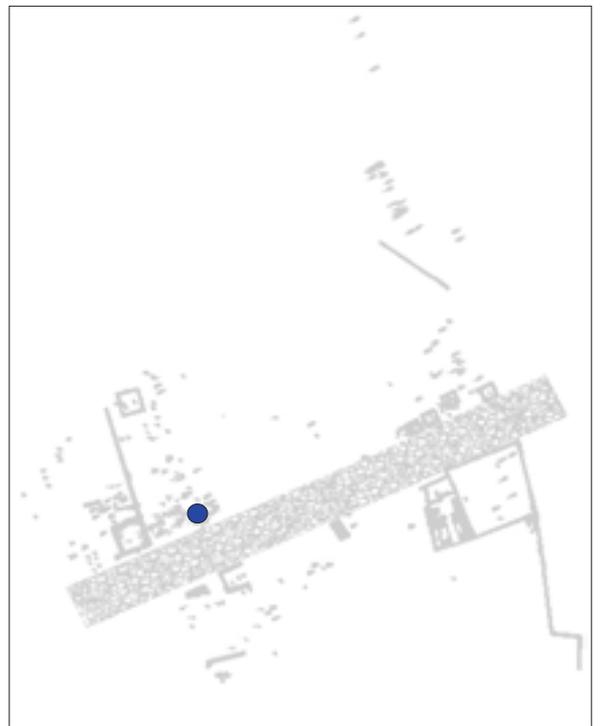
**Elemento de localização** Indeterminado

**Estado de conservação** Bom

---

### UEs associadas

- 3275** Urna.
- 3830** Enchimento do interior da urna. Composição: sedimento limo-arenoso e grande quantidade de material osteológico.
- 3274** Tampa de urna.
- 3289** Enchimento do interior da sepultura. Composição: carvões, ossos e cinzas.
- 3264** Enchimento de nivelamento.
- 3280** Vala de implantação.
- 3276** Pedras que delimitam a urna.



Registo de campo da INC045 (Elementos cedidos pela UAUM).



Pormenor do mobiliário funerário da INC045 (Fotografias da autora).



## Sepulturas de incineração

Ficha nº 24

**Acrónimo** BRA08CTT; BRA09CTT

**Nº catálogo** INCO46

**Sepultura** XCI

**Tipo** Cova simples sem urna **Tipo cova** Rectangular

**Tipologia** 1b

**Cronologia** Meados séc. I

**Fase** IV

**Coordenadas** X -24149,02 Y 208901,33 Z 181,65

**Formas** plano Oval **secção** Rectangular

**Material** Sem material

**Dimensões**

**comprimento máx** 0.83m **min.**

**largura máx** 0.36m **min.**

**diametro máx** **min.**

**profundidade máx** 0.23m **min.**

**Orientação** OSO/ENE **Localização da via** Norte

**Elemento de localização** Indeterminado

**Estado de conservação** Bom

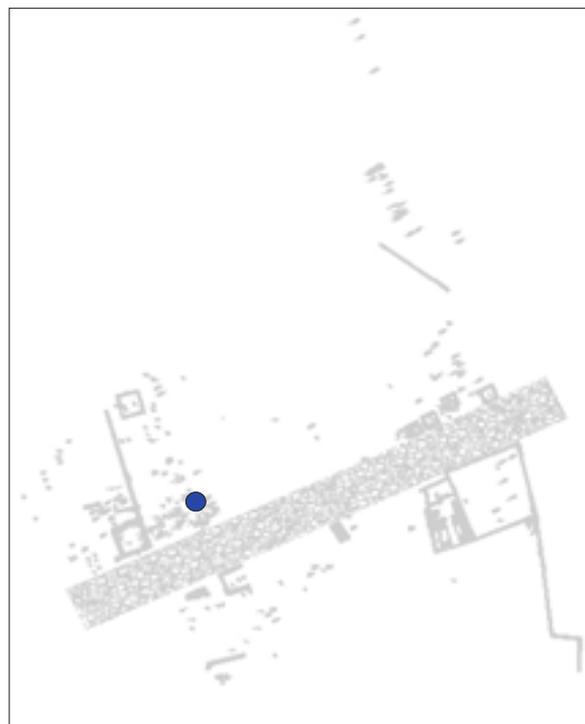
---

### UEs associadas

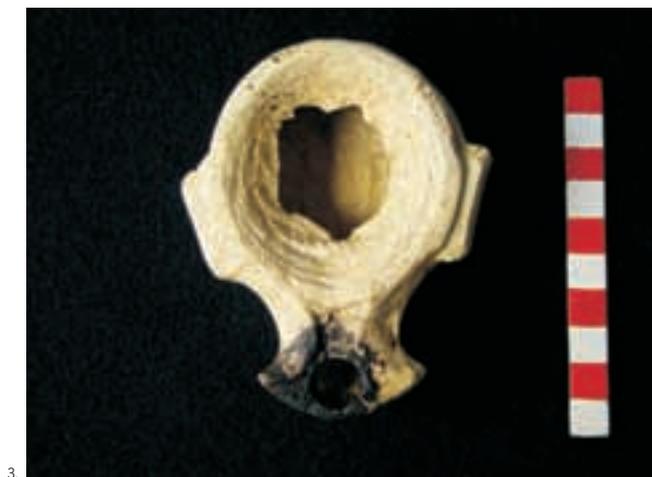
**3267** Tampa em pedra que recobre a lucerna (Ach.1042) da SEP. XCI.

**3266** Vala da implantação.

**3265** Enchimento do interior da sepultura. Composição: carvões, ossos e cinzas.



Registo de campo da INC046 (Elementos cedidos pela UAUM).



Pormenor da lucerna derivada de Dressel 3, de fabrico peninsular de Tibério - Cláudio, da INC046 (Fotografia da autora).



## Sepulturas de incineração

Ficha nº 25

**Acrónimo** BRA08CTT; BRA09CTT

**Nº catálogo** INC053

**Sepultura** CVI

**Tipo** Cova simples com urna

**Tipo cova** Cova em V alongado

**Tipologia** 2a

**Cronologia** Meados séc. I

**Fase** IV

**Coordenadas** X -24153,08 Y 208898,7 Z 180,94

**Formas** **plano** Oval **secção** Secção em V

**Material** Sem material

**Dimensões**

**comprimento máx** 0.78m **min.**

**largura máx** 0.51m **min.**

**diametro máx** **min.**

**profundidade máx** 0.55m **min.**

**Orientação** OSO/ENE

**Localização da via** Norte

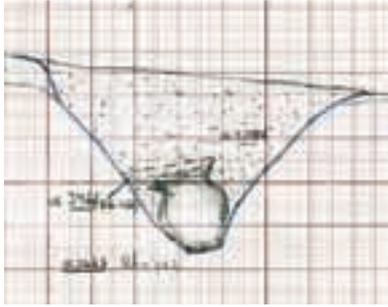
**Elemento de localização** Indeterminado

**Estado de conservação** Bom

---

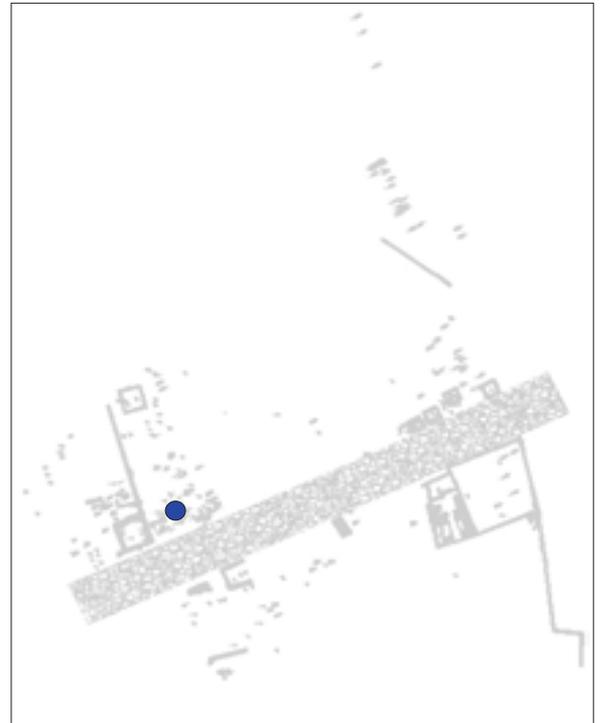
### UEs associadas

- 3384** Enchimento do interior da sepultura. Composição: carvões, ossos, cinzas, bolsas saibrosas e manchas rubificadas.
- 4341** Enchimento do interior da urna. Composição: sedimento limo-arenoso, carvões e ossos em grande quantidade.
- 3467** Urna.
- 3466** Tampa da urna.
- 3385** Vala de implantação.



1.

Registo de campo da INC053 (Elementos cedidos pela UAUM).



2.

Pormenor do uma funerária da INC053 (Fotografia da autora).



## Sepulturas de incineração

Ficha nº 26

**Acrónimo** BRA08CTT; BRA09CTT

**Nº catálogo** INC056

**Sepultura** CXII

**Tipo** Cova simples com urna **Tipo cova** Rectangular

**Tipologia** 2e

**Cronologia** Transição da Era e 1ª metade do séc.I

**Fase** III

**Coordenadas** X -24152,51 Y 208898,76 Z 180,63

**Formas** **plano** Rectangular **secção** Secção em U

**Material** Sem material

**Dimensões**

**comprimento máx** 1.23m **min.**

**largura máx** 0.40m **min.**

**diametro máx** **min.**

**profundidade máx** 0.25m **min.**

**Orientação** NNO/SSE **Localização da via** Norte

**Elemento de localização** Indeterminado

**Estado de conservação** Bom

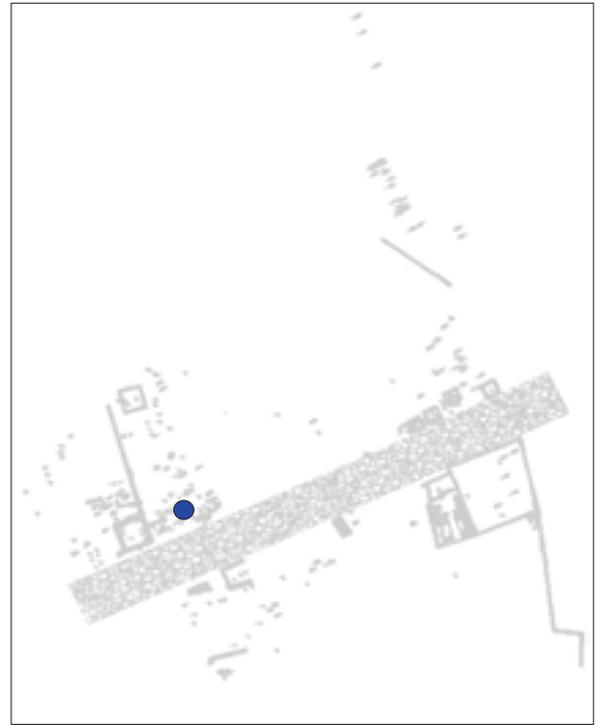
---

### UEs associadas

- 2149** Vala de implantação.
- 4414** Enchimento do interior da urna. Composição: sedimento areno-limoso, carvões, material osteológico com vidro derretido agregado, fragmentos da urna.
- 2152** Urna.
- 2151** Tampa da urna.
- 2150** Nivel de enchimento da sepultura. Composição: carvões, ossos e cinzas.



1.



2.

Registo de campo da INC056 (Elementos cedidos pela UAUM).



3.

Vista de pormenor da urna cinerária da INC056 (Fotografia da autora).



## Sepulturas de incineração

Ficha nº 27

**Acrónimo** BRA08CTT; BRA09CTT

**Nº catálogo** INC057

**Sepultura** CXV

**Tipo** Cova simples sem urna

**Tipo cova** Cova em U curto

**Tipologia** 1b

**Cronologia** 2ª metade séc. I

**Fase** V

**Coordenadas** X -24106,26 Y 208914,78 Z 180,54

**Formas** **plano** Circular **secção** Secção em U

**Material** Sem material

**Dimensões**

**comprimento máx** **min.**

**largura máx** **min.**

**diametro máx** **min.**

**profundidade máx** 0.20m **min.**

**Orientação** Indeterminado

**Localização da via** Norte

**Elemento de localização** Indeterminado

**Estado de conservação** Destruído

---

### UEs associadas

**2032** Enchimento do interior da sepultura.

**3723** Vestígios de manchas rubificadas.

**2341** Vala de implantação.

**2340** Enchimento do interior da sepultura.

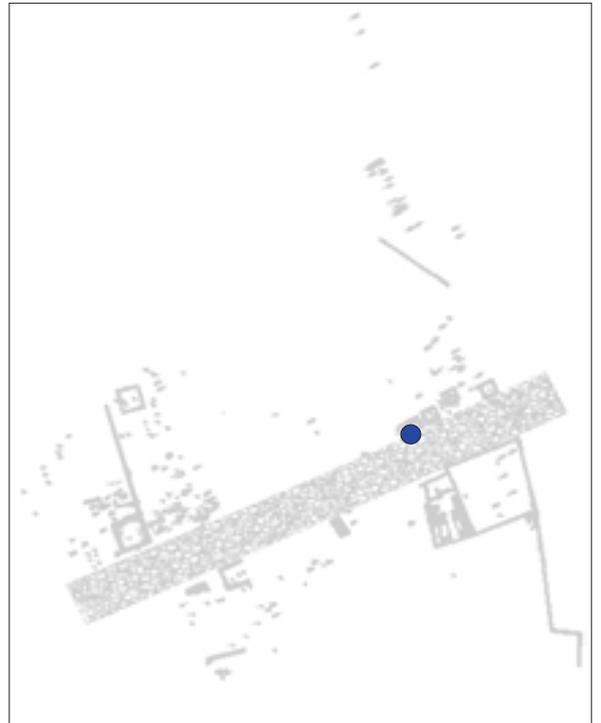
**2033** Vala de implantação.



1.



2.



Registo de campo da INC057 (Elementos cedidos pela UAUM).



3.

4.

Vista de pormenor do copinho de paredes finas da INC057 (Fotografia da autora).



## Sepulturas de incineração

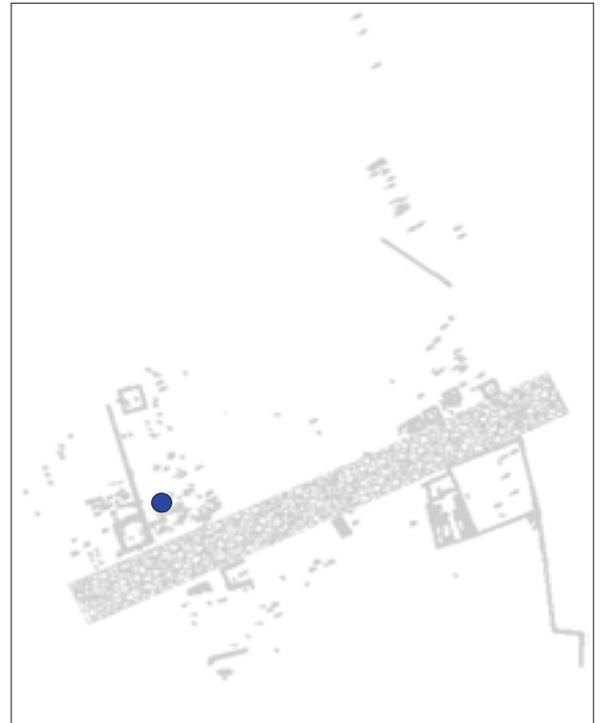
Ficha nº 28

<b>Acrónimo</b>	BRA08CTT; BRA09CTT		
<b>Nº catálogo</b>	INC058		
<b>Sepultura</b>	CXVII		
<b>Tipo</b>	"Bustum"	<b>Tipo cova</b>	Rectangular
		<b>Tipologia</b>	7a
<b>Cronologia</b>	2ª metade séc. I		
<b>Fase</b>	V		
<b>Coordenadas</b>	<b>X</b>	<b>Y</b>	<b>Z</b>
	-24156,16	208900,41	181,21
<b>Formas</b>	<b>plano</b>	Rectangular	<b>secção</b> Rectangular
<b>Material</b>	Sem material		
<b>Dimensões</b>	<b>comprimento máx</b>	2.15m	<b>min.</b>
	<b>largura máx</b>	1.16m	<b>min.</b>
	<b>diametro máx</b>		<b>min.</b>
	<b>profundidade máx</b>	0.20m	<b>min.</b>
<b>Orientação</b>	OSO/ENE	<b>Localização da via</b>	Norte
<b>Elemento de localização</b>	Indeterminado		
<b>Estado de conservação</b>	Mau		

---

### UEs associadas

- 4230** Enchimento do interior da sepultura. Composição: carvões, ossos e cinzas.
- 3858** Mancha rubificada.
- 4349** Enchimento do interior da urna. Composição: sedimento areno-limoso, material osteológico (coloração bronze), carvões e fragmentos de cerâmica.
- 3855** Urna.
- 4240** Enchimento do interior da sepultura. Composição: carvões, ossos e cinzas.
- 3854** Vala de implantação.
- 4239** Nivel rubificado.
- 2805** Enchimento do interior do "ustrina". Composição: carvões, ossos e cinzas.



Registo de campo da INC058 (Elementos cedidos pela UAUM).



Pormenor da urna funerária INC058 (Fotografia da autora).



## Sepulturas de incineração

Ficha nº 29

**Acrónimo** BRA08CTT; BRA09CTT

**Nº catálogo** INC063

**Sepultura** CXXVI

**Tipo** Cova simples com urna

**Tipo cova** Cova em V alongado

**Tipologia** 2d

**Cronologia** 2ª metade séc. I

**Fase** V

**Coordenadas** X -24104,79 Y 208916,65 Z 180,22

**Formas** **plano** Quadrangular **secção** Secção V

**Material** Sem material

**Dimensões**

**comprimento máx** **min.**

**largura máx** **min.**

**diametro máx** **min.**

**profundidade máx** 0.52m **min.**

**Orientação** Indeterminado

**Localização da via** Norte

**Elemento de localização** Indeterminado

**Estado de conservação** Bom

---

### UEs associadas

**3915** Vala de implantação.

**4455** Enchimento do interior da urna. Composição: sedimento limoso, carvão, cerâmica e material osteológico em pouca quantidade.

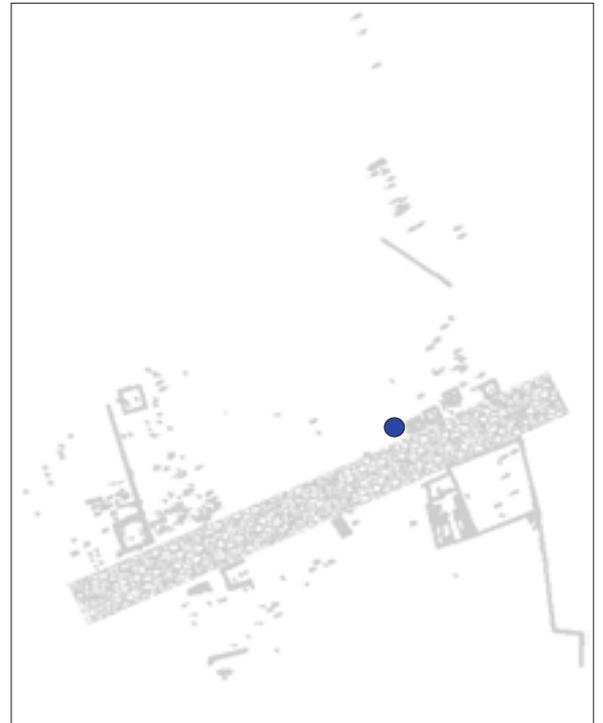
**3930** Urna.

**3929** Tapa de urna.

**3916** Enchimento do interior da sepultura. Composição: carvões, cinzas, ossos fragementados e nódulos de terra alaranjada.



Registo de campo da INC063 (Elementos cedidos pela UAUM).



Vistas de pormenor do espólio funerário da INC063 (Fotografias da autora).



## Sepulturas de incineração

Ficha nº 30

Acrónimo BRA08CTT; BRA09CTT

Nº catálogo INC065

Sepultura CXXIX

Tipo Cova simples com urna

Tipo cova Rectangular

Tipologia 2e

Cronologia Meados séc. I

Fase IV

Coordenadas X -24107,69 Y 208915,36 Z 180,18

Formas plano Circular secção Rectangular

Material Sem material

Dimensões

comprimento máx min.

largura máx min.

diâmetro máx min.

profundidade máx 0.26m min.

Orientação Indeterminado

Localização da via Norte

Elemento de localização Indeterminado

Estado de conservação Bom

## UEs associadas

2031 Enchimento do interior da urna. Composição: sedimento limo-arenoso, carvão, fragmentos de cerâmica e material osteológico.

3944 Urna.

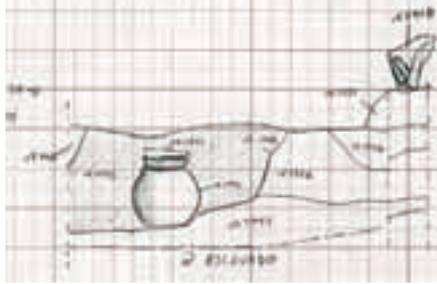
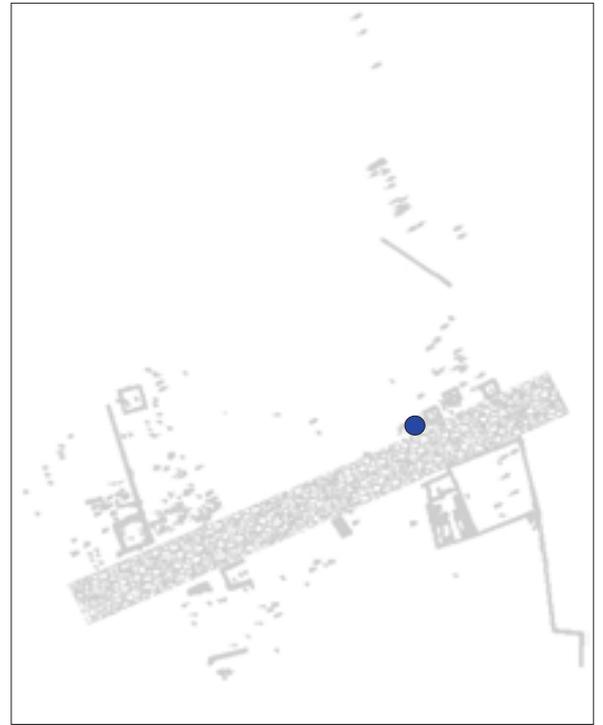
3943 Tampa de urna.

3942 Aterro do interior da sepultura. Composição: carvões, cinzas e esquirolas de osso.

3941 Vala de implantação.



1.



2.

Registo de campo da INC065 (Elementos cedidos pela UAUM).



3.



4.



5.

Aspecto do mobiliário funerário da INC065, com pormenor das marcas rituais (Fotografia da autora).



## Sepulturas de incineração

Ficha nº 31

**Acrónimo** BRA08CTT; BRA09CTT

**Nº catálogo** INC070

**Sepultura** CLI

**Tipo** Cova simples sem urna

**Tipo cova** Rectangular

**Tipo caixa** Quadrada

**Tipologia** 5a

**Cronologia** Séc. II

**Fase** VI

**Coordenadas** X -24164,84 Y 208893,68 Z 181,65

**Formas** **plano** Rectangular **secção** Rectangular

**Material** Tijolo

**Dimensões**

**comprimento máx** 0.67m **min.**

**largura máx** 0.52m **min.**

**diametro máx** **min.**

**profundidade máx** 0.32m **min.**

**área útil** 0,34 m<sup>2</sup>

**Orientação** NNO/SSE

**Localização da via** Norte

**Elemento de localização** Indeterminado

**Estado de conservação** Bom

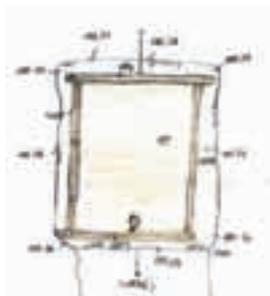
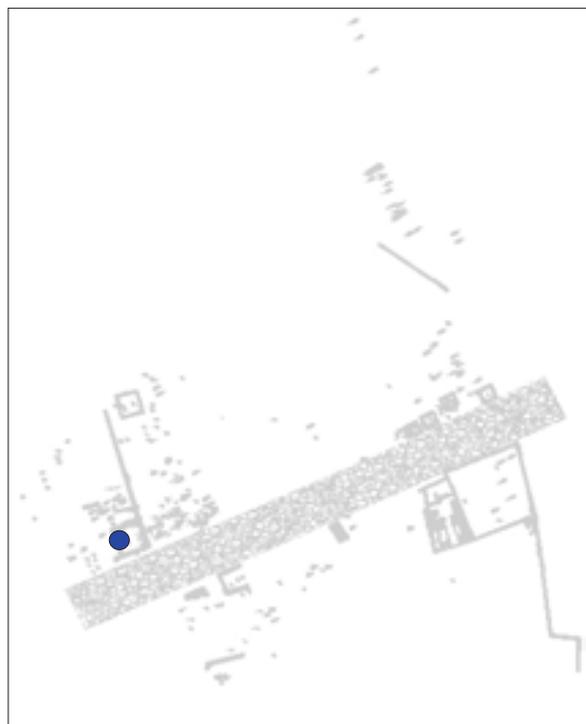
---

### UEs associadas

- 2678 Parede este.
- 2692 Parede norte.
- 4164 Parede oeste.
- 2681 Nivel de destruição.
- 2699 Enchimento do interior da sepultura. Composição: carvão, cinzas e ossos calcinados.
- 2680 Vala de fundação.
- 2694 Leito.
- 2679 Enchimento da vala de fundação.
- 2693 Parede sul.



1.



2.

Registo de campo da INC070 (Elementos cedidos pela UAUM).



3.

Conjunto do espólio votivo da INC070 (Fotografia da autora).



## Sepulturas de incineração

Ficha nº 32

**Acrónimo** BRA08CTT; BRA09CTT

**Nº catálogo** INC085

**Sepultura** LV=CLXXIX

**Tipo** "Bustum" **Tipo cova** Rectangular

**Tipologia** 7a

**Cronologia** Séc. II

**Fase** VI

**Coordenadas** X -24146 Y 208899,97 Z 181,25

**Formas** **plano** Rectangular **secção** Rectangular

**Material** Sem material

**Dimensões**

<b>comprimento máx</b>	2.08m	<b>min.</b>	
<b>largura máx</b>	1.28m	<b>min.</b>	
<b>diametro máx</b>		<b>min.</b>	
<b>profundidade máx</b>	0.33m	<b>min.</b>	0.22m

**Orientação** OSO/ENE **Localização da via** Norte

**Elemento de localização** Indeterminado

**Estado de conservação** Bom

---

### UEs associadas

- 2875** Vala de implantação.
- 4018** Nivel rubificado.
- 4425** Enchimento do interior da urna. Composição: sedimento areno-limoso, material osteológico em elevada quantidade e fragmentos de cerâmica.
- 2874** Enchimento do interior da sepultura.
- 4019** Vala de implantação.
- 4424** Tampa da urna.
- 4020** Enchimento do interior da sepultura.
- 2041** Enchimento do interior da sepultura. Composição: carvões, ossos calcinados concentrados e cinzas.
- 2876** Enchimento de nivelamento.
- 4016** Urna.

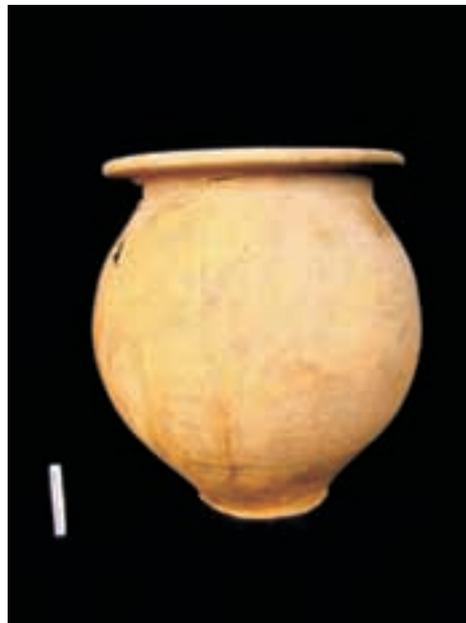
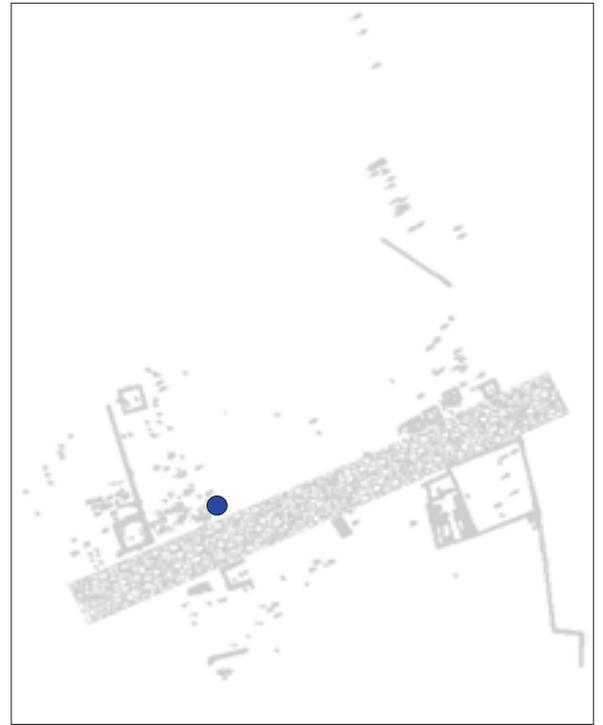


1.



2.

Registo de campo da INC085 (Elementos cedidos pela UAUM).



3.

Aspecto de pormenor da urna funerária da INC085 (Fotografia da autora).



## Sepulturas de incineração

Ficha nº 33

Acrónimo BRA08CTT; BRA09CTT

Nº catálogo INC090

Sepultura CLXXXVIII

Tipo Cova simples com urna e estrutura tipo "cista" Tipo cova Cova em U curto

Tipologia 4a

Cronologia Transição da Era - séc.I

Fase III

Coordenadas X -24146,95 Y 208898,7 Z 180,4

Formas plano Oval secção Secção em U

Material Sem material

Dimensões

comprimento máx 0.87m min.

largura máx 0.50m min.

diâmetro máx min.

profundidade máx 0.32m min.

Orientação NO/SE Localização da via Norte

Elemento de localização Indeterminado

Estado de conservação Bom

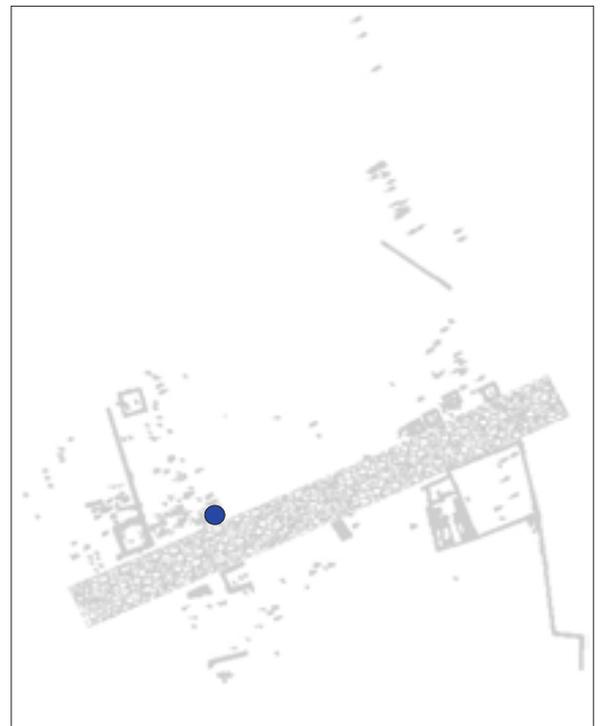
## UEs associadas

- 2100** Estrutura pétrea "tipo cista".
- 2078** Vala de implantação.
- 2079** Enchimento do interior da sepultura. Composição: carvões concentrados e ossos carbonizados.
- 2085** Tampa da urna.
- 2086** Urna funerária da SEP.CLXXXVIII (Ach.1746).
- 4431** Enchimento do interior da urna. Composição: sedimento limo-arenoso, material osteológico, cerâmica e vidro.



1.

Registo de campo da INC090 (Elemento cedido pela UAUM).



2.



3.



4.

Mobiliário funerário da INC090, com pormenor de material com marcas de fuligem (Fotografias da autora).



## Sepulturas de incineração

Ficha nº 34

<b>Acrónimo</b>	BRA08CTT; BRA09CTT		
<b>Nº catálogo</b>	INC098		
<b>Sepultura</b>	CXCIX		
<b>Tipo</b>	Cova simples com urna	<b>Tipo cova</b>	Cova em U curto
		<b>Tipologia</b>	3a
<b>Cronologia</b>	5 a 3 a.C.		
<b>Fase</b>	III		
<b>Coordenadas</b>	<b>X</b> -24096,28	<b>Y</b> 208884,82	<b>Z</b> 178,33
<b>Formas</b>	<b>plano</b> Indeterminado	<b>secção</b>	Secção em U
<b>Material</b>	Sem material		
<b>Dimensões</b>			
	<b>comprimento máx</b>		<b>min.</b>
	<b>largura máx</b>		<b>min.</b>
	<b>diametro máx</b>	0.45m	<b>min.</b>
	<b>profundidade máx</b>	1.06m	<b>min.</b>
<b>Orientação</b>	Indeterminado	<b>Localização da via</b>	Sul
<b>Elemento de localização</b>	Indeterminado		
<b>Estado de conservação</b>	Excelente		

---

**UEs associadas**

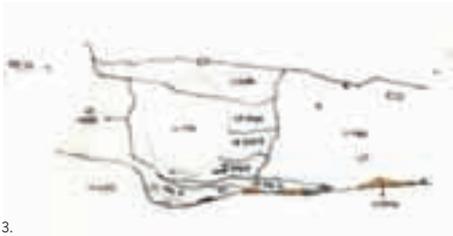
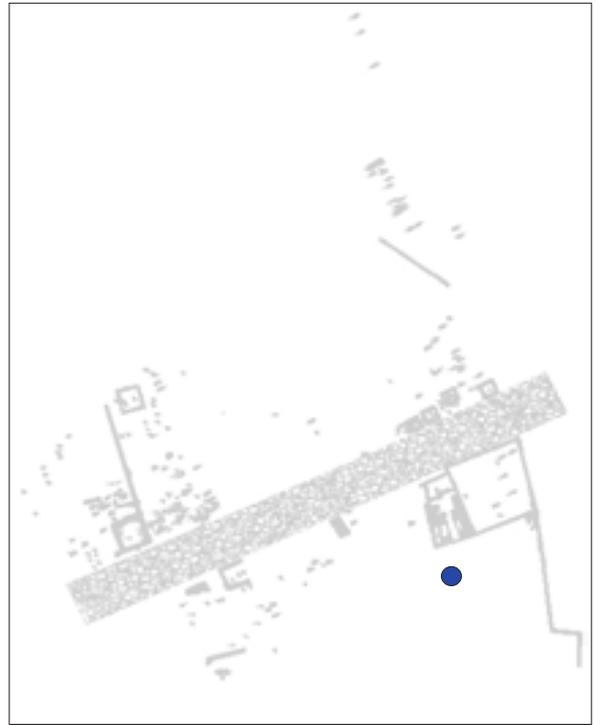
- 4345** Enchimento do interior da urna. Composição: sedimento limo-arenoso, material osteológico em elevada quantidade e espólio votivo.
- 1086** Urna em granito.
- 1085** Vala de implantação.
- 1084** Enchimento do interior da sepultura. Composição: carvões e nódulos de argila.



1.



2.



3.

Registo de campo da INC098 (Elementos cedidos pela UAUM e MRADDS).



4.



5.



6.

Vista de pormenor do espólio funerário da INC098 (Fotografias da autora).



## Sepulturas de incineração

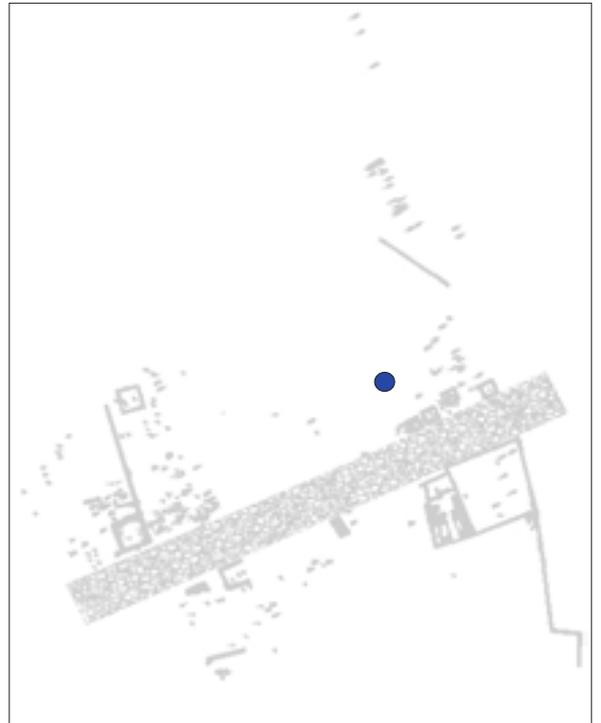
Ficha nº 35

<b>Acrónimo</b>	BRA08CTT; BRA09CTT		
<b>Nº catálogo</b>	INC100		
<b>Sepultura</b>	CCI		
<b>Tipo</b>	Indeterminado	<b>Tipo cova</b>	Indeterminado
		<b>Tipologia</b>	Indeterminado
<b>Cronologia</b>	Séc. II		
<b>Fase</b>	VI		
<b>Coordenadas</b>	<b>X</b> -24109,31	<b>Y</b> 208925,34	<b>Z</b> 181,5
<b>Formas</b>	<b>plano</b> Indeterminado	<b>secção</b>	Indeterminado
<b>Material</b>	Sem material		
<b>Dimensões</b>	<b>comprimento máx</b>	<b>min.</b>	
	<b>largura máx</b>	<b>min.</b>	
	<b>diametro máx</b>	<b>min.</b>	
	<b>profundidade máx</b>	<b>min.</b>	
<b>Orientação</b>	Indeterminado	<b>Localização da via</b>	Norte
<b>Elemento de localização</b>	Indeterminado		
<b>Estado de conservação</b>	Bom		

---

**UEs associadas**

- 4317** Urna funerária da SEP.CCI (Ach.1859).
- 4316** Urna funerária da SEP.CCI (Ach.1858).
- 4318** Enchimento do interior da sepultura. Composição: sedimentos areno-argilosos.



1.

Mobiliário funerário da INC100, com pormenor de exposição ao fogo (Fotografia da autora).



## Sepulturas de incineração

Ficha nº 36

**Acrónimo** BRA08CTT; BRA09CTT

**Nº catálogo** INC101

**Sepultura** CCII

**Tipo** Cova simples sem urna **Tipo cova** Rectangular

**Tipologia** 2e

**Cronologia** Meados séc. I

**Fase** IV

**Coordenadas** X -24124,43 Y 208914,69 Z 181,5

**Formas** **plano** Indeterminado **secção** Rectangular

**Material** Sem material

**Dimensões**

<b>comprimento máx</b>		<b>min.</b>
<b>largura máx</b>		<b>min.</b>
<b>diametro máx</b>		<b>min.</b>
<b>profundidade máx</b>	0.06m	<b>min.</b>

**Orientação** Indeterminado **Localização da via** Norte

**Elemento de localização** Indeterminado

**Estado de conservação** Bom

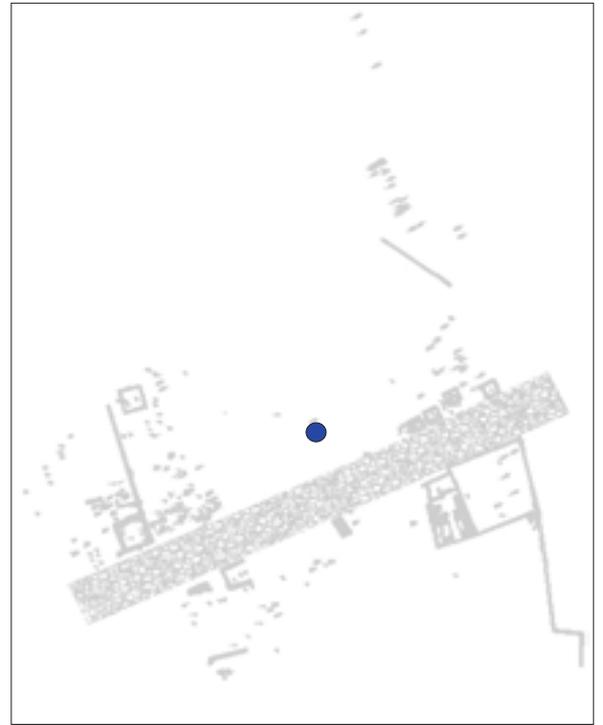
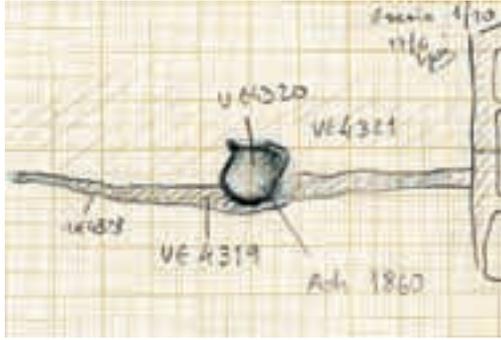
---

### UEs associadas

**4320** Urna.

**4319** Enchimento do interior da sepultura. Composição: carvão, cinzas e ossos fragmentados.

**2575** Enchimento do interior da urna. Composição: sedimento limo-arenoso, material osteológico fragmentado (coloração do branco ao bronze) e carvões.



Registo de campo da INC101 (Elementos cedidos pela UAUM).



Pormenor do jarro, pertencente ao mobiliário votivo da INC101 (Fotografia da autora).



## Sepulturas de incineração

Ficha nº 37

**Acrónimo** BRA08CTT; BRA09CTT

**Nº catálogo** INC104

**Sepultura** CCXIV

**Tipo** Cova simples com caixa de tégulas

**Tipo cova** Rectangular

**Tipo caixa** Rectangular (?)

**Tipologia** 6b

**Cronologia** Finais séc. II - inícios séc.III

**Fase** VII

**Coordenadas** X -24093,78 Y 208901,4 Z 179,54

**Formas** **plano** Indeterminado **secção** Rectangular

**Material** Tégula

**Dimensões**

**comprimento máx** **min.**

**largura máx** **min.**

**diametro máx** **min.**

**profundidade máx** 0.38m **min.**

**Orientação** NNO/SSE

**Localização da via** Sul

**Elemento de localização** Indeterminado

**Estado de conservação** Bom

---

### UEs associadas

**4467** Enchimento do interior da sepultura. Composição: terras arenosas.

**4465** Muro norte.

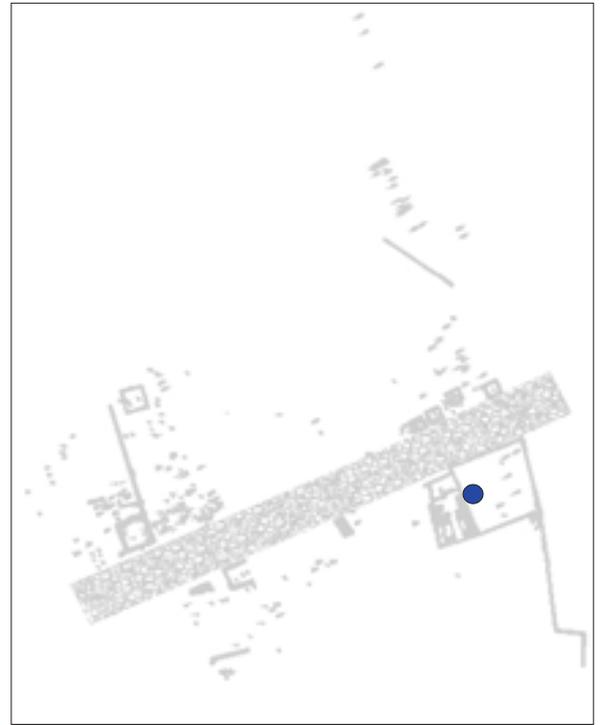
**4497** Enchimento do interior da sepultura. Composição: terras arenosas, alta concentração de carvões e ossos fragmentados e carbonizados.

**4469** Parede oeste.

**4468** Parede este.



1.



2.

Registo de campo da INC104 (Elementos cedidos pela UAUM).



## Sepulturas de incineração

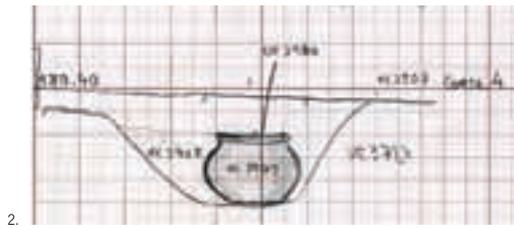
Ficha nº 38

<b>Acrónimo</b>	BRA08CTT; BRA09CTT		
<b>Nº catálogo</b>	INC105		
<b>Sepultura</b>	CXXV		
<b>Tipo</b>	Cova simples com urna	<b>Tipo cova</b>	Cova em U curto
		<b>Tipologia</b>	2b
<b>Cronologia</b>	Meados séc. I		
<b>Fase</b>	IV		
<b>Coordenadas</b>	<b>X</b> -24104,88	<b>Y</b> 208915,89	<b>Z</b> 180,4
<b>Formas</b>	<b>plano</b> Circular	<b>secção</b>	Secção U
<b>Material</b>	Sem material		
<b>Dimensões</b>			
	<b>comprimento máx</b>		<b>min.</b>
	<b>largura máx</b>		<b>min.</b>
	<b>diametro máx</b>		<b>min.</b>
	<b>profundidade máx</b>	0.25m	<b>min.</b>
<b>Orientação</b>	Indeterminado	<b>Localização da via</b>	Norte
<b>Elemento de localização</b>	Indeterminado		
<b>Estado de conservação</b>	Bom		

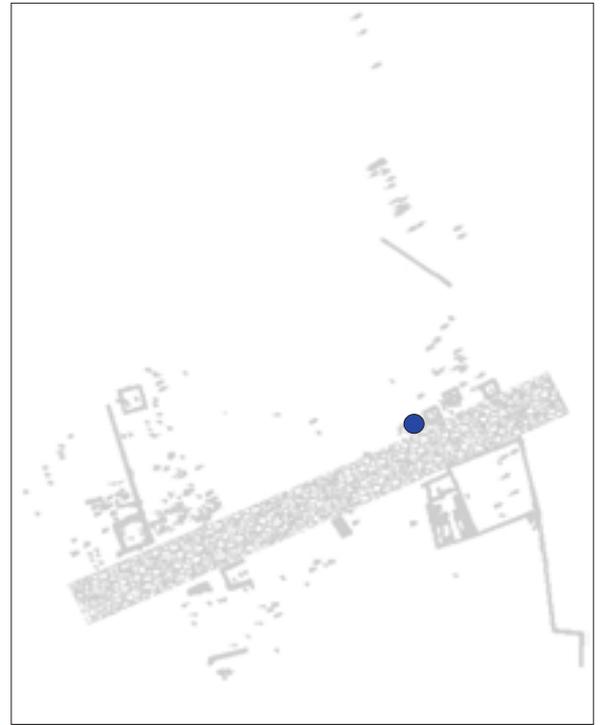
---

### UEs associadas

- 3908** Enchimento do interior da sepultura. Composição: carvões, ossos calcinados e cinzas.
- 3907** Vala de implantação.
- 4432** Enchimento do interior da urna. Composição: sedimento limo-arenoso, material osteológico e espólio votivo.
- 3910** Tampa da urna.
- 3909** Urna.



Registo de campo da INC105 (Elementos cedidos pela UAUM).



Conjunto do mobiliário funerário da INC105, com pormenores das perfurações na urna (Fotografias da autora).



## Sepulturas de incineração

Ficha nº 39

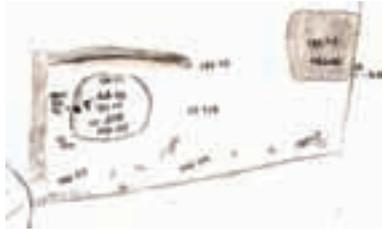
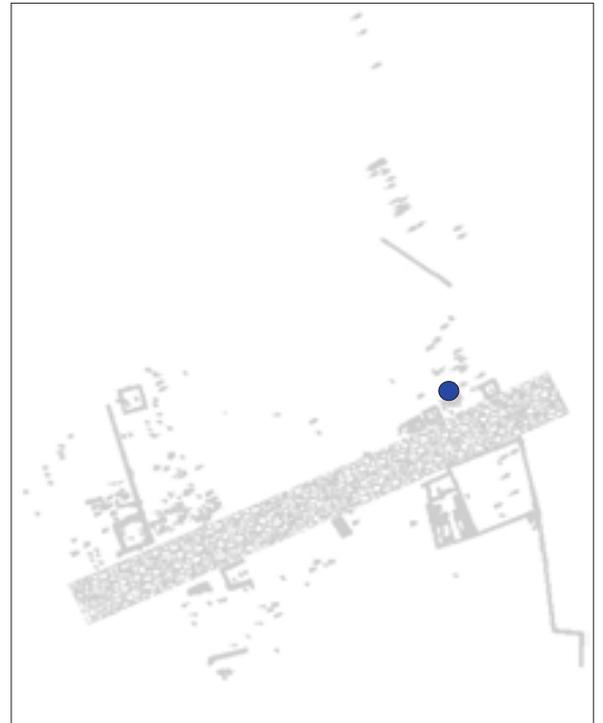
<b>Acrónimo</b>	BRA09CTT/ITAVL		
<b>Nº catálogo</b>	INC120		
<b>Sepultura</b>	XV/XVI		
<b>Tipo</b>	"Bustum"	<b>Tipo cova</b>	Rectangular
		<b>Tipologia</b>	7a
<b>Cronologia</b>	2ª metade do séc.I		
<b>Fase</b>	V		
<b>Coordenadas</b>	<b>X</b>	<b>Y</b>	<b>Z</b>
	-24097,34	208922,81	180,45
<b>Formas</b>	<b>plano</b>	Rectangular	<b>secção</b> Rectangular
<b>Material</b>	Sem material		
<b>Dimensões</b>	<b>comprimento máx</b>	1.24m cons	<b>min.</b>
	<b>largura máx</b>	0.60m cons	<b>min.</b>
	<b>diametro máx</b>		<b>min.</b>
	<b>profundidade máx</b>	0.28m	<b>min.</b>
<b>Orientação</b>	NNO/SSE	<b>Localização da via</b>	Norte
<b>Elemento de localização</b>	Indeterminado		
<b>Estado de conservação</b>	Bom		

## UEs associadas

- 208** Enchimento do interior da sepultura. Composição: carvões e fragmentos de osso.
- 328** Enchimento do interior da urna. Composição: sedimento limo-arenoso, osso e carvões.
- 207** Vala de implantação
- 211** Urna.
- 206** Enchimento de carvões.
- 210** Enchimento do interior da sepultura. Composição: carvões, sedimentos limo-arenosos e fragmentos de osso.
- 209** Vala de implantação.



1.



2.

Registo de campo da INC120 (Elementos cedidos pela UAUM).



3.

Pormenor da urna cinerária da INC120 (Fotografias da autora).



## Sepulturas de incineração

Ficha nº 40

**Acrónimo** BRA08CTT; BRA09CTT

**Nº catálogo** INC128

**Sepultura** XXXVII

**Tipo** Cova simples sem urna

**Tipo cova** Rectangular

**Tipo caixa** Rectangular

**Tipologia** 6a

**Cronologia** Finais séc. II - 1ª metade séc.III

**Fase** VII

**Coordenadas** X -24133,72 Y 208878,73 Z 180,4

**Formas** **plano** Rectangular **secção** Triangular

**Material** Pedra Tégula Tijoleira

**Dimensões**

**comprimento máx** 2.40m **min.**

**largura máx** 0.70m **min.**

**diametro máx** **min.**

**profundidade máx** 0.24m **min.**

**área útil** 1,68 m2

**Orientação** NNO/SSE

**Localização da via** Sul

**Elemento de localização** Blocos pétreos amontoados

**Estado de conservação** Bom

---

### UEs associadas

2104 Murete este.

2136 Murete sul.

2103 Murete oeste.

2135 Parede oeste.

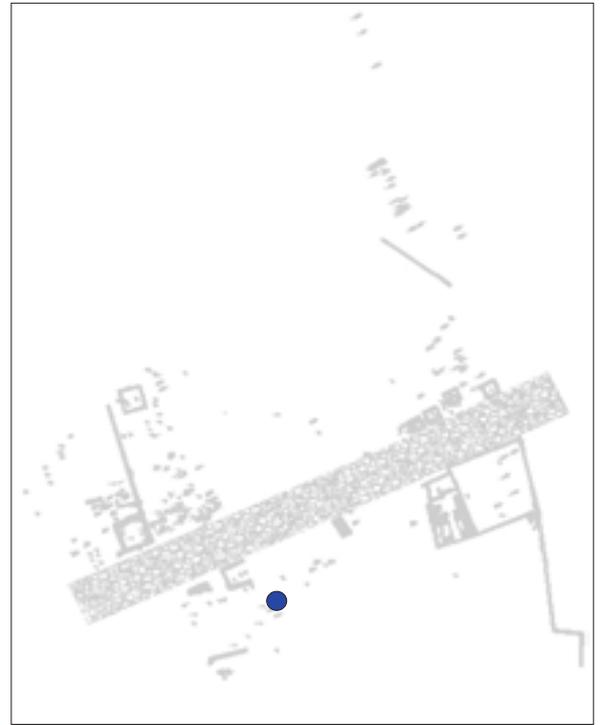
2102 Enchimento do interior da sepultura. Composição: carvões e cinzas, acompanhados de fragmentos de esquirolas de osso.

2134 Enchimento do interior.

2133 Leito em tijolo.

2137 Parede sul em tijolo.

1.



2.



3.



Registro de campo da INC128 (Elementos cedidos pela UAUM).

4.



Pormenor de alguns pregos referenciados na INC128 (Elementos cedidos pela UAUM).



## Sepulturas de incineração

Ficha nº 41

Acrónimo BRA08CTT; BRA09CTT

Nº catálogo INC129

Sepultura II

Tipo Cova simples

Tipo cova Rectangular

Tipo caixa Rectangular

Tipologia 1c

Cronologia Transição da Era e 1ª metade do séc.I

Fase III

Coordenadas X -24174,4 Y 208889,71 Z 181,65

Formas plano Rectangular secção Rectangular/Quadrangular

Material Madeira

Dimensões

comprimento máx 0.77m min.

largura máx 0.37m min.

diâmetro máx min.

profundidade máx 0.19m min.

área útil 0,28 m2

Orientação OSO/ENE

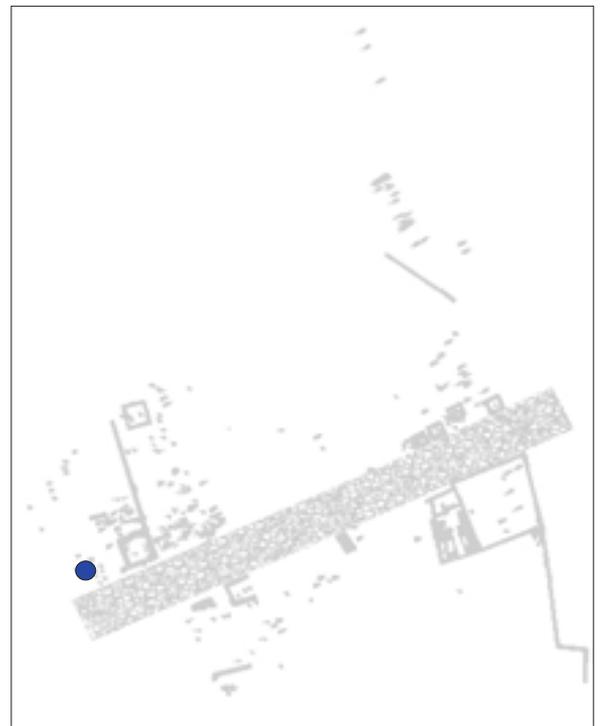
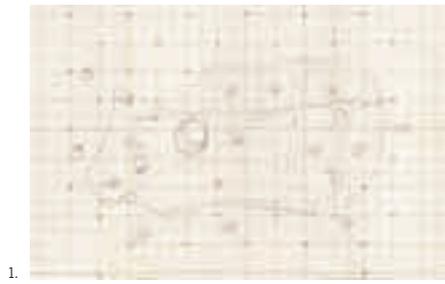
Localização da via Norte

Elemento de localização Indeterminado

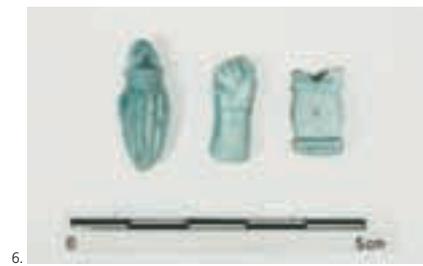
Estado de conservação Mau

## UEs associadas

0198 Enchimento do interior da sepultura. Composição: sedimento areno-limoso e fragmentos ósseos indeterminados.



Registo de campo da INC129 (Elementos cedidos pela UAUM).



Pormenores do mobiliário funerário da INC129 (Fotografia da autora, com excepção da foto 3 propriedade UAUM).



## Sepulturas de inumação

Ficha nº 42

Acrónimo BRA08CTT; BRA09CTT

Nº catálogo INU001

Número de campo I

<b>Tipo</b>	Cova simples com caixa de tégulas	<b>Tipo cova</b>	Cova em U curto	<b>Tipologia</b>	3a
-------------	-----------------------------------	------------------	-----------------	------------------	----

Cronologia Séc.s V - VI

Fase X

<b>Coordenadas</b>	<b>X</b>	-24180,93	<b>Y</b>	208907,42	<b>Z</b>	182,9
--------------------	----------	-----------	----------	-----------	----------	-------

<b>Formas</b>	<b>plano</b>	Rectangular	<b>secção</b>	Triangular
---------------	--------------	-------------	---------------	------------

<b>Material</b>	Tijoleira	Tégula
-----------------	-----------	--------

Dimensões

<b>comprimento máx</b>	1.43m	<b>min.</b>	1.24m
<b>largura máx</b>	0.61m	<b>min.</b>	0.29m
<b>diâmetro máx</b>		<b>min.</b>	
<b>profundidade máx</b>	0.34m	<b>min.</b>	
<b>área útil</b>	0,36	<b>m2</b>	

<b>Orientação</b>	O/E	<b>Localização da via</b>	Norte	<b>Elemento de localização</b>	Indeterminado
-------------------	-----	---------------------------	-------	--------------------------------	---------------

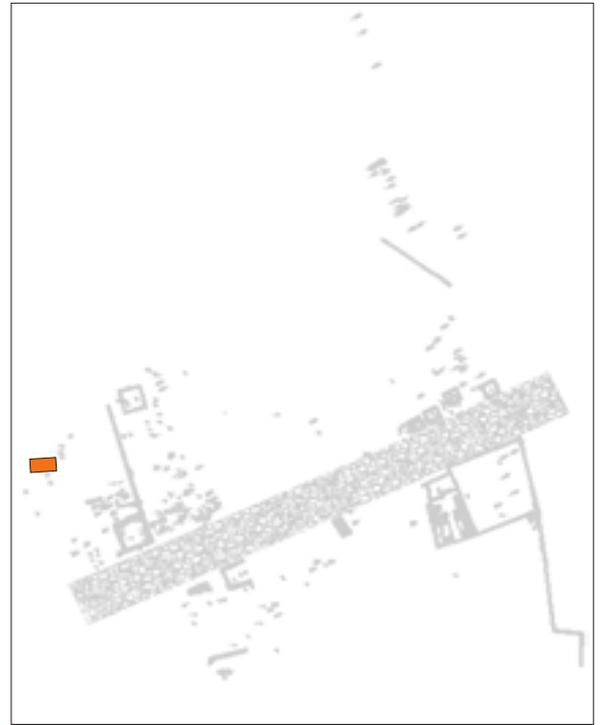
<b>Estado de conservação</b>	Bom
------------------------------	-----

---

**UEs associadas**

- 0347 Cobertura em ímbrex.
- 0352 Enchimento do interior.
- 0089 Aterro de enchimento do interior.
- 0351 Leito.
- 0050 Cobertura em tégula.
- 0349 Vala de fundação.
- 0356 Enchimento da vala de fundação.
- 0348 Cobertura em tégula.
- 0354 Leito.

1.



2.



3.



Documentação de campo referente a INU001 (Elementos cedidos pela UAUM).



## Sepulturas de inumação

Ficha nº 43

Acrónimo BRA08CTT; BRA09CTT

Nº catálogo INU004

Número de campo VI

Tipo Cova simples com caixa de tégulas Tipo cova Rectangular Tipologia 3b

Cronologia Séc.s V - VI

Fase X

Coordenadas X -24179,79 Y 208904,24 Z 182,45

Formas plano Rectangular secção Triangular

Material Pedra Tégula

## Dimensões

comprimento máx	1.76m	min.	
largura máx	0.94m	min.	0.42m
diâmetro máx		min.	
profundidade máx	0.34m	min.	
área útil	1,65 m2		

Orientação O/E Localização da via Norte Elemento de localização Indeterminado

Estado de conservação Bom

## UEs associadas

- 0224 Leito.
- 0223 Enchimento do interior.
- 0207 Aterro de enchimento.
- 0225 Aterro de nivelamento/regularização.



Levantamento fotográfico referente a INU004 (Elementos cedidos pela UAUM).



## Sepulturas de inumação

Ficha nº 44

Acrónimo BRA08CTT; BRA09CTT

Nº catálogo INU005

Número de campo VII

Tipo Cova simples com caixa de tégulas Tipo cova Rectangular Tipologia 4a

Cronologia Séc. IV

Fase IX

Coordenadas X -24174,99 Y 208892,33 Z 181,89

Formas plano Rectangular secção Triangular

Material Tégula

## Dimensões

comprimento máx 0.80m cons min.

largura máx 0.69m min.

diâmetro máx min.

profundidade máx 0.16m cons min.

área útil 0 m2

Orientação N/S Localização da via Norte Elemento de localização Indeterminado

Estado de conservação Mau

## UEs associadas

0176 Aterro de demolição.

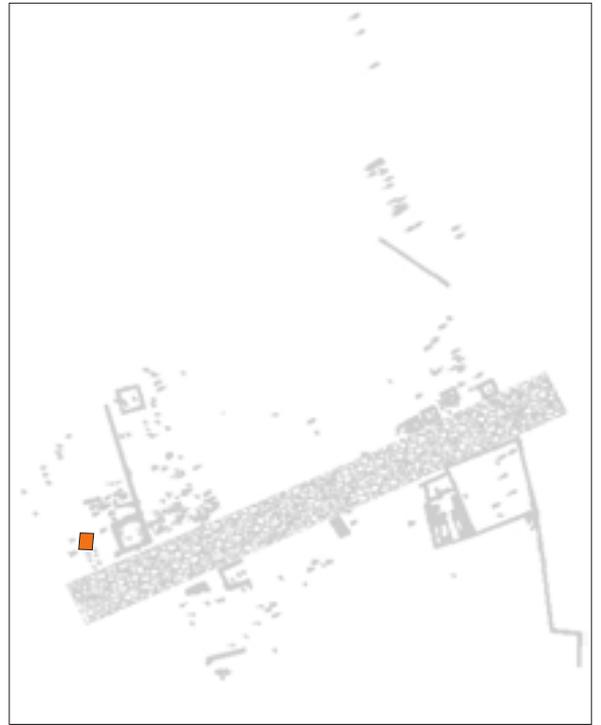
0175 Enchimento da vala de implantação.

0166 Leito.

0206 Enchimento do interior.



1.



2.



3.

Documentação fotográfica de campo referente a INU005 (Elementos cedidos pela UAUM).



## Sepulturas de inumação

Ficha nº 45

Acrónimo BRA08CTT; BRA09CTT

Nº catálogo INU006

Número de campo VIII

Tipo Cova simples Tipo cova Cova em U curto Tipologia 1a

Cronologia Séc. IV

Fase IX

Coordenadas X -24184,9 Y 208902,43 Z 182,97

Formas plano Rectangular secção U curto

Material Sem material

## Dimensões

comprimento máx 0.59m vis min.

largura máx 0.33m min.

diâmetro máx min.

profundidade máx 0.34m min.

área útil 0 m2

Orientação O/E Localização da via Norte Elemento de localização Indeterminado

Estado de conservação Mau

## UEs associadas

0187 Enchimento do interior da sepultura. Composição: sedimento limo-arenoso e material osteológico indeterminado.

0181 Vala de implantação..

0180 Aterro de enchimento.



1.



2.

Registo de campo correspondente à INU006 (Elementos cedidos pela UAUM).



## Sepulturas de inumação

Ficha nº 46

**Acrónimo** BRA08CTT; BRA09CTT

**Nº catálogo** INU008

**Número de campo** XLIX

**Tipo** Caixa em tijoleira sem urna **Tipo cova** Rectangular **Tipologia** 5b

**Cronologia** Séc. IV

**Fase** IX

**Coordenadas** X -24162,11 Y 208921,81 Z 181,38

**Formas** plano Rectangular **secção** Rectangular

**Material** Pedra Tijoleira Outro

### Dimensões

<b>comprimento máx</b>	2.88m	<b>min.</b>	2.67m
<b>largura máx</b>	1.26m	<b>min.</b>	0.60m
<b>diâmetro máx</b>		<b>min.</b>	
<b>profundidade máx</b>	0.98m	<b>min.</b>	
<b>área útil</b>	3,62 m2		

**Orientação** NNO/SSE **Localização da via** Norte **Elemento de localização** Indeterminado

**Estado de conservação** Bom

---

### UEs associadas

- 3146** Enchimento do interior sepultura. Composição: areno-limosos de coloração castanho amarelado.
- 2859** Enchimento do interior da sepultura. Composição: areno-limosos de coloração castanho escuro.
- 3160** Vestígios de argamassa sobre o leito.
- 2864** Murete (sobre a parede este).
- 3478** Enchimento da vala de fundação da UE 3156, da SEP. XLIX.
- 3157** Parede sul.
- 2863** Murete (sobre a parede norte).
- 3156** Vala de fundação.
- 2861** Parede este.
- 3162** Murete (sob a parede oeste).
- 2862** Parede norte.
- 3148** Aterro do interior da da sepultura. Composição: areno-limosos de coloração castanho.
- 2860** Parede oeste.
- 3161** Leito (com lajes graníticas).



1.



2.



3.



4.



5.

Levantamento fotográfico referente a INU008 (Elementos cedidos pela UAUM).



## Sepulturas de inumação

Ficha nº 47

**Acrónimo** BRA08CTT; BRA09CTT

**Nº catálogo** INU009

**Número de campo** LVII

**Tipo** Cova simples com caixa em pedra      **Tipo cova** Rectangular      **Tipologia** 7b

**Cronologia** Séc. V - VI

**Fase** X

**Coordenadas**      **X** -24157,41      **Y** 208918,49      **Z** 181,84

**Formas**      **plano** Rectangular      **secção** Rectangular

**Material** Pedra      Outro

### Dimensões

**comprimento máx** A escavar      **min.**

**largura máx** A escavar      **min.**

**diâmetro máx**      **min.**

**profundidade máx** A escavar      **min.**

**área útil** 0      **m2**

**Orientação** OSO/ENE      **Localização da via** Norte      **Elemento de localização** Indeterminado

**Estado de conservação** Excelente

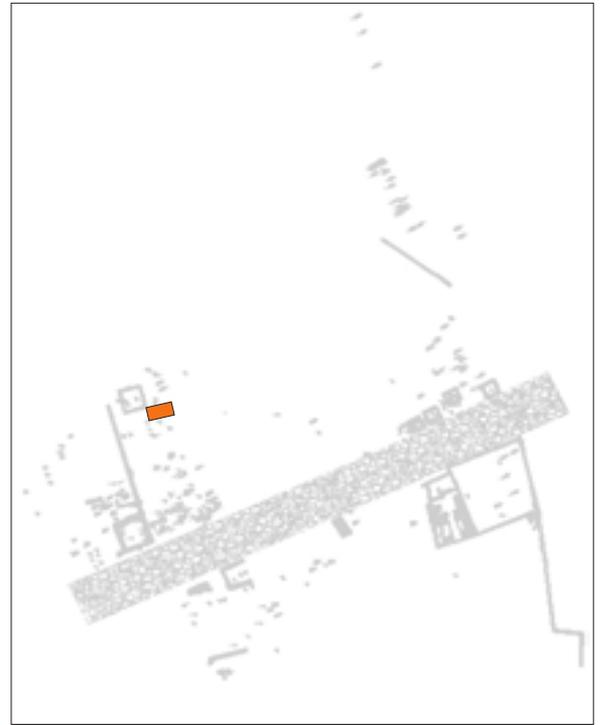
---

### UEs associadas

- 2194** Vala de implantação.
- 2886** Vestígios de opus signinum (nas juntas das lajes).
- 2727** Derrube.
- 2885** Lajes de cobertura.
- 2726** Enchimento de nivelamento.
- 2854** Enchimento de nivelamento.
- 3079** Nivel endurecido sob a UE 2887.
- 2853** Restos de um empedrado consolidado. (calçada?)
- 2887** Nivel de enchimento da vala de fundação da sepultura LVII.



1.



2.



3.

Vistas de pormenor da cobertura e interior da INU009, ainda por escavar na totalidade (Elementos cedidos pela UAUM).



## Sepulturas de inumação

Ficha nº 48

**Acrónimo** BRA08CTT; BRA09CTT

**Nº catálogo** INU010

**Número de campo** LVIII

**Tipo** Cova simples com caixa de tégulas **Tipo cova** Rectangular **Tipologia** 2b

**Cronologia** Séc. IV

**Fase** IX

**Coordenadas** X -24148,14 Y 208895,45 Z 181,38

**Formas** plano Rectangular **secção** Trapezoidal

**Material** Tijoleira

### Dimensões

**comprimento máx** 1.98m **min.**

**largura máx** 0.58m **min.**

**diâmetro máx** **min.**

**profundidade máx** 0.23m **min.**

**área útil** 1,16 m<sup>2</sup>

**Orientação** SO/NE **Localização da via** Norte **Elemento de localização** Indeterminado

**Estado de conservação** Bom

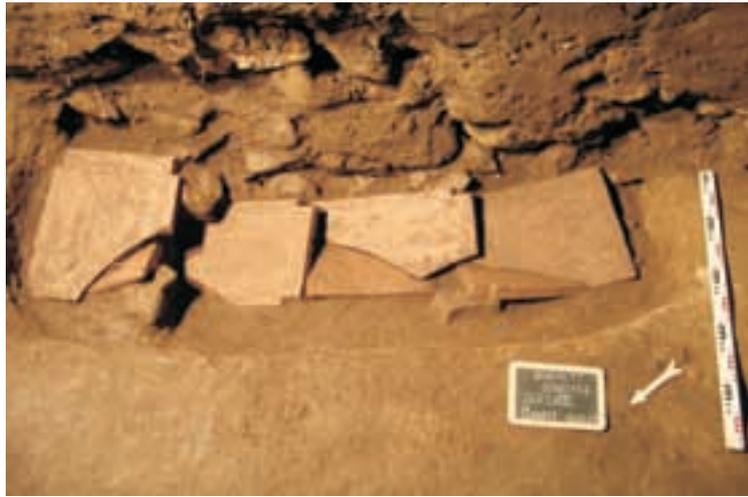
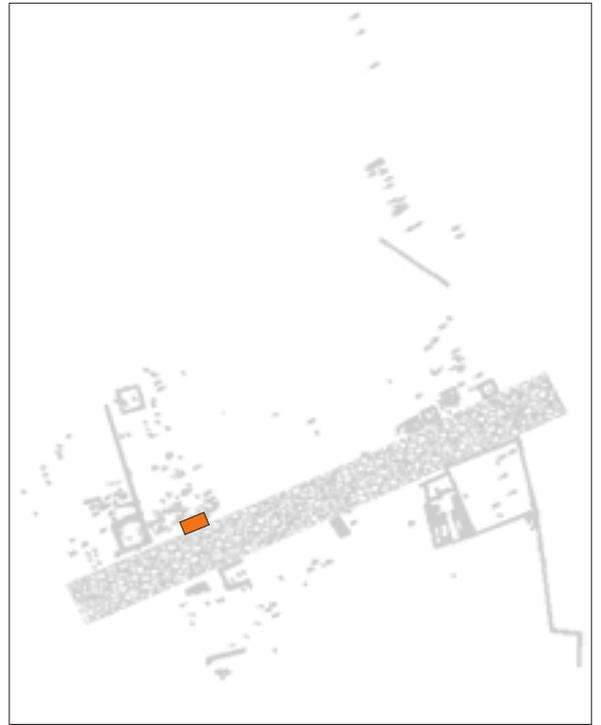
---

### UEs associadas

- 2880 Enchimento de nivelamento.
- 2892 Cobertura com tégulas.
- 2879 Vala de implantação.
- 2891 Enchimento do interior da sepultura. Composição: sedimento areno-limoso, coloração clara.
- 2905 Murete sul.
- 2890 Bloco pétreo (sob a UE2892).
- 2904 Murete norte.
- 2889 Cobertura com tégulas.
- 2893 Enchimento do interior da sepultura.



1.



2.



3.

Perspectivas da INU010 (Elementos cedidos pela UAUM).



## Sepulturas de inumação

Ficha nº 49

**Acrónimo** BRA08CTT; BRA09CTT

**Nº catálogo** INU011

**Número de campo** LXIII

**Tipo** Cova simples com caixa de tijolos **Tipo cova** Rectangular **Tipologia** 5a

**Cronologia** Séc.IV

**Fase** VIII

**Coordenadas** X -24163,59 Y 208920,95 Z 181,59

**Formas** plano Rectangular **secção** Rectangular

**Material** Tijoleira

### Dimensões

<b>comprimento máx</b>	2.43m	<b>min.</b>	2.05m
<b>largura máx</b>	1.24m	<b>min.</b>	0.54m
<b>diâmetro máx</b>		<b>min.</b>	
<b>profundidade máx</b>	0.90m	<b>min.</b>	
<b>área útil</b>	3,01 m2		

**Orientação** N/S **Localização da via** Norte **Elemento de localização** Indeterminado

**Estado de conservação** Bom

---

### UEs associadas

- 3287** Parede oeste da caixa interior.
- 3109** Parede oeste da caixa interior.
- 2971** Enchimento de nivelamento.
- 2975** Enchimento de nivelamento.
- 3286** Parede este da caixa interior.
- 3108** Parede este da caixa interior.
- 2970** Estrutura de pedras delimitadora da sepultura.
- 3116** Argamassa do interior da sepultura.
- 2974** Leito.
- 3101** Segundo leito.
- 2925** Cobertura de tijolo.
- 3115** Enchimento do interior da sepultura.
- 2973** Parede oeste ("opus testaceum").
- 3082** Tijolos (sobre UE2972).

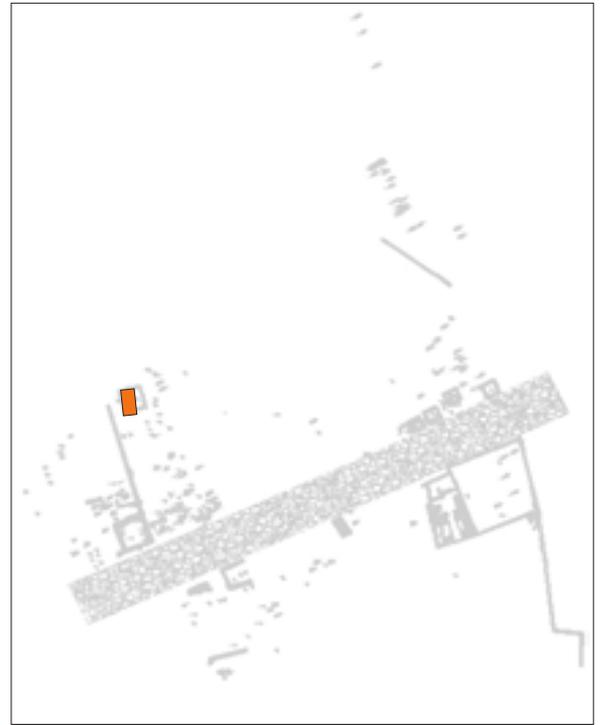


### Sepulturas de inumação

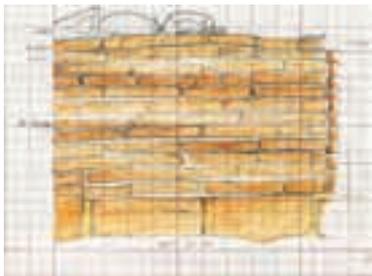
- 3288 Interstícios das paredes.
- 3110 Terceiro leito.
- 2972 Parede este ("opus testaceum").
- 3081 Tijolos (sobre UE2973).



1.



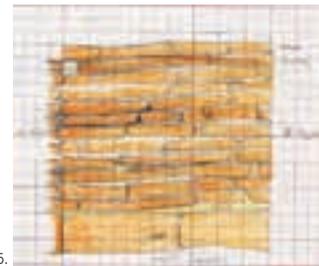
2.



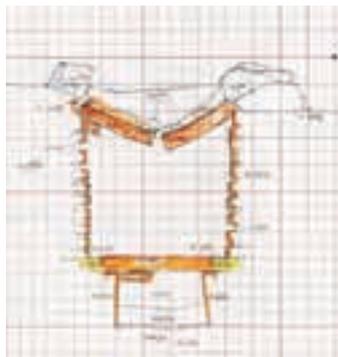
3.



4.



5.



6.



## Sepulturas de inumação

Ficha nº 50

**Acrónimo** BRA08CTT; BRA09CTT

**Nº catálogo** INU014

**Número de campo** CIII

**Tipo** Cova simples com caixa de tégulas e tijolo **Tipo cova** Rectangular **Tipologia** 4a

**Cronologia** Finais séc. II - 1ª metade séc.III

**Fase** VII

**Coordenadas** X -24164,45 Y 208911,7 Z 181,01

**Formas** plano Rectangular **secção** Rectangular

**Material** Tégula Tijoleira

### Dimensões

**comprimento máx** 2.30m **min.**

**largura máx** 0.60m **min.**

**diâmetro máx** **min.**

**profundidade máx** 0.61m **min.**

**área útil** 1,61 **m2**

**Orientação** NNO/SSE **Localização da via** Norte **Elemento de localização** Indeterminado

**Estado de conservação** Bom

---

### UEs associadas

- 3416 Enchimento da vala de fundação.
- 3420 Enchimento do interior da sepultura. Composição: sedimento areno-limoso.
- 3415 Vala de implantação.
- 3419 Parede oeste em "tegulae", da SEP. CIII.
- 3418 Parede este.
- 3426 Tegulae da cobertura.
- 3417 Parede norte.
- 3425 Tegulae de cobertura.



1.

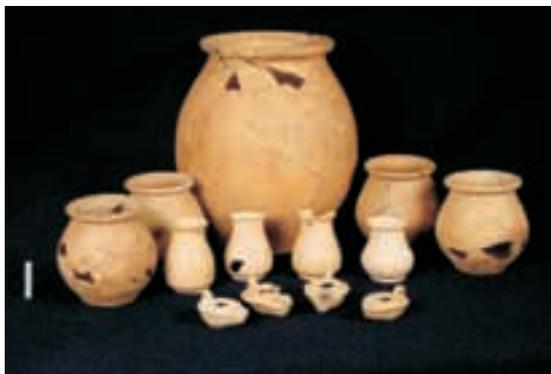


2.



3.

Pormenores correspondentes à INU014 (Elementos cedidos pela UAUM).



5.



6.

Perspectivas dos diferentes tipos de material exumado da INU014 (Fotografias da autora).



## Sepulturas de inumação

Ficha nº 51

**Acrónimo** BRA08CTT; BRA09CTT

**Nº catálogo** INU015

**Número de campo** CV

**Tipo** Caixa **Tipo cova** Rectangular **Tipologia** 7a

**Cronologia** Séc. IV

**Fase** IX

**Coordenadas** X -24177,35 Y 208909,66 Z 182,46

**Formas** plano Rectangular **secção** Rectangular

**Material** Pedra Tijoleira

### Dimensões

<b>comprimento máx</b>	1.30m	<b>min.</b>	1.03m
<b>largura máx</b>	0.87m	<b>min.</b>	0.40m
<b>diâmetro máx</b>		<b>min.</b>	
<b>profundidade máx</b>	0.38m	<b>min.</b>	
<b>área útil</b>	1,13 m2		

**Orientação** OSO/ENE **Localização da via** Norte **Elemento de localização** Indeterminado

**Estado de conservação** Bom

---

### UEs associadas

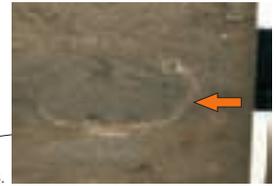
- 3432 Enchimento do interior da sepultura.
- 3392 Enchimento de revolvimento.
- 3435 Enchimento da vala de fundação.
- 3409 Leito.
- 3370 Parede norte.
- 3436 Vala de implantação.
- 3410 Enchimento do interior da sepultura.
- 3390 Parede sul.
- 3431 Enchimento do interior da sepultura.
- 3391 Murete sul.



1.



2.



3.



4.

Documentação fotográfica de campo referente a INU015, com pormenor da identificação de um esqueleto (Elementos cedidos pela UAUM).



## Sepulturas de inumação

Ficha nº 52

**Acrónimo** BRA08CTT; BRA09CTT

**Nº catálogo** INU017

**Número de campo** CXXXII

**Tipo** Caixa de pedra e tijolo **Tipo cova** Rectangular **Tipologia** 4b

**Cronologia** Séc. IV

**Fase** IX

**Coordenadas** X -24164,94 Y 208902,74 Z 181,81

**Formas** plano Rectangular **secção** Rectangular

**Material** Pedra Tégula Tijoleira Outro

### Dimensões

**comprimento máx** 1.30m **min.**

**largura máx** 0.45m **min.**

**diâmetro máx** **min.**

**profundidade máx** 0.34m **min.**

**área útil** 0,58 **m2**

**Orientação** SO/NE **Localização da via** Norte **Elemento de localização** Indeterminado

**Estado de conservação** Mau

---

### UEs associadas

- 4117 Vala de fundação.
- 4070 Parede este.
- 4120 Murete de reforço (da UE4070).
- 4071 Enchimento do interior da sepultura. Composição: terras de matriz arenosa.
- 4067 Parede norte.
- 4121 Leito.
- 4074 Murete de reforço (da UE4067).
- 4068 Parede sul.
- 4116 Enchimento da vala de fundação.
- 4069 Parede oeste.



1.



2.



3.



4.

Vistas de pormenor da sepultura INU017, com vestígios de caixão (Elementos cedidos pela UAUM).



## Sepulturas de inumação

Ficha nº 53

Acrónimo BRA08CTT; BRA09CTT

Nº catálogo INU021

Número de campo CCXIII

<b>Tipo</b>	Cova simples com caixa em pedra e tijolo	<b>Tipo cova</b>	Cova em U alongado	<b>Tipologia</b>	6a
-------------	--	------------------	--------------------	------------------	----

Cronologia Séc. IV

Fase IX

<b>Coordenadas</b>	<b>X</b>	-24159,55	<b>Y</b>	208927,76	<b>Z</b>	182,15
--------------------	----------	-----------	----------	-----------	----------	--------

<b>Formas</b>	<b>plano</b>	Rectangular	<b>secção</b>	Secção U
---------------	--------------	-------------	---------------	----------

<b>Material</b>	Pedra	Tijoleira
-----------------	-------	-----------

## Dimensões

<b>comprimento máx</b>	1.15m	vis	<b>min.</b>
<b>largura máx</b>	0.75m		<b>min.</b>
<b>diâmetro máx</b>			<b>min.</b>
<b>profundidade máx</b>	0.72m		<b>min.</b>
<b>área útil</b>	0	<b>m2</b>	

<b>Orientação</b>	NNO/SSE	<b>Localização da via</b>	Norte	<b>Elemento de localização</b>	Indeterminado
-------------------	---------	---------------------------	-------	--------------------------------	---------------

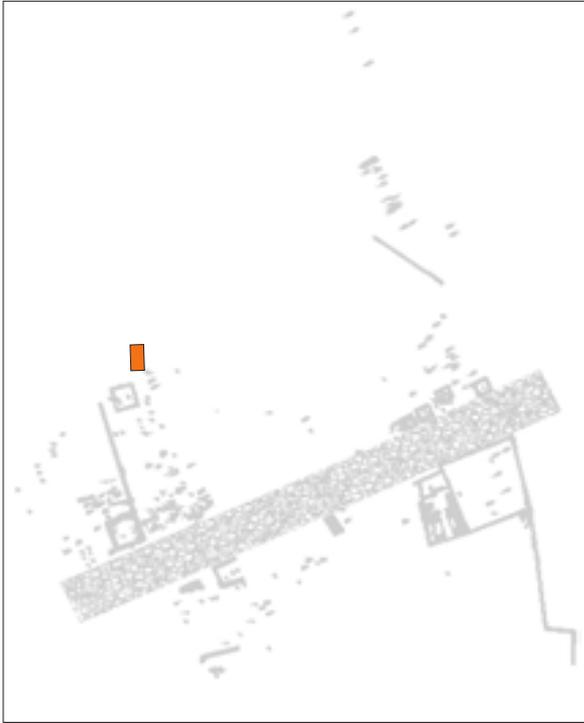
<b>Estado de conservação</b>	Bom
------------------------------	-----

## UEs associadas

- |             |  |
|-------------|--|
| <b>4507</b> | Insterstícios da parede UE4502.  |
| <b>4502</b> | Parede oeste.  |
| <b>4506</b> | Vala de implantação da SEP.CCXIII.   |
| <b>4501</b> | Cobertura.   |
| <b>4505</b> | Enchimento do interior da sepultura. Composição: sedimento de matriz areno-limosa. |
| <b>4504</b> | Parede este.   |
| <b>4503</b> | Leito.   |



1.



2.



3.



4.

Diversas perspectivas da sepultura INU021 (Elementos cedidos pela UAUM).



## Sepulturas de inumação

Ficha nº 54

Acrónimo BRA08TAVL

Nº catálogo INU023

Número de campo X

Tipo Cova simples Tipo cova Rectangular Tipologia 1a

Cronologia Séc.IV

Fase IX

Coordenadas X -24097,23 Y 208938,31 Z 180,45

Formas plano Oval secção Rectangular

Material Sem material

## Dimensões

comprimento máx 1.86m min.

largura máx 0.88m min.

diâmetro máx min.

profundidade máx 0.34m min.

área útil 1,63 m2

Orientação NO/SE Localização da via Norte Elemento de localização Indeterminado

Estado de conservação Mau

## UEs associadas

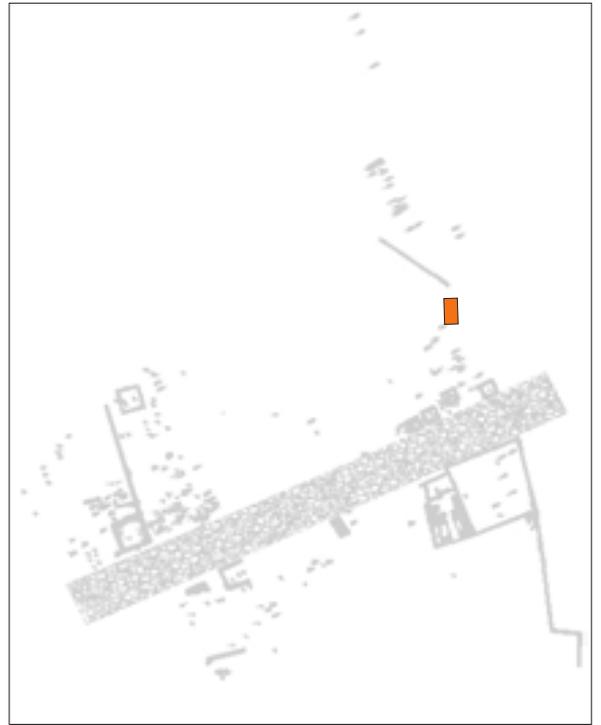
1048 Enchimento de nivelamento.

1051 Enchimento de nivelamento.

1049 Vala de implantação.



1.



2.

Levantamento fotográfico de campo da INU023 (Elementos cedidos pela UAUM).



## Sepulturas de inumação

Ficha nº 55

Acrónimo BRA08CTT; BRA09CTT

Nº catálogo INU024

Número de campo X

Tipo Cova simples Tipo cova Rectangular Tipologia 2a

Cronologia Séc. V / VI

Fase X

Coordenadas X -24180,42 Y 208905,96 Z 182,65

Formas plano Rectangular secção Rectangular

Material Sem material

## Dimensões

comprimento máx	2m	min.	
largura máx	0.34m	min.	0.92m
diâmetro máx		min.	
profundidade máx	0.93m	min.	
área útil	0	m2	

Orientação E/O Localização da via Norte Elemento de localização Indeterminado

Estado de conservação Mau

## UEs associadas

0090 Aterro de enchimento.

0091 Funcionalidade não apurada. Possível rasgo de saque da Sepultura X.



1.



2.

Documentação correspondente à INU024 (Elementos cedidos pela UAUM).



## Mausoléu

Ficha nº 56

Acrónimo BRA08CTT; BRA09CTT

Nº catálogo M01

Número de campo Sem número (10)

Tipo Monumento de planta quadrangular Tipo cova Indeterminado Tipologia 1b

Cronologia Meados séc. I

Fase IV

Coordenadas X -24104,56 Y 208916,46 Z 180,61

Formas plano Quadrangular secção Rectangular

Material Pedra Outro

Dimensões

comprimento máx 2.08m min.

largura máx 1.78m min.

diâmetro máx min.

profundidade máx 0.83m min.

área útil 3,7 m2

Orientação NE/SO Localização da via Norte Elemento de localização Indeterminado

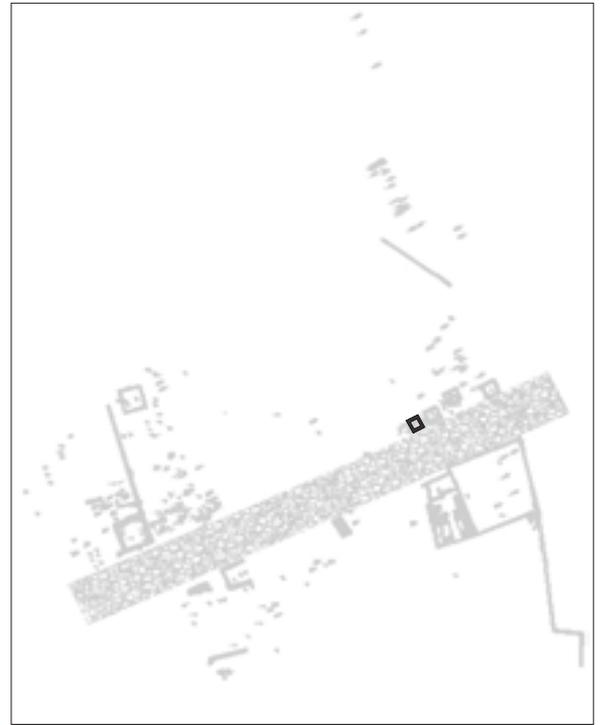
Estado de conservação Mau

## UEs associadas

- 4399 Interstícios do muro UE2030.
- 2034 Vala de fundação.
- 4044 Embasamento de mausoléu.
- 2030 Muro oeste.
- 3945 Muro norte.
- 4401 Interstícios do muro UE3945.
- 2029 Muro este.
- 3927 Embasamento de muro UE3896.
- 4400 Interstícios do muro UE2029.
- 3896 Muro de mausoléu localizado a Este.



1.



2.



3.



4.



5.

Levantamento fotográfico do monumento M01, com respectivos alçados (Fotografias UAUM).



## Mausoléu

Ficha nº 57

Acrónimo BRA09CTT/ITAVL

Nº catálogo M02

Número de campo Sem número (11)

Tipo Monumento de planta quadrangular

Tipo cova Indeterminado

Tipologia 1a

Cronologia 2ª metade séc.I

Fase V

Coordenadas X -24101,11 Y 208918,39 Z 180,53

Formas plano Quadrangular secção Quadrangular

Material Pedra

Dimensões

comprimento máx 2.14m min.

largura máx 2.14m min.

diâmetro máx min.

profundidade máx 1.21m min.

área útil 4,58 m2

Orientação NE/SO

Localização da via Norte

Elemento de localização Indeterminado

Estado de conservação Mau

## UEs associadas

065 Muro Este de mausoléu (ver descrição em UE064).

088 Reforço de mausoléu.

064 Muro de mausoléu.

087 Interface da vala de implantação de mausoléu.

094 Embasamento de mausoléu.

067 Muro Sul de mausoléu (ver descrição em UE064).

092 Enchimento da vala de fundação de mausoléu.

066 Muro Oeste de mausoléu (ver descrição em UE064).

089 Enchimento da vala de fundação do mausoléu.



1.



2.



3.



4.



5.

Perspectivas da estrutura M02, acompanhado dos alçados dos muros (Elementos cedidos pela UAUM).



## Mausoléu

Ficha nº 58

Acrónimo BRA09CTT/ITAVL

Nº catálogo M03

Número de campo Sem número (12)

Tipo Monumento de planta quadrangular

Tipo cova Indeterminado

Tipologia 1b

Cronologia Finais séc. I - 1ª metade séc. II

Fase VI

Coordenadas X -24097,05 Y 208922,2 Z 180,53

Formas plano Quadrangular secção Trapezoidal

Material Pedra

## Dimensões

comprimento máx 2.23m min.

largura máx 1.85m min.

diâmetro máx min.

profundidade máx 0.27m min.

área útil 4,12 m2

Orientação NE/SO

Localização da via Norte

Elemento de localização Indeterminado

Estado de conservação Destruído

## UEs associadas

023 Estrutura/Embasamento de mausoléu.



1.



2.



3.

Levantamento de campo da estrutura conservada do M03, com estela E04 (Elementos cedidos pela UAUM).



## Mausoléu

Ficha nº 59

**Acrónimo** BRA08TAVL

**Nº catálogo** M04

**Número de campo** Sem número (13)

**Tipo** Monumento de planta rectangular

**Tipo cova** Indeterminado

**Tipologia** 1a

**Cronologia** 2ª metade séc.I

**Fase** V

**Coordenadas** X -24089,16 Y 208923,99 Z 181,12

**Formas** plano Quadrangular **secção** Rectangular

**Material** Pedra

**Dimensões**

**comprimento máx** 2.14m **min.**

**largura máx** 2.14m **min.**

**diâmetro máx** **min.**

**profundidade máx** 1.76m **min.**

**área útil** 4,58 **m2**

**Orientação** NE/SO

**Localização da via** Norte

**Elemento de localização** Indeterminado

**Estado de conservação** Bom

---

### UEs associadas

- 1077** Parede Sul do mausoléu.
- 1489** Vala de fundação do muro UE1082.
- 1574** Lastro de assentamento que serve de alicerce ao muro Oeste do mausoléu.
- 1083** Ligante do muro UE1082.
- 1551** Cunhal Oeste do mausoléu. Corresponde à parede Oeste da estrutura.
- 1637** Ligante do muro UE1551 (parede oeste do mausoléu).
- 1082** Parede Oeste do mausoléu.
- 1498** Aterro de enchimento da vala de fundação UE1489 do muro UE1082.
- 1620** Lastro de assentamento do muro UE1082 que compõe o mausoléu.
- 1081** Ligante do muro UE1077.
- 1490** Lastro que serve de alicerce para o assentamento do muro UE1082.
- 1593** Lastro de assentamento do muro desmantelado UE1077.



1.



2.



3.



4.



5.

Perspectivas do M04, acompanhado dos alçados dos muros (Fotografias UAUM).



# Rituais funerários em *Bracara Augusta*: o novo núcleo de necrópole da Via XVII

## Recinto funerário

Ficha nº 60

**Acrónimo** BRA08CTT; BRA09CTT

**Nº catálogo** R02

**Número de campo** Sem número (15)

**Tipo** Monumento de planta quadrangular

**Tipo cova** Indeterminado

**Tipologia** 1a

**Cronologia** 2ª metade séc.I

**Fase** V

**Coordenadas** X -24162,76 Y 208893,89 Z 182,23

**Formas** plano Quadrangular **secção** Quadrangular

**Material** Pedra

**Dimensões**

**comprimento máx** 4.95m **min.**

**largura máx** 4.81m **min.**

**diâmetro máx** **min.**

**profundidade máx** 0.82m **min.**

**área útil** 23,8 **m2**

**Orientação** NNO/SSE

**Localização da via** Norte

**Elemento de localização** Indeterminado

**Estado de conservação** Mau

---

### UEs associadas

- 2552 Estrutura desaparecida.
- 2555 Enchimento da vala de fundação UE2583.
- 2556 Vala de fundação da sapata, UE 2565 e UE 2607.
- 2583 Vala de fundação.
- 2588 Sapata primitiva (sob a UE2565).
- 4157 Sapata do muro .
- 4158 Vala de fundação.
- 2598 Vala de fundação.
- 2599 Enchimento da vala de fundação UE2598.
- 2600 Estrutura desaparecida.
- 2607 Sapata do muro desaparecido UE2600.



1.



2.

Recinto funerário R02 (Elementos cedidos pela UAUM).



## Recinto funerário

Ficha nº 61

Acrónimo BRA08CTT; BRA09CTT

Nº catálogo R03

Número de campo Sem número (16)

Tipo Monumento de planta quadrangular Tipo cova Indeterminado Tipologia 1a

Cronologia Meados séc.I

Fase IV

Coordenadas X -24141,34 Y 208885,14 Z 180,53

Formas plano Quadrangular secção Quadrangular

Material Pedra

## Dimensões

comprimento máx 4.54m min.

largura máx 3.54m min.

diâmetro máx min.

profundidade máx 0.85 min.

área útil 16 m2

Orientação NNO/SSE Localização da via Sul Elemento de localização Indeterminado

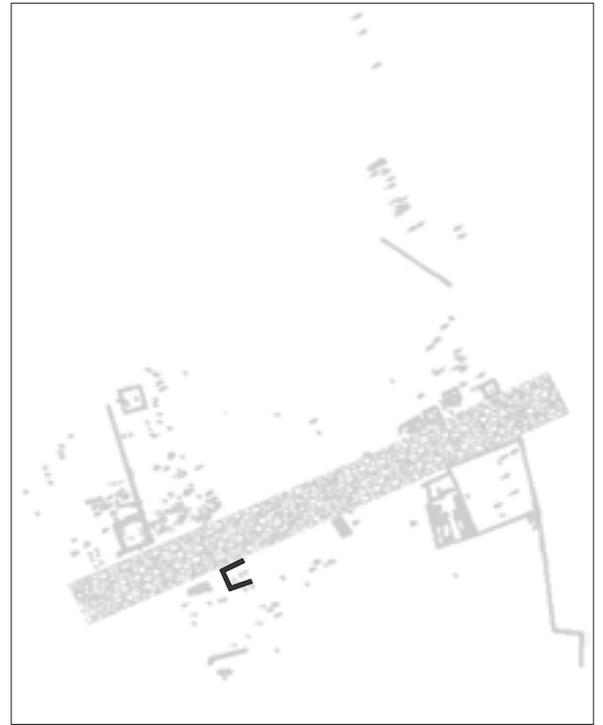
Estado de conservação Mau

## UEs associadas

- 0419 Lastro de estrutura desaparecida.
- 0422 Alicerce do muro UE0884.
- 0423 Alicerce de estrutura desaparecida.
- 0876 Negativo da implantação das sapatas UE0778 e UE0419.
- 0878 Sapata do alicerce UE0423.
- 0881 Vala da implantação da sapata UE0885.
- 0882 Interstícios do alicerce UE0422.
- 0884 Muro norte.
- 0885 Sapata do muro UE0884.
- 0888 Interstícios do alicerce UE0423.
- 0889 Interstícios do alicerce UE0778.
- 0891 Preparação de sapata.
- 0778 Lastro de estrutura desaparecida.



1.



2.



3.



4.



5.

Diversas perspectivas R03 (Elementos cedidos pela UAUM).



## Recinto funerário

Ficha nº 62

**Acrónimo** BRA08CTT; BRA09CTT

**Nº catálogo** R04

**Número de campo** Sem número (17)

**Tipo** Indeterminado **Tipo cova** Indeterminado **Tipologia** Indeterminado

**Cronologia** 2ª metade séc.I

**Fase** V

**Coordenadas** X -24143,41 Y 208866,42 Z 180,75

**Formas** plano Trapezoidal **secção** Trapezoidal

**Material** Pedra Outro

**Dimensões**

**comprimento máx** 8.06m **min.**

**largura máx** 4.55m **min.**

**diâmetro máx** **min.**

**profundidade máx** 0.90m **min.**

**área útil** 36,67 m2

**Orientação** NNO/SSE **Localização da via** Sul **Elemento de localização** Indeterminado

**Estado de conservação** Mau

### UEs associadas

- 0698** Enchimento de nivelamento.
- 0600** Enchimento da vala de fundação UE0999.
- 0604** Acrescento da estrutura UE0605.
- 0605** Reparação entreos muros UEs0866 e 1000.
- 0606** Interstícios do muro UE1000.
- 0607** Interstícios do muro UE0605.
- 0608** Interstícios do muro UE0866.
- 0611** Muro de divisória do edifício.
- 0612** Interstícios do muro UE0611.
- 0619** Muro de divisório do edifício.
- 0620** Momento de reestruturação do edifício. Acrescento ao muro UE0619.
- 0621** Interstícios do muro UE0619.
- 0866** Muro de estrutura parcialmente desmantelada.
- 0961** Revestimento em "opus signinum".



1.



2.



3.



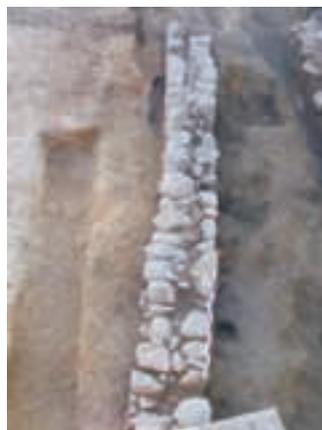
4.



5.



6.



7.

Diversos pormenores do R04 (Elementos cedidos pela UAUM).



## Recinto funerário

Ficha nº 63

**Acrónimo** BRA08CTT; BRA09CTT

**Nº catálogo** R05

**Número de campo** Sem número (18)

**Tipo** Monumento de planta trapezoidal **Tipo cova** Indeterminado **Tipologia** 2a

**Cronologia** Meados séc.I

**Fase** IV

**Coordenadas** X -24097,53 Y 208898,26 Z 180,25

**Formas** plano Trapezoidal **secção** Trapezoidal

**Material** Pedra Tégula: Outro Tijoleira

### Dimensões

**comprimento máx** 14.41m **min.** 13.98m

**largura máx** 8.55m **min.** 5.18m

**diâmetro máx** **min.**

**profundidade máx** 1.10m **min.**

**área útil** 97,37 m<sup>2</sup>

**Orientação** NNO/SSE **Localização da via** Sul **Elemento de localização** Indeterminado

**Estado de conservação** Bom

### UEs associadas

- 2352 Muro com face de tijoleiras, orientado E/O.
- 2357 Muro/parede de reforço ao muro UE2353.
- 2358 Terra que colmata os interstícios do muro UE2357.
- 2353 Muro que delimita a oeste os tanques. Muro orientado NE/SO.
- 2354 Terra que colmata os interstícios do muro UE2353.
- 2359 Argamassa de opus signinum que reveste a parede.
- 2360 Rebordo/rodapé que remata o fundo do tanque.
- 2387 Base de tanque constituída por uma preparação grosseira de cascalho de material de construção muido.
- 2388 Argamassa de opus signinum que reveste a parede UE2935.
- 2394 Muro que delimita o tanque.
- 2499 Reparação/acrescento da parede UE2352.
- 2240 Muro limite sul do edificio dos tanques.
- 2241 Nivel que colmata os interstícios do muro UE2240.
- 2263 Enchimento da vala de saque UE2262.



1.



2.



3.



4.



5.



6.

Diversas panorâmicas do R05 (Elementos cedidos pela UAUM).



## Recinto funerário

Ficha nº 64

**Acrónimo** BRA08TAVL

**Nº catálogo** R06

**Número de campo** Sem número (19)

**Tipo** Monumento de planta quadrangular

**Tipo cova** Indeterminado

**Tipologia** 1b

**Cronologia** Meados séc.I

**Fase** IV

**Coordenadas** X -24086,8 Y 208903,54 Z 179,5

**Formas** plano Quadrangular **secção** Quadrangular

**Material** Pedra Outro Tijoleira

### Dimensões

**comprimento máx** 15.59 **min.** 15.49m

**largura máx** 16.47m **min.** 13.04m

**diâmetro máx** **min.**

**profundidade máx** 1.45m **min.**

**área útil** 229.21 m2

**Orientação** NNO/SSE

**Localização da via** Sul

**Elemento de localização** Indeterminado

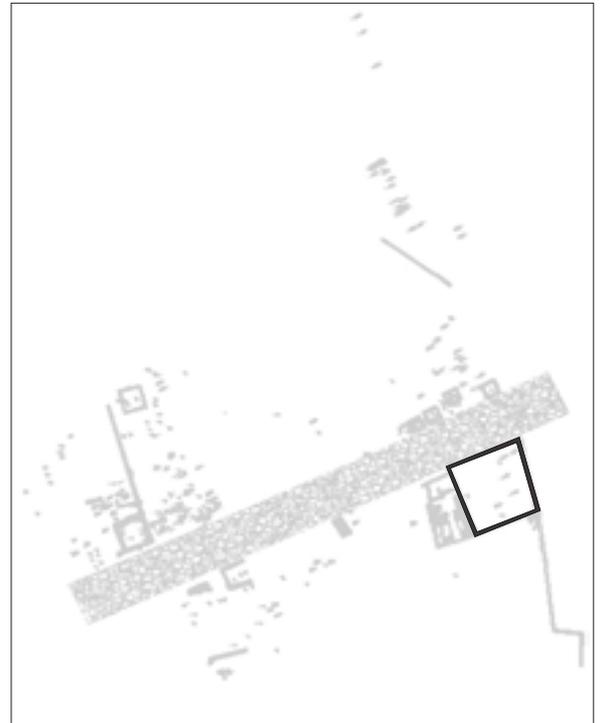
**Estado de conservação** Destruído

### UEs associadas

- 1637** Ligante do muro UE1551 (parede oeste do mausoléu).
- 1554** Estrutura de funcionalidade não apurada.
- 1568** Aterro de enchimento da vala de fundação UE1567 da estrutura UE1554.
- 1624** Muro do limite norte do espaço espaço sepulcral.
- 1638** Remate ou cunhal dos muros UE1644 e UE1680.
- 1644** Muro de limite de um edificado.
- 1681** Alicerce do muro UE1624.
- 1682** Vala de fundação do muro UE1624.
- 1688** Ligante do muro UE1687.
- 1864** Cunhal dos muro UEs1865 e 1866.
- 1865** Limite do recinto em torno do conjunto de tanques identificado no antigo quarteirão dos CTT.
- 1866** Ligante do muro UE1865.
- 1904** Alicerce do muro UE1687.



1.



2.



3.



4.



5.



6.

Pormenores das estruturas que compoñam o recinto funerário R06 (Elementos cedidos pela UAUM).



## Recinto funerário

Ficha nº 65

Acrónimo BRA08CTT; BRA09CTT

Nº catálogo R07

Número de campo Sem número (09)

<b>Tipo</b>	Monumento de planta quadrangular	<b>Tipo cova</b>	Indeterminado	<b>Tipologia</b>	1c
-------------	----------------------------------	------------------	---------------	------------------	----

Cronologia Séc.IV

Fase IX

<b>Coordenadas</b>	<b>X</b>	-24162,97	<b>Y</b>	208921,65	<b>Z</b>	182,27
--------------------	----------	-----------	----------	-----------	----------	--------

<b>Formas</b>	<b>plano</b>	Quadrangular	<b>secção</b>	Trapezoidal
---------------	--------------	--------------	---------------	-------------

<b>Material</b>	Pedra	Outro
-----------------	-------	-------

Dimensões

<b>comprimento máx</b>	4.01m	<b>min.</b>
<b>largura máx</b>	3.98m	<b>min.</b>
<b>diâmetro máx</b>		<b>min.</b>
<b>profundidade máx</b>	0.87m	<b>min.</b>
<b>área útil</b>	15,96 m2	

<b>Orientação</b>	NNO/SSE	<b>Localização da via</b>	Norte	<b>Elemento de localização</b>	Indeterminado
-------------------	---------	---------------------------	-------	--------------------------------	---------------

<b>Estado de conservação</b>	Mau
------------------------------	-----

## UEs associadas

- |             |  |
|-------------|--|
| <b>2782</b> | Muro sul.  |
| <b>2783</b> | Argamassa que consolida o muro UE2782.                                     |
| <b>2784</b> | Muro oeste.  |
| <b>2785</b> | Argamassa do muro UE2784.  |
| <b>2839</b> | Sapata do muro UE2784.   |
| <b>2840</b> | Vestígios de um piso amarelado.  |
| <b>2841</b> | Aterro de enchimento sob o piso. Nivelamento no interior do compartimento. |
| <b>2855</b> | Muro este.   |
| <b>2856</b> | Argamassa que consolida o muro UE2855.                                     |
| <b>2865</b> | Derrube do interior do mausoléu.   |
| <b>3077</b> | Cunhal entre as estruturas UEs2782 e 2855.                                 |
| <b>4465</b> | Muro norte.  |
| <b>4466</b> | Interstícios do muro UE4466.   |
| <b>4496</b> | Enchimento de nivelamento.   |



1.



2.



3.

Diversas perspectivas referentes ao R07 (Elementos cedidos pela UAUM).



## Estruturas de apoio à cremação

Ficha nº 66

Acrónimo BRA08CTT; BRA09CTT

Nº catálogo U001

Sepultura XVI

Tipo Cova simples sem urna

Tipo cova Rectangular

Tipologia 8a

Cronologia Séc. II

Fase VI

Coordenadas X -24134,5 Y 208877,82 Z 180,57

Formas plano Oval secção Rectangular

Material Sem material

## Dimensões

comprimento máx		min.	
largura máx		min.	
diâmetro máx		min.	
profundidade máx	0.19m	min.	0.09m

Orientação Indeterminado

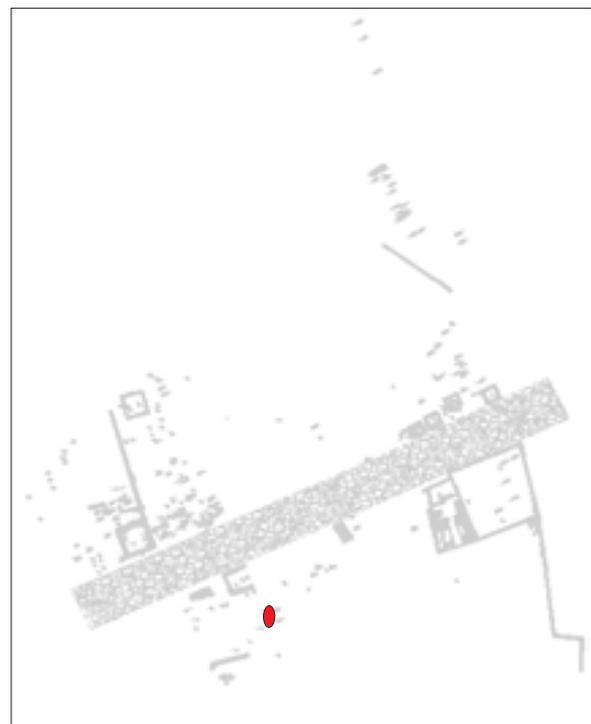
Localização da via Sul

Elemento de localização Indeterminado

Estado de conservação Mau

## UEs associadas

- 0488 Pote cerâmico - SEP.XVI (Ach.350, nº inv.2008.0573)
- 0458 Enchimento do interior doo "ustrina". Composição: carvões e cinzas.
- 0386 Enchimento do interior.



Registo de campo da U001, com pormenor do posicionamento do espólio metálico (Elementos cedidos pela UAUM).



Pormenores do mobiliário funerário da U001 (Fotografias da autora).



## Estruturas de apoio à cremação

Ficha nº 67

**Acrónimo** BRA08CTT; BRA09CTT

**Nº catálogo** U010

**Sepultura** LXX

**Tipo** Cova simples sem urna      **Tipo cova** Rectangular      **Tipologia** 8a

**Cronologia** 2ª metade séc. I

**Fase** V

**Coordenadas**      **X** -24151,74      **Y** 208902,46      **Z** 180,95

**Formas**      **plano** Rectangular      **secção** Rectangular

**Material** Sem material

### Dimensões

<b>comprimento máx</b>	1.89m	<b>min.</b>
<b>largura máx</b>	0.77m vis	<b>min.</b>
<b>diâmetro máx</b>		<b>min.</b>
<b>profundidade máx</b>	0.05m	<b>min.</b>

**Orientação** SO/NE (?)      **Localização da via** Norte

**Elemento de localização** Indeterminado

**Estado de conservação** Bom

---

### UEs associadas

- |             |   |
|-------------|---|
| <b>2947</b> | Enchimento de nivelamento.  |
| <b>2961</b> | Vala de fundação.   |
| <b>2960</b> | Nível rubificado.   |
| <b>2949</b> | Enchimento de nivelamento.  |
| <b>2980</b> | Nível lenticular de carvões.  |
| <b>2948</b> | Enchimento do interior do "ustrina". Composição: carvões, ossos e cinzas. |
| <b>2979</b> | Veio de areia.  |



Documentação de campo referente ao U010 (Fotografias UAUM).



Conjunto de espólio votivo exumado do U010 (Fotografias da autora).



## Estruturas de apoio à cremação

Ficha nº 68

**Acrónimo** BRA08CTT; BRA09CTT

**Nº catálogo** U018

**Sepultura** C

**Tipo** Cova simples sem urna

**Tipo cova** Rectangular

**Tipologia** 8a

**Cronologia** Séc. II

**Fase** VI

**Coordenadas** X -24152,56 Y 208897,18 Z 181,24

**Formas** plano Oval **secção** Rectangular

**Material** Sem material

### Dimensões

<b>comprimento máx</b>	1.40m	<b>min.</b>
<b>largura máx</b>	0.65m	<b>min.</b>
<b>diâmetro máx</b>		<b>min.</b>
<b>profundidade máx</b>	0.32m	<b>min.</b>

**Orientação** O/E

**Localização da via** Norte

**Elemento de localização** Blocos pétreos amontoados

**Estado de conservação** Bom

---

### UEs associadas

- 3380** Enchimento do interior do "ustrina".
- 3389** Enchimento do interior do "ustrina". Composição: carvões, ossos e cinzas.
- 3382** Vala de implantação.
- 3381** Estrutura pétrea (delimita o "ustrina").

1.



2.



Documentação de campo referente ao U018 (Elementos cedidos pela UAUM).



3.



Perspectiva do espólio votivo exumado do U018 (Fotografia da autora).



## Estruturas de apoio à cremação

Ficha nº 69

**Acrónimo** BRA08CTT; BRA09CTT

**Nº catálogo** U022

**Sepultura** CXIX

**Tipo** Cova simples sem urna **Tipo cova** Rectangular **Tipologia** 8a

**Cronologia** Séc. II

**Fase** VI

**Coordenadas** X -24121,97 Y 208887,81 Z 180,2

**Formas** plano Rectangular **secção** Rectangular

**Material** Sem material

### Dimensões

<b>comprimento máx</b>	2,85m vis	<b>min.</b>
<b>largura máx</b>	1,80m	<b>min.</b>
<b>diâmetro máx</b>		<b>min.</b>
<b>profundidade máx</b>	0,25m	<b>min.</b>

**Orientação** SO/NE **Localização da via** Sul

**Elemento de localização** Indeterminado

**Estado de conservação** Bom

---

### UEs associadas

- 3778 Nivel rubificado.
- 3768 Bolsa de argamassa.
- 3772 Enchimento do interior do "ustrina". Composição: carvões, ossos, cinzas e concreções ferruginosas.
- 3777 Nivel rubificado.
- 3767 Enchimento do interior do "ustrina". Composição: carvões, argamassa amarelada e sedimento arenoso.
- 3771 Nivel rubificado.
- 3775 Enchimento de nivelamento.
- 3770 Enchimento de nivelamento.
- 3774 Enchimento do interior do "ustrina". Composição: carvões.
- 3779 Vala de implantação.
- 3769 Enchimento do interior do "ustrina". Composição: carvões, cinzas e concreções ferruginosas.
- 3773 Nivel de destruição.



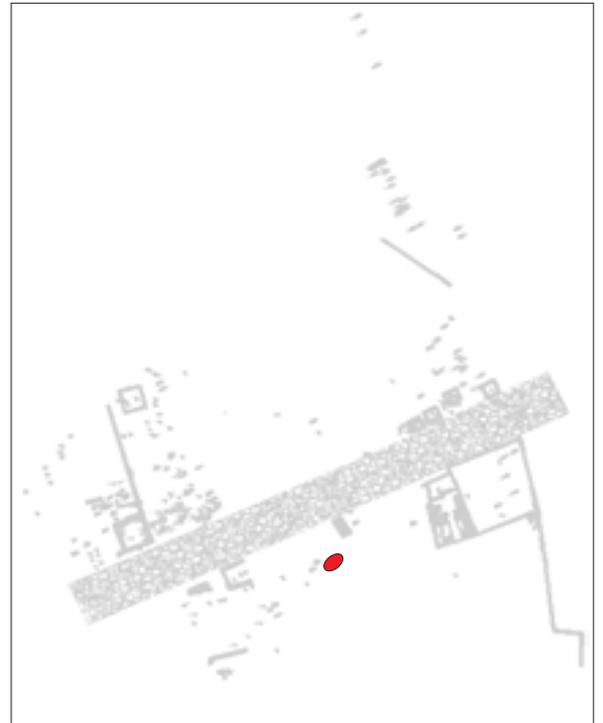
1.



2.



3.



Documentação de campo referente ao U022 (Fotografias pela UAUM).



4.



5.



6.

Pormenor do espólio associado ao U022 (Fotografias da autora, com exceção da n°4 do arquivo UAUM).



## Estruturas de apoio à cremação

Ficha nº 70

Acrónimo BRA08CTT; BRA09CTT

Nº catálogo U026

Sepultura CXXXIII

Tipo Cova simples sem urna

Tipo cova Indeterminado

Tipologia Indeterminado

Cronologia 2ª metade do séc.I

Fase V

Coordenadas X -24167,59 Y 208898,39 Z 181,71

Formas plano Circular secção Indeterminado

Material Sem material

## Dimensões

comprimento máx	min.
largura máx	min.
diâmetro máx	min.
profundidade máx	0.09m min.

Orientação Indeterminado

Localização da via Norte

Elemento de localização Indeterminado

Estado de conservação Mau

## UEs associadas

- 4077 Enchimento do interior do "ustrina". Composição: carvões bem conservados, cinzas, osso e manchas rubificadas.
- 4090 Enchimento de nivelamento.
- 4091 Mancha rubificada.
- 4101 Vala de implantação.



1.

Documentação de campo U026 (Elemento cedido pela UAUM).



2.



3.

Perspectiva do espólio referente à U026 (Fotografias da autora).



## Estruturas de apoio à cremação

Ficha nº 71

**Acrónimo** BRA08CTT; BRA09CTT

**Nº catálogo** U046

**Sepultura** CCIII

**Tipo** Indeterminado

**Tipo cova** Indeterminado

**Tipologia** Indeterminado

**Cronologia** 2ª metade séc. I

**Fase** V

**Coordenadas** X -24125,71 Y 208917,18 Z 181,1

**Formas** plano Indeterminado secção Indeterminado

**Material** Sem material

**Dimensões**

comprimento máx	min.
largura máx	min.
diâmetro máx	min.
profundidade máx	0.05m min.

**Orientação** O/E (?)

**Localização da via** Norte

**Elemento de localização** Indeterminado

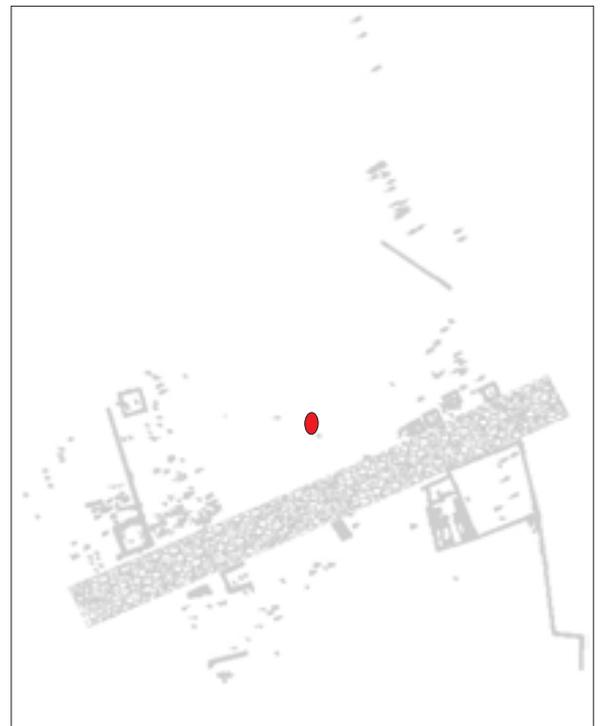
**Estado de conservação** Mau

---

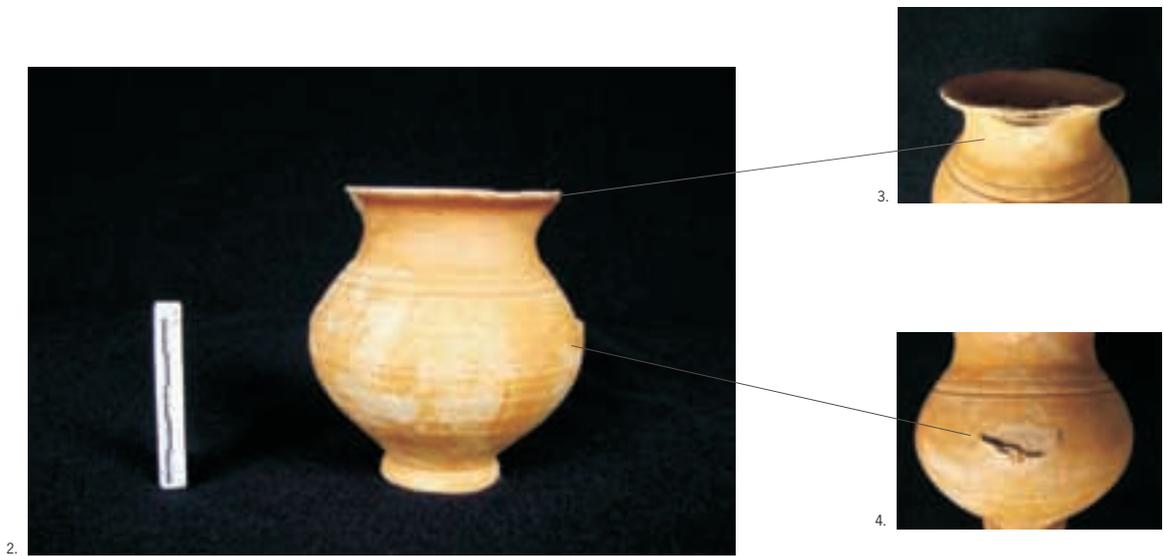
### UEs associadas

**4350** Enchimento do interior da sepultura. Composição: carvão e cinzas.

**4325** Pote da SEP.CCIII (Ach.1861).



Levantamento fotográfico de campo U046 (Elemento cedido pela UAUM).



Pucarinho exumado do U046, com pormenor da obliteração da asa (Fotografias da autora).



## Estruturas de apoio à cremação

Ficha nº 72

**Acrónimo** BRA09CTT/ITAVL

**Nº catálogo** U054

**Sepultura** VII

**Tipo** Cova simples sem urna      **Tipo cova** Rectangular      **Tipologia** 8a

**Cronologia** 2ª metade do séc.I

**Fase** V

**Coordenadas**      **X** -24097,26      **Y** 208922,22      **Z** 180,33

**Formas**      **plano** Rectangular      **secção** Trapezoidal

**Material** Sem material

### Dimensões

<b>comprimento máx</b>	1.84m vis	<b>min.</b>
<b>largura máx</b>	1.15m vis	<b>min.</b>
<b>diâmetro máx</b>		<b>min.</b>
<b>profundidade máx</b>	0.15m	<b>min.</b>

**Orientação** SO/NE      **Localização da via** Norte

**Elemento de localização** Indeterminado

**Estado de conservação** Bom

---

### UEs associadas

- 106** Vala de implantação.
- 108** Enchimento do interior do "ustrina". Composição: carvões e material osteológico fragmentado.
- 107** Enchimento do interior do "ustrina". Composição: carvões, sedimentos limo-arenosos e fragmentos de osso.



1.

Registo de campo da U054 (Elemento cedido pela UAUM).



2.



3.



4.



5.

Pormenor do mobiliário funerário da U054 (Fotografias da autora).



## Estruturas de apoio à cremação

Ficha nº 73

**Acrónimo** BRA09CTT/ITAVL

**Nº catálogo** U058

**Sepultura** Sem número (05)

**Tipo** Cova simples sem urna

**Tipo cova** Rectangular

**Tipologia** 8a

**Cronologia** 2ª metade do séc.I

**Fase** V

**Coordenadas** X -24101,72 Y 208932,47 Z 180,64

**Formas** plano Quadrangular **secção** Rectangular

**Material** Sem material

### Dimensões

<b>comprimento máx</b>	1.80m vis	<b>min.</b>
<b>largura máx</b>	1.80m	<b>min.</b>
<b>diâmetro máx</b>		<b>min.</b>
<b>profundidade máx</b>	0.17m	<b>min.</b>

**Orientação** SO/NE

**Localização da via** Norte

**Elemento de localização** Indeterminado

**Estado de conservação** Bom

---

### UEs associadas

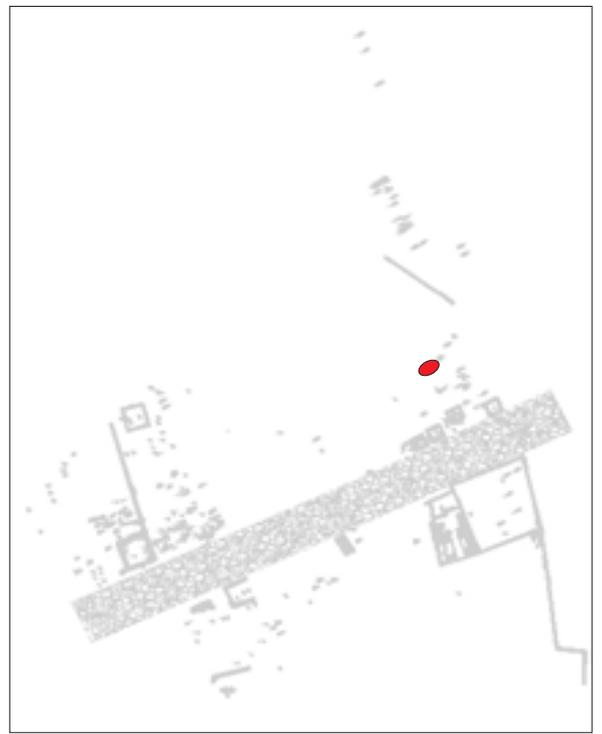
**181** Película rubificada.

**172** Enchimento de sepultura do "ustrina".

**171** Vala de implantação.



1.



2.

Documentação de campo referente ao U058 (Elementos cedidos pela UAUM).



## Estruturas de apoio à cremação

Ficha nº 74

Acrónimo BRA08TAVL

Nº catálogo U062

Sepultura II/III

Tipo Cova simples sem urna

Tipo cova Rectangular

Tipologia 8a

Cronologia Séc.II

Fase VI

Coordenadas X -24105,13 Y 208956,97 Z 181,28

Formas plano Rectangular secção Rectangular

Material Sem material

## Dimensões

comprimento máx	min.
largura máx	min.
diâmetro máx	min.
profundidade máx	0.03m min.

Orientação N/S (?)

Localização da via Norte

Elemento de localização Indeterminado

Estado de conservação Mau

## UEs associadas

- 0415 Enchimento do interior do "ustrina". Composição: carvões e cinzas.
- 0413 Enchimento.
- 0412 Rasgo para colocação de um nível de carvão (0415).
- 0419 Enchimento do interior do "ustrina". Composição: carvões e cinzas.
- 0401 Vala de implantação.
- 0418 Película rubificada.



1.

Registo fotográfico de campo da U062 (Elemento cedido pela UAUM).



2.



3.



4.

Espólio votivo do U062 (Fotografia da autora, com a exceção da fotografia 3, UAUM).



## Estruturas de apoio à cremação

Ficha nº 75

**Acrónimo** BRA08TAVL

**Nº catálogo** U068

**Sepultura** XIII

**Tipo** Cova simples sem urna

**Tipo cova** Rectangular

**Tipologia** 8a

**Cronologia** Transição da Era - inícios séc.I

**Fase** III

**Coordenadas** X -24095,18 Y 208929,93 Z 180,62

**Formas** plano Rectangular **secção** Trapezoidal

**Material** Sem material

### Dimensões

<b>comprimento máx</b>	2.16m	<b>min.</b>
<b>largura máx</b>	1.14m	<b>min.</b>
<b>diâmetro máx</b>		<b>min.</b>
<b>profundidade máx</b>	0.42m	<b>min.</b>

**Orientação** SO/NE

**Localização da via** Norte

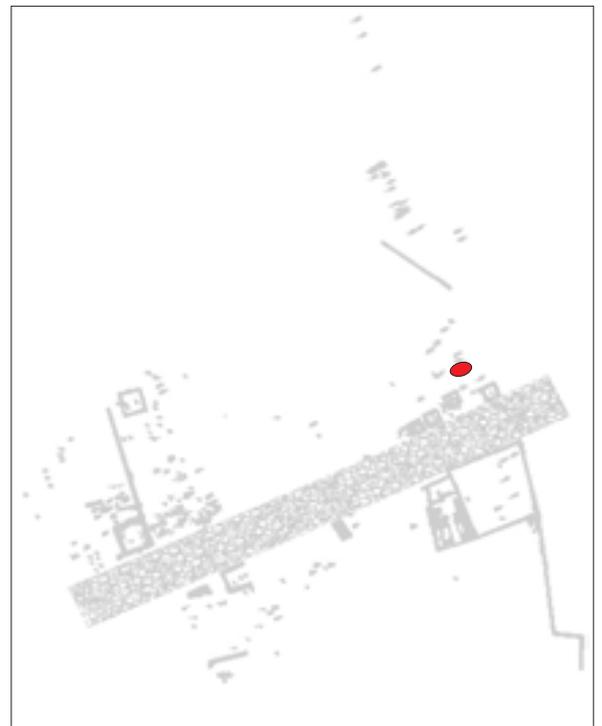
**Elemento de localização** Blocos de pedra amontoados

**Estado de conservação** Bom

---

### UEs associadas

- 1339** Vala de implantação.
- 1289** Enchimento de nivelamento.
- 1314** Enchimento de nivelamento.
- 1465** Troncos de madeira carbonizados.
- 1474** Enchimento do interior do "ustrina". Composição: carvões, restos osteológicos e cinzas.
- 1307** Vala de implantação.
- 1458** Enchimento de nivelamento.
- 1456** Enchimento de nivelamento.
- 1291** Enchimento de nivelamento.
- 1457** Elemento de localização (conjunto de blocos pétreos).
- 1340** Película rubificada.
- 1290** Nivel rubificado.
- 1364** Enchimento do interior do "ustrina". Composição: carvões, restos osteológicos, cinzas e troncos carbonizados.



Documentação de campo referente ao U068 (Elementos cedidos pela UAUM).



## Estruturas de apoio à cremação

Ficha nº 76

**Acrónimo** BRA08TAVL

**Nº catálogo** U084

**Sepultura** XLI/XLII

**Tipo** Cova simples sem urna

**Tipo cova** Rectangular

**Tipologia** 8a

**Cronologia** Finais séc.II - inícios séc.III

**Fase** VII

**Coordenadas** X -24109,68 Y 208967,02 Z 181,57

**Formas** plano Oval **secção** Trapezoidal

**Material** Sem material

### Dimensões

<b>comprimento máx</b>	2.85m	<b>min.</b>
<b>largura máx</b>	1.00m	<b>min.</b>
<b>diâmetro máx</b>		<b>min.</b>
<b>profundidade máx</b>	0.14m	<b>min.</b>

**Orientação** N/S

**Localização da via** Norte

**Elemento de localização** Indeterminado

**Estado de conservação** Bom

---

### UEs associadas

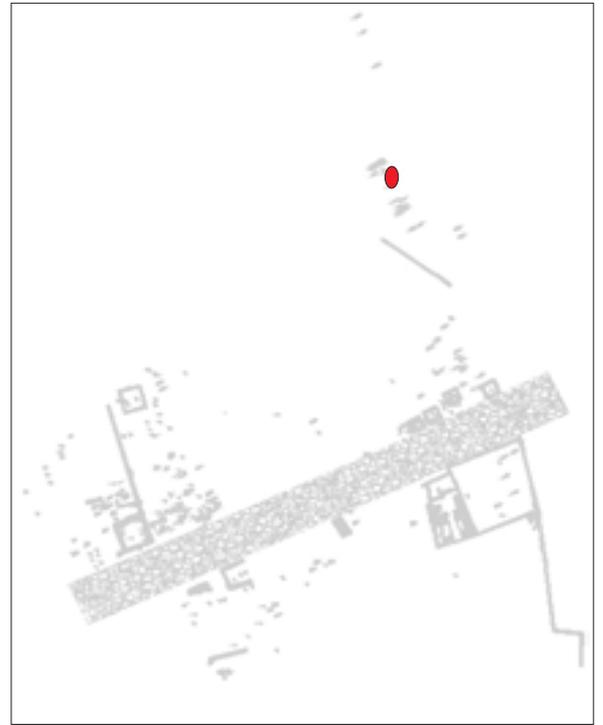
- |             |  |
|-------------|--|
| <b>1840</b> | Vala de implantação.   |
| <b>1827</b> | Enchimento de nivelamento.   |
| <b>1839</b> | Enchimento de nivelamento.   |
| <b>1823</b> | Vala de implantação.   |
| <b>1830</b> | Aterro de enchimento.  |
| <b>1818</b> | Enchimento do interior do "ustrina". Composição: carvões, cinzas e material osteológico. |
| <b>1829</b> | Enchimento de nivelamento.   |
| <b>1934</b> | Enchimento do interior do "ustrina". Composição: carvões, cinzas e material osteológico. |
| <b>1828</b> | Enchimento do interior do "ustrina".   |



1.



2.



Documentação de campo referente ao U084 (Elementos cedidos pela UAUM).



2.



3.



4.

Conjunto do mobiliário funerário, ainda em processo de restauro, do U084 (Fotografias da autora).

---

TABELAS

---

TABELAS

Incineração	Acrónimo	Nº	SEP. de campo	Fase
1	CTT	5	V	VI
2	CTT	11	XI	VI
3	CTT	12	XII	VI
4	CTT	13	XIII	VI
5	CTT	14	XIV	VI
6	CTT	15	XV	VI
7	CTT	17	XVII	VI
8	CTT	18	XVIII	VI
9	CTT	20	XX	VI
10	CTT	21	XXI	VI
11	CTT	22	XXII	IV
12	CTT	23	XXIII	V
13	CTT	27	XXVII	V
14	CTT	28	XXVIII	V
15	CTT	29	XXIX	V
16	CTT	30	XXX	V
17	CTT	31	XXXI	V
18	CTT	34	XXXIV	V
19	CTT	36	XXXVI	V
20	CTT	39	XXXIX	X
21	CTT	43	XLIII	V
22	TAVL	59	LIX	VI
23	CTT	46	XLVI	VI
24	CTT	47	XLVII	V
25	CTT	48	XLVIII	IX
26	CTT	51=53	LI = LIII	V
27	CTT	52	LII	V
28	CTT	56	LVI	VI
29	CTT	59	LIX	V
30	CTT	60	LX	V
31	CTT	61	LXI	VI
32	CTT	62	LXII	V
33	CTT	64	LXIV	V
34	CTT	73=96	LXXIII=XCVI	V
35	CTT	69	LXIX	V
36	CTT	72	LXXII	VI
37	CTT	74	LXXIV	V
38	CTT	77	LXXVII	V
39	TAVL	55	LV	VI
40	CTT	79	LXXIX	VI
41	CTT	82=102	LXXXII=CII	V
42	CTT	83	LXXXIII	V
43	CTT	84	LXXXIV	V
44	CTT	89	LXXXIX	III
45	CTT	90	XC	III
46	CTT	91	XCI	IV
47	CTT	92	XCII	V
48	CTT	95	XCV	III
49	CTT	97	XCVII	III
50	CTT	98	XCVIII	V
51	CTT	99	XCIX	III
52	CTT	104	CIV	V
53	CTT	106	CVI	IV
54	CTT	109	CIX	V
55	CTT	110	CX	III
56	CTT	112	CXII	III
57	CTT	115	CXV	V
58	CTT	117	CXVII	V
59	CTT	120	CXX	III
60	CTT	122	CXXII	VI
61	CTT	123	CXXIII	III
62	CTT	124	CXXIV	V
63	CTT	126	CXXVI	V
64	CTT	128	CXXVIII	IV
65	CTT	129	CXXIX	IV

Incineração	Acrónimo	Nº	SEP. de campo	Fase
66	CTT	130	CXXX	III
67	CTT	135	CXXXV	V
68	CTT	141 (1)	CXLJ (1)	IV
69	CTT	149 (1)	CXLIX (1)	VI
70	CTT	151	CLI	VI
71	CTT	155	CLV	V
72	CTT	156	CLVI	V
73	CTT	162	CLXII	III
74	CTT	163	CLXIII	V
75	CTT	164	CLXIV	V
76	CTT	166	CLXVI	V
77	CTT	169	CLXIX	V
78	CTT	170	CLXX	V
79	CTT	171	CLXXI	V
80	CTT	172	CLXXII	V
81	CTT	173	CLXXIII	V
82	CTT	175	CLXXV	V
83	CTT	176	CLXXVI	IV
84	CTT	177	CLXXVII	IV
85	CTT	179=55	CLXXIX = LV	V
86	CTT	183	CLXXXIII	III
87	CTT	184	CLXXXIV	III
88	CTT	185	CLXXXV	III
89	CTT	186	CLXXXVI	III
90	CTT	188	CLXXXVIII	III
91	CTT	189	CLXXXIX	III
92	CTT	190	CXC	III
93	CTT	191	CXCI	IV
94	CTT	192	CXCII	V
95	CTT	193	CXCIII	V
96	CTT	196	CXCVI	V
97	CTT	197	CXCVII	IV
98	CTT	199	CXCIX	III
99	CTT	200	CC	V
100	CTT	201	CCI	VI
101	CTT	202	CCII	IV
102	CTT	205	CCV	V
103	CTT	207	CCVII	V
104	CTT	214	CCXIV	VII
105	CTT	125	CXXV	IV
106	CTT	184 (1)	CLXXXIV (1)	III
107	CTT	S/nº03	S/nº03	V
108	CTT TAVL	1	I	IV
109	CTT TAVL	2	II	III
110	CTT TAVL	3	III	V
111	CTT TAVL	4	IV	V
112	CTT TAVL	5	V	III
113	CTT TAVL	6	VI	IV
114	CTT TAVL	8	VIII	V
115	CTT TAVL	9	IX	V
116	CTT TAVL	10	X	V
117	CTT TAVL	11	XI	V
118	CTT TAVL	12	XII	V
119	CTT TAVL	14	XIV	V
120	CTT TAVL	15=16=UE206	XV=XVI=UE206	V
121	CTT TAVL	18	XVIII	III
122	CTT TAVL	20	XX	V
123	CTT TAVL	22	XXII	III
124	TAVL	27	XXVII	V
125	TAVL	25	XXV	VI
126	TAVL	26	XXVI	III
127	CTT	116	CXVI	V
128	CTT	37	XXXVII	VII
129	CTT	2	II	III

Tabela 1. Quadro de conversão das sepulturas de incineração.

"Ustrina"	Acrónimio	Nº	SEP. de campo	Fase
1	CTT	16	XVI	VI
2	CTT	24	XXIV	IV
3	CTT	33	XXXIII	V
4	TAVL	63	LXIII	VII
5	CTT	38	XXXVIII	X
6	TAVL	62	LXII	VII
7	CTT	44	XLIV	X
8	CTT	67	LXVII	V
9	CTT	68	LXVIII	IV
10	CTT	70	LXX	V
11	CTT	71	LXXI	V
12	CTT	75	LXXV	IV
13	CTT	78	LXXVIII	V
14	CTT	86	LXXXVI	V
15	CTT	87	LXXXVII	IV
16	CTT	88	LXXXVIII	IV
17	CTT	93	XCIII	V
18	CTT	100	C	VI
19	CTT	111	CXI	V
20	CTT	113	CXIII	VI
21	CTT	118	CXVIII	V
22	CTT	119	CXIX	VI
23	CTT	121	CXXI	V
24	CTT	127	CXXVII	IV
25	CTT	131	CXXXI	IV
26	CTT	133	CXXXIII	V
27	CTT	134	CXXXIV	V
28	CTT	141	CXLI	IV
29	CTT	144	CXLIV	V
30	CTT	145	CXLV	III
31	CTT	146	CXLVI	IV
32	CTT	147	CXLVII	VII
33	CTT	148	CXLVIII	V
34	CTT	149	CXLIX	V
35	CTT	150	CL	VI
36	CTT	153	CLIII	V
37	CTT	157	CLVII	IV
38	CTT TAVL	17	XVII	III
39	CTT	159	CLIX	V
40	CTT	167	CLXVII	VI
41	CTT	168	CLXVIII	V
42	CTT	174	CLXXIV	III
43	CTT	180	CLXXX	VI
44	CTT	181	CLXXXI	V
45	CTT	194	CXCIV	IV
46	CTT	203	CCIII	V
47	CTT	204	CCIV	V
48	TAVL	66	LXVI	VI
49	CTT	211	CCXI	V
50	CTT	212	CCXII	V

"Ustrina"	Acrónimio	Nº	SEP. de campo	Fase
51	CTT	S/nº01	S/nº01	V
52	CTT	S/nº02	S/nº02	III
53	CTT	S/nº04	S/nº04	III
54	CTT TAVL	7	VII	V
55	CTT TAVL	13	XIII	V
56	CTT	41	XLI	X
57	CTT TAVL	19	XIX	IV
58	CTT TAVL	S/nº05	S/nº05	V
59	CTT TAVL	S/nº06	S/nº06	V
60	CTT TAVL	S/nº07	S/nº07	V
61	TAVL	1	I	VI
62	TAVL	2 = 3	II = III	VI
63	TAVL	5	V	VI
64	TAVL	6	VI	VI
65	TAVL	8	VIII	IV
66	TAVL	9	IX	V
67	TAVL	11	XI	III
68	TAVL	13	XIII	III
69	TAVL	14	XIV	IV
70	TAVL	15	XV	III
71	TAVL	16	XVI	IV
72	TAVL	17	XVII	IV
73	TAVL	18	XVIII	VI
74	TAVL	18 (1)	XVIII (1)	VI
75	TAVL	19	XIX	VI
76	TAVL	22	XXII	VI
77	TAVL	28=30=31	XXVIII=XXX=XXXI	VI
78	TAVL	29	XXIX	VI
79	TAVL	32	XXXII	VIII
80	TAVL	33	XXXIII	VIII
81	TAVL	38	XXXVIII	VII
82	TAVL	39=52	XXXIX=LII	VII
83	TAVL	40 = 49	XL = XLIX	VII
84	TAVL	41=42	XLI=XLII	VII
85	TAVL	43	XLIII	VII
86	TAVL	45=46	XLV=XLVI	VI
87	TAVL	48	XLVIII	VII
88	TAVL	50	L	VII
89	TAVL	51	LI	VII
90	TAVL	53	LIII	VII
91	TAVL	54	LIV	VII
92	TAVL	56	LV	VI
93	TAVL	57=58	LVII=LVIII	VI
94	TAVL	60=61	LX=LXI	VI

**Tabela 2.** Quadro de conversão dos contextos associados à cremação.

Inumação	Acrónimo	Nº	SEP. de campo	Fase
1	CTT	1	I	X
2	CTT	3	III	X
3	CTT	4	IV	X
4	CTT	6	VI	X
5	CTT	7	VII	IX
6	CTT	8	VIII	IX
7	CTT	32	XXXII	IX
8	CTT	49	XLIX	IX
9	CTT	57	LVII	X
10	CTT	58	LVIII	IX
11	CTT	63	LXIII	VIII
12	CTT	94	XCIV	IX
13	CTT	101	CI	IX
14	CTT	103	CIII	VIII
15	CTT	105	CV	IX
16	CTT	108	CVIII	IX
17	CTT	132	CXXXII	IX
18	CTT	152	CLII	IX
19	CTT	160	CLX	IX
20	CTT	195	CXCV	VIII
21	CTT	213	CCXIII	IX
22	CTT	85	LXXXV	X
23	TAVL	10	X	IX
24	CTT	10	X	X
25	CTT	210	CCX	IX

**Tabela 3.** Quadro de conversão das sepulturas de inumação

Mausoléu	Acrónimo	Nº	Sond.	Área útil	Fase
1	CTT	S/ nº10	S.17	3,70m2	IV
2	ITAVL	S/ nº11	S.3	4,58m2	V
3	ITAVL	S/ nº12	S.1	4,12m2	VI
4	TAVL	S/ nº13	S.13	4,58m2	V

**Tabela 4.** Quadro de conversão dos mausoléus.

Recintos	Acrónimo	Nº	Sond	Área útil	Fase
1	CTT	S/nº14	S.12	8m2	V
2	CTT	S/nº15	S.12	23,80m2	V
3	CTT	S/nº16	Area 1	16m2	VI
4	CTT	S/nº17	Area 1	>36,67m2	V a VII
5	CTT	S/nº18	S.11	135,10m2	IV a VII
6	TAVL	S/nº19	S.14	191,34m2	IV a VII
7	CTT	S/nº09	S.13	15,96m2	IX

**Tabela 5.** Quadro de conversão dos recintos funerários.

Memoriais	Acrónimo	Nº	SOND.	Fase
1	CTT	S/nº08	S.13	V

**Tabela 6.** Quadro de conversão dos memoriais.

Estelas	Acrónimo	Nº campo	Sond.	Fase
1	CTT	EE005	S.13	V
2	CTT	EE006	S.13	VI
3	CTT	EE007	S.13	VI
4	CTT TAVL	EE01	S.1	VI
5	CTT TAVL	EE02	S.1	VI

**Tabela 7.** Quadro de conversão das estelas funerárias.

Covas/caixas votivas	Acrónimo	Nº	SEP. de campo	Fase
1	CTT	45	XLV	X
2	CTT	50	L	IX
3	CTT	65	LXV	IV
4	CTT	76	LXXVI	IX
5	CTT	114	CXIV	VIII
6	CTT	107	CVII	V

**Tabela 8.** Quadro de conversão das covas / caixas votivas.

	Fase 3	Fase 4	Fase 5	Fase 6	Fase 7	Fase 8	Fase 9	Fase 10	Total
1a	0,88	0,44	4,03	0,88	0	0	0,44	0	6,67
1b	0,44	0,88	0,44	0,44	0	0	0	0,44	2,64
1c	0,44	0	1,78	0	0	0	0	0	2,22
2a	0,88	1,34	0,88	0,44	0	0	0	0	3,54
2b	4,03	1,34	12,1	5,82	0	0	0	0	23,29
2c	0	0,44	0	0	0	0	0	0	0,44
2d	0,44	0,44	0,44	0	0	0	0	0	1,32
2e	1,78	1,34	3,58	0	0	0	0	0	6,7
3a	0,44	0	0	0	0	0	0	0	0,44
4a	1,78	0	0,88	0,44	0	0	0	0	3,1
5a	0	0	0	0,44	0	0	0	0	0,44
6a	0	0	0	0	0,44	0	0	0	0,44
6b	0	0	0,44	0	0,88	0	0	0	1,32
7a	0	0	1,78	0	0	0	0	0	1,78
8a	2,69	4,93	9,41	8,52	4,48	0,88	0	1,34	32,3
<b>Total</b>	<b>13,8</b>	<b>11,15</b>	<b>35,76</b>	<b>16,98</b>	<b>5,8</b>	<b>0,88</b>	<b>0,44</b>	<b>1,78</b>	<b>86,6</b>
<b>INC Indeter.</b>	<b>0,44</b>	<b>0,44</b>	<b>2,24</b>	<b>0,44</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>3,56</b>
<b>U Indeter.</b>	<b>0,888</b>	<b>2,24</b>	<b>4,03</b>	<b>1,34</b>	<b>1,34</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>9,8</b>
<b>Total</b>	<b>15,1</b>	<b>13,8</b>	<b>42,0</b>	<b>18,8</b>	<b>7,1</b>	<b>0,9</b>	<b>0,4</b>	<b>1,8</b>	<b>100,0</b>

**Tabela 9.** Resultados percentuais das estruturas de incineração.

	Fase 3	Fase 4	Fase 5	Fase 6	Fase 7	Fase 8	Fase 9	Fase 10	Total
1a	0	0	0	0	0	0	8	0	8
2a	0	0	0	0	0	0	0	4	4
2b	0	0	0	0	0	0	4	0	4
3a	0	0	0	0	0	0	4	12	16
3b	0	0	0	0	0	0	0	4	4
4a	0	0	0	0	0	8	20	0	28
4b	0	0	0	0	0	0	4	0	4
5a	0	0	0	0	0	0	4	0	4
5b	0	0	0	0	0	0	4	0	4
6a	0	0	0	0	0	0	8	0	8
7a	0	0	0	0	0	0	4	0	4
7b	0	0	0	0	0	0	0	8	8
<b>INU indeter.</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>4</b>	<b>0</b>	<b>4</b>
<b>Total</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>8</b>	<b>64</b>	<b>28</b>	<b>100</b>

**Tabela 10.** Representatividade das sepulturas de inumação.

Zona Arqueológica	Localização	Total
CTT	Norte	165
CTT	Sul	34
ITAVL	Norte	25
ITAVL	Sul	2
TAVL	Norte	40
TAVL	Sul	5
<b>TOTAL</b>		<b>271</b>

**Tabela 11.** Relação entre o número de estruturas localizadas a norte e a sul da Via XVII, por sítio arqueológico.

	Fase 3	Fase 4	Fase 5	Fase 6	Fase 7	Fase 8	Fase 9	Fase 10	Total
Forma 1	0	1,18	0	0	0	0	0	0	1,18
Forma 2	0	0	1,18	0	0	0	0	0	1,18
Forma 3	0	0	4,7	0	0	0	0	0	4,7
Forma 4	7,06	2,35	11,76	3,53	0	0	0	0	24,7
Forma 5	7,06	0	12,94	3,53	0	0	0	0	23,53
Forma 6	1,18	0	2,35	4,7	0	0	0	0	8,23
Forma 7	1,18	0	0	0	0	0	0	0	1,18
Forma 8	1,18	2,35	1,18	0	0	0	0	0	4,71
Forma 9	1,18	0	3,52	1,18	0	0	0	0	5,88
Forma 10	0	0	1,18	0	0	0	0	0	1,18
Forma 11	1,18	0	0	0	0	0	0	0	1,18
Forma 12	0	0	1,18	0	0	0	0	0	1,18
Forma 13	0	0	0	0	0	0	1,18	0	1,18
Forma 14	0	0	1,18	0	0	0	0	0	1,18
Forma 15	0	0	0	1,18	0	0	0	0	1,18
Forma 16	1,17	0	0	0	0	0	0	0	1,17
Indeter.	2,35	1,18	7,05	5,88	0	0	0	0	16,46
<b>Total</b>	<b>23,54</b>	<b>7,06</b>	<b>48,22</b>	<b>20</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>1,18</b>	<b>0</b>	<b>100,00</b>

**Tabela 12.** Números relativos à representatividade das formas de urnas cinerárias.